

Mantenha seus amigos por perto e os  
inimigos mais perto ainda, não é o que dizem?

Mas como agir quando amigos e inimigos são as mesmas pessoas?



# O TESTE

SEU TEMPO ESTÁ ACABANDO...

JOELLE CHARBONNEAU



VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

**Mantenha seus amigos por perto e os  
inimigos mais perto ainda, não é o que dizem?**

**Mas como agir quando amigos e inimigos são as mesmas pessoas?**



# **O TESTE**

**SEU TEMPO ESTÁ ACABANDO...**

**JOELLE CHARBONNEAU**



# O TESTE

JOELLE CHARBONNEAU

*Tradução*  
Santiago Nazarian

ÚNICA  
editora

Única é um selo da Editora Gente Editorial  
Título original: *The testing* Mariana Rolier  
Copyright © 2013 by Joelle Charbonneau  
Todos os direitos reservados à Editora Gente Editorial  
Rua Pedro Soares de Almeida Filho Esteves  
São Paulo, SP – CEP 05029-030 Tradução  
Telefone: (11) 3670-2500 Santiago Nazarian  
Site: <http://www.editoragente.com.br>  
E-mail: [gente@editoragente.com.br](mailto:gente@editoragente.com.br) & Ideias  
Projeto gráfico e diagramação  
Osmane Garcia Filho  
Revisão  
Malvina Tomáz  
Produção do e-book  
[Schäffer Editorial](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Charbonneau, Joelle

O Teste / Joelle Charbonneau ; tradução Santiago Nazarian. —

São Paulo : Única Editora, 2014.

Título original: *The testing*.

ISBN 978-85-67028-33-0

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-01669

CDD-813

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : LM Literatura norte-americana 813

## Sumário

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22

## DIA DA FORMATURA.

Eu mal consigo ficar parada enquanto minha mãe endireita minha túnica comemorativa vermelha, colocando um cacho de cabelo castanho-claro atrás da minha orelha. Finalmente, ela me vira e eu me olho no espelho na parede da nossa sala de estar. Vermelho. Estou usando vermelho. Chega de rosa. Sou adulta. Ver a evidência disso atíça meu estômago.

— Está pronta, Cia? — minha mãe pergunta. Ela também está usando vermelho, apesar de o vestido dela ser feito de um tecido fino que vem ao chão em ondas suaves. Ao lado dela, meu vestido sem mangas e as botas de couro parecem infantis, mas tudo bem. Eu tenho tempo de crescer ao nível do meu status de adulta. Sou nova para isso aos dezesseis anos. De longe, a mais nova na minha classe.

Dou uma última olhada no espelho e torço para que hoje não seja o final da minha formação acadêmica, mas não tenho controle sobre isso. Apenas um sonho de que meu nome seja chamado para o Teste. Engolindo em seco, assinto. — Podemos ir.

A formatura acontece na praça da colônia entre os estábulos repletos de pães e leite fresco porque a escola não é grande o suficiente para receber todas as pessoas que participarão. A colônia inteira vai participar da formatura, o que apenas faz sentido por todos na colônia serem parentes de pelo menos um dos alunos que chega à idade adulta ou comemora a passagem para o próximo ano escolar. A deste ano é a maior turma de formatura que as Cinco Colônias já tiveram. Oito meninos, seis meninas. Um sinal tangível de que a colônia está prosperando. Meu pai e meus quatro irmãos estão esperando por nós fora da nossa residência, todos vestidos de roxo adulto cerimonial. Zeen, meu irmão mais velho, me lança um sorriso e bagunça meu cabelo. — Está pronta para terminar a escola e cair no mundo real com o resto de nós, manés.

Minha mãe fecha a cara.

Eu rio.

Zeen e meus outros irmãos definitivamente não são manés. Na verdade, as meninas praticamente se jogam sobre eles. Contudo, ao mesmo tempo em que meus irmãos não são imunes à paquera, nenhum deles parece interessado em se amarrar. Estão mais interessados em criar o próximo pé de tomate do que em começar uma família. Zeen principalmente. Ele é alto, loiro e esperto. Muito esperto. E, ainda assim, nunca foi escolhido para o Teste. Esse pensamento tira um pouco do brilho do dia. Talvez seja a primeira regra que eu vá aprender como adulta — que nem sempre você pode conseguir o que quer. Zeen pode ter querido seguir para a universidade — seguir os passos do pai. Ele deve saber como me sinto. Por um momento, desejo poder conversar com ele. Perguntar a ele como superou a decepção que muito provavelmente virá para mim. Nossa colônia já tem sorte só de haver tido um aluno escolhido para o Teste. Faz dez anos desde que o último aluno de Cinco Lagos foi escolhido. Sou boa na escola, mas há outros melhores. Bem melhores. Que chance tenho eu?

Com um sorriso forçado, digo: — Pode apostar. Não posso ficar na escola se planejo comandar a colônia quando vocês todos estiverem casados.

Hart e Win coram. Eles têm dois anos a mais do que eu e a ideia de namoro e casamento os faz correr para se esconder. Os dois estão felizes em trabalhar lado a lado na chácara, cultivando as flores e as árvores que o pai criou para resistir à terra deteriorada nos limites da colônia.

— Ninguém vai fazer muito nada se não nos mexermos — a voz da mãe soa firme enquanto ela desce pela entrada. Meus irmãos e meu pai seguem rapidamente. A falta de perspectivas de casamento para Zeen e Hamin é um ponto delicado para minha mãe.

Por causa do trabalho do pai, nossa casa é mais longe do centro da colônia do que a maioria. Meus irmãos e meu pai fizeram o solo ao redor da nossa casa florescer verde com plantas e árvores, mas a trinta metros da nossa porta da frente, a terra é rachada e quebradiça. Apesar de um pouco de grama e algumas árvores dispersas crescerem. O pai diz que a terra a nosso Oeste é bem pior, motivo pelo qual nossos líderes decidiram situar a Colônia Cinco Lagos aqui.

Geralmente, vou de bicicleta para a cidade. Alguns cidadãos têm carros, mas combustível e painéis solares grandes o suficiente para abastecê-los são caros demais para uso diário. Hoje, sigo atrás da minha família enquanto andamos os quase sete quilômetros para a praça da comunidade da colônia. Praça realmente é a palavra errada, mas usamos mesmo assim. Ela tem mais a forma de uma tartaruga com um centro oval e alguns anexos na lateral. Há uma bela fonte no meio que borrija uma água limpa e borbulhante no ar. A fonte é um luxo, pois água limpa não é sempre fácil de encontrar. No entanto, nos



permitem a beleza e o desperdício para honrar o homem que descobriu como remover a contaminação de lagos e lagoas após o Estágio Sete. O que resta dos oceanos é mais difícil de limpar. O solo se torna mais verde e os pássaros cantam quanto mais próximo chegamos ao centro da colônia. Minha mãe não fala muito no caminho. Zeen a provoca dizendo que ela não quer que eu cresça, mas não acho que seja o caso. Ou talvez seja.

Eu e minha mãe nos damos bem, mas nos últimos anos ela tem parecido distante. Menos propensa a me ajudar com a lição de casa. Mais interessada em casar os meninos e conversar sobre onde vou servir de aprendiz quando terminar a escola. Qualquer conversa sobre eu ser escolhida para o Teste não é bem-vinda. Então, converso cada vez menos com ela e mais com meu pai. Ele não muda de assunto quando eu falo sobre prosseguir com minha formação acadêmica, apesar de não me encorajar ativamente. Ele não quer me ver decepcionada, creio eu.

O Sol está forte e o suor escorre pelas minhas costas quando caminhamos pelo último morro acima. O som de música e de risadas sem que possamos ver de onde vem faz com que eu apresse o passo. Pouco antes de chegarmos ao topo, meu pai coloca o braço ao meu redor e pede para que eu espere enquanto os outros vão em frente.

A empolgação do outro lado do morro me puxa, mas fico parada e pergunto: — Há algo errado? — os olhos dele estão cheios de sombras mesmo que seu sorriso seja animado. — Não há nada errado — ele diz. — Eu só queria um momento com minha garotinha antes que as coisas fiquem loucas demais. Tudo vai mudar no minuto em que atravessarmos esse morro.

— Eu sei.

— Está nervosa?

— Um pouco — empolgação, medo e outras emoções rodopiam dentro de mim, tornando difícil dizer o que estou realmente sentindo. É estranho não saber o que vou fazer quando me levantar amanhã. A maioria dos meus colegas já fez escolhas sobre o futuro. Eles sabem onde vão ser aprendizes ou se vão se mudar para outra colônia para encontrar trabalho. Alguns até sabem com quem vão se casar. Eu não sei nada disso, apesar de o meu pai ter deixado claro que posso trabalhar com ele e meus irmãos, se eu decidir que é isso que quero. A opção parece no mínimo sem graça, pois não levo o menor jeito com plantas. Da última vez em que ajudei meu pai, quase destruí a plantação de girassóis que ele passou meses cultivando. Conserto coisas mecânicas. Mato plantas.

— Você vai se levantar e encarar o que quer que venha. Vou ter orgulho de você, não importa o que o futuro traga.

— Mesmo que eu não seja aceita no Teste?

— Especialmente se não for aceita no Teste — ele sorri e me cutuca gentilmente na barriga. Quando eu era pequena, isso sempre provocava ataques de riso em mim. Hoje ainda me faz sorrir. É bom saber que algumas coisas nunca mudam, mesmo que eu duvide das palavras provocativas do pai.

Ele foi para a universidade. Foi onde ele aprendeu a modificar geneticamente as plantas e as árvores para sobreviver no solo deteriorado. Ele não fala muito sobre isso nem sobre a colônia em que cresceu, provavelmente porque não quer nos fazer sentir pressionados por seu sucesso; mas eu me sinto.

— Você acha que não vou ser aceita.

Meu pai franze a testa. — Acho que você é mais esperta do que acredita ser. Nunca se sabe quem o comitê de busca vai pegar nem porquê. Cinco de nós da minha série foram selecionados e avaliados. Os outros quatro sempre foram melhores na aula, mas eu fui o único que chegou até a universidade. O Teste nem sempre é justo, nem sempre é correto.

— Mas você não se arrepende de ter ido. Olhe as coisas impressionantes que você faz diariamente por causa disso — as árvores próximas a nós estão cheias de flores, prometendo maçãs nos próximos meses. Arbustos de amoras silvestres crescem próximos a margaridas e outras plantas que nunca aprendi o nome, mas soube que o pai teve participação no cultivo. Quando eu era pequena, essas coisas não existiam. Pelo menos não as versões saudáveis que pontuam os morros atualmente. Até hoje, eu consigo me lembrar da dor do vazio de ir para a cama com fome. A comida era escassa e o pai trabalhava com os fazendeiros para cultivar as coisas. E conseguiram. Na Colônia Cinco Lagos nós temos o cuidado de não desperdiçar, mas a fome não é mais nossa preocupação principal. E foi meu pai quem fez isso.

— Eu não posso me arrepender de algo que não escolhi — seus olhos vão tão longe quanto o canto dos pássaros ao nosso redor. Finalmente ele sorri, apesar de seu olhar não se libertar das lembranças que estão capturando sua atenção. — Além disso, eu não teria me mudado para cá e encontrado sua mãe se não tivesse ido para a universidade. Então, onde eu estaria?

— Provavelmente vivendo em casa com seus pais, fazendo sua mãe se preocupar por que você talvez nunca vá pensar com seriedade sobre seu futuro.

Os olhos dele brilham e as nuvens desaparecem das profundezas enquanto ele bagunça meu cabelo.

— Parece um destino pior do que a morte — e é isso que minha mãe dá a entender toda vez que ela diz a Zeen que ele está deixando a vida passar. — Vamos. Sua mãe vai soar o alarme se não nos

mexermos. Eu só quero que você se lembre de uma coisa. Eu acredito em você, não importa o que aconteça.

De braços dados, subimos o morro para nos juntar às festividades. Eu sorrio, mas bem dentro do coração, me preocupo com a possibilidade de que o pai possa achar que eu nunca vou me equiparar às suas conquistas, que vou decepcioná-lo, não importa o que aconteça.

\* \* \*

Pelo fato de a colônia se espalhar por vários quilômetros, esta é a ocasião garantida do ano em que toda a população de Cinco Lagos se reunirá. De tempos em tempos, há uma reunião, quando há uma mensagem dos líderes do nosso país que precisa ser entregue a todos, mas essas ocasiões são raras. Com pouco mais de novecentos cidadãos, nossa colônia é uma das menores e mais distantes de Tosu City, onde o governo da Comunidade das Nações Unificadas se situa. Não atraímos muita atenção, o que é bom para a maioria de nós. Nós nos damos bem sozinhos. Forasteiros não são excluídos, mas não costumam ser aceitos de braços abertos. Eles têm de nos convencer que pertencem a este lugar.

A praça é bem grande, mas o espaço parece pequeno com tantas pessoas vestidas em seus melhores trajes cerimoniais. Lojas para velas, pães, sapatos e todos os tipos de itens domésticos ficam na margem externa da praça. As lojas vão ser fechadas quando a formatura começar, mas agora os comerciantes estão fazendo negócios apressados com cidadãos que não vão com frequência à cidade comprar ou trocar itens necessários. A moeda da Comunidade das Nações Unificadas é rara na nossa colônia, mas os poucos na folha de pagamento do governo usam-na, como o pai.

— Cia! — a mão que acena atrai minha atenção quando minha melhor amiga, Daileen, vem voando na minha direção. Os cachos loiros e o vestido rosa flutuam enquanto ela desvia de grupos de cidadãos que conversam para chegar até mim. Uma casquinha de sorvete que derrete rapidamente está em suas mãos. Apertando-me firme num abraço, ela quase vibra quando diz: — Acredita que estamos nos formando? Isso é tão empolgante. Estão até dando sorvete de graça.

Eu a abraço de volta, com cuidado para evitar a casquinha do sorvete que derrete. Minha mãe vai ter um surto se eu manchar meu vestido novo antes de a formatura começar.

— Empolgante e assustador. Não se esqueça da parte assustadora.

Daileen é a única com quem falei sobre meus medos do futuro, se eu não for escolhida para o Teste. Ela olha ao redor para se certificar

de que ninguém está ouvindo e diz: — Meu pai ouviu que há um convidado especial que deve falar hoje.

O dia da formatura tem muitos palestrantes. Nossos professores vão falar, assim como a Magistrada e alguns outros líderes de Cinco Lagos. Quando a colônia toda se reúne nunca falta o que dizer. Então o convidado especial não parece lá tão especial, até Daileen acrescentar: — Meu pai diz que é um convidado de Tosu City.

Isso atrai minha atenção. — Alguém de Tosu está aqui? — da última vez que um oficial de Tosu veio para a Colônia Cinco Lagos foi há três anos, quando nosso velho Magistrado morreu. Dois homens e uma mulher vieram para a colônia para selecionar o líder da colônia. A maior parte de Tosu City se comunica conosco por meio de proclamações ou comunicações por rádio com nossa Magistrada.

— Foi o que meu pai ouviu — Daileen lambe o sorvete que derrete nas costas de sua mão. — Meu pai acha que ele está aqui para acompanhar um candidato para o Teste . Pode ser você — por um minuto o sorriso dela se esvai. — Vou sentir saudade.

Daileen e eu temos apenas duas semanas de diferença de idade e somos melhores amigas desde os três anos. Os pais de Daileen a matricularam na escola na idade obrigatória de seis anos. Meus pais decidiram me mandar aos cinco, razão pela qual não estamos na mesma classe. Ela é a mais tímida, esperta e gentil de nós duas. Ela também é menos propensa a fazer novos amigos, a não ser que alguém mais esteja lá fazendo a conversa fluir. Sem mim para forçá-la a conversar com os outros durante o almoço ou para sair depois das aulas, ela provavelmente vai almoçar sozinha e vai para uma casa vazia e triste muito antes de qualquer um deixar o prédio da escola. A mãe morreu há dois anos num acidente e o pai — ainda que bacana — não fica muito em casa, deixando Daileen sozinha para lidar com as tarefas e as lembranças. Eu tento mantê-la rindo enquanto estamos na escola, mas alguns dias de sombra a oprimem. Eu me preocupo que um dia essas sombras possam engoli-la inteira sem alguém para afastá-las.

Dou outro rápido abraço nela e digo: — Todo ano há um boato sobre um oficial de Tosu vindo para a formatura —apesar de que uma pequena parte de mim não pode evitar ansiar para que o boato deste ano seja verdade. Para me distrair tanto quanto a Daileen, acrescento: — Agora, quero pegar um sorvete desses antes que acabe, tá?

Na busca pelo sorvete de morango, recruta outras amigas, muitas das quais estão indo para o último ano na escola, e torço para que uma delas bote Daileen sob a asa quando as aulas começarem novamente em algumas semanas. Se não, vou encontrar uma maneira de tornar as coisas mais fáceis para Daileen.

Minha mãe acena para mim e franze a testa, então deixo uma

sorridente Daileen com os outros alunos e cruza a praça para a fonte, onde ela espera por mim. Quase todo mundo por quem passo acena e diz olá. Nossa família se muda de casa quase ano sim, ano não — para qualquer parte da colônia que a Magistrada pense que mais precisa do talento do pai. Todas essas mudanças tornam difícil que me sinta presa a um lar, mas diferentemente de outros cidadãos que apenas conhecem seus vizinhos e antigos colegas de escola, eu conheço a maior parte das pessoas da nossa colônia de vista.

Crianças ainda jovens demais para a escola, vestidas de amarelo pálido e verde dançam ao redor da fonte circular de quatro metros de diâmetro, ocasionalmente jogando água umas nas outras. Contudo, evitam a área onde minha mãe está sentada. Sua expressão diz que molhá-la trará uma reprimenda. Algo que eu provavelmente vou receber, não importa o que aconteça. Minha mãe me examina. — Seu cabelo está uma bagunça. O que andou fazendo?

Meu cabelo está sempre uma bagunça entre os cachos e o frisado. Sugeri cortar curto, mas minha mãe sempre insiste que um longo cabelo em cascata é uma posse necessária para uma jovem solteira. Se meu cabelo chegasse ao menos perto de uma cascata, eu poderia concordar com ela. O som de tambores e trompetes faz minha mãe parar seu ataque ao meu cabelo. Meu estômago revira. E de novo. É hora de tomar meu lugar entre os alunos. A formatura está prestes a começar.

Meu pai e meus irmãos aparecem na multidão e me dão um abraço antes de eu me encaminhar para a plataforma elevada onde meus colegas formandos e eu devemos ficar durante a cerimônia. Frequentemente, se diz que passar pelos onze anos de escola é mais fácil do que ficar de pé pelas duas horas ou mais que se leva para deixá-la. Espero que quem quer que tenha dito isso estivesse só brincando.

Fazemos fila, como fora instruído nos fundos do palco. Meninos atrás. Meninas na frente. Isso eu agradeço, porque de outra forma eu não poderia ver nada. Meus irmãos herdaram a altura do pai e da mãe, enquanto que eu puxei uma outra geração. Com um metro e cinquenta e cinco, sou a menina mais baixa da classe.

A senhora Jorghen, nossa professora, arruma nossas posições e nos lembra, pelo menos uma dúzia de vezes, de sorrir, ficar eretos e prestar atenção. Esta é sua primeira formatura na Colônia Cinco Lagos, então ela está sem dúvida nervosa. Quando fica satisfeita com nossa disposição no palco, ela toma seu lugar no meio da plataforma e os trompetes e os tambores soam novamente. A Magistrada Owens aparece na porta da casa — a única estrutura de três andares na praça — e caminha rapidamente pela multidão.

Ela é uma mulher robusta de cabelos cinza, com marcas de

expressão profundas no rosto. O vestido vermelho é de um tom mais escuro do que o da maioria, um tom mais para o ferrugem. No minuto em que chega ao pódio na frente do palco, ela se inclina no microfone posicionado para amplificar sua voz pela praça e anuncia: — Feliz formatura!

Todos dizemos o mesmo para ela e vários cidadãos aplaudem. A Magistrada Owens espera a praça silenciar-se novamente antes de dizer. — Formatura é um momento empolgante para nós, mas em especial para os alunos atrás de mim. De hoje em diante, eles vão se tornar uma adição muito bem-vinda à força de trabalho da nossa colônia. Há vinte anos, o governo da Comunidade Unida decidiu mandar cento e cinquenta homens, mulheres e crianças para esta área. Eles criaram a Colônia Cinco Lagos na esperança de que nosso trabalho duro pudesse fazer prosperar a terra árida que outrora foi rica em fazendas e florestas. Os cinco lagos dos quais recebemos o nome no passado foram chamados de Grandes Lagos. Com ajuda de nossos cidadãos, estamos auxiliando a restaurá-los ao nome original. Precisamos de cada membro da nossa comunidade para fazer isso acontecer. O dia da formatura acrescenta catorze de vocês à nossa causa e temos sorte por isso. Cada passo que damos à frente cria a necessidade de mais mãos para ajudar a cultivar o progresso. Acreditem quando eu digo que mais mãos nunca são demais. Sei quantos de vocês ainda não decidiram em que carreira vão embarcar, mas todos nós somos gratos pelo trabalho que vão fazer aqui nos anos por vir.

A multidão aplaude. Meu estômago revira de nervoso e empolgação enquanto a Magistrada Owens anuncia. — Que o desfile de formatura comece.

Mordo meu lábio para evitar que ele trema quando os trompetes e os tambores tomam uma melodia de marcha. Meus olhos ficam embaçados com lágrimas não derramadas, me cegando por um momento com a entrada deles, que logo serão meus ex-colegas. Todo ano os alunos da escola fazem um desfile na praça, uma turma de cada vez, com grandes aplausos. Cada turma faz um estandarte que dois alunos carregam na frente para dizer quais lições aprenderam naquele ano. Após a cerimônia, os estandartes ficarão à mostra na praça para que o favorito seja eleito.

Frequentemente há apostas divertidas entre os adultos sobre qual turma vai ganhar. Pela primeira vez, não faço parte do desfile e me ocorre que nunca mais farei. A turma mais nova lidera o desfile. Os próximos mais velhos se seguem, e por aí vai. Eles marcham ao redor da fonte na batida dos tambores até uma área à esquerda do palco que está separada para eles. Quando todas as dez turmas ficam perto do palco, a Magistrada Owens fala sobre o novo sistema de trem que foi

desenvolvido entre Tosu City e dez das outras colônias. Há planos para continuar a construção até que todas as colônias sejam alcançáveis por trilhos. Do meu lugar no palco, posso ver a empolgação da plateia com a notícia. Quando termina de relatar as notícias da Comunidade Unida, a Magistrada Owens convida os cidadãos encarregados da água, da energia, da agricultura e de outros projetos de revitalização a dar suas notícias. Isso leva mais de uma hora e vai de lembretes sobre o devido uso da água a pedidos para que os voluntários ajudem a construir moradias para casais recém-casados. Até meu pai faz um pronunciamento sobre um novo gênero de batata mais saudável que sua equipe desenvolveu.

Eu pisco e tento não demonstrar minha surpresa. Não pela nova batata, de que eu já sabia. O antigo tipo de batata tinha uma casca dura, de mais ou menos um centímetro, que ficava preta se exposta ao ar. Algo a ver com o aperfeiçoamento genético que o pai fez para a batata sobreviver ao solo deteriorado de antemão. Em geral, ninguém se importava com a casca preta. Quando se cortava o exterior, a batata estava segura para ser comida. Mas Zeen decidiu experimentar uma nova versão e teve um sucesso brilhante. Então, não, não são as batatas que me pegam desprevenida, mas as palavras que o pai usa no seu comunicado. Na semana passada ele nos disse que Zeen receberia crédito integral pelo projeto, mas não recebeu. O nome de Zeen nem foi mencionado.

Torço o pescoço, tentando ver Zeen na multidão. Ele parece decepcionado? Esse deveria ser um momento de triunfo para ele. Está tão confuso quanto eu? Eu o vejo encostado numa árvore no meio da multidão que aplaude. Várias pessoas estão batendo nas costas dele porque ele é membro da equipe do pai. Contudo, o sorriso dele não me engana. Sua mandíbula cerrada e seus olhos estreitos me dizem mais do que palavras, que ele sentiu o desprezo.

O pai deixa o palco com mais aplausos e nossa professora toma seu lugar. Meu estômago se aperta e minha respiração se acelera. É isso. Estou prestes a me formar. A senhora Jorghen sorri para nós. A senhora Jorghen sorri de volta para nós. Então ela diz ao microfone. — Estou muito orgulhosa de ler a lista de formandos que hoje passam de seus estudos para a vida adulta.

Um a um, ela anuncia os nomes de nossa turma de formandos. Um por um, meus colegas caminham ao centro do palco, cumprimentam a Magistrada Owens, então pegam seu lugar de volta na fila. Seus nomes são lidos em ordem alfabética, então o meu só é chamado no final.

— Malencia Vale.

Minhas pernas estão bambas de nervoso e duras de ficar em pé. Caminho até o pódio e cumprimento a senhora Jorghen e a Magistrada enquanto a plateia aplaude. Os gritos de Daileen podem

ser ouvidos sobre todos os outros, e seu sorriso me faz responder com outro. Meu coração acelera. Sou oficialmente adulta. Consegui!

Ainda sorrindo, volto ao meu lugar com minha turma enquanto a Magistrada Owens toma o pódio. A multidão fica em silêncio. Uma onda de ansiedade faz meu estômago se revirar. Minhas mãos apertam e desapertam. Se algum aluno foi selecionado para o Teste, é agora que será anunciado. Torço meu pescoço, tentando visualizar um rosto desconhecido na multidão — o suposto oficial de Tosu City.

No entanto, não há oficial de Tosu City. A Magistrada Owens nos dá um grande sorriso e diz: — Parabéns a todos os alunos deste ano e especialmente aos nossos formandos. Mal posso esperar para ver o que o futuro reserva.

A plateia comemora novamente e meus lábios se abrem num sorriso automático mesmo com decepção e lágrimas alojadas em minha garganta. Tenho me preparado para isso por anos e agora acabou. Assim como meus sonhos para o futuro. Não importa quanto eu tenha trabalhado duro, não fui boa o suficiente para ser escolhida para o Teste.

Quando deixo o palco e recebo abraços de parabéns dos meus amigos, posso apenas me perguntar: O que vou fazer agora?



## — ESCONDIDA?

Eu me espanto com a voz do meu irmão. O sorriso compreensivo de Zeen faz a negativa que eu estava prestes a dar morrer em meus lábios. Em vez disso, eu dou de ombros. — As coisas foram uma loucura hoje. Eu só precisava de uns minutinhos para recuperar o fôlego.

Violões, tambores e vários instrumentos de sopro tocam música na frente da padaria enquanto dúzias de pessoas dançam e batem palma no ritmo. Do outro lado da praça, carnes assadas são continuamente fatiadas. Uma combinação de tochas e eletricidade ilumina o resto da praça onde pessoas riem, cantam e jogam. A luz, porém, não chega até mim nas sombras em que estou. Nas últimas horas, tenho dançado e cantado porque é esperado. Fazer menos do que isso seria mostrar minha decepção, o que também mostraria minha arrogância em pensar que eu era esperta o suficiente para ser escolhida.

— Tome— Zeen me passa um copo de maneira compreensiva. — Acho que você precisa disso.

A bebida é doce, mas por baixo há o sabor distinto de algo forte e amargo. Álcool. Uma vez que a maioria das frutas e grãos que podem ser transformados em álcool é necessária para alimentar os cidadãos de Cinco Lagos, pouquíssimo é transformado em bebida. Entretanto, uma pequena quantidade é reservada todo ano para adultos em ocasiões especiais — como a noite de formatura. Apenas adultos podem consumir as bebidas especiais, mas meus irmãos já me deixaram dar golinhos em seus copos. O sabor não é muito do meu gosto, então bebo rapidamente e passo a bebida de volta a Zeen.

— Sente-se melhor, menina?

Eu olho para baixo para evitar os olhos dele. — Não exatamente.

— É— ele se encosta de novo em um grande carvalho e bebe o resto do líquido do copo. — As coisas nem sempre acontecem como a gente espera. Você só precisa se recompor e encontrar uma nova direção para seguir.

O tom da voz dele me faz perguntar: — É isso o que você vai fazer? — nos últimos anos, Zeen cogitou ver quais oportunidades existiam fora de Cinco Lagos. Eu odiaria se ele fizesse isso agora. Seria triste se ele deixasse nossa colônia. Saber que ele partiria bravo arrebitaria meu coração.

Sua mão se aperta ao redor do copo, mas suas palavras são suaves quando ele responde: — Eu não vou mandar uma inscrição para Tosu City, se é o que quer dizer. A Magistrada pediu que o pai mudasse sua declaração hoje, e ele fez isso. Você me conhece. Vou ficar irritado por alguns dias, daí eu supero — ele deu de ombros e seus olhos migraram para a festa na praça.

Está ficando tarde. Enquanto alguns vão dançar e cantar até a manhã, muitos já começaram a fazer a viagem para casa. A formatura está chegando ao fim.

Após vários minutos, Zeen diz. — Você poderia, sabe.

— Poderia o quê?

— Conversar com a Magistrada. Mandar uma inscrição para Tosu City.

O pensamento é ao mesmo tempo tentador e aterrorizante. Qualquer colono interessado em trabalhar em Tosu City ou qualquer outra colônia pode preencher uma inscrição e mandar para o escritório da Magistrada. O governo da Comunidade Unida então contata o candidato com a devida inscrição de trabalho, se houver uma vaga disponível. Nos meus dezesseis anos, eu soube de apenas dois inscritos que foram contatados e aos quais foram oferecidos postos. Após a decepção de hoje, não tenho certeza de estar pronta para encarar outra.

Minha incerteza deve se mostrar no meu rosto, porque Zeen joga um braço ao redor dos meus ombros e me dá um abraço rápido. — Não se preocupe, menina. Você tem muito tempo para decidir o que vai fazer com o resto da sua vida.

Que pena que minha mãe não concorde.

Nós todos dormimos até mais tarde na manhã seguinte, mas eu mal tenho chance de me vestir antes que minha mãe diga: — Se você está determinada a não trabalhar com seu pai, Kip Drysten tem uma vaga na equipe. Você devia falar com ele antes que um dos outros formados pegue a vaga.

A equipe de Kip Drysten conserta equipamento de fazenda. Ainda que eu goste de trabalhar com mecânica, a ideia de ficar arrumando tratores quebrados pelo resto da vida é deprimente. — Vou pensar — digo.

A cara fechada de minha mãe fala alto, o que me faz subir na bicicleta e seguir lentamente para a cidade em busca do senhor Drysten.

A família Drysten mora numa cabaninha bonita do outro lado da colônia. Ao bater na porta da frente, engulo em seco. Não posso evitar a onda de alívio que sinto quando a esposa do senhor Drysten diz que Kip saiu cedo pela manhã para a fazenda Endress. Ele só deve voltar daqui a vários dias. Eu recebi um indulto.

O dia após a formatura é um dia de descanso. A maior parte dos negócios está fechada. Famílias ficam em casa para comemorações mais particulares. Minha mãe está planejando um grande jantar mais tarde e até convidou alguns dos meus amigos para participar. Eu provavelmente deveria ir para casa e ajudar na preparação. Em vez disso, desço da bicicleta ao chegar à praça da cidade. Encosto minha bicicleta numa árvore e me sento ao lado da fonte. Um morador ou outro acena, mas estão ocupados e não param para conversar. O que eu prefiro. Descansando a cabeça nas mãos, vejo a água gorgolejar na fonte e tento ignorar o vazio que se enraizou em mim desde a cerimônia de ontem. Sou adulta. Desde pequena observei meus pais e outros adultos e ansiei pelo dia em que seria um deles — confiante e forte. Nunca me senti tão insegura.

O relógio sobre a casa da Magistrada bate. Três da tarde. Hora de voltar para casa antes que minha mãe comece a se preocupar. Estou no meio do caminho quando avisto meu irmão, Hart, correndo em direção a mim. Merda. Se a mãe o mandou me encontrar, estou em grandes apuros.

Contudo, não é minha mãe procurando por mim. — A Magistrada Owens mandou uma mensagem de rádio para o pai, logo que você saiu da casa. Você deve ir pra casa dela às quatro da tarde para falar sobre seus planos futuros. Como você não voltou pra casa, a mãe nos mandou todos procurar por você — Hart me dá um sorriso safado. — É melhor você se apressar se quiser chegar lá.

Ele está certo. Quando chego à praça, o suor pinga pelo meu rosto, meu cabelo está uma zona e minha barriga está dando nós. Meu pai e meus irmãos tiveram seus momentos de ser chamados para a casa da Magistrada para conversar sobre seus vários projetos, mas esta é a primeira vez para mim. Meus planos futuros? Não posso evitar perguntar a mim mesma se esse chamado foi incitado pela preocupação de minha mãe. Ela contatou a Magistrada Owens e pediu sua ajuda ou minha falta de rumo na vida ficou óbvia para os outros? A ideia de que minha decepção tenha sido notada por aqueles fora da família faz meu estômago se apertar de vergonha.

Preparada para um sermão, corro as mãos pelo cabelo e endireito a túnica branca de mangas curtas e a calça cinza antes de bater na porta da frente da casa da Magistrada.

— Que bom. Você veio — a Magistrada Owens me dá um sorriso que não combina bem com seus olhos. — Por favor, entre, Cia. Todos

os outros já estão aqui.

Todos os outros?

A Magistrada Owens me leva para uma grande sala acarpetada e quatro rostos se viram para me olhar. As três pessoas sentadas são familiares. O belo de olhos cinza, Tomas Endress. O tímido, porém doce, Malachi Rourke. A bela e artística Zandri Hicks. São colegas de formatura. Pessoas que conheço a vida toda. O outro eu não conheço.

Tomas faz sinal para que eu tome assento ao lado dele e me dá um sorriso de covinha que torna impossível não sorrir de volta. A Magistrada Owens cruza a sala, fica ao lado do estranho e diz: — Obrigada a todos por virem tão apressadamente. Eu me desculpo por tirá-los das comemorações com seus familiares, mas foi inevitável.

Os olhos dela varrem a sala, olhando para cada um de nós. — Este é o Oficial Michal Gallen, de Tosu City. Ele pretendia chegar ontem para a formatura, mas inevitavelmente teve um atraso por um problema mecânico.

Tosu City.

Meu estômago revira quando o Oficial Michal Gallen de Tosu City dá um passo à frente e tira um pedaço de papel dobrado do bolso. Ele é mais velho do que nós, mas não muito. Por volta da idade de Zeen, com cabelos castanhos bagunçados e uma magreza desajeitada que mascara a autoridade que deve trazer consigo de Tosu.

Seus olhos escuros estão sérios quando ele olha para o papel e lê: — Todo ano a Comunidade das Nações analisa as conquistas de todos os formandos em todas as dezoito colônias. Os melhores alunos desse grupo de formandos são levados a Tosu City para um teste da universidade. Ser escolhido é uma honra. Os formandos da universidade são nossa grande esperança — aqueles com os quais todos contamos para ajudar a regenerar a terra e melhorar nossa qualidade de vida. São os futuros cientistas, médicos, professores e oficiais do governo — o papel se abaixa e ele nos dá um sorriso. — Vocês quatro foram selecionados para participar do Teste.

Uma onda de empolgação passa por mim. Olho ao redor para ver se ouvi direito. O rosto de Tomas se ilumina com um sorriso. Ele é o mais esperto da nossa classe, então não é de surpreender que ele tenha sido escolhido. De acordo com esse oficial de Tosu City, eu também fui. Quatro de nós foram. Isso é real. Não vou ter de trabalhar com tratores. Eu fui escolhida para o Teste. Eu consegui.

— Vocês partem amanhã para o Teste.

O brilho de felicidade se esvai quando a realidade das palavras do oficial de Tosu City atinge meu peito. Partimos amanhã.

— Por que amanhã? — a Magistrada Owens pergunta. — Eu me lembro de haver mais tempo entre a seleção e o Teste.

— As coisas mudaram desde que sua colônia teve um candidato

para o Teste pela última vez — o oficial de Tosu City responde. Sua voz está pesada com um toque de impaciência. — Os candidatos vão começar o processo de exames nesta semana. Acho que vocês todos concordam que eles têm uma chance melhor de passar se chegarem a tempo.

— E se não quisermos ir?

Nós todos nos viramos para olhar para Zandri. O rosto dela está quase do mesmo tom de vermelho do que sua túnica. Inicialmente achamos que é de vergonha. Então, ela levanta o queixo. Pela forma como seus olhos azuis brilham, é claro que é de raiva. O fato de que nós quatro tenhamos sido escolhidos para o Teste é impressionante, mas Zandri ser uma das quatro é talvez a maior surpresa. Não que ela não seja esperta. Ela é, apesar de muitos de nós pensarmos nela primeiro como artista, depois como aluna. Zandri apenas se destaca em Ciências quando as ajuda a criar novas tintas. E ainda que ela nunca tenha demonstrado desejo de continuar a formação acadêmica, eu ainda fico surpresa com sua pergunta. Quem recusaria a honra de ser escolhida para o Teste?

O oficial de Tosu City sorri, e eu estremeço. É um sorriso desprovido de calor. — Vocês não têm escolha. A lei declara que todo cidadão da Comunidade das Nações Unificadas deve se apresentar para o Teste na data marcada ou enfrentará punição.

— Que tipo de punição? — Zandri olha para a Magistrada Owens, que lança um olhar para o oficial de Tosu City.

Os dois trocam olhares antes de a Magistrada Owens dizer: — De acordo com a lei, não se apresentar para o Teste é uma forma de traição — e a punição mais comum para traição é a morte.

Alguém, talvez Malachi, cochicha em protesto. Meu peito sente como se alguém tivesse enrolado os braços ao meu redor e apertado forte. Toda a empolgação sobre ser escolhida se foi — substituída por um medo congelante. Contudo, não há motivo para temer. Quero fazer o teste. A punição não será necessária para mim.

Ou para nenhum dos candidatos. Com a palavra traição, a briga se esvai em Zandri.

Vendo nosso choque, a Magistrada Owens explica que a lei que rege a punição por não aceitar nosso lugar no Teste se remete aos primeiros dias da Comunidade Unida. Havia facções fora da lei que desejavam derrubar o novo governo e tentavam convencer os candidatos do Teste a se rebelar. Fala-se em mudar a lei, mas essas coisas levam tempo.

Eu me sinto um pouco melhor sabendo que a lei não é invocada há décadas e a empolgação que foi extinta começa a ressurgir conforme a Magistrada discute o básico que vamos precisar levar conosco para Tosu City. Candidatos do Teste podem levar duas mudas de roupas do

dia a dia. Dois conjuntos de roupas íntimas. Um conjunto de roupas para a noite. Dois pares de sapatos. Dois itens pessoais. Nenhum livro. Nenhum papel. Nada que possa dar ao candidato vantagem sobre os outros.

Tudo precisa caber nas sacolas que receberemos quando deixarmos a reunião. Esperam que estejamos na praça amanhã ao raiar do dia com nossas sacolas. O Oficial Michal Gallen de Tosu City vai esperar para nos acompanhar ao Centro de Provas. A Magistrada, então, nos diz quanto está orgulhosa de nós e diz que está certa de que vamos ter sucesso no Teste. No entanto, eu sei que ela está mentindo. Minha mãe tem o mesmo sorriso forçado e exageradamente animado quando está irritada. A Magistrada Owens não acha que vamos todos passar. Será que se preocupa que nosso fracasso caia mal para a Colônia Cinco Lagos?

Ainda estou me perguntando enquanto somos acompanhados em direção à porta da frente. O Sol forte nos recebe quando a porta se abre. Sou a última dos quatro a pegar da Magistrada Owens a sacola marrom-escuro com o logo vermelho e roxo da Comunidade Unida na frente. Quando coloco a alça no meu ombro, percebo que o jantar comemorativo que minha mãe dolorosamente planejou terá de ser abreviado. De outra maneira, não terei tempo de fazer a mala e me preparar para o que quer que haja amanhã.

Zandri já se foi quando eu saio, mas Tomas e Malachi estão esperando. Por um momento nós três nos olhamos, incertos sobre o que dizer. Não fico surpresa quando Tomas é o primeiro a encontrar a voz. Com um de seus sorrisos largos de parar o coração, ele olha em meus olhos e diz: — Acho que devemos ir pra casa. Amanhã será um grande dia.

E sei que ele está certo. É hora de ir para casa e dizer à minha família que amanhã eu vou deixar a casa de manhã e não vou voltar.

O SOM DA RISADA da minha família me recebe quando abro a porta da frente. Uma faixa comemorativa se pendura na parede. A mesa da cozinha está coberta de pratos empilhados de pão, carnes e doces da comemoração da minha formatura. Agora também será minha festa de despedida.

— Aí está ela — Zeen grita quando me vê na porta. — Eu te disse que ela não se atrasaria para a própria festa. Não quando há rolinhos de canela no meio.

Meu pai aparece com um sorriso. No minuto em que ele vê a sacola no meu ombro, o sorriso se esvai e um reconhecimento se abre em seus olhos. — Você foi escolhida para o Teste.

As risadas desapareceram. Sorrisos se fecharam com todos os olhos se virando para mim para confirmar. Mesmo com toda a minha felicidade de ser escolhida, minha garganta se aperta quando confirmo. Formandos da universidade vão para onde os oficiais da Comunidade Unida os mandam — onde seus talentos são mais necessários. Se eu conseguir passar no Teste, as chances de voltar para casa são quase zero.

Os gêmeos se recobram primeiro. Antes de eu perceber o que me acertou, os meninos me apertam entre eles com abraços de sanduíche, gritando felicitações. Hamin me abraça em seguida. Sua empolgação é menos espalhafatosa, mas não menos genuína. Então, há minha mãe. A mão dela treme quando me abraça, mas seu sorriso está cheio de orgulho quando ela pergunta o que tenho permissão de levar e quando devo partir. Eu mal tenho tempo de responder ou notar Zeen saindo da sala quando escuto uma batida na porta assinalando a chegada das minhas amigas.

Fico tão feliz em vê-las, especialmente Daileen. Tão feliz de ter uma chance de dizer adeus em pessoa. Há gritos de felicidade e muito mais lágrimas conforme eu explico sobre o Teste e os outros que foram selecionados. A felicidade e a tristeza de Daileen são as maiores de todas. Ela tenta esconder a tristeza por trás de grandes sorrisos, mas

conforme a festa prossegue, eu a vejo cada vez mais se afastando para o fundo, longe de mim, longe das outras que ela sempre considerou mais minhas amigas do que dela. Ainda estou assustada. Mesmo que minha família vá sentir a perda da minha presença, eles ainda têm uns aos outros. Daileen não tem ninguém.

É por isso que quando minha mãe diz a todos que a festa tem de terminar cedo, a primeira pessoa a quem digo adeus é Lyane Maddows. Ela não está pulando de alegria nem gritando para atrair minha atenção. Em vez disso, ela fica silenciosamente perto da porta, esperando que meus irmãos a acompanhem até em casa. Lyane e eu não somos melhores amigas. Sempre nos cumprimentamos quando nos vemos, mas raramente nos sentamos juntas na hora do lanche ou para conversar depois da escola. Mas Lyane e eu compartilhamos de uma convicção, motivo pelo qual eu a convidei hoje. Uma que eu sei que ela não esqueceu. Espero que a lembrança signifique que eu possa contar com a ajuda dela hoje.

Todas as meninas gritam e tagarelam atrás de mim, eu coloco os braços em Lyane e dou um abraço nela. Os ombros dela ficam tensos de surpresa, mas ela não se afasta. Em seu ouvido, eu cochicho: — Daileen precisa de uma amiga quando eu partir amanhã. Pode cuidar dela e evitar que fique sozinha? Por favor.

Os braços de Lyane me apertam mais forte. Quase posso senti-la ponderando o meu pedido. Seu cochicho de volta faz lágrimas brotarem no fundo de meus olhos, com alívio e gratidão. Daileen não vai ficar sozinha.

Lyane sai da casa sem olhar para trás quando me viro para dizer adeus às outras. Daileen espera para ser a última. Posso ver como ela luta para conter as lágrimas enquanto promete me ver no próximo ano em Tosu City. — Vou estudar mais duro do que nunca. Eles não vão ter opção a não ser me escolher.

Apenas o som da voz de Lyane lá fora, chamando: — Daileen, volta comigo? — evita que meu coração se despedace enquanto observo Daileen sair de vista. Lyane sabe o que a escuridão de muita solidão pode fazer com uma pessoa. Eu a ajudei a sair desse lugar escuro há quatro anos, quando a encontrei no final dos limites da colônia, olhando à beira da ravina, preparando-se para saltar, mas eu não a deixei. Em vez disso, eu a fiz falar. Sobre seu pai que era um oficial do governo em Tosu City, e sua mãe que odiara morar em Cinco Lagos e passou a frustração e a raiva para a filha. Até onde sei, Lyane nunca mostrou a ninguém além de mim as cicatrizes que recebeu das mãos da mãe. Com a ajuda do meu pai e da Magistrada, a mãe de Lyane se juntou a seu marido em Tosu City, enquanto Lyane foi adotada por outra família de Cinco Lagos e encontrou motivos para sorrir. Confio que Lyane vai ajudar Daileen a encontrar esses motivos



também.

Com meu irmão agindo como acompanhante das minhas amigas, a casa parece maior do que o comum enquanto meus pais tiram os pratos e arrumam a sala. Nossa casa atual é grande para os padrões. Além da sala central, temos dois outros quartos nos fundos da casa. O da direita pertence aos meus pais. Meus irmãos e eu dormimos no quarto da esquerda, apesar de Zeen e Hamin roncarem tão alto que eu tive de me acostumar a dormir numa pilha de cobertores na lareira, na sala principal. Eu sorrio. Ir para Tosu City para o Teste significa que poderei dormir numa cama novamente.

Enquanto trabalhamos, minha mãe conversa sobre o que devo levar comigo e como devo me comportar na cidade. Mais de uma vez ela para o que está fazendo e se enche de lágrimas com a ideia de eu ser a primeira de seus filhos a sair de casa. Meu pai não diz nada durante esses momentos, apesar de eu saber que ele quer.

Quando todos os pratos foram lavados e guardados, meu pai diz: — Por que não damos uma caminhada? — quando minha mãe abre a boca para protestar, ele diz: — Eu sei que Cia precisa fazer as malas, mas antes de os meninos voltarem e as coisas enlouquecerem, eu gostaria de passar um tempinho a sós com minha garotinha.

Minha mãe funga e meu coração se aperta quando eu sigo para a noite escura com meu pai. Ele pega minha mão e juntos caminhamos ao redor da casa até os jardins dos fundos. Uma Lua nublada com estrelas começa a brilhar sobre nós. Eles dizem que outrora o céu foi limpo e numa noite sem nuvens as estrelas pareciam diamantes. Talvez isso seja verdade. É difícil de imaginar.

Perto dos fundos da casa, meu pai liga um interruptor. Primeiro há um zumbido, então uma a uma as luzes piscam no quintal, iluminam as belas margaridas, rosas e os legumes plantados atrás da casa. Ainda que as plantas pertençam ao pai e meus irmãos, as luzes pertencem a mim. A colônia tem leis estritas sobre o uso da eletricidade do governo. A produção e o armazenamento de eletricidade na nossa área são limitados. A maioria das habitações pessoais não usa nada de eletricidade, a não ser que os cidadãos possam criar sua própria. Não há muitos que tentam, já que velas e lareira funcionam perfeitamente bem. Há alguns anos, decidi aceitar o desafio e meu pai me deixou experimentar com alguns tubos de irrigação deixados para trás, uma placa de cobre velha e fios. Convenci minha mãe a me dar uns potes de vidro, um pouco do nosso precioso sal e um pouco de uma coisa ou outra, e fiz funcionar. O resultado é uma rede de cinquenta luzes, todas abastecidas pela energia que meus painéis solares colhem durante o dia. Ainda que eu possa criar um sistema muito mais sofisticado agora, o pai insiste em usar este. Este é o terceiro quintal que ilumino. Por um momento, eu me pergunto quanto tempo vai

levar até nos mudarmos novamente. Então, percebo que não vou estar lá para ajudar quando chegar a hora.

O pai se encosta no banco de carvalho que Hamin fez para a mãe de aniversário e se senta. Eu me sento ao lado dele e espero que ele fale.

Grilos cantam. O vento farfalha os galhos das árvores sobre nós. De algum lugar fundo nas sombras vem o leve som de lobos e outros animais à espreita na noite.

Após o que parece ser uma eternidade, o pai pega minha mão e a aperta forte. Quando ele fala, tenho de me inclinar perto dele. — Há coisas que eu nunca te disse. Eu esperava nunca ter de te contar. Mesmo agora não estou certo se eu deveria.

Eu me endireito. — Isso é sobre o Teste?

O pai nunca falou sobre o Teste, nem muito sobre seus dias passados na universidade, não importa quantas perguntas eu tenha feito. Por um momento eu me sinto mais próxima dele, sabendo que vamos dividir a experiência. Então o momento é despedaçado.

— Você nunca deveria ter sido escolhida.

As palavras acertam meu rosto. Eu tento livrar minha mão, mas meu pai a segura firmemente. Seus olhos estão olhando a escuridão, mas a expressão em seu rosto diz que ele não está vendo nada. O toque de medo em sua expressão me faz esquecer minha dor. Uma ponta de preocupação cresce no meu peito quando os olhos do meu pai encontram os meus.

— Meus pais e eu sonhávamos que eu fosse escolhido para o Teste. Nossa família mal conseguia sobreviver. A Colônia Omaha era uma das maiores das Comunidades. Havia gente demais. Recursos insuficientes. Nunca havia comida o bastante para todos. Todo mundo conhecia alguém que havia morrido de fome. Meus pais acreditavam que eu poderia ajudar a mudar isso. Restaurar o equilíbrio da terra. Eu queria que eles tivessem o dinheiro que o governo dá às famílias dos candidatos do Teste para compensar a perda do aluno. E admito que parte de mim acreditava nos meus pais. Eu acreditava que eu podia ajudar. Eu queria tentar.

Que o governo dá uma compensação às famílias dos candidatos do Teste era uma novidade para mim. Eu queria perguntar se ele e a mãe seriam recompensados quando eu partisse, mas guardo minha pergunta enquanto meu pai continua a falar.

— Havia catorze colônias naquela época. Setenta e um de nós reunidos no Centro de Provas. Eles dizem que o Teste para minha classe levou quatro semanas. Eu não me lembro de um único dia. Dezesseis de nós fomos escolhidos para seguir em frente. O diretor do comitê do Teste disse que as lembranças dos aprovados são apagadas depois de o processo ser completado para garantir confidencialidade.

— Então você não pode me dizer como serão os testes? — a decepção se remexe no meu estômago. Eu esperava que a experiência do meu pai me ajudasse a me preparar — me daria uma vantagem. Sem dúvida, era isso que o governo das Comunidades queria evitar ao remover as lembranças do meu pai.

— Eu me lembro de chegar ao Centro de Provas. Eu me lembro de receber um companheiro de quarto, Geoff Billings. Eu me lembro de brindarmos ao futuro brilhante com copos cheios de leite fresco e comer bolo. Havia comida e empolgação. Mal podíamos dormir naquela noite, sabendo que nossos sonhos poderiam terminar no dia seguinte se não fôssemos bem nos testes. A próxima coisa de que me lembro é de me sentar numa sala cheia de cadeiras ouvindo que o Teste havia sido completada. Comecei a frequentar as aulas da universidade três semanas depois. Geoff não estava lá. Nem as duas meninas da minha colônia que viajaram comigo.

Em algum lugar da noite, uma coruja pia, meu pai não parece ouvir. — A universidade foi desafiadora. Eu gostava das aulas. Gostava de saber que estava fazendo algo importante. Meus pais conseguiram me avisar que estavam bem, em segurança e orgulhosos. Fiquei feliz. Nunca pensei em Geoff ou nos outros candidatos do Teste que não passaram.

Ele fecha os olhos e eu me sento ao lado dele, me perguntando como seria perder as lembranças dos meus amigos. Apenas me lembrar do dia em que conheci Daileen. Não me lembrar das risadas e aventuras que tivemos. A ideia me faz querer chorar, e eu enlaço minhas mãos nas do meu pai para que nós dois nos sintamos melhor.

— Fui para a Colônia Lenox depois de formado. Havia um botânico próximo de uma descoberta, e a Comunidade achou que minhas ideias poderiam ajudar. Trabalhei lá por um ano antes de encontrar um garoto que me lembrou de Geoff. Naquela noite comecei a ter sonhos. Eu acordava suando, coração acelerado, sem saber porquê. Não se passava uma noite sem interrupções. Meu trabalho começou a sofrer, e os médicos do governo me deram pílulas para me ajudar a dormir. As pílulas não pararam os sonhos. Elas só tornaram mais difícil que eu escapasse deles. Na luz do dia, comecei a me lembrar dos sonhos. Apenas flashes inicialmente. Geoff me dando sinal de positivo do outro lado de uma sala com mesas pretas. Um grande relógio com números vermelhos contando o tempo conforme meus dedos manipulavam três fios azuis. Uma garota gritando.

Meu pai solta minha mão. Sinto uma pontada de medo quando ele passa a mão em seu cabelo e começa a andar de um lado para o outro.

— Os flashes pararam. No lugar deles veio um sonho recorrente. Geoff, uma garota chamada Mina e eu andando por uma rua tomada por prédios queimados de aço. Cacos de vidro nas ruas. Procurávamos

por água e um lugar para dormir de noite. Os prédios estavam danificados o suficiente para que tivéssemos receio de usá-los como abrigo, mas talvez tivéssemos, por causa dos predadores que vimos de noite. Mina manca. Eu avisto um galho grande e me ofereço para fazer uma muleta. Enquanto eu trabalho, Geoff inspeciona o quarteirão. Mina diz para ele não ir longe. Ele promete que não irá. Alguns minutos depois, ele grita que encontrou algo. Então o mundo explode.

Meu pai interrompe. Meu coração bate alto no meu peito. A voz de meu pai ficou tão silenciosa que tenho de me inclinar para a frente para ouvi-lo dizer: — Encontrei Mina primeiro — semienterrada sob um pedaço de concreto. Sangue correndo por seu rosto.

Meu pai engole em seco. Sua respiração está áspera. As mãos apertam e desapertam a cintura. Vejo que ele quer parar de falar. Quero que ele pare de falar. Isso parece tão real. Posso ver o sangue. Posso sentir o medo de meu pai.

— Encontro uma das botas do Geoff a três metros do corpo de Mina. Leva um minuto para eu perceber que seu pé ainda está dentro da bota e eu começo a gritar. É aí que o sonho termina. Por um momento a noite fica em silêncio. Nenhum pássaro canta. Nenhum inseto. Apenas a imagem de um menino não muito mais velho do que eu em pedaços numa rua abandonada. Um garoto que foi para o Teste...

— Foi apenas um sonho — era o que meu pai costumava dizer quando eu tinha pesadelos. Eu quase acreditei. Quero acreditar nisso agora.

— Talvez— meu pai levanta seus olhos. O pesadelo assombrado nas profundezas me faz buscar fôlego. — Por anos eu disse a mim mesmo que era apenas um sonho. Eu me consolei com a ideia de que não tinha uma única lembrança desperta de uma garota chamada Mina. Nós fizemos conquistas em nossos experimentos. Novas plantas que ajudei a criar começaram a florescer. Eu nunca disse a ninguém sobre os sonhos. Então a Comunidade me transferiu para trabalhar em Cinco Lagos. Deus, fiquei com raiva. Ser transferido para Cinco Lagos foi como um soco. Apenas um punhado de graduados da universidade foram colocados aqui. Eu nem tinha uma casa quando cheguei. Tive de dormir na sala de Flint Carro.

Esta parte da história é familiar. Normalmente ele conta com um sorriso. Ficou amigo do médico da colônia. Foi arrastado para o alfaiate por Flint. Viu minha mãe sentada numa roca, costurando. Apaixonou-se por sua graça e bondade. No entanto, não é essa história desta vez. E meu pai não está sorrindo.

— A casa do Flint é pequena. Não há como esconder os pesadelos. Flint esperou uma semana até perguntar sobre eles. Eu tentei afastá-lo. Foi quando ele me contou sobre os próprios pesadelos. Não tão

assustadores, mas perturbadores. Rostos de pessoas de quem ele não se lembra. Esperando amigos voltarem de um teste, mas nunca voltaram. No dia seguinte, eu e Flint conversamos com outros graduados da universidade. Havia sete de nós na época. Precisávamos ter cuidado porque todo empregado da Comunidade está em contato com oficiais em Tosu City. Não queríamos ameaçar nossos empregos. Estou certo de que quatro dos outros nunca perderam uma noite de sono, mas um, a diretora da escola, tinha um olhar assombrado que eu entendia. Ela negou ter pesadelos, mas deve ter tido.

— Não tem como você saber — fico de pé e cruzo os braços sobre o peito, esperando que ele concorde comigo. Preciso que ele concorde.

Os olhos dele encontram os meus. — Não, mas nenhum aluno que se formou em Cinco Lagos foi escolhido para o Teste enquanto ela estava encarregada da escola. Não acredito que seja coincidência. E você?

Um arrepio passa por minha espinha. Não sei em que acreditar. Acreditar que os sonhos do meu pai são mais do que sonhos é impensável. Amanhã eu parto para Tosu City. No final da semana, vou começar o Teste. Recusar é traição e tudo o que isso implica. Quero gritar, berrar, mas só posso ficar parada tremendo.

Meu pai coloca o braço ao meu redor e me conduz de volta ao banco. Encosto minha cabeça no ombro dele como costumava fazer quando era pequena. Por um momento eu me sinto segura, mas não dura muito.

— Flint diz que qualquer que tenha sido o processo que eles usaram para apagar nossas lembranças pode ter causado os sonhos. Nossos cérebros podem estar criando lembranças falsas para substituir aquelas tomadas.

— Mas você não acredita nisso.

— Ele balança a cabeça.

— Agradei quando seus irmãos se formaram e ninguém de Tosu City veio para levá-los para ser avaliados. Ontem, eu entristeci seu irmão não dando crédito publicamente a ele porque a Magistrada havia ouvido que um oficial de Tosu estava a caminho. Eu não queria ninguém questionando se alunos deveriam ter sido escolhidos antes e se um antigo formando deveria ser reavaliado.

Ele me aperta firmemente contra si, com o queixo no topo da minha cabeça. Uma lágrima cai na minha bochecha, mas não é minha. Meu pai, que sempre foi tão forte, inteligente e seguro está chorando.

— E agora? — eu me solto dos seus braços e salto de pé, brava. Estou brava por nunca em nossas caminhadas e conversas ele ter me dito essas coisas. Nunca quando eu estava estudando até tarde da noite para ir bem num teste ele me disse quais poderiam ser as consequências. — Eu parto de manhã. Por que me dizer isso agora?

Que bem pode fazer?

Meu pai não ergue a voz para encontrar a minha. — Talvez nenhum. Talvez Flint esteja certo e nossos sonhos sejam apenas alucinações. Se há, porém, uma chance de que não sejam, é melhor que você saiba. Melhor que você vá para Tosu City preparada para questionar tudo o que vê e tudo o que encontra. Isso pode ser a diferença entre sucesso e fracasso.

De pé, ele vai até mim e coloca as mãos nos meus ombros. Eu começo a me afastar, mas então noto a luz que reflete as lágrimas em seus olhos. A briga se esvai de mim.

— A mãe sabe? — acho que ela deve saber, mas neste ponto não tenho certeza de nada.

— Sua mãe sabe sobre a perda de memória e que eu tenho pesadelos, mas não o conteúdo deles.

Repasso as palavras na minha cabeça, testando a veracidade delas. — Então é por isso que a mãe não queria que eu fosse escolhida?

Meu pai coloca uma das mãos no meu rosto e esfrega o dedo em minha bochecha. — Cia, eu não vejo meus pais desde que parti para ser examinado. Ter um filho escolhido é uma honra, mas também significa uma perda. Sua mãe não queria perdê-la.

\* \* \*

Não sei quanto tempo ficamos sentados em silêncio. O suficiente pra ouvir as vozes dos meus irmãos anunciando o retorno e os gritos de minha mãe brigando por eles terem roubado doces. Tudo parece tão normal.

Quando meu rosto está seco de lágrimas, meu pai pega minha mão e me leva de volta para dentro. Não mencionamos os sonhos do pai nem meus novos medos enquanto Hamin provoca os gêmeos sobre minhas amigas flertarem com eles. A mãe serve um prato com bolinhos e chá de menta adoçado enquanto os meninos tiram um maço de cartas para organizarmos um último jogo em família. Mesmo curtindo a risada e o calor ao redor da mesa, eu me sinto incompleta sem Zeen, que ainda precisa voltar. Mais de uma vez eu me vejo observando a porta da frente. Amo todos os meus irmãos, mas é para Zeen que eu corro quando tenho um problema para discutir. Zeen sempre é paciente e ponderado. Ele faz perguntas e eu nunca deixo de me sentir melhor depois da conversa. Hoje eu tenho um problema, mas Zeen não está aqui.

Quando o jogo termina, minha mãe me lembra suavemente da hora e da tarefa ainda à minha frente. Pedindo licença, eu pego a sacola das Comunidades e deslizo para o quarto que divido com meus irmãos.

Saber que talvez nunca mais veja aquele quarto novamente me faz olhar para ele com outros olhos. Um fogo brilha na lareira colocada na parede de trás. Há um tapete quadrado gasto no centro do quarto. Dois conjuntos de beliches estão arranjados em cada lado do tapete. Apenas a minha, a cama de baixo mais perto da lareira tem os lençóis arrumados e a colcha lisa. Assim que os meninos se formaram na escola, a mãe os declarou grandinhos o suficiente para arrumar as próprias camas. E eles decidiram que eram grandinhos o suficiente para não se importar em dormir em lençóis arrumados.

Cada um de nós tem um baú de madeira para roupas e sapatos do dia a dia. As roupas especiais são penduradas num grande armário de madeira no canto. Minha mãe sempre fala sobre as primeiras impressões. Mordo o lábio inferior e peso os méritos de todas as minhas roupas. Sentir-se confiante sempre é mais fácil quando se está vestindo algo especial, mas escuto a voz do meu pai tocar novamente na minha cabeça. Eu imagino a cidade abandonada em que ele caminhou em seu sono. Os dois vestidos que tenho não vão me ajudar aqui. E mesmo que os sonhos não sejam reais, eu sei no fundo que roupas bonitas não vão ajudar quando o Teste começar.

Ignorando o traje especial, caminho para o baú de madeira que uso desde garotinha. Escolho duas calças fortes e práticas e duas camisas resistentes e minhas botas mais confortáveis. São todas repasses dos meus irmãos. Saber que tenho um pedaço deles vindo comigo me ajuda a diminuir a solidão que já sinto. Pego um pijama e roupas íntimas e guardo com cuidado a seleção na minha sacola. Ainda há muito espaço para dois itens pessoais que posso levar comigo. Sentada no canto da cama, olho ao redor do quarto. Se meu pai não tivesse compartilhado seus sonhos, eu poderia ter levado minha flauta ou o colar de prata que minha mãe me deu no meu aniversário de dezesseis anos. Em vez disso, considero o que pode me ajudar se o Teste for mais do que testes com lápis e papel.

Depois de vários minutos, saio da cama e tiro uma pequena faca de caça do meu baú. Cada um dos meus irmãos tem uma faca similar — um presente do pai. A faca também tem uma chave de fenda e alguns apetrechos. Esse é um. Agora para o item número dois. Há apenas uma coisa em que consigo pensar que pode ajudar, mas não pertence a mim.

No ano passado, o pai começou a deixar Zeen experimentar os próprios projetos no trabalho. Alguns dos projetos os levaram para fora das fronteiras da colônia. As fronteiras foram feitas não tanto para manter os animais fora, mas para informar os cidadãos das Cinco Colônias que a terra adiante era potencialmente insegura. Plantas venenosas e animais que procuram carne são apenas parte do perigo. Durante os últimos Três Estágios da Guerra, terremotos violentos

arrasaram o tecido da terra. Um viajante solitário que cai numa dessas fissuras feitas pelos terremotos pode facilmente encontrar a morte esperando no fundo ou um pescoço quebrado, radiação, ou fome. Para evitar os dois últimos, meu pai deu a Zeen um pequeno aparelho portátil chamado Comunicador de Trânsito enviado a ele pelo governo da Comunidade. O aparelho tem uma bússola, uma calculadora e um sistema de comunicação que permite que Zeen contate um aparelho igual no escritório do pai se houver algum problema. Não sei como funciona, mas aposto que se for necessário eu posso descobrir.

Quando Zeen não está trabalhando além da fronteira, ele mantém o aparelho numa prateleira perto de sua cama. Com certeza. Meu coração acelera quando meus dedos se fecham sobre o aparelho. Queria que Zeen estivesse aqui para me dar permissão — para me dizer que ele me perdoa por ter sido escolhida quando ele não foi. Quero que Zeen diga que nosso pai estava tentando protegê-lo quando fez a declaração sobre a batata ontem. Que não foi motivado por ego, mas por amor. Eu enrolo o Comunicador de Trânsito num par de meias para mantê-lo seguro e o enfio na minha sacola, esperando que Zeen volte a tempo para que eu conte a ele que peguei um pedaço dele para levar comigo a Tosu City. Mesmo que eu saiba que ele não vai voltar. Zeen é o mais esperto dos meus irmãos, mas também é o mais emotivo. Ao mesmo tempo em que Win, Hart e Hamin são amorosos e bons, eles possuem uma atitude despreocupada sobre a vida que frustra minha mãe. Zeen, porém, é ferozmente apaixonado. Seu temperamento se inflama rapidamente, mas seu amor engloba tudo. O que torna a perda de alguém que ele ama quase insuportável. Ele mal falou por um mês quando nosso avô morreu.

Sentada na cama de Zeen, escrevo um bilhete que vai servir tanto como pedido para seu aparelho como um lembrete do meu amor. Não é a despedida que eu esperava, mas a única que estou certa de que vou ter.

Agora que minhas escolhas foram feitas, o pânico se estabelece. Amanhã estarei me afastando de tudo o que conheço para algo estranho e potencialmente perigoso. O que eu mais quero no mundo é subir na cama e puxar as cobertas sobre minha cabeça. Em vez disso, fecho a sacola, coloco no ombro e volto para minha família, na esperança de poder curtir minhas últimas horas com eles.



MEUS IRMÃOS AINDA estão dormindo em seu quarto quando meu pai me acorda de um sono espasmódico.

Entro numa *legging* bege e coloco uma túnica azul de manga cavada, botas e pego minha sacola. Agora minha mãe segura um copo de leite para eu beber. Seus olhos estão vermelhos, mas ela não está chorando. Ela me diz que tem orgulho de mim. Faço o melhor para não me prender a ela quando nos abraçamos em despedida. De repente, eu lamento todas as vezes que fiquei brava por ela não encorajar meus sonhos na universidade. Agora entendo por que ela teve medo de que eu tivesse sucesso. Agora é tarde demais.

Lutando contra as lágrimas, bebo meu leite, pego a maçã que a mãe tem para mim no balcão e prometo escrever a eles quando chegar na cidade. Meu pai espera na porta e eu dou à minha mãe um último abraço antes de sair para o ar úmido da manhã. O céu ainda está escuro conforme seguimos pelo mesmo caminho de ontem. Caminhamos um quilômetro e meio antes de o pai quebrar o silêncio.

— Conseguiu dormir?

— Um pouco — intercalada com sonhos ansiosos.

— É mais provável que Flint esteja certo. Sonhos são apenas sonhos.

— Espero que sim.

— Eu também — ele passa os dedos nos meus quando subimos o morro. — Você é esperta. É forte. Tenho toda fé que você vai passar em qualquer que seja o teste que te derem. Apenas não deixe que os outros candidatos a desconcentrem. Alguns dos moleques da minha colônia foram perversos. Faziam de tudo para ser o número um.

— Tipo o quê? — ficar acordada a noite toda para estudar era comum na minha sala. Eu mesma a havia feito isso algumas vezes.

— Veneno era a tática favorita de algumas meninas da minha sala.

Eu paro de andar. — Veneno?

— Não o suficiente para matar. Apenas o bastante para fazer alguém ficar doente demais para um teste. No meu último ano, tive

cuidado para comer apenas o que levava comigo para a escola.

— Elas foram castigadas?

Meu pai me dá um sorriso triste. — Eram espertas o suficiente para não ser pegas. Mas mesmo se tivessem sido, duvido que teriam recebido mais do que uma reprimenda. É duro punir crianças por tentar tirar a família da pobreza.

Caminhamos os quilômetros seguintes sem falar, enquanto eu considerava as implicações das palavras do meu pai.

Posso ver que não há prova de que os sonhos do meu pai sejam reais. Mas isso... Não consigo pensar em nenhum aluno de Cinco Lagos que sabotaria um colega estudante para conseguir notas melhores. Nenhum de nós é rico, mas ninguém que conheço está morrendo de fome também. Não mais. Se uma família passa por dificuldades em Cinco Lagos, o resto da comunidade se junta para ajudar. Um mundo onde você pode envenenar um competidor para alimentar sua família é inconcebível para mim.

Pinceladas de luz rosa e roxa iluminam o céu conforme nos aproximamos das cercanias da cidade. Meu pai coloca o braço ao redor dos meus ombros e me aperta. — Certifique-se de comer bem e dormir o suficiente. Isso vai ajudá-la a ficar forte e pensar claramente.

Eu assinto com as palavras familiares.

Antes de terminar de subir o final do morro, ele acrescenta. — Cuidado com quem você confia, Cia. Faça isso e tudo ficará bem.

De mãos dadas, caminhamos para a praça.

Na frente da casa da Magistrada há um enorme flutuador preto com o selo da Comunidade estampada na lateral. Tomas, Malachi e os membros das famílias estão parados perto dos fundos. Malachi usa suas melhores roupas — calça bem passadinha, sapatos pretos engraxados e uma jaqueta sobre uma camisa de colarinho. O branco brilhante da camisa de Malachi é vívido em contraste com sua pele escura e por seus ombros caídos eu posso ver que ele está lutando contra as lágrimas. A escolha de roupa de Tomas é mais próxima da minha. Calça cinza desbotada e uma camisa branca com gola em V que faz com que pareça que ele está se preparando para trabalhar na fazenda do pai em vez de viajar para Tosu City. Seu belo rosto não pode ser interpretado enquanto sua mãe bagunça seus cabelos desgrehados.

A Magistrada Owens e o oficial de Tosu estão parados perto da frente do flutuador e acenam enquanto o pai e eu nos aproximamos. O Oficial Michal Gallen está usando um macacão justo roxo também com o logo da Comunidade. Os cabelos bagunçados estão lambidos para trás num rabo de cavalo, dando mais definição aos ângulos de seu rosto. A Magistrada Owens puxa meu pai de lado, me deixando sozinha com o Oficial Gallen. Ele sorri para mim. Fico surpresa em ver

calor pela primeira vez em seus olhos verdes profundos.

— Está nervosa com sua viagem, Malencia?

Por algum motivo, eu não espero que ele se lembre de meu nome. Que ele goste de mim. — Estou mais nervosa de que possa decepcionar a colônia não indo bem nos exames, senhor Gallen.

Ele ri. — Me chame de Michal. E não se preocupe. Isso vai passar.

Meu nervoso ou me importar com a colônia? Não tenho a chance de perguntar por que ele move o veículo e estende a mão. — Posso guardar sua sacola? Não vai precisar dela até chegar em Tosu City. — ele coloca a mão no bolso e tira uma sacola transparente que contém dois braceletes grossos — um maior do que o outro. — Este é seu bracelete de identificação. Cada candidato do Teste recebe um símbolo de identificação que está gravado no bracelete. Você vai usar este e o menor vai se enrolar em sua sacola. Dessa forma ninguém poderá confundir sua sacola.

Ele coloca a identificação no meu pulso esquerdo e afixa o outro na minha sacola. Quando ele desaparece no flutuador, estudo o bracelete. O bracelete tem cerca de dois centímetros e meio de largura e é construído de segmentos grossos de metal. Sei que o bracelete tem um fecho, mas é impossível de distingui-lo dos outros anéis. Virando meu pulso, estudo o grande disco prateado no topo do bracelete. Gravado em preto no disco há uma estrela de oito pontas. No centro da estrela há um raio estilizado.

— A estrela representa seu grupo do Teste — eu dou um pulo com a voz de Michal. Não havia percebido que ele havia voltado. — Você vai encontrar outros jovens com o mesmo símbolo em seus braceletes, mas o seu é o único com o raio.

— Os símbolos representam algo específico? — as palavras saem de meus lábios antes que eu possa pegá-las de volta. Talvez moleques de outras colônias que sempre têm candidatos para o Teste saibam o que o símbolo significa.

Se ele acha a questão tola, Michal não demonstra. — A estrela de oito pontas é o símbolo de rejuvenescimento. As crianças no grupo mostram aptidão em várias áreas diferentes. É um grupo muito bom para se estar — o sorriso dele é caloroso e encorajador e eu me vejo sorrindo de volta para ele e me perguntando em que grupo ele esteve.

Um pequeno alarme soa e Michal olha seu relógio. Olha ao redor da praça e seu sorriso desaparece. Zandri ainda não está ali e eu me pergunto se isso é apenas sua despreocupação com a hora ou se ela escolheu desafiar as leis e recusar seu lugar no Teste. Ela acredita que leis há tanto não testadas não serão usadas? Michal pede licença e se junta à Magistrada Owens e ao meu pai. Pela maneira como Michal aponta para seu relógio, ele acredita que a hora de Zandri chegar já passou. Meu pai e a Magistrada Owens discutem com Michal dando

mais tempo a Zandri. Eu me viro e seguro a respiração, sabendo qual pode ser a punição. E eu a vejo. Forço a vista na luz do Sol para estar certa antes de gritar. — Ela está aqui.

— Graças a Deus — escuto alguém cochichar.

O vento balança a saia transparente de várias cores e Zandri e sua blusa de camponesa conforme ela caminha sem pressa pela praça. Seu longo cabelo loiro brilha na luz do Sol. Um pequeno sorriso se abre em seus lábios quando ela chega até nós. Ela não se desculpa. E eu sei. Ela planejou esta entrada. Ela está mostrando que, ainda que possam exigir que ela se apresente, ela não poderá ser controlada. E ainda que eu admire a coragem dela, o olhar irritado nos olhos de Michal faz com que me preocupe com ela.

Meu pai coloca o braço ao meu redor conforme Michal dá a Zandri seu bracelete de identificação e guarda sua sacola no flutuador. Seu jeito caloroso se foi quando ele nos instruiu a entrar no veículo. É hora de ir.

O turbilhão de emoções que estou mantendo sob controle me atinge com tudo quando meu pai me abraça forte. Lágrimas ameaçam me engasgar quando eu digo a ele que o amo. Eu afasto a dor por Zeen não ter dito adeus e peço que meu pai dê meu bilhete a Zeen e a toda família meu amor. Meu pai me diz que me ama também e me lembra com um último cochicho: — Cia. Não confie em ninguém.

Sou a última a subir no flutuador esguio. A porta se fecha atrás de mim. Escuto as trancas fechadas quando o motor ganha vida. Meu pai coloca a mão no vidro da janela e eu coloco a minha espelhando. Nossos olhos se encontram por um momento, e uma lágrima escapa do meu controle quando o flutuador começa a subir. O pai se afasta do flutuador e um momento depois estamos indo em frente — para fora da praça, em direção a Tosu City — longe de qualquer coisa familiar.

Meu coração acelera de empolgação mesmo quebrado em dois. Posso ver as mesmas emoções conflitantes no rosto dos outros candidatos de Cinco Lagos. Nossa cerimônia de formatura mudou nosso status de crianças para adultos, mas esta jornada torna isso oficial. Estamos sozinhos.

Olho lá fora pela janela até que as últimas vistas familiares desaparecem no horizonte. Armazeno as lembranças dos campos e morros pelos dias e talvez anos que virão. Então, eu me viro e absorvo os novos arredores. Meu pai e sua equipe têm alguns flutuadores que usam para o trabalho, por isso eu já andei num antes. Contudo, os veículos do meu pai não são tão sofisticados ou rápidos como estes. Na verdade, tirando o nome e o fato de que pairam a vários metros sobre a terra, os veículos não têm nada a ver. Enquanto os flutuadores da estufa são pequenos e acomodam entre uma e quatro pessoas, e apenas se você se apertar, este pode abrigar doze passageiros com

conforto. Os assentos como sofás que tomam a frente do compartimento de passageiros são cinza e macios. Nos fundos do veículo há uma pequena cozinha e uma porta que leva a outro compartimento. O teto do flutuador é alto o suficiente para que você possa caminhar pela cabine com espaço de sobra. Não vejo nossas sacolas e penso em perguntar a Michal onde ele as alojou, mas está sentado num compartimento separado para o motorista, na frente. Pelo caimento de seus ombros, eu diria que ele está concentrado em dirigir, o que é bom. Enquanto flutuadores são feitos para pairar a cerca de cinquenta metros sobre o solo, o mecanismo de propulsão que faz o veículo correr requer que haja de fato algum solo em algum lugar abaixo. Se o flutuador passa sobre um buraco fundo, ele deixa de pairar. Flutuadores também têm problema sobre a água, motivo pelo qual alguém os adaptou para flutuar se necessário.

— Nunca andei em nada assim antes — Malachi diz do outro lado da cabine. Seus olhos estão esbugalhados e cheios de ansiedade. Seu pai é um operário da irrigação. Sua mãe costura. Não, Malachi nunca teria motivos para andar em nada mais sofisticado do que uma bicicleta. Até agora. Eu viro minha cabeça para o lado para ter uma visão melhor do símbolo em seu bracelete. Um triângulo com uma flecha no meio. Não estamos no mesmo grupo.

— Acho que é seguro dizer que nenhum de nós nunca andou em nada assim — Tomas se levanta de seu assento e cruza para se sentar ao lado de Malachi. — Na velocidade em que estamos indo, vamos chegar em Tosu City antes de escurecer.

— Acha mesmo? — alguns dos medos desaparecem dos olhos de Malachi. — Acha que eles vão nos deixar dar uma olhada na cidade?

— Provavelmente não até termos terminado o Teste. Parece que eles têm uma agenda bem apertada para nós — Tomas abre um sorriso e bate nas costas de Malachi. — Mas quando formos estudantes universitários vamos dominar o lugar e as meninas, certo?

Malachi sorri de volta. — Certo.

— Algumas de nós não acha o *pedigree* da universidade atraente — Zandri joga o cabelo loiro e dá aos dois um olhar enojado. Malachi se afunda de volta em sua almofada. Tomas apenas ri. Após um pouco de encorajamento, ele consegue que Malachi fale sobre fotos que eles viram de Tosu City, onde alguns dos prédios têm mais de dez andares de altura. Zandri acaba deixando de lado a cara fechada e discute as esculturas que espera ver.

Escuto os três conversando, não surpresa de que seja Tomas que deixe todo mundo confortável. Como sempre, estou ciente de ser a mais nova — a mais inexperiente. Na classe, eu me certificava de levantar a mão só quando tinha certeza da resposta para que nunca parecesse como se eu não pertencesse àquele lugar. Agora, como na

classe, eu recuo e escuto. Alta, loira e bonita, Zandri transmite uma confiança irascível, mas sua postura defensiva suaviza quando conversa de arte com Malachi. Estou surpresa com a extensão de seu conhecimento sobre artistas mortos há muito tempo.

Agora que Malachi e Zandri estão preenchendo o silêncio, Tomas se senta e apenas acrescenta um comentário ocasional. Ele também está observando — pesando sua risada e seus silêncios. Tomas me nota observando. Rapidamente, eu afasto o olhar quando minhas bochechas queimam. Não que Tomas não esteja acostumado a ser olhado. A maioria das meninas da nossa sala passaria todo o dia de aula olhando para ele em vez de olhar para a lousa. Como tinha a carteira marcada atrás da minha, eu nunca tinha essa distração. Contudo, eu teria de ser cega para não notar a maneira como a risada e a sua covinha transformam seu rosto angular. Mais de uma vez meus dedos se coçaram para não tirar a mecha de cabelo que sempre cai sobre sua testa. Não que eu tivesse coragem de tentar. E tudo bem. Garotos e namoro não estiveram na minha lista de prioridades. E certamente não podem estar agora.

O trio do outro lado ri de algo. Afastando a sensação de estar sendo deixada de lado, eu sorrio para o grupo e tento parecer interessada na conversa. Após um tempinho, Zandri e Malachi admitem que não dormiram bem na noite passada. Eles se estendem nos bancos acolchoados na frente do compartimento de passageiros e apagam quase imediatamente.

— Vamos para os fundos para não incomodá-los — Tomas cochicha. Meu coração acelera um pouquinho quando atendo o pedido dele. A primeira coisa que Tomas faz é explorar os fundos da cabine. Fico feliz em abrir as portas dos gabinetes — que contém amêndoas, frutas secas, queijo e bolachas — e espio o armário, que se revela como um banheiro. Agarramos um saco de frutas secas, um pouco de água e nos esticamos nos fundos. Tomas vira um pedaço de maçã em suas fortes mãos calejadas e diz: — É difícil acreditar que selecionaram nós quatro neste ano.

Noto o desenho de seu bracelete — uma estrela de oito pontas com três linhas horizontais onduladas. Meu grupo. Minha surpresa e preocupação devem ser aparentes, porque Tomas pergunta o que há de errado. Eu explico sobre os símbolos de identificação. Então, uma vez que Malachi e Zandri já estão roncando, eu decido ser completamente honesta. — Você vai detonar todo mundo no nosso grupo, eu, inclusive.

— Está brincando? — os olhos cinza de Tomas passam por meu rosto. Após um minuto ele ri e balança a cabeça. — Você não está brincando mesmo.

— Todo mundo sabe que você foi o primeiro da nossa classe.

— Só porque a professora não estava por aí no ano passado. Ela não sabe que você construiu os geradores solares e de vento que usamos na escola.

— Meus irmãos ajudaram — eu não teria conseguido sem eles. A conquista não foi só minha. — Meu pai diz que o sistema de irrigação que você criou vai ajudar a revitalizar áreas fora de nossas fronteiras. Isso é enorme.

Ele dá de ombros. — Meu pai tem trabalhado nisso há anos. Eu só ajudei com algumas ideias e a montar a coisa. Não estou dizendo que não fui importante, mas eu não fui um gênio. A senhora Jorghen me tratou como se eu fosse. Tenho a impressão de que ela achava que os alunos de Cinco Lagos eram limitados. Você sabe, como ninguém é escolhido para o Teste há anos. Meu relatório sobre o novo sistema de irrigação durante a primeira semana de aula impressionou.

Tomas está certo sobre as ideias preconcebidas da nossa professora sobre a Colônia Cinco Lagos. Nos primeiros dias, cada palavra que ela falava era lenta e articulada. Ela soava como se falasse com um grupo de crianças de quatro anos. Então, ela nos deu uma tarefa de “Como passei as férias” e tudo mudou. O rosto da senhora Jorghen nunca mostrou surpresa, mas os deveres ficaram mais difíceis e ela parou de falar com palavras de uma sílaba só. Pensar nisso agora me faz questionar se o pai poderia estar certo. Se nossa antiga professora ludibriou a Comunidade a pensar que não éramos espertos o suficiente para ser líderes. E se sim, por que ela falaria tal coisa? Por que ela odiava ver famílias separadas ou por que acreditava mesmo que algo sinistro poderia estar à espreita do outro lado da nossa jornada?

— O que há de errado?

Eu pisco. — O que quer dizer? — sua sobrançelha erguida diz que me fazer de inocente não o engana. Então eu pergunto: — Não acha estranho que Cinco Lagos não tenha tido um candidato para o Teste em dez anos?

Ele joga uma uva passa na boca e considera a pergunta. — A única coisa que consigo supor é que o governo da Comunidade deve ter pensado que nossa população era pequena demais para justificar remover cidadãos. Cinco Lagos cresceu muito nos últimos dez anos — cerca de trezentos e cinquenta cidadãos se mudaram para Cinco Lagos na última década. Isso não parece muito considerando que outras colônias têm dezenas de milhares de cidadãos. — Acha que há outra razão?

Quero contar a ele do que meu pai desconfiava — dividir o peso. Saber que outro par de olhos estará de vigília por sinais de perigo. Mas as palavras de despedida do meu pai soam altas em minha cabeça. Se fosse apenas Tomas e eu, eu poderia estar ignorando o aviso, mas não estávamos sozinhos. Então eu digo: — Parece que deve

haver. Não acha?

— Se descobrir o que é, por favor, me diga para que eu possa contar ao meu irmão. Ele está se sentindo mal por eu ter conseguido e ele não.

— Sei como é. Zeen está chateado também.

Ele sorri para mim, mostrando a covinha. Pela hora seguinte, conversamos sobre nossos amigos. Nossas famílias. As coisas de que sentimos falta em Cinco Lagos. As coisas que esperamos conquistar se chegarmos à universidade. Estou surpresa em ouvir que ele quer entrar em revitalização de terra, como meu pai. Achei que ele buscaria algo mais glamoroso. Mas, até aí, talvez eu não devesse ficar surpresa. Apesar da beleza dele e de sua personalidade extrovertida, Tomas sempre foi um líder silencioso. Sempre ficou feliz em ajudar um vizinho ou um dos alunos mais jovens, e faz de uma maneira que não pede elogios nem algo em troca. Ele é alguém que meu pai teria orgulho em ter em sua equipe.

Terminamos o pacote de frutas secas e ainda estamos com fome. Tomas pega uma caixa de biscoitinhos e começa a abrir quando Michal grita de volta. — Vamos parar para o almoço em alguns minutos. Talvez vocês queiram acordar seus amigos.

Não há necessidade. A voz de Michal é alta o suficiente para fazer isso por nós.

Com Zandri e Malachi se esticando e tentando entender onde estavam, eu me pergunto como Michal sabia que Tomas havia pegado os biscoitos. O momento foi perfeito demais para ser coincidência. Tomas não parece preocupado. Ele só coloca a caixa de volta no gabinete e caminha até a cabine com os outros. Entretanto, suas costas davam para o compartimento do motorista. Ele provavelmente supôs que Michal tinha olhado para trás e o viu pegar os biscoitos. Michal, porém, não havia. Sua cabeça nunca havia se virado. Então, como ele sabia? Lá. No canto da cabine há um vidro redondo reluzindo. Uma lente de câmera? Eu examino o resto da cabine do passageiro. Não há mais ninguém, o que me deixa certa. Estamos sendo vigiados. Por Michal, ou essa câmera transmite além? O Teste já começou? Estremeço com a ideia de meu rosto ser visto em alguma televisão desconhecida. Não temos muito uso para televisões em Cinco Lagos. A Magistrada tem uma. No trabalho do meu pai também e em alguns outros locais seletos. Raras vezes são usadas. Claramente não são usadas com essa economia fora da colônia.

Eu me movo para a cabine da frente, sentindo a câmera seguir cada movimento meu. Ela também escuta minhas palavras? Se eu tivesse a chance de inspecionar a câmera, eu poderia dizer, mas eu não ousa. Decidi que é mais seguro supor que escuta e olho pela janela num esforço de manter minha descoberta um segredo para



quem quer que esteja observando.

A paisagem marrom e rachada pela qual estivemos viajando está mudando para planos mais saudáveis e verdes. De vários metros acima, posso ver que o solo é mais rico. Mais escuro. Sinais de revitalização. O trabalho de outra colônia. Eu me movo em frente na cabine para ficar atrás do compartimento do motorista. Com certeza. Longe no horizonte há prédios. Alguns são altos. Muito mais altos do que em casa. Eu me pergunto qual colônia está à frente e percebo que devo ter feito a pergunta em voz alta quando Michal responde: — É a colônia de Ames. Vamos parar na fronteira para almoçar. O comitê do Teste arranhou para que o almoço fosse entregue num posto avançado para nós.

— Não vamos poder ver a colônia?

Ele me manda um sorriso. — Algum dia você vai ver. O comitê do Teste os está mantendo contidos para que não sejam influenciados por fontes externas. Agora é melhor que você se sente para que não caia quando eu parar este troço.

Volto à cabine dos passageiros, me sento e relato as palavras de Michal aos outros — o tempo todo sentindo olhos de algum lugar de trás da tela observando. A câmera e meu conhecimento de que meus movimentos são restritos faz minha cabeça latejar e os músculos dos meus ombros tencionarem. A passagem do cenário fica mais lenta. Após alguns minutos, o flutuador se abaixa e dá um solavanco parando, jogando Malachi no chão.

— Desculpe-me por isso — Michal diz, subindo no compartimento do motorista. — Ainda estou pegando o jeito para aterrissar esta fera. Tiveram de colocar novos freios há alguns dias, o que os torna um pouco temperamentais — ele estende a mão para ajudar Malachi a ficar de pé. Então, aperta um botão e a porta do flutuador se abre.

Ar quente de vegetação fresca acena quando Michal sai, seguido por nós. Há um chalezinho de madeira a cerca de quinze metros de nós. Cercando a construção, há árvores verdes, arbustos densos e muitas plantas altas floridas. É difícil de acreditar que a terra seca e deteriorada está logo além do horizonte. Quem quer que tenha cuidado da terra ali fez um bom trabalho.

Seguimos Michal por um caminho de concreto até um prédio de madeira. Dentro há uma pequena cozinha equipada com uma mesa e cinco cadeiras. Há um pequeno banheiro na frente da cozinha. O espaço todo tem provavelmente cinco metros quadrados e tem cheiro de carne assada, alho e legumes. Há também um pão grande e um pedaço de queijo sob uma cúpula de vidro no balcão. O ar interno é fresco, e Michal nos avisa para não deixar janelas ou portas abertas ou vamos alterar a temperatura controlada. Um a um usamos o banheiro e lavamos o rosto e as mãos. Eu vou por último e ando por lá fingindo

admirar as cortinas nas janelas. Avisto a primeira câmera na luz pendurada sobre a grande mesa de madeira. A segunda está no canto superior direito da cozinha. Se há mais, não consigo vê-las. Ver duas já é o suficiente para tirar o prazer da refeição. Ainda assim, sabendo que cada momento provavelmente está sendo julgado, eu como o assado. Sorrio. Faço o melhor para rir. No canto do olho, vejo Michal me observando com uma sobancelha levantada. Ele olha para a câmera, depois de volta para mim e sorri.

Ele sabe que eu sei.

Eu empurro um pedaço grande de pão na boca para que tenha de mastigar em vez de falar, o que me dá tempo para pensar. Michal sorri feliz. Orgulhoso. Como se eu tivesse recebido um dever difícil e tenha conseguido realizar.

Ele quer que eu saiba.

Estou certa disso. É por isso que ele nos falou sobre parar para o almoço quando Tomas pegou os biscoitos. Claro, poderia ter passado como um erro. Michal é mais jovem do que qualquer outro oficial de Tosu que eu tenha visto. Ainda assim, ele não teria passado no Teste, se formado na universidade nem recebido esse emprego se cometesse esse tipo de erro impensado. Entender o comportamento de Michal e o que isso implica é parte do teste ou Michal está me oferecendo uma vantagem?

Michal abre um gabinete e volta com um prato cheio de biscoitos. Parecem os que minha mãe fez para a comemoração da minha formatura. Ver essa lembrança de casa aperta meu coração. Os outros agarram o petisco inesperado. Eu empurro a cadeira para trás e pergunto se posso dar uma volta. — Prometo que fico à vista. Só quero esticar as pernas um pouquinho antes de voltar para dentro do flutuador.

— Não vejo por que não — ele olha para o relógio. — Temos trinta minutos antes da hora marcada para partir. Alguém mais quer ir?

Quando ninguém fica de pé, eu pego um biscoito da mesa e sigo para a porta, saindo para a luz do Sol. O ar está quente e maravilhoso. Melhor ainda é a sensação de estar livre. Sem câmera. Sem julgamentos. Sem me preocupar sobre dizer ou fazer a coisa errada que possa resultar no meu fracasso. Sabendo para aonde estou indo, eu me disponho a aproveitar um último momento de liberdade. Guardar a doçura disso para me manter calma e firme pelas semanas à frente.

Avisto um bosque de árvores verdes à minha direita e caminho em direção a elas. O mato alto se esfrega contra meus quadris enquanto caminho pelo solo fértil. Aproveito a doçura esmigalhada do biscoito com as árvores se adensando.

— Cia, espere!

Virando-me, eu forço a vista no Sol forte e seguro a mão sobre os olhos. Fico surpresa em ver como fui longe em tão pouco tempo. A construção que abriga nosso almoço está pelo menos a cem metros de distância. Muito mais próximo está Tomas, que se move mais depressa pelo mato alto. A ideia de dividir meus últimos minutos de liberdade não observada me faz querer berrar para que ele dê meia-volta. Ainda assim — esses são os últimos minutos desinibidos também, mesmo que ele não saiba. Não posso me permitir que ele os leve. Espero que ele me alcance antes de me virar para terminar minha caminhada.

— Para onde estamos indo? — sua pergunta soa semiofegante.

— Só para aquelas árvores — caminhamos os minutos seguintes em silêncio e nos sentamos no solo fresco e cheio de sombras. — Melhor você ter cuidado ou Zandri vai ficar com ciúme. Ela está de olho em você — eu provoco, mas há verdade nas minhas palavras. Cada jogada de seu cabelo dourado e cada batida de cílios é feita para que Tomas repare nela. Até então, ele não parece estar cooperando. Não estou certa de como eu me sentiria se ele cooperasse.

— Não estou preocupado com ela. Estou preocupado com você — sua mão roça no meu braço, provocando um arrepio na minha espinha.

— Por quê?

— Sua boca fechada — a preocupação em seus olhos. Conheço seu rosto, Cia. Posso ver que há algo de errado.

Dou de ombros e tento desconversar. — Acabamos de deixar nossas famílias e nossos amigos para trás e talvez nunca mais os vejamos.

— Já vi você preocupada com seus amigos e sua família. Já vi você preocupada em encontrar a resposta certa para uma pergunta. Isso é diferente — a mão dele se estabelece sobre a minha e dá um aperto suave. — Sei que eu não era seu melhor amigo em casa, mas você pode confiar em mim.

— Posso?

Meu coração acelera um pouco e eu afasto o olhar dessa visão intensa do flutuador — a casa — onde as câmeras estão esperando. Conheço Tomas minha vida toda. Trabalhamos juntos em projetos da escola, jogamos juntos, até dançamos um nos braços do outro por uma hora memorável na festa de formatura do ano passado. Não conversamos tanto este ano. Culpa minha. Mais de uma vez Tomas pediu que eu caminhasse com ele ou trabalhasse em algum dever, mas eu sempre encontrei um motivo para dizer não. Meus irmãos provocando depois da festa, os olhares de raiva das outras meninas, minha incerteza sobre o que essas danças significavam me fizeram dar um passo atrás. Agora tenho de escolher se recuo novamente ou se aproveito a chance de ir até ele. Tecnicamente, Tomas é meu

concorrente, o que deveria me fazer afastá-lo.

Logo os outros sairão da casa. As câmeras novamente estarão observando e capturando cada movimento nosso, possivelmente cada palavra. Sei que lá, na cobertura das árvores, onde estou quase certa de que as câmeras não podem ter nos seguido, é a última oportunidade de compartilhar minhas preocupações sem ser ouvida. Meu pai disse para não confiar em ninguém. No entanto, olhando para os olhos cinza sérios de Tomas, decido ignorar esse conselho desta vez. Se for um erro, é meu erro. As consequências serão minhas.

— Há uma câmera escondida no flutuador. Há mais duas na casa.

— Tem certeza?

Eu faço que sim com a cabeça.

Uma mecha de cabelo cai sobre a testa dele quando ele olha em direção ao flutuador. — Não entendo. Por que alguém estaria nos observando agora?

— Porque— eu digo. — O Teste já começou.

AGORA QUE COMECEI, as palavras escorrem de mim. As lembranças perdidas do meu pai. Seus pesadelos fragmentados. A crença de que nossa antiga professora compartilhava dos mesmos pesadelos e usou sua autoridade para evitar que os alunos de Cinco Lagos fossem selecionados para o Teste. Eu seguro o fôlego e espero Tomas condenar as ideias do meu pai. Me dizer que vamos ficar em segurança. Que esse é só um teste como todos os outros que fizemos na vida. Em vez disso, ele diz: — É uma boa coisa estarmos no mesmo grupo. Vamos ser capazes de cuidar um do outro.

— Acha que os pesadelos do meu pai são lembranças reais?

— Acho que é uma boa ideia estar preparado para o que quer que esteja vindo. Se não são reais, então não vai fazer mal nenhum ficar alerta. Se forem... — seus dedos se enlaçam nos meus e nos sentamos com as palavras inacabadas entre nós. Um assobio nos faz saltar. Michal está acenando. Ele está pronto para partir.

Tomas fica de pé e me ajuda a levantar. Ele não solta minha mão conforme caminhamos pelo mato alto. Na metade do caminho para o flutuador ele para e tira do bolso algo enrolado num lenço branco de algodão. Biscoitos. Ele tira um e me oferece o outro. — Já que somos parceiros.

A palavra me faz sorrir. Parceiros. Como fomos tantas vezes. Toda vez que trabalhamos juntos tivemos as maiores notas da classe. Eu me vejo torcendo para que desta vez seja igual.

— Bem, parceiro — eu digo, pegando o biscoito — Certifique-se de recusar qualquer biscoito oferecido pela concorrência. Só por precaução.

Como esperado, Zandri parece incomodada quando nos vê entrando juntos no flutuador. Ainda que Tomas possa não estar preocupado com Zandri, está claro pelos dardos que ela está jogando em mim que ela não pensa igual. Na verdade, minha parceria pode ter me arranjado uma nova adversária. Talvez não tão perigosa quanto aquelas que colocariam veneno na minha comida para ir em frente,

mas ainda preocupante, considerando o comprimento das unhas dela.

Tomas vai para os fundos do flutuador para se sentar com os outros dois. A mão de alguém toca meu braço quando eu vou me juntar a eles. — Está tudo bem?

Os olhos de Michal estão repletos de preocupação. Eu sorrio e estou bem ciente da câmera quando respondo. — Está tudo ótimo. Foi lindo ver o trabalho de revitalização de perto. Meu pai ficaria impressionado.

Ele olha de volta para a câmera; então corresponde ao meu sorriso. A preocupação em seu rosto se foi, substituída por prazer. Sim. Por algum motivo, dentre nós quatro de Cinco Lagos, Michal decidiu me ajudar. E ele claramente acredita que eu tive um bom desempenho.

Dizendo para eu me sentar, Michal entra no compartimento do motorista. Zandri está ocupada falando com Tomas sobre alguma festa à qual os dois foram há algumas semanas quando eu me afundo num dos sofás e sinto o flutuador começando a se mover. Zandri toca o bracelete dela, um quadrado com uma flor estilizada no centro, enquanto ela se inclina à frente atraindo atenção para o decote frouxo de sua blusa. Não sei se as pessoas que nos observam estão incomodadas com o flerte de Zandri, mas eu estou. E, pior, estou certa de que sua safadeza não se reflete bem em termos acadêmicos. Considerando sua relutância em aceitar, para começo de conversa...

Espero uma brecha e pergunto a Zandri sobre o novo moinho que ela ajudou a desenhar. Ainda que sua paixão principal seja a pintura, Zandri tem um ótimo olho para simetria e equilíbrio que o arquiteto de nossa cidade ficou feliz em utilizar. Aposto que o desenho do bracelete dela tem algo a ver com essa habilidade. Zandri me lança um olhar curioso, provavelmente porque eu também estou envolvida no projeto, mas não perde a oportunidade de falar sobre si mesma. Tomas pergunta a ela sobre o projeto e puxa Malachi para falar sobre as coisas em que ele esteve trabalhando. Pela hora seguinte, Tomas e eu nos revezamos entrevistando nossos colegas candidatos, ajudando-os a ficarem bem na frente do comitê invisível do Teste. São meus concorrentes, mas são de casa. Vou fazer o que puder para nos manter todos em segurança.

A conversa rareia e eu me encontro lutando para manter os olhos abertos após um dia tão longo. — Por que não dorme um pouco? — Tomas desliza para o banco ao lado e me dá um sorriso caloroso. — Eu acordo você se algo empolgante acontecer.

Eu sigo seu conselho e me estendo no sofá perto da frente da cabine. Não estou certa se vou dormir bem sabendo que Tomas pode me ver babar, mas fecho meus olhos e tento. A última coisa que escuto antes de o mundo apagar é Tomas falando a Zandri e Malachi para falar baixinho.

Meu pai fala comigo em meus sonhos. O pai que eu conhecia antes de ser selecionada. Ele me mostra pacientemente como une genes de plantas. Segura minhas mãos enquanto eu tento imitar seus movimentos. Ele me diz que os maiores fracassos em geral vêm antes das maiores descobertas. Que não importa o que aconteça, eu nunca devo ser desencorajada. Que eu aprenda com meus erros e tudo ficará bem.

— Cia, acorde — a mão de meu pai me sacode. Não. Não é meu pai. É Tomas. Não estou mais em casa. Tomas sorri quando abro meus olhos. — Acorde. Michal diz que você não vai querer perder isso.

Michal está certo. Pela janela posso ver uma reluzente extensão impossivelmente clara de água. A luz fraca não pode diminuir a óbvia pureza. Os cinco grandes lagos dos quais nossa colônia recebeu o nome foram limpos, mas não assim. Não ainda. A visão tira meu fôlego.

Então eu vejo. O que os outros estão observando com olhos brilhantes e bocas abertas. Logo à frente — além da água. Prédios prateados. Luzes fortes o suficiente para ser vistas por quilômetros e quilômetros. Só podem significar uma coisa — Tosu City. Estamos aqui.

Na escola, aprendemos que, há noventa anos, Tosu City foi criada como o primeiro sinal tangível de que as pessoas haviam sobrevivido aos Sete Estágios da Guerra — os Quatro Estágios de destruição que os humanos lançaram uns sobre os outros, então os Três Estágios subsequentes — em que a terra lutou de volta. Este lugar foi escolhido porque seu antecessor foi considerado um alvo militar não importante pelos participantes da guerra. Ainda que não pudesse escapar da degradação da terra ou de terremotos, tornados e inundações, muito da cidade permaneceu quando a terra se aquietou e aqueles que restaram vivos começaram a reconstruir.

Conforme nos aproximamos, os prédios parecem mais altos. Que emocionante e assustador deve ser ver o mundo do topo. Alguns prédios não são tão altos, mas são formas baixas perfeitamente cilíndricas construídas de aço e vidro e não são menos impressionantes. Construção após construção. Não posso dizer quantas são novas ou quais sobreviveram à guerra. Os prédios começam a se confundir e há pessoas por todos os lados. Caminhando. Correndo. Rindo. Apressando-se. Flutuadores e bicicletas tomam as ruas. Carros da moda antiga e *scooters* planadores. A maior parte das ruas pelas quais passamos parece arrumada, limpa e nova. Exatamente o que eu esperava da cidade que serve de centro para nosso país e esperança para o futuro. Entretanto, conforme viajamos, vejo vislumbres de outras ruas mais sujas e danificadas. As pessoas que iam e vinham dessas áreas pareciam cansadas e desgastadas. Algumas pareciam

famintas. Outras como se não tomassem banho há semanas, e eu me pergunto o motivo. Pela escola eu sei que a maior concentração da nossa população está aqui — nesta cidade. Pelo menos uma centena de pessoas. Até hoje, nunca entendi totalmente o que o número significava. Agora que eu entendo, estou impressionada. Sinto a mão de Tomas deslizar para a minha e apertar forte. Seu rosto está pálido. Seus olhos esbugalhados. Acho que não estou sozinha na minha sensação de insignificância e confusão.

Michal nos diz que vamos imediatamente para as acomodações do Teste — não poderemos passear. Contudo, noto que ele nos leva além do enorme capitólio e o frio prédio de pedra do departamento de justiça, ambos locais que Malachi expressou interesse em ver, antes de virar o flutuador por um grande portão arqueado. Uma placa de ferro forjado no arco diz Universidade da Comunidade Unida. Meu coração acelera. Estamos na universidade. Aqui posso ver que os prédios são antigos. Tijolos vermelhos. Ornamentos brancos. Uma torre de relógio. Alguns prédios são feitos de vidros; outros de pedra. Todos comunicam idade e sabedoria. Vejo uma grande escultura de duas mãos apertando uma à outra — uma reza? Uma esperança? Zandri pode saber, mas não quero falar. Só quero absorver tudo.

Passamos por um grande estádio, e momentos depois o flutuador desacelera. Para na frente de um enorme prédio liso feito de aço negro e vidro negro. O solo ao redor dele é rico em verde cheio de flores, mas de maneira nenhuma suaviza o exterior imponente e rígido. Uma pequena placa de bronze na frente da entrada diz “Centro de Provas”.

A porta do flutuador se abre e nós quatro descemos. Olho para a estrutura alta e a pesada porta de aço e meu estômago aperta. Sinto uma grande mão quente tocar meu ombro. Tomas. Só de saber que ele está ao meu lado me ajuda a manter o pânico sob controle.

— Pegue— Michal me passa uma sacola marcada com um símbolo. — Certifique-se de que você não a perca de vista — a última frase é dita numa voz baixa, silenciosa. Seu olhar se prende ao meu. Não há sorriso nem diversão em seus olhos. Ele está sério. Preciso manter meus poucos bens, não importa o que aconteça.

Então o momento se vai. Michal se vira e diz com voz grave: — Quando entrarmos, vocês serão designados a seus alojamentos e seus colegas de quarto. A maior parte dos outros candidatos já está aqui, uma vez que seus flutuadores não tiveram problemas mecânicos. Alguns poucos chegarão hoje à noite — ele nos dá um grande sorriso e pergunta: — Estão prontos para entrar?

Só há uma resposta aceitável. — Sim — todos dizemos. Michal assente e aperta seis botões de um pequeno teclado ao lado da porta. Há um clique. A porta se abre e seguimos Michal para dentro. Tomas é o último a cruzar a soleira. No momento em que faz isso, a porta se



fecha atrás dele. O som de cadeados acompanha nosso primeiro vislumbre do Centro de Provas. O que, para ser completamente honesta, é meio que uma decepção. A área do saguão está levemente iluminada — paredes brancas com um chão cinza gasto. Duas cadeiras cinza de madeira são arranjadas num canto para sugerir um local de encontros para conversa, mas as cadeiras parecem nunca ter sido usadas. Não temos a chance de usá-las agora porque Michal nos leva por um longo corredor branco e cinza para um corredor de elevadores. Eu nunca estive num, mas já li sobre eles — estudei como eles funcionam.

A porta se abre no minuto em que Michal aperta o botão e todos nós entramos. Vupt. Numa questão de segundos as portas foram de um para cinco. O elevador toca e a porta desliza aberta, revelando um grande saguão iluminado eletricamente com chão de azulejo branco reluzente. As paredes são pintadas de branco, mas a parede dos fundos é toda de vidro, nos dando uma visão da grande sala cheia de mesas, cadeiras e pessoas. Pessoas da nossa idade. Meu estômago revira. Dúzias e dúzias de outros candidatos do Teste.

O som de pigarro chama minha atenção para uma mulher bem grandalhona com longos cabelos brancos encaracolados e óculos redondos de aro dourado, sentada atrás de uma grande mesa de madeira. Ela nos dá um sorriso e fica de pé.

A mulher começa a falar e eu relaxo. Sua voz é calorosa e amiga quando nos recebe em Tosu City e nos parabeniza por sermos escolhidos para o Teste. — A maioria dos outros candidatos chegou ontem ou hoje mais cedo. O jantar é servido no corredor atrás de mim. Vocês podem se lavar e deixar suas coisas nos seus quartos ou ir direto.

— Eu gostaria de ir direto — digo. Se eu for para meu quarto, eu posso nunca mais ter a coragem de sair. Zandri parece querer discutir sobre isso, mas Tomas concorda comigo e isso resolve a questão. Michal me dá um aceno sutil e nos encaminha pelo corredor, através de uma porta, e para o grande hall que vimos através do vidro. Acho que não estou imaginando quando escuto o salão ficar em silêncio. Todos os olhos se viram para nós. Absorvem nossos rostos. Avaliam-nos como competidores. Então a conversa e a comida prosseguem.

No lado esquerdo do hall há uma mesa de bufê empilhada de comida. Três funcionários ficam atrás da mesa prontos para explicar os pratos. Vários tipos de pão. Maçãs, laranjas e uvas. Um guisado vermelho feito de vários vegetais e beterraba. Cenoura e cebolas pequeninas num molho claro e uma carne gorda de algum tipo de peixe que nunca vi antes. Michal me diz que o peixe se chama salmão. Há uma mesa separada repleta de bolos e outros doces.

— Peguem um prato. Comam quanto quiserem — como se para

demonstrar, ele segue o próprio conselho.

Nós quatro pegamos nossos pratos e fazemos nossas escolhas. Eu pego um pãozinho com uvas passas e castanhas, um pedaço pequeno de salmão, uma maçã e algumas cenouras. É só o que consigo comer. Apesar de ver que os outros candidatos não seguem a mesma regra. Muitos outros têm o prato à frente empilhado com comida. Alguns estão experimentando algo, depois afastam, buscando algo melhor. Meu pai me ensinou a respeitar a comida que cultivamos e os vizinhos com os quais dividimos nossos recursos alimentares. A ideia de desperdiçar descaradamente o que levou anos para fazer, cultivar e se fortalecer me faz perder o apetite.

As mesas mais próximas de nós estão cheias de candidatos. Eles nos olham conforme passamos até uma mesa vazia nos fundos. Abaixo meu prato e me viro para ver um enorme menino imundo com olhos malvados esticando a perna em frente de Malachi. Malachi perde o equilíbrio com seu prato, que vem ao chão. Se não fosse pelos reflexos rápidos de Tomas, Malachi cairia de cara na comida.

Apesar da pele escura de Malachi, posso ver a vergonha queimando em suas bochechas. Ele murmura desculpas e começa a limpar a bagunça, mas Michal o detém. — Não foi sua culpa — seus olhos migram para o rapaz desgrehado que está ocupado enfiando bolo em sua boca sorridente.

— Por que não pega meu prato enquanto eu encontro algo para limpar isso?

Malachi pega o prato e desliza para uma cadeira com os olhos baixos. Sua vergonha em causar uma cena indigna é quase palpável, e eu vejo minhas mãos se fechando em punhos. Raiva, branca e quente, queima no meu sangue. Minha família é próxima e encoraja discussão para resolver diferenças, mas tenho quatro irmãos mais velhos. Quando empurrada, eu sei como lutar. Estou pronta para isso agora.

— Cia, sua comida está esfriando — a voz de Tomas atravessa minha raiva. Suas palavras suaves trazem um aviso. Estamos sendo observados. Cada movimento conta. Guardo minha raiva para depois.

Sinto minhas emoções desinflarem quando abro minhas mãos, sento com meus colegas e pego meu garfo. Tomas cutuca Malachi e cochicha no seu ouvido. O que quer que ele tenha dito tira Malachi de seu estupor. Ele pega seu garfo e começa a comer. Michal volta com outro prato e mantém um fluxo constante de conversa enquanto comemos. Nos silêncios, escuto pessoas de outras mesas falando sobre nós. Eles se perguntam de que colônia somos. Alguns especulam que somos de Cinco Lagos, mas isso gera muita risada. A Colônia Cinco Lagos é uma piada para eles. O nó de preocupação no meu estômago grunhe. Eu termino tudo, menos a maçã. O salmão deve ter um gosto bom, mas eu não estava prestando atenção aos sabores. Outro grupo

de seis candidatos chega e toma uma mesa nos fundos. Eles correm para comer enquanto o resto de nossos pratos é levado por mulheres em macacões brancos. Então uma voz começa a falar.

— Bem-vindos a Tosu City e parabéns por terem sido escolhidos para o Teste.

Leva um minuto para eu encontrar quem está falando com o som sendo transmitido por alto-falantes posicionados em cada canto da sala. Através da janela de vidro, posso ver a mulher que nos recebeu segurando um microfone.

— Cento e oito de vocês foram reunidos para ser testados. No máximo, vinte vão passar para frequentar a universidade. Desejo sorte a todos para que sejam aqueles que passarão.

Chance de menos um para cinco. Vozes murmuram ao nosso redor. Alguns são confiantes e petulantes. Outros surpresos com o número, mas se esforçando para não soar preocupados. A voz no auto-falante continua: — Já que todos chegaram, amanhã de manhã marcará o começo do processo do Teste. Em dez minutos vocês irão seguirão para seus aposentos designados. Se não receberam um quarto, por favor, perguntem a seu monitor da viagem e ele vai arrumar um para vocês. Aconselho que descansem o máximo que puderem para ajudar nos próximos dias e semanas. Boa noite e boa sorte.

Michal passa um pedaço de papel com o meu quarto e segura por mais segundos do que o necessário. Em seus olhos, no aperto de sua mão, sei que ele está me desejando sorte. Então, ele se vai.

Saímos da sala de jantar e nos dividimos. Meninas para a direita. Meninos para a esquerda. Zandri e eu vemos Malachi e Tomas desaparecerem no corredor. Então buscamos juntas nossos quartos. Estou no quarto 34. Zandri, no 28. Prestes a entrar, eu dou a ela um abraço. Sabe-se lá o que o amanhã reserva. Quero que ela fique bem. Surpreendentemente, ela aperta os braços ao meu redor, e ficamos assim por um momento. Unidas por anos de experiências compartilhadas e o medo do que está por vir. Quando nos afastamos uma da outra, ela sorri. — Detone amanhã, ouviu? — eu assinto. — Você também — ela desaparece em seu quarto e eu entro em busca do número 34. Encontro algumas portas abaixo. Alguém está se mexendo lá dentro. Respirando fundo, viro a maçaneta da pesada porta de madeira e empurro.

— Oi — o quarto é grande, preenchido com duas camas, duas mesas e algumas cadeiras. Leva um minuto para avistar a fonte da voz delicada. Quando avisto, fico surpresa em ver que o som pertence a uma bela menina alta com ombros largos e longos cabelos loiros. Ela me dá um sorriso tímido. — Sou Ryme, da Colônia Dixon. Acho que estamos no mesmo quarto.

Aceno e dou vários passos para dentro do quarto. A porta se fecha

atrás de mim. — Sou Cia, de Cinco Lagos.

Seus lábios se abrem num sorriso deliciado. — Impressionante. Todo mundo no jantar estava falando sobre Cinco Lagos e dizendo como ninguém de lá é avaliado há anos. Eles pensavam que significava que a colônia morreu ou fracassou ou algo assim.

— Cinco Lagos ainda está lá. Só somos pequenos comparados a outras colônias.

— Dixon é pequena também — ela se senta na cama contra a parede e cruza as pernas. — Só temos cerca de quinze mil pessoas. Então foi bem empolgante quando oito de nós foram escolhidos neste ano.

O sorriso dela é caloroso e eu me vejo sorrindo de volta. Sentando na outra cama, eu digo: — Quinze mil é grande para mim. Cinco Lagos tem pouco menos de mil.

— Quantos de vocês têm aqui?

— Quatro. Um quarto da nossa classe.

Ela pergunta sobre Cinco Lagos. Onde estamos localizados. Que tipo de alimentos cultivamos. Que tipo de animais há na área. Pelo que ela diz sobre a própria colônia, soa como se Dixon fosse cerca de quinhentos quilômetros ao Sul e Oeste de Cinco Lagos. Ao mesmo tempo em que a colônia é maior, seus recursos não são tão desenvolvidos. Talvez, com tanta gente, seja difícil distribuir os recursos que eles têm, ou talvez seja porque grande parte da população adulta trabalhe para criar baterias e suprimentos elétricos em vez de desenvolver o solo. Como a família de Ryme cuida de uma fazenda, eles não passam fome, mas muitos na cidade vizinha passam. Ryme diz que o dinheiro de compensação que seus pais vão receber será usado para mais equipamento de cultivo e armazenamento de comida. Ambos vão acrescentar aos recursos de comida de sua família e daqueles ao redor deles.

Ryme soa orgulhosa em ajudar a fornecer essas coisas à sua comunidade. Mesmo que tenha planejado manter minha distância dos candidatos fora da minha colônia, eu me vejo gostando dela.

Falamos sem parar pela hora seguinte. Ryme me mostra o desenho de seu bracelete. Um triângulo com um A decorativo no meio. Não é do meu grupo. Ela se oferece a me ajudar a desfazer as malas, mas eu digo a ela que vou manter tudo na sacola. Quem sabe quando o Teste pode terminar para qualquer um de nós? Ela sorri e concorda, apesar de eu poder ver dois vestidos ondulados pendurados no armário em frente da cama dela. Minha mãe aprovaria a impressão que as roupas de Ryme provocariam. Nós duas usamos o pequeno banheiro ligado ao nosso quarto, vestimos nossos pijamas e subimos nas nossas camas. Ryme pergunta se podemos manter as luzes ligadas por um tempo. Ela está sentada de pernas cruzadas, folheando um álbum de fotos que

trouxe de casa. As lágrimas em seus olhos apertam meu coração, lembrando-me de que eu também deixei uma família para trás. Que se esse fosse outro dia, minha mãe estaria sentada na frente da lareira, perguntando sobre meu dia. Meu pai trocaria ideias com meus irmãos enquanto jogaríamos cartas ao redor da mesa da cozinha. Engolindo a onda de saudade de casa, digo a Ryme para deixar as luzes acesas quanto ela quiser, antes de me enrolar embaixo das cobertas. Ela me agradece. Estou prestes a fechar os olhos quando ela acrescenta. — Se ficar com fome, trouxe uns bolinhos de milho de casa. Eu mesma os fiz. Sirva-se.

Durmo com minha sacola enfiada embaixo de mim.

\* \* \*

Meus sonhos são perturbados, apesar de não poder me lembrar deles quando acordo com uma voz no alto-falante nos dizendo que temos uma hora para nos vestir e comer antes que a primeira fase do Teste comece. Visto minha calça marrom-escura, uma túnica creme e minhas botas. Depois, dobro minhas roupas da noite e a calça e *top* que usei ontem e coloco-os na minha sacola. Ryme ergue uma sobancelha por eu refazer a mala, mas não diz nada. Está usando um vestido esvoaçante amarelo e sandálias brancas brilhantes. Até acrescentou toques de batom e maquiagem nos olhos.

Do outro lado do quarto, posso ouvir o estômago dela grunhindo, mas noto que ela não tocou nos bolos de milho. Talvez eu esteja paranoica, mas faço uma contagem rápida. Há nove deles. Se ainda houver nove de noite, vou ter certeza de que não posso confiar em Ryme com meus bens ou segredos.

Viro o bracelete no meu pulso. Então verifico minha sacola uma última vez e a penduro no meu ombro. Ryme caminha comigo até o refeitório, ignorando convites dos outros para se juntar a eles. Não estou certa por que razão ela quer ficar comigo, mas acho que ela está curiosa sobre o resto dos candidatos da Colônia Cinco Lagos. Pela forma que ela falava na noite passada, parece que as outras colônias se comunicam umas com as outras. Cinco Lagos é mesmo a desconhecida.

Encho um prato de morangos, laranja, melão, um bolinho com um cheiro picante e doce e duas fatias de *bacon* crocante. Ryme brinca comigo sobre meu nervoso acabar com meu apetite enquanto ela empilha um prato com panquecas, *waffles*, ovos, salsicha e batata frita. Nós duas pegamos um copo de leite e eu olho ao redor dos meus compatriotas de Cinco Lagos. Estão na mesma mesa que ocupamos ontem, junto de alguns rostos não familiares. Não sou a única que pegou um passageiro.

Malachi e Zandri nos apresentam seus colegas de quarto: Boyd e Nicolette. Ambos têm cabelos escuros, olhos castanhos e pele bronzeada. Não fico surpresa em saber que são da mesma colônia do Leste e Sul, Pine Bluff. Boyd está no grupo de Zandri. Posso ver muito bem o bracelete de Nicolette. Seu vestido tem longas mangas finas que flutuam sobre ele. Algo com um coração, penso eu. Eu me sento ao lado de Tomas, que é o único outro candidato de Cinco Lagos com a sacola. Apesar de eu notar que pelo menos um terço dos candidatos, incluindo os dois a mais na nossa mesa, estão com as suas.

Deixando a conversa ao meu redor, dou pequenas mordidas nas frutas doces e tento não pensar no que está por vir. Se o que eu aprendi até agora não for suficiente, não há nada que eu possa fazer para mudar isso. Quando termino meu café da manhã, fico sabendo que Nicolette e Boyd são primos. Suas famílias operam uma fazenda de arroz e estão lutando com o sistema de água. Arroz é algo que nunca comi e sobre o qual não sei nada. Tomas também não está familiarizado, mas ouvi-os falar sobre os problemas de irrigação é o suficiente para começar uma discussão animada. Tenho algumas ideias para acrescentar que Boyd acha que podem ser úteis.

Temos uma conversa tão interessante que eu esqueço minha ansiedade, até que uma voz anuncia: — Candidatos do Teste, por favor, reportem-se aos elevadores, onde os oficiais os direcionarão à primeira rodada de avaliações. Muita sorte.

Meu coração mergulha em meu estômago, sacudindo meu café da manhã. Sinto a mão pegar a minha e a apertar rapidamente. Eu me viro e olho nos olhos de Tomas. Ele está nervoso? Não sei dizer, mas fico feliz pelo calor e pela firmeza de sua mão quando me levanto. Quase todas as meninas usam seus vestidos mais lindos e seus sapatinhos mais engraxados e sem riscos. Eu me sentiria deslocada no meu guarda-roupa, se Tomas não estivesse ao meu lado. Suas botas pretas estão gastas. Sua camisa de algodão e sua calça marrom estão desbotadas. Independentemente de quais provas eles lancem para nós, quase posso garantir que Tomas e eu seremos os únicos que as farão com conforto.

Oficiais do Teste em macacões roxo-escuro e vermelho profundo nos conduzem para dois elevadores e nos dirigem ao terceiro andar. Tomas aperta minha mão com força quando ficamos nos fundos do pequeno quarto prateado e descemos dois andares. Alguns dos outros candidatos dão ao fato de eu estar de mãos dadas com Tomas um olhar de compreensão, e eu começo a me afastar. Entretanto, Tomas não me deixa. Não sei por que ele escolheu dar a mim sua atenção e seu apoio, mas uma pequena parte aterrorizada de mim está feliz por isso. Parceiros, ele nos chamou. Uma palavra que nem começa a descrever a quantidade de bolhas de ansiedade no meu estômago, que

não têm nada a ver com as provas e tudo com a forma como a minha mão sente a dele.

A porta do elevador se abre e somos recebidos por mais oficiais. Ocorre a mim que estão vestidos em cores formais que anunciam seus status. Estão deixando claro que são adultos, que estão encarregados.

Somos dirigidos a um grande salão cheio de assentos e um palco. As luzes no palco são fortes, iluminando um homem barbudo e grisalho que usa um macacão roxo. Ele segura um microfone e está claramente esperando que todos nós nos sentemos. De mãos dadas, Tomas e eu deslizamos nos assentos no fundo. Procuramos por Zandri e Malachi, mas não os vemos. Os últimos alunos se sentam. Os oficiais do Teste do corredor vêm à sala e assumem posições de pé em fileiras. Finalmente, o homem na frente começa a falar.

— Bem-vindos a Tosu City. Meu nome é Jedidiah Barnes. Falo por mim mesmo e por todos os meus colegas quando digo que estamos honrados em tê-los aqui — seu sorriso e sua voz são calorosos — Estão aqui porque vocês são os melhores e mais brilhantes. Em seus ombros está a esperança de todos na Comunidade Unida. Aqui entre vocês está o futuro dos líderes de nosso país. Todos os líderes precisam ser avaliados, e esse é o teste que vocês começarão hoje.

As pessoas se remexeram em seus assentos. Nervoso? Empolgação? — Admito que sinto uma combinação de ambos. O homem sorri novamente. — O processo do Teste consiste de quatro partes. Nos próximos dois dias vocês vão se sentar para os exames escritos. Eles avaliarão seu conhecimento de História, Ciências, Matemática e Leitura assim como darão uma ideia de sua lógica e de habilidades para resolver problemas. Depois de esses testes serem corrigidos, vamos fazer nossos primeiros cortes.

A tensão na sala se eleva um pouco. Aperto com mais força a mão de Tomas, o que deve ser desconfortável para ele, mas ele não reclama.

— A parte dois é uma série de exames de aptidão que permitirão que vocês demonstrem suas habilidades para transferir conhecimento intelectual para uso prático. Aqueles que passarem, serão convidados para a parte três — um exame que vai testar sua habilidade para trabalhar em equipe e fazer uso das forças e das fraquezas de seus colegas. Finalmente, a parte quatro avaliará sua tomada de decisão e suas habilidades de liderança. Aqueles que tirarem notas altas nas quatro partes do Teste, então, terão uma avaliação um a um com o comitê de seleção. Essa última avaliação pessoal e psicológica vai nos ajudar a determinar quem será encaminhado para a universidade, aonde vocês vão se unir a outras mentes notáveis para ajudar a restaurar a terra e o nosso país à sua antiga glória. Este é um objetivo ambicioso, mas pelo que ouvi sobre este grupo de candidatos, estou

certo de que vocês podem conquistar isso.

Vejo alunos nas fileiras à nossa frente olhando ao redor. Para Malachi e Zandri. Para mim e Tomas. Minha colega de quarto disse que todos estavam interessados em nós porque foi especulado que a Colônia Cinco Lagos há muito estava morta. Ela teria mencionado se outras colônias estivessem ausentes da Prova. Ao nos destacar, o doutor Barnes provavelmente pintou alvos nas nossas costas. Seria intencional? A qualidade educada de seu discurso diz que foi. Ele quer encorajar os outros alunos a nos derrubar ou está nivelando o campo para que os outros não nos subestimem como colegas de equipe mais tarde?

O doutor Barnes passa o microfone para uma mulher esguia, cujo macacão vermelho contrasta com seu cabelo laranja vivo. Ela se apresenta como Professora Verna Holt e diz: — Vocês serão levados para suas salas de Provas. Todos os candidatos foram colocados em grupos baseados em seus êxitos acadêmicos prévios. O grupo ao qual você pertence é representado pelo símbolo maior no seu bracelete de identificação. Quando virem o símbolo de seu grupo na tela atrás de mim, por favor, juntem-se aos membros de seu grupo em frente ao elevador. Um oficial do Teste vai encontrá-los e encaminhá-los para a sala de Provas. Desejo toda a sorte em suas tarefas e estou ansiosa por trabalhar com vocês nos dias e nas semanas à frente.

Ouço zumbido de um motor e uma grande tela branca se desenrola sobre o palco. O símbolo de um coração negro pisca. Pode-se ouvir pessoas inspirando ar quando o símbolo é registrado. A hora delas chegou. Vejo Nicolette seguir pela fileira e desaparecer porta afora com uns vinte membros de seu grupo. Vários minutos se passam. Algumas pessoas cochicham. Seguro a respiração, esperando que o próximo grupo seja chamado.

Um triângulo. Malachi e Ryme.

Vejo o pequeno corpo esguio de Malachi se levantar de seu assento à nossa esquerda. Sua boca está fechada em concentração ou medo quando ele segue pelas fileiras. Dou um sinal de positivo a ele, mas seus olhos estão fixos nas costas da menina à sua frente e ele não nota. Há alguns cochichos. Mais gente se remexendo enquanto esperamos. Meu coração fica no ritmo dos segundos que passam. A tela pisca. Outro símbolo.

O meu.

Tomas respira fundo, e eu me lembro. Nosso. Apesar de estar certa de que ele vai se distanciar de todos nós nos testes, estou feliz por ele vir comigo. Ele é um marco de nossa casa. Vou fazer melhor sabendo que ele está perto.

Nós nos levantamos e nos juntamos aos outros no grupo. Não posso deixar de notar que nosso grupo é bem menor do que os outros.



Quando estamos no corredor, eu conto dez. Metade do tamanho. Isso é bom ou ruim? Os dois oficiais do Teste em seus macacões vermelho e roxo não me dão tempo para me preocupar mais. A loira pede que a sigamos. Ela avança pelo corredor até a esquerda e nós a seguimos. Um homem de cabelos escuros vem atrás.

A mulher na porta nos instrui a entrar e nos sentar às mesas. A porta é estreita. Tomas entra primeiro. Eu o sigo. Dois passos dentro e eu paro de andar. Meus pés estão plantados no chão quando o fel sobe até minha garganta.

Conheço esta sala.

Paredes brancas.

Chão branco

Mesas pretas.

Esta é a sala do Teste do pesadelo do meu pai.

RESPIR FUNDO. FORÇO minhas pernas a se moverem. O tempo todo eu me pergunto se essa sala do subconsciente do meu pai é real, o que mais? Se minhas respostas hoje não forem bem...

Não. Eu puxo meu pensamento de volta ao aqui e agora. Preocupar-me com o que vem em seguida não vai me ajudar a me dar bem no Teste. Respirar, focar, relaxar — essas são as coisas que permitirão que minha mente funcione melhor. Começo com o primeiro. Profundo e devagar. Entrando e saindo.

Toco o lápis amarelo na mesa e vejo com o canto do olho Tomas me observando, preocupado. Balanço minha cabeça, tento sorrir e dizer a ele para não se preocupar. Estou bem. Vou ficar bem.

Enquanto espero o teste começar, eu vejo os outros membros do meu grupo. Há apenas outra menina na sala. Ela tem longos cabelos pretos e o tecido de seu vestido branco é perfeito em contraste com sua pele escura. Suas costas estão rígidas. Seus olhos para a frente. Os garotos não estão menos focados. Dois loiros. Um ruivo. Quatro com tons variados de castanho. E Tomas. Vários são de constituição esguia, mas o ruivo em particular tem músculos que mostram uma vida cheia de atividades. Enquanto me pergunto brevemente de qual colônia ele é, um homem careca de roxo caminha para a sala carregando um grande maço de papéis. As provas.

Papel é valioso na nossa comunidade, já que tantas árvores foram destruídas nos Sete Estágios. Todo uso de papel é cuidadosamente monitorado na escola. Quando o papel é usado e não é mais necessário, é mandado para a Colônia Omaha para ser reciclado.

Silenciosamente, o oficial do Teste circula pela sala, parando em cada mesa, sem nunca cruzar olhares com os candidatos. O grande livro aterrissa na superfície preta à minha frente. A capa diz *História*. No canto direito há o desenho do meu bracelete — a estrela de oito pontas com um raio. Meus dedos coçam para abrir a capa e ver o que há dentro, mas nenhum dos candidatos abre o seu. Com o coração acelerado, eu espero.

O oficial do Teste chega à frente da sala. Ele não se apresenta, mas diz: — Completem as páginas na sua frente o melhor que puderem. Se precisarem beber água, levantem a mão e ela será trazida a vocês. Se precisarem fazer necessidades, levantem a mão e um oficial irá acompanhá-los ao banheiro e de volta. Vocês têm quatro horas, começando agora.

Ele aperta um botão na parede da frente, o que faz uma pequena tela descer do teto. Um *timer*. E os números estão correndo para trás.

Nosso tempo começou.

Dedos tremendo. Abro o livreto na primeira página.

Questão: Explique a Primeira Fase da Guerra das Nações.

Resposta: O assassinato do Primeiro Ministro Chae, que fragmentou a Aliança Oriental e provocou um embate entre as nações e uma guerra civil. Durante a guerra civil, bombas foram jogadas nos estados coreanos, destruindo a maior parte da população e causando o colapso de dois reatores nucleares.

Questão: Dê os nomes das primeiras duas cidades norte-americanas destruídas pela Coalizão do Oriente Médio.

Resposta: Washington D.C. e Boston

Pergunta: Que grupo foi o primeiro a declarar guerra à Aliança da América do Norte?

Resposta: A Coalizão da América do Sul.

Pergunta após pergunta, vou escrevendo as respostas. Espero estar certa. Espero que os detalhes que eu passe sejam os que o comitê do Teste procura. Perguntas sobre a bomba jogada, cidades destruídas, pessoas mortas. Mais perguntas sobre os terremotos, inundações, tempestades de vento cheias de ar radioativo. Acontecimentos que cortaram a população do mundo a uma fração do que era. Ainda me impressiona que qualquer um que tenha sobrevivido aos horrores que descrevo tenha a força e a convicção para mudar o jogo. Respondo às perguntas sobre o homem de Cinco Lagos que criou o processo de purificar os lagos. Mais sobre a mulher que criou geneticamente grama forte o suficiente para se enraizar de novo na terra. Perguntas sobre pessoas e um mundo que luta para encontrar o caminho de volta à margem da destruição. Olho para o relógio. Três horas se passaram. Viro meu pescoço, tentando me livrar das dores. Flexionando meus dedos que andaram apertando o lápis com tanta força, penso em pedir um copo d'água e decido que é melhor não. Por mais que a água soe bem, eu não quero arriscar perder minutos preciosos visitando o banheiro. Não enquanto ainda há questões a serem respondidas.

Nomes, datas. Comidas criadas. Tecnologia perdida. Fracassos e mortes. Todos os acontecimentos que contribuíram para que eu me sentasse nesta cadeira. Fazendo este teste. Meus olhos estão cansados e turvos, mas eu me forço a focar. Responder o máximo de questões

possível. Viro a última página quando um alarme alto soa.

— O tempo acabou. Por favor, fechem seus livros e abaixem seus lápis. Os oficiais na porta vão acompanhá-los ao andar de cima para o almoço.

Meus músculos estão tensos. Fico de pé e dobro meus joelhos algumas vezes antes de me aventurar a ir para a saída. Quando chegamos ao refeitório, meus músculos estão mais maleáveis, mas a ideia de me sentar novamente tem atração zero. Como sei que preciso de combustível, encho meu prato de rosbife, verduras frescas e fatias de tomate grelhado e me sento no que agora penso ser a nossa mesa.

Se eu achava que a tensão estava ruim na sala do Teste, de maneira nenhuma estou preparada para o nível de ansiedade que permeia o almoço. O tempo todo há conversas sobre as perguntas e as respostas. Foi o Presidente Dalton que ordenou que a primeira bomba fosse jogada em Londres? Foi o primeiro terremoto do Estágio Cinco que jogou a Califórnia para baixo d'água ou foi o segundo? Lágrimas quando uma candidata percebe que as respostas que ela deu estavam incorretas. Euforia diante da menor vitória. Tento ignorar as emoções circulando pela sala e faço meu melhor para direcionar a conversa da minha mesa para outra coisa que não as questões sobre as quais fomos perguntados. Zandri está alegre em mudar de assunto. Com um pouco de estímulo ela fala sobre nosso breve vislumbre de Tosu City e as obras de arte que a inspiram criar. Logo, todos no grupo estão falando sobre as coisas interessantes que viram longe de casa. Todos menos Tomas. Ele sorri e finge ouvir, mas posso ver por seus olhos que seu foco está em outro lugar. Ele teve branco por causa da pressão e fracassou no primeiro teste? Tento captar seu olhar e perguntar em silêncio o que não posso perguntar em voz alta, mas seu olhar está firmemente fixo no bolo de limão na frente dele.

Todos temos permissão de voltar aos nossos quartos para usar os banheiros. Eu conto os bolos de milho novamente. Ainda nove. Então é hora do próximo teste escrito. Há lápis recém-apontados em todas as mesas. Os testes são passados. Desta vez o título do livreto diz *Matemática*. Palavra por palavra os oficiais do Teste nos dão o discurso pré-teste sobre água, banheiro e o tempo que temos para fazer o teste. O relógio novamente desce e todos abrem seus livros. O som de lápis riscando o papel e um apagar frenético acompanha meu trabalho.

Se termino uma questão muito depressa, verifico e reverifico meu trabalho, caso a questão não seja tão simples quanto parece. Se um problema leva mais tempo, sinto cada segundo passando — roubando tempo de outros problemas que ainda estão por vir. Recuso-me a olhar ao redor da sala por medo de que alguém esteja sentado silenciosamente em sua mesa com as mãos apoiadas na frente dela — terminado. Ainda tenho três páginas para preencher quando o sinal

toca. Meu coração afunda no peito. Com tantas perguntas não respondidas, estou certa de que fracassei.

Os oficiais do Teste nos dirigem a nossos acompanhantes. Pego minha sacola e resisto à vontade de pedir mais tempo. Em casa, a senhora Jorghen provavelmente me teria dado. Ela adorava quando eu mostrava dedicação e determinação. Aqui, eles só querem resultados.

Temos trinta minutos para dar uma refrescada em nossos alojamentos antes de nos apresentar para o jantar. Eu preferia rastejar para a cama e puxar as cobertas para minha cabeça a ter de comer e encarar os outros. É ruim o suficiente ter de encarar Ryme, que parece tão serena quanto de manhã. Uma olhada no espelho me diz o que já sei. Estou um caco.

— Como foi? — Ryme pergunta com um sorriso doce. — Achei que a parte de História foi meio simplista, não achou?

Penso na última página em branco e dou de ombros. — Acho que cobriu os pontos principais.

— E a parte de Matemática foi longa, mas sério... se alguém não conhece diferenciação, não deveria estar aqui.

A parte de cálculo estava no meio do teste. Pelo menos ela está falando sobre uma parte que eu completei.

Ryme pega o prato de bolinhos de milho e oferece para mim. Eu apenas sacudo a cabeça quando ela abaixa o prato e continua a falar. — Eu achava que as provas seriam mais desafiadoras. De que jeito eles vão peneirar quem claramente não pertence a este lugar?

O sorriso de pena que ela me dá faz meu estômago revirar. Não há dúvida de quem ela acha que deveriam ser os primeiros a sair.

Estou aliviada quando há a chamada para o jantar. Mal presto atenção no que estou pondo no meu prato antes de pegar meu assento ao lado de Tomas. Nossos colegas de colônia ainda não vieram. Tomas me dá um meio sorriso. Ele parece cansado. O mesmo cansaço que vi no espelho há alguns minutos.

— Como foi? — ele pergunta.

Talheres batem na porcelana. Pessoas estão rindo e conversando cada vez mais alto para serem ouvidas sobre o barulho. Todos estão se vangloriando sobre suas proezas intelectuais ou carregados de sofrimento. Ninguém está nos ouvindo. Eu decido ser honesta. — Eu não respondi a todas as perguntas. Fiquei sem tempo.

O sorriso dele se abre mais quando ele passa uma mão no cabelo. — Achei que eu fosse o único. Não sei como eles esperam que alguém responda a tantas perguntas em quatro horas. Achei que meu cérebro fosse derreter no final do teste de Matemática.

Eu rio e sinto parte da tensão sair do meu corpo. Se alguém tão esperto quanto Tomas não completou as provas, duvido que muitos tenham conseguido. Tomas é esperto assim. Malachi, Zandri e seus

colegas de quarto chegam. Preocupação e cansaço colorem seus olhos e eu me pergunto se eles também deixaram páginas em branco. Penso em como Tomas ficou aliviado de saber que alguém mais não terminou as provas e avalio a reação daqueles que estão escutando atrás das câmeras que com certeza estão à espreita. Após um minuto, eu chego a uma decisão.

— Bem, não sei quanto a vocês, mas eu não terminei nenhuma das duas provas.

Todos olham para mim com olhos esbugalhados, garfos na metade de suas bocas. Após vários instantes, Nicolette admite: — Nem eu.

— Nem eu — esse vem de Malachi. Ele olha para seu colega de quarto, Boyd. — E você?

Boyd fecha a cara para seu purê de batata. — Não. Deixei cinco páginas de Matemática sem responder.

— Eu ainda tinha cinco e meia — comenta Zandri.

Dois candidatos magrelos de pele clara, sentados na mesa atrás de Zandri, se viraram para nos encarar. Olhos verdes idênticos estudavam nossos rostos. Apenas o comprimento de seus cabelos os distinguia um do outro. Um com cabelos compridos, o outro, curtos. O de cabelos presos na nuca perguntou. — Vocês disseram que não terminaram o teste?

Vejo os outros na mesa endurecerem e eu suspiro. E eu achando que o ruído cobria nossa conversa. Levantando o queixo, eu respondo: — Havia perguntas demais para eu responder a todas. Cheguei perto em História. Mas provavelmente levei tempo demais verificando meu trabalho em Matemática.

Os gêmeos de olhos verdes olham um para o outro. Sem uma palavra, eles se levantam, pegam seus pratos e se movem para os assentos vazios da nossa mesa. O de cabelos longos diz: — Não tem ideia de como é bom ouvir alguém finalmente admitir que não terminou o maldito teste.

Ele estende a mão. — Sou Will. Meu irmão Gill e eu somos da Colônia Madison.

Madison. A poucas horas de Cinco Lagos. Meu pai viajou para lá algumas vezes nos últimos dois ou três anos. Algo na terra andava matando as colheitas. Pela forma como os gêmeos encheram os pratos e o tom pouco saudável de suas peles, acho que eles ainda não têm comida suficiente por lá. Estou feliz que eles tenham comida aqui porque não posso evitar gostar deles enquanto eles brincam que deveriam poder fazer as provas juntos. Todo mundo diz que eles dividem um cérebro. Gill vai bem em Matemática e Ciências. Will é mais forte em História, Inglês e Linguagens.

Quando terminamos de comparar pensamentos sobre os testes do dia, Will e Gill mandam brasa em três pratos de comida enquanto

descrevem a colônia de Madison e sua família.

Eles vivem na cidade que recebeu o nome da colônia. O pai trabalha no moinho de papel enquanto a mãe trabalha numa fazenda de laticínios. A vida é claramente difícil para alguns na cidade de Madison, mas os gêmeos são otimistas e animados. Eles nos divertem com histórias hilárias sobre suas tentativas de tirar leite de uma vaca e a própria dificuldade da família deles em dizer quem é quem até que Gill ficou com pena e cortou os cabelos. O resto de nós compartilha das próprias histórias de casa, e posso ver mais de um rosto com inveja virar em direção à nossa mesa enquanto rimos.

As risadas são boas. Aliviam nosso ânimo, diminuem a tensão no nosso corpo e reavivam nosso humor. Quando o jantar termina, a maior parte dos candidatos desaparece em seus respectivos quartos, mas nós perguntamos se podemos permanecer no refeitório mais um tempinho. Nenhum de nós quer deixar o conforto dos amigos.

Cantamos músicas. Tomas e eu fazemos um dueto que aprendemos na escola. A letra fala de esperança na primavera e do mundo renascendo. Nossas duas vozes se combinam e ecoam no salão. Os oficiais que limpavam depois da refeição param e nos escutam. Quando voltamos para nossos quartos, nós todos caminhamos mais leves. A leveza fica comigo mesmo com Ryme expressando alívio de que o teste de amanhã vai mandar gente embora. E quando eu durmo com minha sacola presa ao peito, tenho uma noite sem sonhos. Nós todos nos reunimos novamente no café da manhã e parecemos descansados, mas tensos. Não há quantidade de conversa suficiente para tirar a tensão quando nos preparamos mentalmente para o próximo teste: *Ciências*. Tabelas periódicas. Equilibrar fórmulas químicas. Equações de Física. Essas questões são as primeiras e fáceis comparadas com aquelas que pedem explicações científicas para os insetos mutantes e os animais que agora habitam o mundo. Contudo, a seção sobre plantas geneticamente alteradas é fácil, considerando minha experiência prática. Ainda que eu não tenha jeito com plantas, entendo o conceito por trás de criar híbridos e os fatores que influenciam seu sucesso.

O tempo acaba depressa demais. Duas páginas não são respondidas. Hora do almoço, então parte quatro: *Leitura e Habilidades de Línguas*. Meus olhos estão doendo e meu corpo anestesiado pela fadiga. Quando termino, eu percebo que o relógio ainda está rodando. Faltam dez minutos do período do teste. O pânico se apodera de mim. Respondi rápido demais? Minha pressa me fez dar respostas incorretas ou incompletas? Meus dedos se coçam para abrir a página para que eu possa corrigir os erros que cometi. Ainda assim, escuto a voz dos meus pais dentro da minha cabeça. Aquela que eles usavam quando se sentavam ao meu lado na mesa da cozinha, me questionando para um

teste. Aproveite o tempo. Nunca se questione novamente. Quase sempre meu primeiro instinto será o correto.

Abaixo o lápis. Dobro as mãos à minha frente. Pelo canto do olho, vejo Tomas fazendo o mesmo. Ele terminou. Dando uma olhadinha, ele me lança um de seus sorrisos de uma covinha só.

Restam cinco minutos. Quatro. Três. Dois. Lápis escrevem. Olhos veem o relógio e voltam ao papel à sua frente, os candidatos desesperados por terminar uma última pergunta. O sinal toca. A rodada um do Teste está completa.

Somos acompanhados aos elevadores. Alguns jovens batem as mãos em cumprimento e comemoram. Eu me sinto apenas cansada e aliviada. Fiz o melhor que pude. O que quer que aconteça agora está fora do meu alcance. Tomas aperta rapidamente minha mão quando o elevador se abre. Então ele desaparece no corredor com os outros caras. Eu vou na direção oposta e fico decepcionada em ver que Ryme chegou novamente ao quarto antes de mim. Ela estava sentada na mesa, debruçada sobre um objeto prateado que deve ter trazido de casa. Ainda há nove bolos de milho no prato. Seu sorriso é animado, e um pouco louco quando ela me vê entrando.

— Como foi?

Tiro a sacola do ombro e decido dar a resposta certa. — Eu não terminei a parte de Ciências.

Os olhos de Ryme se estreitam. Ela morde o lábio inferior e me estuda por vários instantes, talvez tentando determinar se estou dizendo a verdade. Ela provavelmente decidiu que estou tentando entrar na mente dela, já que é algo que ela faria. Encare, qualquer uma que traz um pacote de bolo de milho e não come nenhum não está longe de ferrar com a cabeça de alguém.

Finalmente ela dá um sorrisinho presunçoso. — Acho que as escolas da Colônia Cinco Lagos não são tão boas quanto as de Dixon. Que pena. Uma de nós não vai ficar aqui por muito mais tempo.

Uma onda de calor corre por mim. Minhas unhas afundam nas minhas palmas quando luto para controlar minha raiva. Não posso evitar dizer: — Nossos professores foram bons o bastante. Tomas e eu terminamos a parte de Leitura com folga. E você? — posso ver pela surpresa no rosto de Ryme que ela não conseguiu, e eu dou um sorriso malvado. — Acho que você está certa sobre uma de nós ir para casa. Que pena. Não se esqueça de levar os bolinhos de milho quando for embora — meu tom é esnobe — do tipo que uso quando meus irmãos estão me provocando e decido dar um golpe baixo. Um calor diferente me preenche. Vergonha. Espero Ryme me dar outro golpe verbal. Eu mereço. Entretanto, ela não dá. Ela apenas olha para as mãos.

— Me desculpe — digo.

Os olhos dela encontram os meus. Seus lábios se abrem num



sorriso largo.

— Pelo quê? — ela pergunta docemente. — Você só estava tentando se sentir melhor depois de admitir que não foi bem hoje. Muitos alunos inferiores da minha escola costumam fazer a mesma coisa, então eu entendo completamente.

Ui. Essa menina está pedindo para levar um tapa. Eu me seguro para não fazer mais nada de que sinta culpa. Caio na cama, fecho os olhos e dou as costas para Ryme até o jantar ser anunciado. Antes de o anúncio terminar, eu já saí pela porta.

O jantar é um acontecimento exuberante. Todo mundo está cansado, mas o estresse de desempenhar sob pressão foi tirado de todos. A comida também contribui com a atmosfera feliz. Pizza. Quente e puxa-puxa, melhor do que qualquer coisa que eu tenha comido antes. Eu como seis fatias até minha barriga ficar prestes a explodir. Zandri brinca com os gêmeos e ainda estamos rindo quando o alto-falante estala e ganha vida.

— Malencia Vale. Por favor, reporte-se ao corredor. Obrigado.

O refeitório fica em silêncio. Meu coração acelera no peito. Os oficiais do Teste já decidiram que eu fracassei? Todos na mesa olham pra mim com olhos questionadores. Devo parecer apavorada, porque Tomas pega minha mão e diz: — Aposto que eles querem pedir que você dê aulas em vez de assisti-las. Certifique-se de que eles ofereçam uma boa grana antes de dizer sim.

Claro. Eu dou a ele um sorriso fraco e fico de pé. Todos os olhos estão em mim quando eu ando apressada pelas fileiras, passando pelas outras mesas e pela mesa da frente. Todo mundo no corredor provavelmente está verificando sua posição para que possa ter uma boa vista pela parede de vidro. Eu agarro minha sacola e fico no saguão, esperando pelo quer que venha em seguida.

— Malencia Vale?

Eu giro para a direita ao som de uma voz familiar. O simpático homem grisalho da reunião de ontem — Doutor Jedidiah Barnes. Os dois oficiais atrás dele.

Todos estão num roxo cerimonial. — Todos me chamam de Cia — eu digo. Ele sorri. — Ambos são lindos — eu tento vir com uma resposta, mas fracasso. Por sorte, minha resposta não é requerida porque ele diz. — Por favor, me perdoe por tirá-la do jantar, mas uma amiga de Ryme Reynald expressou preocupação com o paradeiro dela. Quando foi a última vez que a viu?

Eu pisco. Isso é sobre Ryme. Não sobre mim. Não meus pontos do Teste. O alívio me preenche. Segue-se a confusão. — Ryme estava sentada à mesa dela quando saí para jantar.

— E ela estava bem?

Arrogante. Irritante. Irrracionalmente confrontadora. — Acho que

estava estressada depois do teste de hoje.

— Oito horas de provas por dois dias é o suficiente para estressar qualquer um — o sorriso de doutor Barnes é compreensivo. — Nós discutimos todos os anos sobre dividir os testes pela primeira semana, mas sentimos que é melhor terminar a primeira parte do Teste rapidamente. Muito tempo para pensar sobre as provas também causa estresse — ele suspira. — Você se importaria em nos deixar dar uma olhada em seu quarto? A Senhora Reynald provavelmente decidiu pular o jantar, mas nós gostaríamos de ter certeza.

— Claro — quero dizer, não é realmente meu quarto. — Podem ir.

Ele sorri novamente. — Você terá de vir conosco. A lei declara que oficiais do Teste não podem entrar no quarto de nenhum candidato a não ser que o candidato esteja presente ou haja uma emergência evidente.

Acho que estou feliz por eles não fazerem uma prova sobre as leis da Comunidade Unida, ou eu certamente teria ido mal. Irritada por Ryme ter causado tanto drama e me levado junto, sigo pelo corredor. O passo do doutor Barnes é suave, mas as botas dos outros oficiais batem pelo corredor. Se Ryme está dentro, ela certamente nos ouviu vindo. Virando a maçaneta, eu empurro a porta e dou um passo adentro. O cheiro — urina misturada a bolo de milho — me atinge primeiro. Então eu a vejo, pendurada numa corda colorida. Pendurada do teto. Rosto vermelho inchado. Olhos esbugalhados de horror. Pescoço marcado e sangrando onde ela lutou por instinto ou porque mudou de ideia. Eu grito quando a realidade do que vejo me atinge. Forte.

Ryme está morta.

MÃOS ME AJUDAM a ficar de pé. Conduzem-me pelo corredor. Alguém pede que eu espere e outras pessoas em macacões vêm correndo de todas as direções. Eu aperto minha sacola no peito como um colete salva-vidas enquanto a atividade se desenrola ao meu redor. Ryme é cortada do teto. Uma maca aparece. Quando passa por mim, eu reconheço a corda ainda ao redor de seu pescoço. Seu vestido, aquele em que ela estava tão bem ainda ontem, amarrado aos lençóis da cama.

Não posso evitar o meu estômago se esvaziar ou as lágrimas que jorram quentes e rápidas — por ela, por mim, por não enxergar o desespero e a depressão sob sua fachada arrogante. Minha provocação com a prova escrita final foi o empurrãozinho que faltava? Uma palavra gentil poderia tê-la salvado?

— Cia?

Eu pisco e percebo o doutor Barnes segurando meus ombros. Olhando em meus olhos, eu pisco duas vezes e engulo a bile de volta à garganta. Muda, eu assinto que estou escutando.

— Eles vão mandar você para outro quarto — ele se encosta numa parede ao meu lado. — Gostaria de conversar sobre isso?

Não, mas converso. Suavemente, eu conto a ele sobre a arrogância de Ryme e suas provocações de hoje. Minha reação e as desculpas que acabei dando. Até os bolinhos de milho e o que eu suspeitava que eles podiam conter. Ele é um bom ouvinte. Seus olhos castanhos profundos encontram os meus sem censura. Sua cabeça assente, me encorajando a dizer mais — nem uma única vez seus olhos migram para os oficiais que entram e saem do quarto, limpando o chão ao meu lado, conversando em tons abafados sobre remover os pertences dela. Quando termino, eu me sinto vazia, o que é melhor do que me sentir oprimida por culpa. O doutor Barnes me assegura de que a morte de Ryme não é minha culpa. Como discutimos antes, o estresse é difícil. Alguns alunos lidam com o estresse melhor do que outros. Alguns não conseguem comer. Alguns nunca dormem. Ryme tirou a própria vida.

Ao mesmo tempo em que isso é uma tragédia, é melhor que toda a população da Comunidade saiba agora que ela não foi capaz de lidar com os tipos de pressão que seria forçada a lidar no futuro. Este acontecimento foi uma desgraça, mas o Teste serviu a seu propósito. Ele espera que a escolha de Ryme por encerrar sua candidatura não impacte os resultados da minha.

Encerrar sua candidatura? Por dentro estou gelada. Um oficial de roxo nos informa que meu quarto está pronto e o doutor Barnes dá um aperto em meu ombro. Sorrio e digo a ele que vou ficar bem e que conversar fez com que me sentisse melhor. Espero que ele não possa enxergar a mentira. Porque, ao passo que seu tom foi gentil, eu ouvi a indiferença em suas palavras. Para ele, esse foi apenas outro teste. Um teste em que Ryme fracassou. Se eu não tiver cuidado, também fracassarei.

Mostram-me meu novo quarto no final do corredor. As paredes são pintadas de amarelo. Elas me lembram do vestido que Ryme estava usando quando a conheci. O oficial pergunta se fico bem em não ter uma colega de quarto. Se eu não quiser ficar sozinha ele está certo de que uma oficial mulher ficaria feliz em dormir na outra cama.

Não, eu não quero ficar sozinha. Acordada, estou tendo problema em manter os olhos sem vida longe da minha mente. Dormindo, eu estaria indefesa para impedi-la de me assombrar. Saber que estarei sozinha durante essa provação faz com que eu queira me enrolar numa bola. No entanto, as palavras do doutor Barnes tocam alto em minha cabeça. O Teste é mais do que o que acontece nas classes. Pedir ajuda durante a noite será visto como fraqueza. Líderes não são fracos. O Teste está procurando líderes.

Então, agradeço ao oficial e digo a ele: — Vou ficar bem sozinha — ele me diz para eu avisar o oficial na recepção se mudar de ideia. Eles podem me dar remédios se eu precisar de ajuda para dormir. A seguir, ele fecha a porta atrás de si.

Olho ao redor do quarto. Tirando a cor, é uma réplica exata do que eu ocupei anteriormente. Escuto vozes abafadas e o som de pegadas. Outros candidatos retornam a seus quartos do jantar. Por um momento, considero abrir minha porta e ir procurar meus amigos. Um sorriso de Zandri, um aperto de mão de Tomas ou até um dos olhares silenciosos de Malachi poderiam ajudar a diminuir a tristeza. Contudo, eu não abro a porta porque isso também seria considerado uma fraqueza. Em vez disso, tomo um banho, coloco meu pijama, lavo as roupas do dia e as penduro para secar.

Deitada na cama, encaro o teto, tentando conjurar lembranças felizes. Qualquer coisa para afastar imagens de Ryme pendurada na luminária. Não posso evitar me perguntar se meu pai testemunhou algo similar. Ou se seu cérebro está criando uma lembrança ainda pior

do Teste para compensar a lembrança terrível que ele costumava ter. Neste momento, acredito que é mais do que possível.

Está tudo em silêncio. Os outros foram para suas camas e estão dormindo em preparação para o que quer que venha amanhã. Ainda estou acordada. Mantenho as luzes bem acesas e luto contra o peso de meus olhos. Estou perdendo a batalha quando algo atrai meu olhar. Um pequeno brilho circular no teto. Um que combina com o que vi no flutuador.

Uma câmera.

É tudo o que posso fazer para manter a descoberta longe de meu rosto. Não sei por que me surpreende haver uma câmera observando mesmo quando faço as coisas mais mundanas como dormir e me vestir, mas me surpreende. Será que só este quarto é que está sendo observado? Por que eu encontrei Ryme? Imediatamente, rejeito a ideia. Se eles estão observando um quarto, estou certa de que estão observando todos. A implicação disso tira o ar dos meus pulmões. Se há câmeras em todos os quartos, alguém observou quando Ryme tirou o lençol de sua cama. Amarrou ao vestido. Pensou no melhor lugar para prendê-lo na luz do teto. Observaram-na saindo da cadeira. Eles a viram lutando contra a corda agarrar sua garganta numa tentativa de se livrar e ficar caída quando seu corpo se apagou.

Eles podiam tê-la salvado. Em vez disso, eles a deixaram morrer.

Eu me forço a parecer calma quando vou até o interruptor e deixo o quarto na escuridão. Quem quer que esteja assistindo, não quero que veja o horror que sinto. Enterro a cabeça debaixo das cobertas e, por hábito, aperto minha sacola no peito. Eu me pergunto se a pessoa atrás da tela está revendo a morte de Ryme enquanto dorme esta noite. É perverso da minha parte, mas espero que esteja, porque eu estou antes de o sono me derrubar.

O rosto vermelho inchado de Ryme e seus olhos vidrados cheios de sangue me seguem nos meus sonhos. Sua voz me provoca com minha inadequação. Ela me oferece bolos de milho e desta vez eu aceito um e como. Cada vez que acordo, eu me forço a ficar quietinha. Não gritar nem me debater. Mantenho a cabeça sob as cobertas, caso a câmera possa ver mais do que eu acredite e me esforço para limpar minha mente dos horrores antes de cair no sono novamente.

Quando vem a chamada da manhã, fico grata em sair de baixo dos lençóis. Vou ao banheiro e me estudo no espelho. Pareço cansada, mas não mais do que na manhã de ontem. Tomando isso como um bom sinal, visto minhas roupas e escovo os cabelos enquanto examino o banheiro, buscando olhos observadores. Nada de câmeras. Pelo menos, não onde eu possa ver. Os oficiais do Teste não devem estar interessados nos nossos hábitos de higiene.

Deixo meus cabelos soltos ao redor dos ombros, esperando que

tirem o foco da fadiga em meus olhos, agarro a sacola e sigo para o café da manhã.

Tomas e os gêmeos já estão sentados quando eu chego. O rosto de Tomas se preenche de alívio e ele me envolve num abraço antes de eu ter a chance de me sentar. Quando me sento, Tomas lança um longo olhar ao meu prato. No meu esforço de parecer normal, eu enchi de bacon, ovos, batatas fatiadas, frutas e rocambole. Eu imediatamente enfio uma fatia de bacon na boca para desencorajar questões sobre ontem. Funciona até que Zandri, Malachi e seus colegas de quarto chegam. Quando todos estão sentados, Tomas pergunta: — Está tudo bem? Ficamos esperando você voltar ontem à noite.

Eles esperam que eu responda. Eu revejo as palavras do doutor Barnes em minha mente. Ele queria que eu ficasse quieta? Acho que não, então digo baixinho: — Ryme morreu. Ela se matou na noite passada.

Os candidatos de Cinco Lagos mostram graus variados de surpresa. Os gêmeos suspiram e dão um ao outro olhares de compreensão. Após um momento, Will diz. — Imaginávamos que fosse algo assim. Nosso professor nos alertou sobre a pressão. Ele foi oficial do Teste por alguns anos e disse que havia pelo menos dois ou três suicídios em cada turma do Teste.

Ryme foi um. Não posso evitar me perguntar quem pode ser o próximo. Julgando pelo silêncio, creio que meus amigos estão fazendo o mesmo.

Conversamos um pouco sobre isso e, então, nos concentramos em comer. Eu dou um pouco da minha comida extra a Malachi, que definitivamente ganhou uns quilinhos desde que chegou aqui, há três dias, e enfio um rocambole na minha sacola. Não sei se podemos pegar comida do refeitório, mas creio que se alguém do outro lado da câmara for contra, eles vão me impedir. Ninguém faz isso.

Outro recado é dado. Nós seguimos para os elevadores e somos levados de volta ao saguão de palestras. O doutor Barnes está novamente na frente. Ele sorri para todos quando tomamos nossos assentos e nos parabeniza por terminarmos a primeira fase do Teste. — Os exames estão sendo avaliados pela equipe do Teste. Por sabermos de suas habilidades exclusivas, cada grupo tem os próprios requerimentos para passar de determinada pontuação. Após o almoço, vamos nos encontrar com cada candidato do Teste e informá-lo se ele passou ou se o Teste chegou ao final. Até lá, vocês podem aproveitar o tempo como quiserem — em seus quartos, no refeitório ou na área reservada lá fora.

Lá fora. A ideia de ar fresco eleva meu ânimo. O doutor Barnes nos diz que todos os candidatos que saírem devem ficar até a cerca ao redor do Centro de Provas. Quebrar essa regra leva a expulsão

automática do restante do Teste.

Candidatos se remexem em seus assentos, preparando-se para sair pela porta, quando a expressão do doutor Barnes muda. Há tristeza. E apesar de estar preparada para suas palavras, minha respiração ainda se parte e meus olhos se nublam de lágrimas. — Sinto informá-los de que a candidata Ryme Reynald tirou a própria vida na noite passada.

Alguns alunos perdem o fôlego e choram, mas noto mais de um sorrisinho malicioso que diz: — Uma a menos — tento me lembrar dos rostos que acompanham esses sorrisos, só por precaução.

O doutor Barnes continua. — Nós sabemos que é um processo difícil, mas espero que aqueles de vocês que permanecem conversem comigo ou com outro oficial se a pressão ficar forte demais. Estamos aqui para ajudar. Por favor, aproveitem sua manhã de relaxamento. Desejo toda a sorte nesta tarde.

De acordo com o local em que queremos passar nossa manhã, candidatos são direcionados para um dos dois elevadores. O da esquerda vai para o quinto andar. Todos nós da Colônia Cinco Lagos seguimos para a direita.

O Sol está brilhando. A grama é verde e doce e uma leve brisa sopra quando saímos. Os dois oficiais de roxo estão parados na porta da frente, mas, de outra forma, temos a grande área cercada ao redor do Centro de Provas só para nós. Podemos ver os prédios da universidade brilhando ao Sol — alguns a poucos metros da cerca. Os prédios e a crença do que trazem me lembram a razão por que estou aqui.

Apenas três dúzias de candidatos decidiram sair. Como a maioria está procurando lugares na grama na frente, nós quatro de Cinco Lagos ficamos ao redor do prédio nos fundos. Lá, encontramos várias árvores floridas e bancos de flores ao redor de um laguinho. As ondas de água limpa e clara e o Sol brilhando têm um efeito rejuvenescedor sobre mim. Enquanto os outros se sentam em bancos, eu tiro minhas botas e meias, enrolo a batinha da calça e coloco os pés na água. É quando eu noto o cano de metal no meio da água.

Uma fonte? Eu me aproximo. Sim. Estou certa. Atravesso até o outro lado do laguinho e encontro a caixa de energia colocada discretamente numa pilha de rochas. O interruptor na caixa diz que a fonte está ligada. Então, por que não está funcionando? Pode ser outro teste?

Deixo minha sacola no chão e tiro o canivete de caça que trouxe entre meus dois itens pessoais. Pegando a chave de fenda, tiro a tampa da caixa e olho dentro. Nenhum dos fios ou conexões parece estar partido. Também não há marcas pretas que indiquem sobrecarga ou curto-circuito. O interruptor está devidamente conectado. O problema deve ser na bomba.

De volta ao centro do laguinho, eu me inclino e espio a bomba através da água limpa. É compacta e não parece quebrada. Considero removê-la, mas percebo que há alguém mais preparado para o trabalho. Alguém que instalou todo um sistema de irrigação na fazenda da família.

Tomas fica mais do que feliz em deixar seu banco e dar uma olhada. Zandri e Malachi riem de nós quando caminhamos ao redor da bomba, mas, depois de um tempo, eles conversam baixinho, deixando Tomas e eu cuidarmos das coisas.

Tomas acha que o problema pode ser no impulsor. Eu acho que é no motor. Decidimos remover a bomba para ver quem está certo. Tomas usa minha faca para soltar a bomba da base, e vamos para a margem. Alguns minutos depois, tiramos a tampa e dou um grito de vitória. O impulsor está perfeito. O motor tem uma conexão solta. Eu mexo nele um pouco e soluciono o problema. Tomas coloca de volta a tampa e instala a bomba de volta no lago. Minutos depois, água vem ao ar, molhando nós dois. Problema resolvido.

Ficamos deitados na grama, deixando o Sol secar nossas roupas. E eu me agarro à felicidade que sinto sempre que faço algo funcionar. Eu viro o bracelete no meu pulso e uso minha unha para procurar o fecho quando nós quatro falamos sobre nossas famílias e o que pode estar acontecendo na Colônia Cinco Lagos neste momento. Zandri tem um olhar distante. Está com saudade de casa. Eu também estou, e não posso evitar me perguntar se nós quatro estaremos aqui para falar de casa amanhã.

Acho que descobri onde meu bracelete fecha quando eles nos chamam para o almoço. E quando cutuco na lateral do segundo elo de metal com a faca, escuto um clique que me diz que estou certa. Considero contar aos outros, mas eles já seguiram em direção ao prédio. Cuidadosamente, aperto novamente o bracelete enquanto ando para outro lado do laguinho e aperto o interruptor. A fonte gorgoleja e para. Eles podem ter energia de sobra aqui, mas eu não posso evitar a educação que tive a vida toda. Desperdiçar é desnecessário. Tomas está esperando por mim e corro para alcançá-lo. A aprovação calorosa em seus olhos faz meu coração perder várias batidas.

Diferentemente das duas últimas refeições, que foram repletas de conversas, a atmosfera para o almoço é discreta. Pode-se ver a tensão nos olhos de todos enquanto olham para o relógio pendurado na parede atrás do bufê. Ninguém sabe ao certo quando as entrevistas com os resultados vão começar, mas sabemos que será em breve. A comida é deixada nos pratos de todos. Eu coloco uma maçã na minha sacola enquanto os gêmeos tentam manter o ânimo leve ao contar piadas. Todos fingem rir. Ninguém ri realmente.

Os alto-falantes estalam. — Por favor, voltem a seus quartos.



Quando seu nome for chamado, saia rapidamente do quarto com seus pertences. Um oficial irá acompanhá-los à sala com seus resultados. Boa sorte.

Cadeiras raspam no chão com os candidatos levantando-se para seus quartos. Nossa mesa é a última a se levantar. Eu olho rosto a rosto. Tomas, Malachi, Zandri, Nicolette. Boyd. Will e Gill. As chances de todos nós irmos para a próxima rodada são pequenas. Não dizemos nada. Desejar sorte uns aos outros não vai mudar o trabalho que já fizemos — os resultados já foram determinados. Então, apertamos as mãos e dizemos que vamos nos ver mais tarde, sabendo muito bem que as palavras são mentirosas.

Espero no meu quarto enquanto nomes são anunciados no alto-falante, tentando não pensar nas palavras do meu pai. E não posso evitar me perguntar por que ninguém nunca mencionou o que aconteceu com antigos candidatos do Teste que não passaram. O que acontece com eles? O que acontecerá conosco?

Nomes não familiares são chamados. Escuto o nome de Malachi rapidamente seguido pelo de Tomas. O tempo para, apesar de o relógio dizer o contrário. Finalmente minha respiração volta quando meu nome é chamado. Eu saio no corredor. Uma mulher de vermelho silenciosamente me acompanha aos elevadores. Ela aperta o número dois e as portas se fecham. Quando se abrem, um oficial do Teste assente e pede que eu o siga por um longo corredor branco por um conjunto de portas escuras de madeira. Ele abre a porta à esquerda e dá espaço. Entro sozinha na sala.

A sala é pequena com apenas uma mesinha preta e duas cadeiras. As paredes são brancas. A mulher de cabelos escuros atrás da mesa pede que eu me sente. Sigo a instrução dela e esfrego minhas mãos suadas na calça. Seus olhos encontram os meus e por um momento ela não diz nada. Meu coração bate contra meu tórax. Engulo em seco e tento não me remexer. Finalmente ela sorri: — Parabéns! Você passou pela primeira fase do Teste.

O alívio se apodera de mim. Solto o ar que não sabia que estava segurando quando ela me diz que devo descansar bastante para a próxima fase. Um oficial me encaminha de volta aos elevadores. A porta se abre no terceiro andar. Caminho para a sala de discursos e braços fortes imediatamente me puxam para perto.

A voz de Tomas cochicha: — Parabéns, parceira. Eu sabia que você conseguiria.

Então Malachi me dá um abraço tímido. De nossa mesa, nós três somos os primeiros a chegar. Boyd chega em seguida parecendo feliz. Ele bate mãos com Malachi, quase o derrubando. O salão começa a se encher. Nicolette chega corada de orgulho. Nós observamos a porta do nosso lugar nos fundos do salão, esperando pelos próximos do nosso

grupo. Will vem com um sorrisinho convencido. Nós acenamos para ele. Ele abre um sorriso largo e vem em nossa direção. O sorriso desaparece quando seus olhos se movem de rosto a rosto. Quando ele chega até nós, o sorriso voltou, mas posso ver que há algo de errado. Eu me lembro de ouvir os nomes no alto-falante quando eram chamados antes de mim. Will deve ter ouvido um nome chamado. O nome de alguém que não voltou. De nosso grupo, apenas dois não voltaram. O medo toma meu estômago.

Cinco minutos se passam antes de os dois últimos candidatos chegarem, seguidos pelo doutor Barnes. Um deles olha ao redor do salão, nos avista e abre um largo sorriso. Zandri vem até nós e dá o primeiro abraço em Malachi. A maioria do grupo a parabeniza, mas eu caminho até Will, que está de olho na porta — esperando. Percebendo que sua outra metade não vai voltar.

O doutor Barnes pede que nos sentemos e parabeniza os candidatos do Teste que permaneceram. Tenho de conduzir Will para uma cadeira. Forçá-lo a se sentar. Tomas e eu nos sentamos um de cada lado de Will quando ele começa a tremer. Por suas histórias, sei que Will e Gill nunca estiveram separados por mais de algumas horas. Eu os vi completarem um a frase do outro. Eu me pergunto como uma metade vai sobreviver sem a outra.

Will segura minha mão como uma corda de segurança enquanto ouvimos que a segunda rodada de provas vai começar amanhã de manhã, depois do café — a primeira de uma série de exames de aptidão que vai permitir que mostremos nosso intelecto, nossas habilidades únicas e nossas técnicas de solucionar problemas. O doutor Barnes então avisa: — Se houver uma parte da prova que vocês não entendam ou não saibam como completar, por favor, não arrisquem. Levantem a mão e deixem que o oficial do Teste em sua sala saiba que vocês não podem terminar. Deixar um problema não solucionado é melhor do que dar uma resposta incorreta. Respostas erradas serão penalizadas — ele deixa suas palavras serem absorvidas por nós e nos libera com os parabéns finais.

Tomas e eu ajudamos Will a levantar e a caminhar. Quando chegamos ao refeitório, Will diz que seu irmão provavelmente fracassou de propósito para que pudesse voltar para casa, para sua namorada. Ele conta mais piadas no jantar. De tempos em tempos eu o vejo olhando para sua esquerda, como se esperasse que seu irmão completasse seu pensamento antes de perceber que ele não está lá. Nós vamos cedo para nossos quartos para nos aprontar para o que quer que aconteça de manhã.

Eu sonho com Ryme e sua força improvisada no pescoço, oferecendo bolos de milho para Gill. Ela sorri para mim quando ele pega um e vem ao chão, morto.

De manhã, eu me esfrego com água fria para tirar a sensação granulosa de meus olhos e me encaminho para o café da manhã. Sou a última da nossa mesa a chegar. Os ânimos estão em alta. Especialmente Will, que flerta sem parar com Nicolette. As bochechas e as pontas das orelhas dela estão tingidas de rosa quando ela beberica seu copo de suco de maçã. Julgando pela maneira que ela sorri de volta para ele, acho que a atenção dele não é indesejada. Espero que ele não a esteja usando como modo de enfrentar a ausência do irmão. A situação já é estressante o suficiente.

É feito o chamado e nós todos seguimos para os elevadores, de volta ao salão de palestras do terceiro andar. O doutor Barnes, com seu sorriso animado na barba grisalha, nos observa tomando nossos assentos. Ele nos diz que sobraram oitenta e sete de nós. Ele nos recorda que a segunda fase do Teste começa hoje e pede que lembremos que nesta fase respostas erradas são penalizadas.

Somos chamados em grupos de seis. Fico surpresa quando Malachi e Will são chamados comigo, e seguimos pelo corredor atrás de um oficial do Teste. A sala de provas tem seis mesas de trabalho na altura da cintura em duas fileiras — três na frente e três nos fundos — cada uma com um banquinho colocado diretamente atrás. No canto esquerdo de cada estação há uma pequena placa que mostra um símbolo dos candidatos. No centro de cada mesa há uma grande caixa de madeira. Uma oficial de cabelos grisalhos pede que encontremos a mesa marcada com nosso símbolo.

Minha estação de trabalho fica atrás, no centro. Malachi está na frente, à minha direita. Will fica ao meu lado à esquerda. Will me vê olhando para ele e pisca.

A oficial nos diz para levantar a mão quando completarmos o teste à nossa frente. A caixa será removida. Quando todos os candidatos terminarem sua caixa atual, uma nova prova será trazida. Devemos completar quantas provas pudermos no tempo designado. Esta prova não será interrompida para o almoço, ela avisa. Então, ela repete as instruções do doutor Barnes sobre levantar a mão se não soubermos como completar o teste, enfatizando que não devemos chutar as respostas sobre as quais não temos certeza. Ela nos diz para resolver o quebra-cabeça de abrir a caixa, então seguir as instruções para a prova que encontrarmos lá dentro.

Parece fácil, o que é o suficiente para me deixar nervosa. O Teste não foi feito para ser fácil. Estudo a caixa enquanto vejo, com o canto do olho, vários dos meus colegas batendo e revirando as deles. Minha mãe tinha uma caixa de quebra-cabeça que seu avô criou para ela. Para ser aberta requeria que se deslizassem pedaços da caixa para a lateral numa ordem específica — de outra forma, a caixa não se abria.

Lentamente, viro a caixa na mesa para que possa ver cada lado. A

madeira é macia e de boa qualidade, e tem um desenho sinuoso entalhado que a deixa bem bonita. Estou certa de que Zandri seria capaz de identificar a técnica usada para criar o padrão, mas não estou interessada em admirá-la. Quero abrir este troço.

Ah. Lá, no cantinho vejo um pequeno nó no desenho. Em nenhum outro lugar da caixa há essa pequena forma circular. Um botão? Eu afundo a ponta do indicador nesse lugarzinho e sinto algo abrir. Com certeza: a lateral da caixa agora desliza para cima e sai. Eu coloco esse pedaço de lado e tiro a folha de instruções.

*Indique quais plantas dentro da caixa são comestíveis. Separe as comestíveis das venenosas.*

Novamente há um aviso: *Se você não conhece a resposta, não chute. Deixe a planta desconhecida de lado.*

Eu sorrio. Esse teste foi feito para mim.

Há oito plantas na caixa. Eu as reconheço imediatamente. As flores brancas arranjadas numa forma de guarda-chuva são cicutas. Meu pai diz que eram mortíferas mesmo antes de os lagos serem corrompidos por armas bioquímicas. As folhas verde-escuras, com marcas de veias vermelhas, eu acredito que são venenosas. Pelo menos as folhas Rhubard que crescem lá em casa não podem ser comidas. O ramo de folhas ovais verde-escuras com formas de ninho marrom pendurados tem de ser castanhas de faia. Também tenho certeza de que reconheço sassafrás, cebola silvestre e urtiga, que são frequentemente comidos pelos insetos na nossa colônia.

As últimas duas espécies me fazem parar.

Eu cheiro a primeira — uma grande folha verde em formato dentado. Há um leve toque de perfume floral. Posso ver no caule onde uma flor deveria estar conectada recentemente. A folha é macia e me lembra de uma flor que meu pai apontou uma vez para mim há alguns anos — não que ele a cultive, porque é venenosa e seu trabalho é cultivar coisas para suprir a vida. Ainda assim, ele achou que a planta tinha valor por causa da beleza flagrante. É a mesma planta? Se não for, eu creio que seja parente. Coloco na pilha venenosa e sigo para a última — uma raiz escura, peluda, com folhas brancas como flores presas ao topo. Eu raspo o exterior da raiz com o dedo e cheiro. Tem um cheiro adocicado. Não é como beterraba ou cenoura. Essas são bem diferentes. Mas algo parece familiar. Posso ouvir a voz do meu pai falando sobre a variedade de raízes que tiveram a sorte de crescer nos estados do Sul. Uma chamada chicória, da qual Zeen queria uma amostra, caso ajudasse com sua nova versão de batata. Essa é chicória comum ou algo próximo. Eu me senti confiante o suficiente para colocar na pilha das comestíveis e levantar minha mão. Os outros candidatos olham para mim quando a oficial verifica meu trabalho. Ela pergunta se estou certa das minhas respostas. Esfregando as mãos

na calça, olho para as plantas mais uma vez. Sim, estou o mais certo possível. Ela sorri e escreve algo num caderno. Então, ela remove as plantas não comestíveis e me diz para me sentar até os outros candidatos terminarem.

Dez minutos depois, o trabalho de todos foi verificado. A oficial do Teste removeu as plantas dos candidatos, separou as não comestíveis e registrou em seu caderno. De volta à frente, ela pergunta mais uma vez se queremos mudar nossas respostas. Ela chama cada um dos nossos nomes e espera que respondemos sim ou não. Nenhum de nós aceita a oferta.

— Bem, então — ela diz animadamente. — Vocês não devem ter problema em ingerir uma amostra de cada planta que consideraram comestível.

A sala fica em silêncio. Finalmente eu compreendo.

Sim — uma resposta errada será penalizada. Tontura. Vômito. Alucinações. Talvez até morte.

Eu olho ao redor das mesas da sala e vejo que cada candidato do Teste tem uma amostra diferente de plantas. Não há como comparar as respostas. Será que cometi um erro?

O garoto na nossa frente parece confiante de não ter errado. Ele rapidamente experimenta cada uma de suas plantas. Ao meu lado, Will experimenta suas quatro. Respiro fundo e como a castanha de faia, um pequeno pedaço da raiz doce, que eu espero que seja chicória, e as outras três plantas. Nenhuma das que considere venenosas agiam depressa. Vamos ter de esperar para ver se algum de nós cometeu um erro.

Não há tempo para me preocupar com o que quer que possa acontecer dentro do meu corpo com os oficiais do Teste trazendo a próxima caixa. Ela tem um padrão de deslizamento complicado para remover a tampa e os quatro lados. Dentro, há um grande rádio de pulso e um conjunto de pequenas ferramentas. As instruções dizem para restaurar o funcionamento do rádio de pulso.

Nós ouvimos que, antes dos Sete Estágios de Guerra, o mundo conseguia se comunicar por meio de mecanismos que lançavam sinais para satélites no espaço. Não sei o que aconteceu com esses satélites. Talvez eles ainda estejam flutuando em algum ponto sobre nós ou talvez eles tenham caído na Terra sem sabermos. E com os terremotos que abriram a terra, todas as fiações subterrâneas para comunicações foram partidas. Após a guerra, cientistas decidiram usar a concentração bem maior de radiação eletromagnética para restaurar a comunicação. Nasceram os rádios de pulso, apesar de poderem transmitir mais do que apenas vozes. Com o receptor de cada lado, rádios de pulso podem também transmitir imagens. Eles registram grandes faixas de comunicação e criam um sinal como pulso que se

transmite pelos receptores. Meu pai tem um rádio de pulso para se comunicar com outras colônias e Tosu City, então eu já vi um antes. Meu pai até me deixou dar uma olhada dentro. O que significa que tenho facilidade em encontrar os fios que estão presos incorretamente, arrumar o motor de painel solar e fazer alguns ajustes no transmissor. Entre cada ajuste, paro e verifico meu batimento cardíaco na tentativa de determinar se as plantas que consumi estão me deixando doente. A qualquer sinal de doença, planejo tirar as plantas do meu estômago. Não vai funcionar contra o veneno já na corrente sanguínea, mas tenho de tentar algo.

Enquanto trabalho, noto alguns fios que claramente não pertencem a um rádio de pulso e caixinhas presas com metal que não parecem familiares. Se eu estivesse em casa, mexeria para ver o que tem dentro. No entanto, aqui não é minha casa. Vou fazer só o que tenho certeza. Prendo os fundos do rádio de pulso e estou prestes a levantar a mão quando noto Malachi cambaleando. Fadiga ou uma das plantas que ele consumiu? Penso nas plantas que recebi e tento decidir se uma delas causaria aquela reação. Suor escorre pelo rosto dele. As mãos começam a tremer enquanto ele trabalha numa área do rádio que eu ignorei. Uma que contém uma caixa de metal não familiar. Sei que não devemos ajudar nossos colegas candidatos, mas os ombros de Malachi estão tremendo e estou preocupada de que as plantas que ele ingeriu não permitam mais que ele pense racionalmente. Abro minha boca para gritar — para dizer a ele que não toque na caixa.

Contudo, ele já tocou. Um momento depois um prego se fixa nos olhos de Malachi, e ele vem ao chão como uma pedra.

QUANDO EU ERA criança, cortei meu dedo até o osso. Minha mãe me disse que eu não chorei nem gritei. Apenas congelei, como se ficar parada fosse impedir o sangue de fluir. O sangue formando uma poça no chão branco ao lado da cabeça de Malachi tem o mesmo efeito. Um grito cresce dentro de mim, luta com minha garganta apertada, mas eu não emito som nenhum. Os gritos de outro, talvez de Will, me despertam de minha quietude e eu corro do meu lugar para onde Malachi está deitado, contorcendo-se no chão. Um par de braços vestidos de roxo me agarram e me puxam para trás. Na minha luta por me livrar, mal posso ouvir o oficial chefe do Teste falando comigo. Perguntando se eu terminei minha prova. Se não, eu devo voltar ao meu lugar. De outra forma, há o risco de que eu tenha ajuda por observar o trabalho de outro candidato. Quero gritar que o Teste não importa. Não quando uma vida está escorrendo gota a gota pelo chão de ladrilhos. Entretanto, eu engasgo um “sim” e sou solta. Os oficiais do Teste não se movem em direção a Malachi enquanto eu pego sua mão e aperto firme. Pela postura deles, posso ver que não vão oferecer ajuda. Esta é a penalidade por uma resposta incorreta. Para eles, ele merece o que quer que venha em seguida.

Os espasmos ficam piores. Por mais que o olho não ferido de Malachi esteja aberto, não estou certa de se ele pode ver, ou se a planta que ele ingeriu causou algum tipo de coma enquanto briga com seu corpo. Ainda assim, eu mudo de posição no ladrilho frio, só por precaução. Se ele pode ver, ele vai ver algo de casa. Uma garota que cantava músicas com ele na grama e pediu a ajuda dele quando enfrentava dificuldades com o dever de casa. Uma garota que é sua amiga. Alguém que não pode imaginar o que vai acontecer quando ele se for.

No entanto, não preciso mais imaginar. O tremor para. Músculos desabam enquanto seu peito para de subir e descer. Malachi está morto.

Eu choro? Devo ter chorado. Porque quando me dizem para voltar

para meu lugar, eu toco meu rosto e sinto que minhas bochechas estão úmidas. Quanto tempo eles me deixaram sentar ao lado do corpo imóvel de Malachi é incerto para mim. Um tempinho. O suficiente para que outros dois candidatos terminassem suas provas — ou talvez, depois do que aconteceu com Malachi, eles tenham optado por parar em vez de se arriscarem.

Dando a Malachi um último aperto, eu tiro uma mecha de cabelos pretos encaracolados de sua testa e beijo sua bochecha. A sala gira e vacila quando fico de pé. Após um momento, sou capaz de caminhar dura até meu lugar. Eu me equilibro no banquinho e espero os oficiais tirarem o corpo de Malachi, mas eles não fazem isso. Ainda não. Não até todos completarem essa fase do Teste.

Espero os outros candidatos protestarem. Dizerem que isso é errado, mas eu sei por que eles não fazem isso. É a mesma razão pela qual eu não grito. A razão é Malachi e seu corpo quieto demais. Nós todos queremos viver.

Vários minutos depois, Will levanta a mão para indicar que terminou, então fecha os olhos para que não tenha de ver a casca de um corpo com quem ele fez suas refeições. A menina à minha direita termina. O oficial do Teste verifica nosso trabalho. Quando ela termina, ela assinala para que os outros oficiais removam o corpo de Malachi do chão. Meus colegas candidatos olham para o tampo de suas mesas ou para o teto. Eu não. Malachi merece que alguém se importe em ser testemunha. Eu me forço a olhar cada segundo — eles o pegando, carregando-o por braços e pernas pela sala, pela porta. Para longe.

Não há tempo de me lamentar conforme as próximas caixas são trazidas e colocadas nas nossas mesas. Nós temos permissão para começar.

Minhas mãos tremem enquanto sinto o cheiro do sangue que manchou o chão. Eu me forço a respirar fundo. Eu me esforço para continuar quando só quero sair correndo e gritando da sala — deixar o prédio — encontrar meu caminho de volta para casa. No entanto, sei que isso não é possível, então esfrego minhas mãos nas calças, engulo minhas lágrimas e examino a caixa. Preciso de várias tentativas para imaginar como abri-la. Dentro há amostras de solo e vários béqueres tapados com soluções. Precisamos identificar qualquer solo que contenha radiação.

Uso apenas as soluções que posso identificar por cheiro e cor. Das dez amostras de solo, há quatro que estou certa de que contém radiação, três que não contém e três nas quais eu não vou arriscar palpitar. Se esse tivesse sido o primeiro teste, antes das plantas, antes do corpo espasmódico e sangrento de Malachi, eu poderia ser arrogante o suficiente para fingir confiança. Não mais. Malachi



cometeu um erro, e pagou por isso. O preço que ele pagou seria em vão se eu não tivesse aprendido com suas ações.

Mais quatro caixas de testes aparecem em seguida. Há apenas um teclado para colocar suas respostas para equações matemáticas complexas. Respondo apenas à metade e fico feliz de não ter chutado a última quando o garoto na minha frente começa a tremer. Choque elétrico. A punição não é tão severa quanto a de Malachi, mas o garoto mal pode se equilibrar em seu banquinho para trabalhar nas próximas três caixas.

Identifico três quartos dos *slides* que eles pedem que vejamos sob o que suspeito que seja um microscópio alterado. Por sorte, nunca ficamos sabendo qual seria a penalidade por um erro. Há um conversor de energia solar que eu construo com facilidade — a menina ao meu lado acaba perdendo a ponta de um dedo — e seis amostras de água que precisamos purificar usando os produtos químicos fornecidos. Os testes de purificação levam duas horas, e somos instruídos a beber aqueles que achamos termos feito corretamente. Eu bebo dois. O garoto eletrocutado e a menina ao meu lado não bebem nenhum.

Com isso, termina a segunda rodada de testes. Ficamos livres para sair da sala. Will mal pode andar. Pelo estresse, a água que bebeu ou uma das plantas de ação lenta que ele pode ter ingerido? Eu não sei, mas suas pernas tremem quando ele dá pequenos passos saltando. Coloco o braço ao redor da cintura dele para ajudar com minha força conforme saímos da sala do Teste. Na saída, paro de andar e dou uma última olhada para onde Malachi caiu — onde seu sangue secou no chão. Uma lágrima rola. Eu dou um adeus sussurrado. Então, com uma respiração controlada, levo Will para longe, me perguntando quem mais vai faltar quando chegarmos à nossa mesa.

Boyd.

De acordo com Nicolette, com o rosto pálido, ele caiu durante o terceiro exame e foi levado para tratamento. Não voltou mais. Eles todos olham para mim e para Will, que agora está sentado, mas precisa de ajuda para ficar ereto. Lágrimas tomam o fundo dos meus olhos e Tomas segura minha mão. Estou grata pelo apoio dele. Por ele ter sobrevivido. Compartilho a história da nossa sala de provas o mais depressa possível, dizendo a mim mesma que é como tirar um curativo. Quanto mais depressa tirar, menos agonizante será a dor. Contudo, estou errada. Depressa ou devagar, relatar a morte de Malachi enfia uma faca no fundo do meu coração. Observar a mandíbula de Tomas travar e os olhos de Zandri se encherem de lágrimas afunda ainda mais a faca até eu não saber se posso continuar respirando. Os últimos dos candidatos do Teste surgem no corredor e um recado é dado: — Todos os candidatos que sentem que precisam

de cuidados médicos, por favor, reportem-se aos elevadores.

Pelo menos um candidato em cada mesa se levanta e volta pelo corredor. Nicolette diz a Will que ele deveria ir. Ele começa a se levantar, mas eu o empurro de volta ao assento e digo a ele para não fazer isso. Estudo seu rosto. Suas pupilas estão dilatadas, mas sua respiração está mais ritmada. Ao mesmo tempo em que sua pele ainda está úmida, a cor está voltando ao rosto. Minha intuição diz que o que quer que tenha causado essa reação está deixando o sistema dele. Acho que o remédio certo o faria melhorar mais rápido? Disso não tenho dúvida, mas me lembro das palavras do doutor Barnes no corredor conforme Ryne foi liberada do teto. Sobre o Teste demonstrar a pressão que um candidato pode sofrer. Em encontrar aqueles que podem lidar com a pressão e ainda agir como líderes. Duvido que aqueles que procurarem cuidados médicos serão considerados líderes fortes o suficiente para voltar.

Nicolette discute comigo, mas não vou deixar Will ir. Não posso. O jantar é servido. Digo a Tomas para pegar comida e algo para Will beber. Isso vai ajudar. Espero que eu esteja certa. Will melhora depois de beber dois copos de suco e comer pequenos bocados de pão e frutas. Agora que ele pode se sentar sozinho, eu pego minha comida — mais do que eu poderia comer, apesar de não estar com fome. Como alguns legumes. Algumas mordidas no frango. Bebo suco. As duas maçãs, a laranja e o saquinho de uvas passas e bolinhos desaparecem na minha sacola um a um. Espero meus amigos terminarem de comer e guardo tudo o que eles deixaram. Por quê? Não estou certa. Neste ponto, não estou certa de nada. Apenas sei que estar preparada para o que quer que venha é melhor do que não estar preparada para nada.

Noto que a maioria dos candidatos fica no refeitório até sermos instruídos a sair. A comemoração da noite passada é só uma lembrança. Esta noite estamos apenas felizes por estarmos vivos. Voltamos aos nossos quartos. Durmo com as luzes acesas, torcendo para que Malachi e Boyd não se juntem a Ryne e Gill nos meus sonhos. Mas Malachi vem. Todos vêm. Desta vez, porém, o terror em seus olhos é para mim. Eles me alertam para ter cuidado. Ryne me lembra para não confiar em ninguém enquanto Malachi canta para mim uma música de casa.

A ansiedade da noite se junta ao chamado da manhã. Quando é hora de me apresentar para o café da manhã, eu digo a mim mesma que estou o mais pronta possível para o dia e o que ele pode trazer.

Will me dá um sorriso quando eu me espreguiço em nossa mesa. Seus olhos são tristes, mas não parecem mais doentes. Qualquer que seja a coisa estranha que ele consumiu, seguiu para fora de seu corpo. Ele cochicha um suave agradecimento e diz que o colega de quarto de

Tomas buscou tratamento médico e ainda não voltou.

Eu me forço a comer e desta vez noto mais alguém colocando comida em sua sacola. Tomas me vê observando e assente quando o alto-falante ganha vida.

— Parabéns, candidatos, por chegarem à fase de equipe do Teste. Para este exame, vocês serão colocados em grupos de cinco. Por causa do número de candidatos que resta, um grupo será composto de apenas quatro. Quando ouvirem seus nomes, por favor, sigam para o corredor para se juntar ao grupo do Teste. Boa sorte a todos.

Há cinco de nós na nossa mesa. Não tenho nem chance de torcer para que sejamos chamados juntos quando o nome de Tomas é anunciado junto com os dos outros quatro candidatos que eu não reconheço. Tomas toca meu braço quando passa a sacola sobre o ombro e se afasta. Vários minutos se passam antes de o próximo grupo ser chamado. Will e Zandri prometem nos ver mais tarde e desaparecem pela porta.

Nicolette e eu olhamos uma para a outra enquanto grupo após grupo deixa a sala. Finalmente o nome de Nicolette é chamado junto a outros quatro. Ela e eu não vamos fazer a prova juntas.

O medo revira o café da manhã no meu estômago enquanto examino a sala e vejo o moleque desgrehado que fez Malachi tropeçar no primeiro dia ainda sentado na mesa. Ele, junto com um loiro alto e musculoso e uma menina ruiva, da qual me lembro dos meus exames escritos, serão meu grupo para este teste. O único grupo de quatro.

— Esperamos que nossos nomes sejam chamados ou os poupamos desse trabalho? — indaga a ruiva. Eu sorrio para ela e fico de pé. — Se não tivéssemos suposto nosso grupo a essa altura, acho que provavelmente não pertenceríamos a este lugar, certo?

Os dois meninos ficam sentados, mas a ruiva se levanta. Ela se junta a mim no corredor e estica a mão. Em seu pulso, posso ver um meio círculo cercado pela estrela de oito pontas que compartilhamos. — Annalise Walker. Colônia Grand Forks.

— Cia Vale. Cinco Lagos.

Ela me dá um sorriso largo. — Eu sei. Todo mundo da minha colônia só se interessava em falar dos candidatos de Cinco Lagos.

Eu faço uma careta. — O que eles andavam falando?

— A maioria imagina que vocês sejam concorrentes fáceis. Eles tomam colônias pequenas como sinônimo de mente pequena.

O sorrisinho satisfeito no rosto dela me faz perguntar. — E você?

— Um dos caras da minha colônia tem o mesmo símbolo de estrela com oito pontas. Ele é a única pessoa que teve nota maior do que eu na classe. Eu costumava estudar por semanas para conseguir superá-lo, mas nunca consegui — ela dá de ombros como se para mostrar que

vir em segundo não importasse em nada, mas o brilho em seus olhos conta uma história diferente. Sorrindo, ela acrescenta: — Se dois de vocês de Cinco Lagos caíram no mesmo grupo do Teste de nós dois, eu diria que o resto dos candidatos seria muito imbecil em menosprezar vocês.

O alto-falante anuncia: — Malencia Vale, Brick Barron, Roman Fry e Annalise Walker — dirijam-se ao saguão.

Brick. Roman. Tento decidir qual nome pertence a qual garoto quando eles seguem em nossa direção. Antes de eu poder perguntar, um oficial do Teste de vermelho nos leva para o elevador e aperta o botão para o quarto andar.

Somos levados a um salão branco com uma mesa cercada de quatro cadeiras. Na extrema esquerda da sala, há uma grande porta de madeira com uma luz verde piscando acima. No centro da mesa, há quatro lápis e quatro livretos marcados com nossos símbolos. O nó em meu estômago se afrouxa quando eu vejo o papel. Ainda que eu não tenha ideia do que as páginas contenham. Estou certa de uma coisa: um teste escrito não contém uma ameaça imediata. Nenhum dos meus amigos vai morrer na prova de hoje.

Quando tomamos nossos assentos, o oficial do Teste explica: — Hoje a prova vai avaliar sua habilidade de trabalhar em equipe. Na mesa à frente de vocês há livretos preenchidos com cinco questões. Cada problema requer um talento específico para ser solucionado. Como grupo, vocês precisam decidir qual tem as habilidades mais adequadas para resolver o problema ou os problemas. Essas habilidades serão necessárias para resolver os problemas correspondentes nas salas de exames individuais. Quando vocês tiverem determinado quem é a melhor pessoa para resolver cada problema, a pessoa que vocês selecionaram para solucioná-lo vai atravessar essa porta — ela aponta para a porta com a luz verde. — Ao passarem por essa porta, a luz acima vai ficar vermelha. Sigam o corredor até o fim. Haverá cinco portas marcadas com um número. Os números correspondem aos problemas em seu livreto. Há também uma porta marcada com a saída para quando vocês tiverem completado sua parte do exame. Abram a porta marcada com o número da questão que sua equipe selecionou para você responder. Resolva o problema da melhor maneira possível. Quando tiverem completado sua porção do exame, indiquem que terminaram passando pela porta de saída. A luz acima dessa porta, então, ficará verde. Isso assinalará que é hora para o próximo candidato começar. Todos no grupo vão receber crédito por todas as soluções corretas dadas no exame, não apenas no seu.

A ideia de receber pontos baseado no trabalho dos outros me deixa desconfortável, mas o sorriso confiante de Annalise afasta parte das

dúvidas.

A oficial do Teste não terminou. — Por haver apenas quatro de vocês no grupo, um candidato será responsável por resolver pelo menos dois problemas. Quando um problema for resolvido, a porta para aquele problema não poderá ser aberta novamente. Qualquer tentativa de resolver um problema já completado vai resultar em penalidade para o aluno que fizer a segunda tentativa de resolver esse problema. Vocês têm uma hora para discutir sua estratégia — o oficial aperta o botão e a luz verde é substituída pela vermelha. — Quando a luz verde estiver acesa, vocês poderão começar o teste. Não há tempo limite para o exame. Aproveitem o máximo que puderem para conhecer as forças e fraquezas um do outro. Boa sorte.

O som das fechaduras se trancando acompanha a saída da oficial do Teste. A única maneira de sair daquela sala é pelas portas de exame do Teste.

Nós quatro olhamos um para o outro por um momento. Sou a primeira a agarrar o livreto marcado com um símbolo. O alto menino musculoso agarra um com o que eu acho que é uma âncora cercada por um coração. O X cercado por um círculo pertence ao menino desgrenhado. Algo nesse teste me deixa apreensiva. Talvez seja a simplicidade das instruções ou a ideia de que alguém vai receber crédito pelo meu trabalho e eu pelo deles. Qualquer que seja, meu instinto me diz que há mais nesse teste do que se vê. Eu não preciso pensar no que pode ser, já que Annalise se encarrega. — Que tal resolvermos os problemas um de cada vez? Quando terminarmos um problema, nós comparamos as notas. Isso deve nos ajudar a definir quem faz o quê. Certo?

Considerando que nenhum de nós tem ideia melhor, nós aceitamos a sugestão dela e vamos trabalhar. O primeiro problema é matemático — uma questão de equação térmica monodimensional para determinar o fluxo de calor num eixo em que tudo, menos as pontas, estão isolados. São equações que eu uso com frequência e sorrio enquanto trabalho.

Fico surpresa quando o garoto desgrenhado, cujo nome é Roman, termina antes de mim e tem a mesma resposta que eu. A resposta de Annalise também bate. A de Brick não.

Um a um, resolvemos os problemas no livro. Uma parte de História que requer datas, nomes e tamanho da população da Comunidade Unida. Uma questão de Biologia que pede o mapeamento do dna de um carcaju das rochas que lembra um lobo, mas na verdade é uma versão mutante de um gato Nebelung.

Quando estou respondendo à pergunta sobre energia solar, a luz vermelha fica verde. Nossa prova pode começar a qualquer hora. Talvez a pressão da luz me distraia de me concentrar totalmente na

última questão que detalhe os princípios das armas nucleares. Sou a última do grupo a completar essa questão final. Brick é o primeiro a terminar. Sua resposta coincide com as dos outros dois. Minha resposta não coincide com a de ninguém.

Das cinco questões, minhas respostas coincidem com pelo menos uma dos outros quatro vezes. Annalise também tem quatro certas. Brick coincide em duas. A primeira resposta de Roman é a única correta.

— Acho que isso significa que eu vou primeiro, certo? — ele diz.

Dos membros do grupo, eu sou de longe a mais nova. Em casa, minha inclinação natural seria ouvir a opinião dos outros antes de oferecer a minha, mas algo em seu entusiasmo me leva para o lado errado. Então, em vez de esperar, eu digo. — A oficial do Teste não disse que os problemas têm de ser feitos em ordem. Só precisamos determinar a ordem que os membros do nosso grupo vão resolver os problemas.

Roman dobra os braços sobre o peito e fecha a cara. — Não foi o que eu ouvi.

Eu olho para Annalise. Ela morde o lábio inferior e fecha os olhos como se tentasse lembrar-se das palavras exatas. Quando os olhos dela se abrem, estão cheios de desculpas. — Acho que Roman pode estar certo. Podíamos tentar de outra maneira, mas se fizermos, podemos estar errados. É um risco que não quero correr.

Roman sorri. Brick dá de ombros e assente. Três contra um. A discussão termina fácil assim.

Annalise lidera a tomada de decisões. Roman vai responder à primeira questão. Ela vai responder à segunda e à terceira. Eu vou responder à quarta. Brick à quinta. Eu sugiro que eu poderia ser melhor para a terceira questão, já que o trabalho do meu pai me deu uma forte compreensão de genética, mas Roman e Annalise discordam. Brick se recusa a dar uma opinião. Parte de mim se pergunta por que quando Roman se levanta, ele diz: — Vejo vocês depois da prova.

Ele vira a maçaneta da porta iluminada de verde e sai sem olhar para trás. A luz fica vermelha e nós esperamos.

Inicialmente tentamos conversar. Annalise pergunta a Brick sobre sua casa, e sabemos que ele é da colônia de Roswell. Ambos seus pais são formados na universidade. Eles trabalham numa antiga instalação militar e juntos desenvolvem armas e métodos de segurança para colônias afligidas por ataques de animais. Não é à toa que ele foi o melhor na questão de ciência nuclear.

Conforme os minutos passam, nossa conversa fica mais parada. Há mais tempo entre as perguntas. Respostas curtas. Até não conversarmos mais. Apenas esperamos a luz mudar.

Não há relógio. Nenhuma janela para medir o movimento do Sol. Nenhuma maneira de saber se o tempo que passa é tão longo quanto parece. Os músculos do meu ombro se apertam. Vejo Annalise girar o pescoço tenso. Brick é o único que parece inabalado pela longa espera.

Brick fecha os olhos.

Annalise morde a unha.

Eu me alongo.

Cada minuto parece dez. Eu nunca afasto os olhos da luz. Finalmente, ela muda. Annalise fica de pé e sorri. — Minha vez. Aposto que posso resolver meus problemas em menos tempo do que Roman.

— Não se apresse — aviso e sinto meu rosto corar quando percebo que minhas palavras podem sugerir uma crítica. — Nós esperamos numa boa — digo. — Leve o tempo que precisar.

O sorriso de Annalise se esvai quando os olhos dela encontram os meus. Na profundidade, eu vejo nervoso e um toque de medo à espreita atrás da bravata que neste curto espaço de tempo eu cheguei a admirar. Então, ela volta a sorrir e assente. — Prometo arregaçar nas questões dois e três. O resto é com vocês.

A porta se fecha. A luz vermelha volta. O mesmo ocorre com o silêncio.

Brick se senta sem se mexer. Seu comportamento calmo e silencioso tem o efeito oposto em mim. Eu fico de pé e ando de um lado para o outro da sala com meu estômago grunhindo. Ainda que não haja relógio, estou certa de que já passou bem da hora do almoço. É óbvio que nenhuma refeição será trazida até que o teste esteja completa. E talvez isso seja parte do teste — ver se os candidatos ficam focados apesar da fome.

Minha mãe sempre insistia que eu comesse tudo no meu prato nas manhãs antes de provas importantes. Ela dizia que o cérebro e o corpo precisam de combustível para operar no nível mais elevado. Reviro a sacola, procurando comida e me vejo decidindo entre um bolinho de uvas passas e castanhas e uma maçã. Já que o bolinho é mais fácil de dividir com Brick, eu começo a pegá-lo quando percebo que são dois dos itens que escolhi para o jantar na primeira noite do Teste. Conto os dias. Passou-se menos de uma semana, mas tudo mudou desde aquela noite quando nós quatro de Cinco Lagos chegamos e pegamos nossa mesa. Agora Malachi se foi e eu estou trabalhando em grupo com o moleque que o fez tropeçar. Roman esticou a perna de propósito? Por diversão? Ele achava que ia intimidar Malachi a ir pior nos exames, dando assim mais chance de Roman passar? Talvez. Roman só teve uma resposta certa hoje. Quanto será que ele é esperto? O trabalho que ele fez no problema final foi tão sem lógica que eu acho difícil acreditar que ele tenha conseguido passar pelos

dois primeiros testes.

Espere.

Eu busco o livreto marcado com o X e o círculo. A letra de Roman é mais bonitinha do que eu teria suspeitado pela sua aparência. Ouvindo a voz da minha mãe para não julgar um livro pela capa, eu passo as páginas de números e fórmulas do primeiro problema. O trabalho me impressiona. Ao mesmo tempo em que eu também dei a resposta certa, Roman calculou vários passos em sua cabeça, motivo pelo qual ele terminou antes. Seu trabalho deixa claro por que ele foi escolhido para o Teste. Ele é esperto. Bem esperto.

Motivo pelo qual as respostas das outras questões não fazem sentido. Ele preencheu essas páginas com rabiscos. Ficamos tão preocupados com quem dava a resposta certa aos problemas que nunca nos importamos em verificar as páginas que precediam a solução final. Os rabiscos de Roman tornam uma coisa óbvia. Ele não estava preocupado em vir com a solução certa. Ele só estava preocupado em passar o tempo. Por quê?

— Cia.

Eu salto quando a voz de Brick irrompe o silêncio e sigo seu olhar para a luz acima da porta. Verde. Se eu tivesse de supor, diria que menos de uma hora se passou desde que Annalise saiu pela porta. Ela poderia terminar seus problemas em tão pouco tempo? Com as mãos trêmulas, eu agarro o livreto marcado com a outra estrela de oito pontas e começo a folhear.

Sim. A escrita dela é clara. Concisa. Confiante. Sua lógica não mostra erros aparentes. Se alguém poderia passar pelos dois testes em muito menos tempo do que levaria outro candidato seria Annalise. Ainda assim...

— Não vai entrar? — Brick pergunta.

— Num minuto — digo. Passar pela porta é minha única opção. A única forma de passar nesse teste. É o que vai acontecer quando eu passar por aquela porta que eu não sei dizer. Penso de volta nas instruções da oficial do Teste. Roman insistiu em ir primeiro. Uma resposta permitida por pergunta. A pontuação pelas respostas conta para todos. Qualquer tentativa de consertar uma questão será punida.

O livreto de Annalise cai dos meus dedos e minhas pernas ficam fracas quando as peças se encaixam. A falta de esforço de Roman nos outros problemas. O tempo que levou para a luz vermelha ficar verde. O doutor Barnes nos disse que o terceiro teste também avaliaria nossa habilidade não apenas de trabalhar bem com os outros, mas para avaliar nossas forças e fraquezas. Se estiver correta, Roman avaliou nosso grupo perfeitamente e nos montou uma armadilha. Annalise já deve ter caído.

Eu me sento na cadeira atrás de mim e respiro fundo tentando



conter o pânico. Se estiver certa, eu não posso tentar responder ao problema que minha equipe me designou. Se estiver errada, não responder ao problema pode resultar no meu fracasso. Tenho de decidir no que eu acredito.

Meu coração acelera conforme olho para Brick. Seu comportamento calmo e seu mau desempenho nos problemas práticos tomam um tom sinistro. Ele sabia do plano de Roman? Planejaram isso juntos? O livro de Brick pode me dar as respostas, mas o livreto está sob seu cotovelo na mesa em frente a ele. Para pegar o livro, eu tenho de explicar minha preocupação. Se ele não estiver envolvido na armadilha de Roman, Brick vai ficar sabendo disso por mim e vai ter a oportunidade de passar, quando não merece.

Vergonha. Quente. Profunda. Uma vergonha que revira meu estômago. Meus pensamentos não me tornam melhor do que a pessoa que eu acredito que Roman seja. Não vou jogar tão baixo a ponto de enganar os outros para eliminar a concorrência. Ainda que eu esteja horrorizada com os métodos empregados no Teste, duvido seriamente que os oficiais do Teste que nos avaliam vão aprovar trapaças também. Que tipo de líder se tornaria essa pessoa?

Correspondendo ao comportamento calmo de Brick, eu explico cuidadosamente o que eu acredito que seja o plano de Roman. O que eu acredito que aconteceu com Annalise. O que poderia acontecer com a gente se tentasse resolver os problemas recebidos. Brick escuta sem interrupções, e quando eu fico em silêncio ele me olha por um longo tempo antes de dizer: — Dissemos que iríamos responder às perguntas feitas.

Ele não acredita em mim. Não. Sua expressão não é de descrença. É de resignação. — Roman concordou em trabalhar em equipe. Mas não acredito que ele esteja. Se ele responder a uma pergunta já feita, ele será penalizado.

Posso ver o prego entrando no olho de Malachi. O sangue. O corpo tremendo caído no chão. Saber o que poderia acontecer faz com que eu sacuda os ombros firmes de Brick, com sua cabeça se movendo de um lado para o outro ele diz que deu sua palavra. Seus pais o ensinaram a respeitar uma promessa. Fim de história.

O desespero ataca meu coração quando eu me pergunto se ele está certo. Se eu estiver errada, Roman respondeu apenas à sua questão. Se não, responder às nossas será o maior erro que podemos cometer.

Levando a sacola no ombro, eu caminho pela sala. Fiz tudo o que pude para ajudar Brick a sobreviver. Se ele não conseguir...

— Por favor — me virando, eu caminho de volta para Brick e pego sua mão. — Você não me conhece. Não há razão para que confie no que vou dizer. Não posso dizer o que você deve fazer. Só posso pedir que olhe o livreto de Roman e pense quem tem mais a ganhar ao trair

os outros. Se ele resolveu os cinco problemas, qualquer um que tentar solucioná-los novamente será penalizado. Não sei qual é a penalidade... — vejo o prego entrando no olho de Malachi e engulo o fel que sobe à minha boca. — Mas se estiver certa, três de nós podem ser eliminados do Teste porque confiamos no nosso colega de equipe.

Por um momento a expressão composta desaparece, substituída por confusão. — Não sou da sua colônia. Por que se importa com o que eu faço?

— Porque não quero que mais ninguém morra.

Brick olha sobre meu ombro, para a porta atrás de mim. A luz verde diz que é hora de eu fazer minha escolha.

Soltando a mão dele eu abro a porta, dou uma última olhada para meu colega e atravesso torcendo que tenha feito o suficiente para salvar a vida de Brick. Torcendo para que eu seja confiante o suficiente nas minhas próprias deduções para salvar minha vida.

O corredor está parcamente iluminado. As sombras me deixam desconfortável quando eu sigo o corredor até o fim. Como prometido, outro corredor enfileira portas iluminadas para me receber. À minha direita está a porta marcada com o número quatro. A porta que eu prometi atravessar. À minha esquerda há as portas de um a três. Eu cruzo para a porta dois — buscando sinais do quê? Sangue? Cabelo? Algo para provar que minha teoria estava certa. A maçaneta prateada brilha na luz. Não há marcas nelas que testemunhem ter sido tocada. Verifico as outras maçanetas. Todas perfeitamente polidas.

Eu caminho de volta para a porta número quatro e passo a mão no número preto na porta branca como a neve. Eu mantenho minha palavra e viro a maçaneta ou sigo meu instinto e vou embora? Por quanto tempo fico na frente da porta? Eu não sei, mas quando finalmente faço minha escolha meus joelhos protestam com o meu peso. Tocando a maçaneta, eu respiro fundo e me afasto da porta. Viro à direita. Desço duas portas para aquela marcada com a saída e viro a maçaneta brilhante, esperando que a escolha que tenha feito não seja minha última.

UMA OFICIAL DO TESTE está esperando dentro de uma pequena sala que contém uma mesa de madeira preta, uma cadeira e algum tipo de painel de controle. Provavelmente é o que faz a luz que observamos ir do vermelho para o verde. A expressão da oficial é agradável enquanto ela me guia pela porta dos fundos, por corredores bem iluminados até o saguão de elevadores. A oficial do Teste fica no elevador quando eu saio no quinto andar me perguntando quando vou ficar sabendo do meu destino.

Escuto sons de conversa do refeitório e percebo que talvez eu não precise esperar. A pessoa com a resposta para quem eu fiz a escolha correta está logo atrás dessas portas. Meu coração salta quando vejo Tomas, Will e Zandri sentados na nossa mesa, mas eu não me junto a eles. Ainda não. Em vez disso, eu examino a sala para um par de olhos. Avisto Roman antes de ele me ver. Rindo com os amigos. De uma piada ou daqueles que podem ter sido eliminados porque acreditaram nele?

Tomas chama meu nome, mas eu não me movo da posição na porta. A garota ao lado de Roman o cutuca com o cotovelo. Seus olhos se viram e encontram os meus. E eu sei. A descrença e a raiva em seus olhos me dizem que eu estava certa em não confiar. Eu só queria ter descoberto a verdade antes. Se eu tivesse, Annalise poderia estar sentada numa dessas mesas. Não há sinal do cabelo vermelho e do sorriso confiante dela. Uma pequena parte de mim torce para que ela esteja relaxando em seu quarto, mas se ela estiver, é quase garantido que tirei uma nota eliminatória.

Sinto os olhos de Roman me seguirem enquanto agarro uma caixa de biscoitinhos da mesa e caminho para me sentar com meus amigos. Tomas, Will e Zandri me falam sobre os problemas que resolveram. Pela forma como falam, começo a entender que ao mesmo tempo em que temos todos os mesmos tipos de problemas para completar, cada grupo os resolveu numa ordem diferente. Tomas respondeu a terceira questão de sua equipe — a questão de Matemática que Roman deveria

responder para nós. Zandri foi primeiro para sua equipe e respondeu o problema de História. Will foi em segundo e se encarregou de Genética. Todo mundo do grupo de Tomas voltou do exame. Zandri e Will ainda estão esperando que o resto de sua equipe volte.

Enquanto eu observo a porta, eles perguntam qual questão eu recebi. Numa voz baixinha eu conto a eles sobre minha crença na traição do meu colega de equipe. Minha decisão de não abrir a porta. De ir embora antes de responder minha pergunta. Meus amigos me encaram. Um nó se forma no meu peito. Will se recobra primeiro e diz que está impressionado por eu ter confiado nos meus instintos. Que ele ficou feliz de nunca ter tido de fazer uma escolha sobre confiar em seus colegas de equipe uma vez que Zandri era a única que foi antes dele. E, claro, ele confiava nela. Tomas olha para Will por vários momentos antes de dizer que está orgulhoso porque alertei minha equipe sobre minhas suspeitas. Will conta uma piada para me fazer sentir melhor, mas eu não me sinto. Os olhos esbugalhados de Zandri e os lábios trêmulos e a forma como Tomas franze a testa quando acha que não estou olhando me lembram que o veredito deste Teste ainda está em dúvida. Ainda há chances de que eu tenha cometido um erro. De que eu tenha fracassado. E quando Brick aparece na porta, estou certa de que cometi. Meu coração despenca para minha barriga. Brick havia sido inflexível quanto a seguir sua promessa. E quando ele passa por minha mesa sem levantar o olhar, estou certa de que ele fez exatamente o que jurou fazer. Brick resolveu sua questão. Ele sabe que eu estava planejando não responder à minha. Agora sou forçada a me perguntar — eu arruinei a chance para todos nós passarmos no Teste e continuarmos?

Nicolette chega cheia de histórias sobre seus colegas de equipe. Alguns eram bacanas. Um era mandão e arrogante. O grupo dela fez o garoto arrogante ir por último — caso ele tivesse alguma ideia de estragar o teste para os outros. Eu viro um biscoito na minha mão e escuto todo mundo falar sobre as personalidades dos candidatos com quem foram agrupados. Zandri lança um olhar para a porta enquanto esperava o resto de sua equipe chegar. Eu percebo que Tomas ficou em silêncio. Ele está observando nossos amigos de perto. Do canto do olho eu o vejo olhando para mim. Ele acha que estou paranoica? Talvez eu esteja.

O tempo passa lentamente quando mais candidatos chegam com olhar triunfante ou cansado. Às vezes os dois. Finalmente o jantar é servido. Eu me forço a comer. Com cada bebida eu lanço um olhar para Brick, incitando-o a fazer contato visual. Para me dar um sinal da escolha que ele fez.

Quando terminamos nossa refeição, uma voz no alto-falante diz. — A fase três do Teste foi completada. Os resultados de quem fracassou

serão entregues nos quartos dos candidatos em até uma hora. Para aqueles que passaram, desejamos uma boa noite de sono. Preparações para a fase final do Teste começarão amanhã.

Meus amigos se levantam e seguem para a saída. Eu finjo ajustar a alça da minha sacola e permaneço sentada até Brick passar. Ele nunca olha na minha direção. Na hora seguinte, eu observo o relógio no meu quarto com os minutos passando. Escuto o som de alguém chorando. Eu me encolho quando passos se aproximam, mas ninguém bate ou abre minha porta. Depois que o devido tempo passou, o corredor fica em silêncio. Eu sei que eu passei. Eu deveria me sentir feliz, mas quando deito na cama há apenas um cansaço anestesiado e a esperança de que eu esteja à altura do desafio do que quer que venha amanhã.

O chamado da manhã vem com o amanhecer. Devemos trazer todos os nossos pertences conosco ao nos apresentar para o café da manhã. Eu me visto rapidamente e amarro minhas botas gastas de couro, sentindo um temor no estômago. Meus amigos estão todos no café da manhã seguinte. Nós todos chegamos à próxima fase, apesar dos olhos vermelhos e cansados de Zandri e seu comportamento distante me dizerem que o sucesso não veio sem um preço. Olho ao redor da sala e vejo Brick sentado na mesa dos fundos. Desta vez seus olhos fazem contato. Por um momento nós apenas olhamos um para o outro. Quando ele assente, eu reconheço sua gratidão.

Uma hora se passa antes que o alto-falante nos convide para descer. Ao redor da sala vejo pessoas sugarem o ar. Algumas, como Zandri, soltam pequenos gemidos. Outros, como Tomas, parecem cansados, mas resignados. Até os mais arrogantes como Roman mostram sinal de medo. Sim. O Teste cobrou um preço para todos nós e o pagamento ainda não acabou. Ainda há um Teste a fazer.

O doutor Barnes está novamente esperando por nós na sala de apresentações do terceiro andar. Hoje está com uma expressão séria que faz todos na sala ficarem em silêncio.

— Parabéns a todos por chegarem à quarta rodada do Teste. Havia cento e oito candidatos na turma deste ano. Permanecem cinquenta e nove. Amanhã começará a fase mais longa de nosso Teste — o exame prático. Alunos universitários são os futuros líderes da Comunidade Unida. Para alguns de vocês nesta sala logo serem designados como esses líderes, nós acreditamos que seja necessário que vocês entendam totalmente os desafios que vão enfrentar. Vocês viajarão para uma parte não revitalizada do país e serão colocados num local designado para começar. Quando a prova começar, vocês precisarão, então, encontrar o caminho desse local de volta a Tosu City. Aqueles que voltarem receberão uma nota de passagem e serão qualificados para a avaliação final. A avaliação determinará os candidatos que

frequentarão a universidade.

Terror. É a única palavra em que posso pensar para descrever o que eu sinto. Sozinha numa parte não familiar do país. Ou não sozinha. Não realmente. Animais. Mutações causadas pela guerra em animais que outrora eram inofensivos, mas agora não são mais. E os andarilhos — aqueles que escolheram não fazer parte da Comunidade Unida. Pessoas que acreditaram que governos estruturados levaram aos Sete Estágios da Guerra e abandonaram aqueles que buscavam organização. Essas pessoas devem estar lá fora também. E apenas eu, sozinha, para encará-los.

— Cada candidato começará o teste independentemente do outro. Isso não significa que vocês permanecerão sozinhos. Vocês podem escolher se unir a outros candidatos. Também podem escolher impedir o progresso de seus colegas para garantir que obtenham uma nota de passagem antes deles. As escolhas que vocês fazem durante o teste serão consideradas nas suas avaliações finais.

Tomas pega minha mão e a aperta com força. A pressão de seus dedos e o apoio que implica me acalmam o suficiente para focar. Se vou passar neste teste, preciso focar. Uma tela desce atrás do doutor Barnes. Um mapa se acende na tela. No canto esquerdo do mapa há uma estrela prateada. Ao lado da estrela há as palavras Tosu City. No topo da direita há uma grande estrela preta ao lado de uma faixa azul de água. A estrela preta tem a legenda de *começo*. Além das estrelas, a faixa de água e o nome de Tosu City, o único detalhe no mapa são duas linhas — uma vermelha e uma azul. A vermelha corre numa diagonal perto do ponto de partida a alguns centímetros da estrela prateada. A azul começa vários centímetros abaixo do local com a estrela e corre para o Sul de Tosu City.

Todos os candidatos devem viajar da posição designada à área entre a fronteira azul e vermelha para Tosu City. Ambas as linhas indicam cercas que foram erguidas por oficiais da Prova para ajudar a entender e ficar dentro das fronteiras da área de Teste. Qualquer candidato que deixar a área do Teste em qualquer tempo receberá uma nota eliminatória.

— Por favor, não nos façam reforçar essa regra.

O corpo sangrento de Malachi aparece diante de mim. Os olhos esbugalhados cheios de sangue de Ryme. A cadeira agora vazia de Annalise. Julgando pela expressão séria do doutor Barnes, pelo tom de sua voz, não há dúvida de qual penalidade uma nota eliminatória garantirá.

— Assim que forem dispensados, cada um de vocês vai encontrar um oficial do Teste que vai dar mais instruções — Barnes suspira e olha lentamente pela sala, deixando seu olhar se estabelecer sobre cada candidato. — Por favor, sejam espertos e seguros. É meu mais

estimado desejo que cada um de vocês volte a Tosu City — ele endireita os ombros e nos diz para observar a tela atrás dele. Quando nosso símbolo piscar na tela, precisamos ficar de pé e seguir nosso devido oficial do Teste no corredor. Ele deseja sorte a nós, então sai do palco, caminhando pela fileira e pela porta sem olhar para trás.

O primeiro símbolo aparece na tela e um menino na frente se levanta. Ainda segurando minha mão, Tomas se inclina e cochicha: — O ponto de partida é Chicago.

Penso no mapa que apareceu na tela, considero a água e a distância até Tosu City e assinto. Eu estava embasbacada demais para reconhecer os mapas que estudei na escola. Mesmo sem qualquer marco adicional de identificação, estou certa de que Tomas tem razão e me pergunto como ele pode usar esse conhecimento para nossa vantagem.

Tomas está um passo à frente de mim. Falando baixinho no meu ouvido, ele me diz para encontrar o prédio mais alto ainda de pé. Ir para lá. Ele vai me encontrar. Se não encontrarmos um ao outro nas primeiras vinte e quatro horas, seguiremos para o Oeste até chegar à cerca que é a fronteira Norte do teste. Vamos achar um ao outro lá. Parceiros. Vamos fazer isso juntos. Dois planos. Duas esperanças de que eu não vou ter de viajar centenas de quilômetros sozinha. Eu faço que sim e aperto sua mão para mostrar que concordo, que vou me esforçar ao máximo para encontrá-lo, quando o símbolo de uma estrela de oito pontas aparece na tela. Meu estômago se aperta. Minha boca fica seca. Eu não quero soltar a mão do Tomas, mas convenço cada dedo a se abrir. Eu me mexo com a força que Tomas me emprestou, e fico de pé. Levando a sacola no meu ombro, toco cada um dos meus amigos na bochecha conforme passo — Tomas, Zandri, Will, Nicolette.

Quando saio no corredor, não posso evitar sentir uma pequena pontada de alívio com o rosto esperando por mim. Michal. Sua expressão é rígida, mas posso ver um toque de orgulho por eu ainda estar aqui. Ou talvez eu esteja apenas imaginando, porque quando ele me pede para segui-lo, seu tom é formal. Como se nós nunca tivéssemos nos encontrado.

Tomamos o elevador para o primeiro andar e saímos por um longo corredor cinza. No final do corredor, paramos em frente a uma grande porta cinza. — Este é o almoxarifado do Teste — Michal diz. — Cada candidato tem dez minutos dentro desta sala. Durante esse tempo você escolhe três itens adicionais para ajudá-la a completar este teste. Vou registrar suas escolhas. Neste momento, devo lembrá-la de escolher com cuidado. Suas escolhas significam a diferença entre sucesso e fracasso. É claro, duvido que você tenha chegado tão longe se já não tivesse descoberto isso.

Desta vez estou certa de que não imagino o brilho de orgulho em seus olhos. Ele me diz que meus dez minutos começam quando eu abrir a porta. Respiro fundo e viro a maçaneta. Roupas para ficar lá fora. Calçados sensatos. Comida. Bússolas. Kits de primeiro socorros. Equipamento de viagem. Kit para fazer fogo. Varas de pesca. Facas. Armas. E mais. Tudo o que você poderia precisar para ficar vivo. E eu só posso pegar três.

Sinto a presença de Michal atrás de mim enquanto ando lentamente além de mesas, prateleiras e cabides repletos de itens vitais. Novamente sou grata por minhas velhas botas. A maior parte das meninas vai ter de trocar seus sapatinhos da moda por algo em que possam andar. Meus roubos na sala de jantar também valeram. Mesmo sabendo que meia dúzia de maçãs, rocamboles e saquinhos de frutas secas não vão me sustentar até Tosu City, sei que tenho o suficiente por enquanto. Então ignoro essas opções e estudo o resto. Tudo parece necessário. Sinto que de tempo que tenho para minha seleção está passando enquanto tento decidir de que eu realmente preciso.

Num cantinho há um saco verde com uma pequena etiqueta que diz H2O. Minha mão puxa o saco da pilha e investigo. Dentro há dois cantis cheios d'água e um pequeno kit de químicas que usamos no segundo teste.

Penso de volta no mapa. A zona de provas é larga. Ainda que não esteja marcada, estou certa de que a área deve estar repleta de lagos, córregos e riachos. Pelas conversas com meu pai e as palavras do doutor Barnes, eu sei que a maioria, se não todas as áreas designadas do Teste, ainda não foram revitalizadas. Isso significa que a água nessas áreas provavelmente está contaminada de alguma forma. Nem toda contaminação mata, mas a maioria causa doenças — especialmente nos cansados e subnutridos. Vou correr risco de sofrer dos dois males durante o Teste, não vou correr o risco de desidratação.

Uma escolha feita.

Deslizando a sacola verde no meu ombro, considero as outras opções. A barraca com tecido à prova de chuva e o chão impermeável é tão tentadora. Contudo, só de levantar a sacola, a escolha é feita por mim. Ainda que não pareça pesada agora, há mais de mil quilômetros para viajar. Depois dos primeiros dez, a tenda vai parecer mais um fardo do que uma bênção. Conforto deve ficar em segundo lugar para a sobrevivência.

Deixo de lado a bússola, já que tenho uma no Comunicador de Trânsito que peguei emprestado de Zeen. Também deixo as facas e o kit para fazer fogo. Tenho o canivete que trouxe de casa. Vai servir. Quanto ao fogo, vai demorar um pouco para eu conseguir acender sem fósforos ou sílex, mas vou dar conta. É uma das primeiras habilidades



que ensinam aos novos alunos na Colônia Cinco Lagos. Para kits de fogo serem incluídos aqui entre o equipamento de sobrevivência, eu me pergunto se nosso tamanho pequeno e localização remota torna essa uma lição só nossa.

O monte de pistolas, arcos e flechas e explosivos atrai minha atenção. Se um animal atacar, eu não quero ser pega despreparada. Nunca usei arco e flecha antes e tiro isso imediatamente da minha lista. Os explosivos não são familiares e me matam de medo. Já atirei com a espingarda do meu pai e o pai de Daileen nos ensinou a atirar com a pistola. Daileen atira muito melhor, mas posso acertar o centro do alvo pelo menos setenta e cinco por cento das vezes. Eu toco na espingarda, com a qual estou mais confortável, mas só vem com uma caixa de dez balas. Meus dedos se mexem e se fecham sobre um pequeno revólver preto que vem com duas caixas de munição. Peso leve. Fácil de carregar. Balas suficientes de munição para eu poder praticar tiros sem me preocupar em ficar sem.

Escolha dois foi feita.

O revólver e as duas caixas de munição desaparecem na minha sacola quando Michal avisa que há dois minutos faltando. Meu coração dispara com o pânico. Dois minutos e eu não tenho ideia do que mais levar. Avisos luminosos para o Tomas me encontrar? Um saco de dormir? Uma capa de chuva? Um manual para fazer ligação direta em carros antigos? Haverá carros? Acho que não, mas como posso saber?

Fechando os olhos, respiro profundamente duas vezes e faço uma lista do que eu tenho. Comida. Água. Roupas. Um canivete com ferramentas. Um Comunicador de Trânsito completo com bússola. Uma arma para autodefesa, mas, e se eu me ferir?

Abro os olhos e vou para os kits de primeiros socorros. Cada um contém ataduras, uma agulha e linha, pomadas antibacterianas junto a uns tabletes de radiação, medicação para dores/febre baixa e outras garrafas que não tenho tempo de examinar agora. Enfio o kit médico na minha sacola e coloco-a nos meus ombros quando Michal anuncia. — O tempo acabou.

Voltando para os suprimentos, sigo Michal pela porta, tentando ignorar a preocupação perturbadora de que cometi um erro. No entanto, não há como voltar atrás. Minhas três escolhas foram feitas. O que quer que eu precise agora vou ter de encontrar pelo caminho.

Michal verifica seu relógio e me encaminha pelo corredor para uma sala marcada com meu símbolo. Ele abre a porta. Dentro há uma pequena câmara para dormir e um banheiro conjugado.

— Você tem uma hora para refazer sua sacola ou mudar de roupa — ele olha para mim e sorri. Ele sabe que não vou trocar nada, mas suas palavras e sua expressão me dizem que ele tem um roteiro a

seguir. Também me diz algo mais — se Michal está sendo cuidadoso, então há gente ouvindo o que é dito. — Se precisar de algo mais durante essa hora, por favor, me diga. Estarei lá fora.

A porta se fecha e eu me sento na pequena cama de solteiro. Tudo no quarto é decorado com tons de cinza. Não é exatamente o lugar mais animador em que já estive, mas podia ser pior. Na verdade, estou certa de que logo será.

Tiro as roupas, tomo um banho e lavo os cabelos. Quando estou limpa, eu me olho no espelho antes de prender os cabelos e torcê-los num nó apertado. Não tenho ideia do que vou encarar quando o teste começar, mas não posso permitir que meus cabelos compridos atrapalhem. Se durante o teste eu tiver de cortá-los, eu cortarei. Vaidade não tem lugar aqui.

Amarrando as botas, esvazio minha sacola no chão e vou rearrumando. Tiro um cantil de água para ficar mais à mão e guardo o resto do kit no fundo da mala junto com minhas roupas. O kit médico vai em seguida. Então a comida que eu peguei da sala de jantar é enrolada numa toalha do banheiro (ninguém disse que não podia levá-las) e guardada. Por fim, o último cantil, o Comunicador de Trânsito do Zeen e a arma. Eu coloco a faca no meu bolso. Levanto a sacola. Não é tão leve quanto costumava ser, mas distribuí o peso bem. Consigo correr com ela, se precisar.

O final da minha hora é assinalado pela batida na porta. Michal está esperando. Ele vê meu cabelo, minhas roupas não trocadas, a única sacola pendurada no meu ombro e assente. — Siga-me.

Ele me guia por uma série de corredores até chegarmos a um elevador. Desta vez, ele aperta o botão de um piso que eu nunca vi antes. SS. Quando as portas se abrem é muito claro pelo cheiro de bolor o que significa SS: Subsolo. De acordo com Michal, vamos viajar por sistema subterrâneo para as fronteiras da cidade. Um flutuador, então, nos transportará para nossa área designada de início.

A tensão e a preocupação que eu sentia diminuem quando avisto a passagem subterrânea. É um grande cinto transportador que zumba pelo chão, e não posso evitar fazer dúzias de perguntas a Michal sobre como funciona, qual o tamanho do sistema, e como é abastecido. Ele sorri e me diz que vai responder o que pode enquanto viajamos. Eu tropeço quando entro no cinturão, mas Michal me pega antes de eu ir ao chão.

A viagem de esteira segue por quase uma hora — em grande parte viajando por túneis mal iluminados. Várias vezes temos de sair de uma passarela e entrar numa nova. Sou grata pela presença de Michal, já que ele mantém a conversa fluindo constantemente. Concentrar-me na sua voz me ajuda a ignorar a ansiedade que cresce no meu estômago.

Chegamos ao nosso destino e saímos da passarela. Um elevador

nos projeta à superfície, onde Michal diz que nosso almoço nos aguarda. O elevador nos deixa numa sala grande tomada por oficiais do Teste. Um oficial de roxo que segura uma prancheta nos avista e se apressa. Ele anota o símbolo do meu bracelete, escreve algo em sua prancheta e diz a Michal para me levar ao número 14.

O número 14 é uma doca de flutuador bem iluminada, mas sem ar. No canto há uma pequena mesa com um grande piquenique para o almoço. Michal ficará comigo aqui nesta sala até a etapa da preparação do Teste — o que quer que seja. Uma janelinha minúscula ao lado da mesa dá para um campo de grama verde. Além da grama há água cintilante.

Depois de ficar trancada na maior parte dos últimos dias, sem saber se eu veria terras saudáveis como esta novamente, pergunto a Michal se podemos almoçar lá fora. Ele está prestes a dizer não, mas devo parecer desesperada porque ele me diz para esperar enquanto pergunta a um dos superiores.

Dou uma olhada no rosto de Michal quando ele volta e ele me dá um pulinho de alegria. Michal pega a cesta de comida e me diz que temos exatamente uma hora lá fora. Ele aperta um pequeno botão na parede e a porta da doca se ergue. Um momento depois nós saímos no ar fresco.

Pegando um ponto próximo a uma árvore grande, eu admito: — Estou surpresa por eles nos deixarem sair.

— Desde que eu fique com você e você não possa se comunicar com outros candidatos do Teste, não há razão para dizer não — ele me passa uma maçã da cesta e sorri. — Para dizer a verdade, a maior parte dos candidatos se contenta só em seguir instruções. O comitê do Teste sempre fica interessado em ver quais candidatos mostram um pouco mais de iniciativa.

Mesmo agora, antes de sermos jogados nos destroços do nosso país, estamos sendo testados. Não deveria me surpreender, mas me surpreendo. Meus olhos correm pelo comprimento da árvore, procurando sinais de que nossas palavras estejam sendo gravadas, que estamos sendo observados. Michal sorri. — Não se preocupe. Nossa conversa não está sendo gravada aqui. O comitê do Teste é ocupado demais para monitorar tudo o que leva até ao quarto teste. É por isso que estou aqui, e não planejo reportar essa conversa. Se quer conversar, isso é o mais seguro possível.

Eu quero conversar? Sim. Será que confio no Michal ou esse é apenas mais um teste para ser avaliado? Meu pai me instruiu para não confiar em ninguém. Por mais que eu queira, provei seguidamente que não sou meu pai desde que saí de casa.

Michal me passa um sanduíche da cesta e pergunta: — Como está lidando com tudo?

Meu estômago embrulha, mas eu me forço a dar uma mordida no sanduíche — carne, queijo e um pão denso. Provavelmente tem um gosto maravilhoso. Engolindo, eu digo: — Malachi morreu. Eu o vi morrer.

— Ouvi dizer — os olhos dele encontram os meus. — Sinto muito.

Acredito que ele sinta. A solidariedade que sinto irradiando dele me faz querer chorar. — Por quê? Por que ele está morto? — uma planta venenosa. Um prego no olho. Essas são as causas. Contudo, a razão...

Michal olha sobre seu ombro e então me diz para comer, fingindo rir e estar me divertindo. De outra maneira, alguém que observe ao longe pode se perguntar sobre o que estamos conversando. Enquanto eu como, ele me diz que o processo do Teste foi criado há anos pelo pai do doutor Barnes, que acreditava que os Sete Estágios da Guerra ocorreram porque os líderes mundiais não tinham a combinação correta de inteligência, habilidade de agir sob pressão e força de liderança para nos tirar dos confrontos. Que a única maneira de garantir que a Comunidade Unida não repetisse seus antigos erros seria testar os futuros líderes do nosso país e se certificar de que eles tinham a amplitude de qualidades que não apenas ajudariam nosso país a florescer, mas manteriam nosso povo em segurança. Com o passar dos anos, vários oficiais da Comunidade questionaram a necessidade de penalidades tão severas ao falhar no Teste. Alguns dizem que os Avaliadores fraudam o sucesso das provas para que aqueles que são espertos demais, fortes demais ou dedicados demais sejam podados. Contudo, há aqueles que se sentem não apenas levados a reconstruir a Nação, mas também a questionar suas leis e suas escolhas. Qualquer um que verbalize opiniões negativas sobre o Teste ou é transferido para um posto avançado ou desaparece.

Michal ri como se tivesse dito algo engraçado. Eu rio também, apesar de nada parecer menos divertido. O que se constitui esperto demais ou muito forte? Pedir para sair um pouco me marca como rebelde? Minha cabeça gira, mas eu continuo a sorrir como se minha vida dependesse disso.

E talvez dependa.

Eu como o sanduíche inteiro, então como outro porque vai estragar na minha sacola e sei que vou precisar de combustível extra quando começar o próximo teste. Michal se reclina na grama e observa. Quando os sanduíches terminam, Michal olha para seu relógio. Restam dez minutos de liberdade.

— Está assustada? — ele pergunta, me passando uma garrafa d'água.

Dou uma bebericada e sinto minhas emoções colidirem contra a fachada despreocupada que eu ergui. Eu assinto. Sim, estou

ateterrorizada. Tentando não perder minha compostura, passo as maçãs não comidas, as laranjas e os bolinhos para minha sacola. Meus dedos tremem quando eu tenho de fechar as presilhas. Michal me ajuda e cochicha. — Não se preocupe em ser a primeira a voltar. Todo ano os candidatos acham que a ordem da volta importa. Não importa. Seja esperta. Fique segura. Confie em seus amigos de Cinco Lagos se puder, mas em ninguém mais. Todos os anos há candidatos do Teste que acham que eliminar a concorrência é a melhor forma de garantir a entrada na universidade. Frequentemente eles estão certos. Não deixe que eles estejam desta vez.

A sacola se fecha. Eu me sento enquanto o mundo ao meu redor começa a girar e então desaparece. A última coisa de que me lembro é sentir braços fortes me levantando e uma voz suave e calorosa: — Você é esperta, Cia. Você é forte. Há pessoas como eu que estão do seu lado e sabem que você vai conseguir. Por favor, prove que estou certo.

Então tudo desaparece.

A próxima coisa que escuto é água escorrendo. Meus olhos se abrem. Estou deitada numa cama portátil no que só pode ser descrito como uma caixa de metal. A coisa toda tem provavelmente dois por dois metros. Tento afastar o pânico que sinto em estar num espaço tão pequeno e confinado e absorvo o resto das minhas cercanias. Há luzes elétricas iluminando o espaço. Uma pequena cesta de comida está no chão ao meu lado. Uma privada e uma pia ocupam o canto no final da cama. Na parede à minha frente há um relógio com contagem regressiva que diz: o Teste começa em trinta minutos. Não. Já mudou. Vinte e nove minutos.

Uso a privada. Escorro a embriaguez dos meus olhos e o gosto metálico da minha boca que são sinais claros que fui dopada. Penso na água que Michal me passou e sinto uma pontada de traição. Então, ela se vai quando me lembro das palavras cochichadas. As drogas eram parte do protocolo do Teste. Suas palavras e o cuidado que elas continham não eram. Por qualquer que tenha sido a razão, Michal acredita genuinamente que eu vou passar por esta prova. Ele até alega que outros que eu não conheço estão me oferecendo apoio. Não vou provar que eles estão errados.

Com o relógio em contagem regressiva, tiro o lençol da cama e coloco nos fundos da minha sacola. Sabe-se lá se eu poderei precisar do calor. Então verifico a cesta de comida. Mais sanduíches. Frutas secas. Uma garrafa d'água. Uma caixinha de biscoitos e três morangos bem maduros. Como os sanduíches, farejo a água por traços de drogas, então dou um gole guardando os biscoitinhos e as frutas na minha sacola cheia. No máximo, terei comida suficiente por uma semana. Um pouco mais, se for cuidadosa. Como os morangos suculentos um a um, vendo o tempo diminuir. Quando chega a cinco minutos, eu lavo

as mãos, tiro o comunicador de Zeen da minha sacola e ligo a bússola. A bússola gira loucamente, procurando direções sem encontrar. Só posso supor que a caixa de metal está confundindo o sinal e torço para que a situação se remedie quando eu puder sair.

Dois minutos.

Dou um último gole na água e guardo a garrafa na minha sacola.

Um minuto.

Percebo que pode haver qualquer coisa do lado de fora. Colocando o comunicador do Zeen no bolso lateral da minha sacola, eu busco dentro dela por uma última vez. Quando o relógio chega a zero, fico com a sacola no meu ombro e a pequena pistola preta em mãos.

A lateral da caixa se abre com uma voz gravada que diz: — A quarta rodada do Teste começou.

ELES NÃO NOS desejaram sorte. Talvez tenha sido um pensamento estranho de ter nesse momento, mas minha mente parecia não focar nada mais quando me afastei da minha cela de candidata do Teste para uma área de grama marrom que crescia pelo concreto. Eu mal conseguia respirar vendo a decadente devastação ao meu redor. Aço e pedra. Vidro e madeira. Prédios quebrados e desabados. Carros completamente enferrujados e virados. Uma camada de fuligem cobria tudo. Aqui e ali há plantas saudáveis lutando para ir além dos destroços — ansiando pelo som. Vinhas cobriam destroços de carros quebrados e prédios. Árvores que foram contaminadas pela terra maculada, mas são determinadas a sobreviver entre os pedaços da cidade partida em busca do céu. Não muito longe de onde está minha caixa de metal há o que parece um arco de tijolos quebrado parcialmente coberto por vinhas espinhosas escuras. No Sol que nasce, acho que vejo palavras entalhadas na madeira, e cuidadosamente dou passos em direção a elas. Forço a vista para ver as letras: Bol... de Valo... de Chica...

Mesmo com letras faltando, tenho certeza de onde estou. Chicago. A terceira cidade destruída durante o Quarto Estágio da Guerra. As primeiras duas cidades tiveram certo aviso: anunciaram evacuação. Centenas de milhares de pessoas morreram, mas podia ter sido pior. Como foi aqui. Os livros disseram que o ataque foi rápido. Não foi detectado antes de a primeira bomba cair. Quem foi o inimigo que penetrou nas defesas do país e destruiu uma cidade despreparada nunca foi confirmado, apesar de o presidente e seus conselheiros acreditarem que soubessem. Eles atacaram de volta, e o mundo despencou.

O vento assobia por ruas abandonadas. Entretanto, não estão abandonadas — não agora. Outros cinquenta e oito candidatos do Teste estão ali. Alguns são meus amigos, mas de acordo com Michal, outros ficariam felizes em me cortar com armas oferecidas para nossa defesa só para garantir seu lugar na universidade. Como eu encontro

um sem correr o risco de dar com os demais? Que armas escolheram? Serei forçada a usar a pistola?

Tomas disse que eu o encontraria no prédio mais alto, entretanto, de meu ponto de observação atual é difícil saber qual poderia ser. Caminho de volta para minha caixa e me ergo para cima dela para ter uma visão melhor. Mais concreto quebrado e aço retorcido. Montanhas de detritos que foram o túmulo de pessoas que costumavam chamar esta cidade de lar. A enormidade da destruição ataca meu coração, mas não tenho tempo para lamentar as pessoas que morreram aqui. Tenho de encontrar Tomas.

Quando me preparo para descer, avisto algo que reflete a luz acima do resto da destruição. Não parece com um prédio, mas é a coisa mais alta que posso ver do meu local. A distância é difícil de julgar, mas suponho que não está muito longe. Não sei se Tomas vai seguir para lá, mas tenho de dar uma olhada.

A bússola do Comunicador de Trânsito está funcionando agora. O mesmo acontece com a ferramenta de mapeamento que determina latitude e longitude. Pelo menos eu sei minhas coordenadas, posso encontrar o caminho de volta se precisar.

Saltando para baixo, sigo com minha bússola direcionando o Norte do meu destino. Reviro pilhas de rochas quebradas e evito grandes fendas no chão, parando a cada poucos metros para ouvir. Escuto passos? Há alguém por perto? Só escuto o vento farfalhando as folhas secas como garras numa árvore próxima.

Ao passo que meu objetivo não pareça estar lá tão longe do poleiro de metal, o Sol está muito mais alto no céu quando eu me aproximo do que agora vejo como uma torre acinzentada se projetando do que costumava ser um prédio. Como a torre sobreviveu à destruição é um mistério. Eu me pergunto se Tomas pode vê-la de seu ponto de partida.

Eu me sento num pedaço caído de pedra e dou vários golinhos na minha garrafa d'água. O Sol está quente. O suor escorre pelas minhas costas. Preciso ficar hidratada se quiser sobreviver ao Teste. Meu estômago ronca, e eu parto um pedacinho de bolo com uvas passas enquanto tento decidir quanto tempo eu espero aqui pelo Tomas. Ele pode não ver a torre. Ele pode ter decidido que o plano do prédio alto não deu certo e estar seguindo para o Oeste pela linha da cerca que era nosso segundo ponto de encontro.

Verificando a posição do Sol, decido que deve ser começo da tarde. Horas se passaram desde que eu saí nas ruas da cidade. Ainda que eu queira esperar quanto for preciso para encontrar Tomas, eu também preciso me abrigar quando a noite vier. A ideia de dormir ao relento com candidatos do Teste e quais sejam os perigos desconhecidos à espreita me apavora. Uma hora. É o tempo que decido dar a Tomas



até sair daquele ponto. Daí, vou seguir em frente.

Termino meu esparso almoço e decido explorar um pouco os arredores até ser hora de partir. Levando a sacola ao ombro, vasculho os detritos. Quase tropeço numa raiz de árvore e termino diretamente do outro lado da torre, dando para uma grande caixa de metal numa rua detonada.

Uma caixa de um candidato do Teste.

Meu coração acelera conforme sigo lentamente em direção à caixa, com cuidado para não fazer nenhum ruído enquanto caminho. É esperar muito que a caixa de Tomas fosse a primeira a encontrar depois da minha ou que ele ainda estivesse nela depois de a prova ter começado.

Mesmo assim, eu olho.

O relógio dentro não está mais ligado. A cesta de comida contém apenas restos de uma maçã mordida e o pacote de onde vieram os biscoitos. Definitivamente aquela não é a caixa do Tomas. Ele não seria tão incauto a ponto de comer alimentos que poderiam ser guardados para mais tarde. E ele teria tirado o lençol da cama como eu fiz. Estou considerando acrescentar o lençol ao meu inventário, quando escuto uma pedra raspar sobre o solo.

Há alguém ou algo lá fora.

Eu congelo e prendo a respiração, tentando decidir meu próximo movimento enquanto escuto fragmentos de cimento estalando sob os pés de alguém. Não é um animal. Definitivamente é uma pessoa. Meus batimentos contam os segundos enquanto escuto o som de avanço ou retirada. Os minutos passam. Não escuto nada. Eu aperto e solto a mão direita na pistola e conto até cem. Ainda nada.

Ficar presa nesta caixa sem janelas me coloca numa distinta desvantagem. Não apenas não posso ver quem está lá fora, mas não tenho como escapar se alguém vier pela porta. É hora de sair. Agora.

Espio pela entrada da caixa. Ela se abre de frente para uma área que outrora deve ter abrigado um prédio de que agora só restam paredes parcialmente de pé. Algumas delas só têm um metro, mais ou menos, mas uma ou duas são mais altas do que eu. A parede mais alta está provavelmente a quinze ou vinte metros. As paredes poderiam servir como uma forma de me esconder de quem pode estar perto. Pelo menos até eu determinar se essa pessoa significa perigo ou não. O solo entre a caixa e a parede está rachado, mas é quase todo plano. Se alguém está esperando lá fora, pegá-lo de surpresa é minha melhor opção. Eu coloco a alça da sacola na minha cabeça, para ficar mais segura, equilíbrio o peso, respiro fundo e corro. Minhas botas batem no chão duro de pedra. Em algum ponto à minha direita, creio eu, escuto alguém xingar. Minha corrida ou minha identidade o pegou de surpresa. Se for um amigo, vai me chamar. Se não for, eu correrei

mais depressa. Estou a cerca de três metros do meu destino quando escuto um som agudo, quase musical. Então um som oco. Enfiada numa árvore retorcida à minha esquerda há uma flecha. A vibração soa novamente. Desta vez, eu salto ao chão. Segundos depois uma flecha de metal acerta a parede a um metro e meio de mim e vem ao chão.

Mais xingamentos. Definitivamente à minha direita. Quem quer que esteja disparando ou tem uma sorte impressionante com a arma ou já teve aulas disso. Preciso arrumar um lugar seguro — e rápido. Ficando em pé, com a sacola batendo na minha cintura, avanço para a frente e me abaixo atrás de uma parede quando outra flecha acerta uma pedra.

Não há dúvida. Alguém está tentando me matar.

Outro candidato do Teste? Preciso acreditar que sim. Arco e flecha era uma das armas do quarto de seleção. E ainda que eu entenda que se sinta medo e solidão nesta cidade destrozada, não acredito que sejam esses os sentimentos que incitam o ataque. Como a sabotagem de Roman sobre o nosso grupo no terceiro teste, aquele ataque é calculado. É frio. É uma tentativa de melhorar chances de chegar à universidade.

Raiva e indignação se sobrepõem ao meu medo. Quem quer que seja essa pessoa, ela não está confiando na própria inteligência para passar no teste. Michal disse que matar alguém não é contra as regras, mas na minha mente é uma forma de trapacear. Deus me livre de ser uma vencedora trapaceando.

Eu me lembro da arma na minha mão, me abaixo e me movo lentamente para a direita, com cuidado para me manter embaixo de um monte de pedras. Quando chego à parede, calculo o melhor palpite de onde as flechas foram disparadas, espio pela parede e atiro. O disparo da arma sacode meu corpo todo com o som rasgando o silêncio da cidade. Alguém xinga — uma voz masculina. Acho difícil de acreditar que meu ataque cego o tenha atingido. Não era esse meu objetivo. Não planejo sobreviver a esse teste matando os outros. Contudo, isso não significa que vou cair sem lutar. Dou mais três tiros na cidade e me abaixo atrás da parede, escutando sons do meu agressor. O som de pés sobre rochas me faz segurar o fôlego.

Rochas se espalham pela calçada.

O tinir de algo metálico.

Silêncio.

Então o som de passos pesados correndo. Não em minha direção, mas para longe. Estou segura. Por enquanto.

Meu corpo treme com a raiva se esvaindo, deixando para trás apenas um medo vazio. Acabei de atirar em alguém. Não, eu não estava tentando matar quem me atacava; mas eu poderia. Eu poderia

ter matado alguém. O fato de a pessoa tentar me matar justifica meu comportamento, mas a vergonha e o horror ainda me encontram.

Percebo que estou agachada contra a parede, não mais ouvindo os sons da cidade, e digo a mim mesma para sair dessa. Haverá tempo suficiente para me preocupar depois sobre o que eu acabei de aprender. Primeiro, preciso me distanciar daquele lugar. Os tiros vão atrair atenção de qualquer um por perto. Se há outros candidatos do Teste interessados em eliminar a concorrência, eles podem vir buscar a fonte dos disparos. Não quero estar aqui quando chegarem.

Escutando atentamente por sinais de vida, espio no muro e vasculho os destroços da cidade. Não vejo ninguém. Nem perto da caixa do candidato. Nem na pilha de prédios destruídos ou escondido entre os galhos de árvores mortas. Até onde posso ver, neste momento estou sozinha. Enquanto não quero nada além de Tomas saindo da cidade comigo, vou ter de sair daqui sozinha.

Mantendo-me abaixada, verifico a bússola e sigo lentamente para o Oeste, com cuidado para parar a cada dez ou quinze passos para examinar a área ao meu redor. Por enquanto não vejo ninguém, mas sei que quem atirou com arco e flecha está por aí em algum lugar. Subir em rochas e pedaços de aço torna a viagem lenta. Finalmente encontro uma rua que está basicamente livre de detritos e sigo meu ritmo.

A rua leva para um rio amplo de água escura e serpenteante. Não há necessidade de testes. Aquela água não é potável. Nenhuma quantidade de química básica irá purificá-la.

A rua que eu sigo arqueia sobre o rio. Há rachaduras e fendas na ponte. Tento cruzar ali ou encontro outro caminho para o outro lado? Guardo a arma no bolso lateral da minha sacola e subo numa árvore na margem para ter uma visão melhor. O rio se curva para o Noroeste. É difícil ver o que há naquela direção. Ao Sul há outra ponte, contudo, ela também parece em mau estado. E quem sabe quanto tempo vai levar para eu chegar lá ou o que vou encontrar ao chegar.

Voltando ao chão, decido cruzar por ali. Preciso colocar o máximo de distância possível entre mim e meus candidatos inimigos. Se começar a cruzar e descobrir que a ponte é muito insegura, sigo para o Sul e tento a sorte lá.

Enquanto cruzo, vejo evidências de uma leve tentativa de reparar a ponte. Talvez antigos candidatos do Teste tenham colocado grandes placas de madeira e pedaços de rocha sobre buracos quando eles também tentaram cruzar para o outro lado. Pedaços de rocha esmigalham-se sob minhas botas quando sigo para o centro da ponte. Deste ponto de observação, posso dizer que o ponto mais distante da ponte está em condições ainda piores. Partes inteiras do asfalto se foram, deixando apenas pequenas faixas aqui e ali que podem ser

percorridas. Quem quer que tenha tentado remendar a ponte antes de mim não deve ter querido voltar em busca de materiais para esse lado.

Contemplo minhas opções. Voltar para onde eu vim para tentar a ponte sul ou continuar na esperança do melhor. Minha atual posição na ponte me deixou exposta. Sem dúvida estou à vista de qualquer candidato próximo. Se algum me avistou, voltar vai me deixar aberta ao ataque. As duas opções trazem riscos.

O medo de quem atira com arco e flecha me mantém em frente. Acerto a sacola no meu ombro enquanto a área em que caminho se estreita para menos de meio metro de largura. A água escura corre abaixo de mim, esperando um passo em falso para me levar embora. Estou a sete metros da segurança quando escuto o já familiar som de vibração que assinala perigo.

Não há escolha a não ser correr do que eu só posso supor ser uma flecha zumbindo perto. Há um barulho na água abaixo, com a flecha engolida pela correnteza.

A um metro e meio da segurança, o caminho pelo qual estou andando desaparece. Ouço a vibração novamente. Não tenho tempo de pensar enquanto salto o buraco, torcendo para chegar ao outro lado. Mas só a parte superior do meu corpo chega à terra. O restante fica pendurado no vazio entre mim e o rio. Entre o meu peso e o da sacola, eu me vejo escorregando para trás.

Eu me agarro ao concreto e enfio meus dedos numa fissura na rocha, fazendo meu movimento para trás parar. Os músculos dos meus braços começam a tremer enquanto tento me forçar de volta à terra. Após várias tentativas eu mal me movi uma fração de centímetro e meus dedos começam a perder a força. Não há nada que eu possa fazer para impedir. Num minuto, eu vou mergulhar no rio. Estou me preparando para a queda e torcendo para que a margem seja escalável quando algo pega meu braço e solta meus dedos de sua tênue salvação. Com todos os perigos ao meu redor eu sei que devo ficar quieta, mas não consigo evitar. Eu grito.

— ESTÁ TUDO BEM. Cia. Tudo bem.

Leva um minuto para a voz penetrar o medo. Para eu perceber que estou sendo puxada para cima e não empurrada para longe. Paro de lutar e me permito ser puxada — para cima — para a segurança do solo.

Meu coração está acelerado. Mal consigo respirar, mas consigo soltar um “obrigada” com o rosto de Tomas flutuando à minha frente. Seus olhos estão distantes e cheios de preocupação, mas seu tom é leve quando ele diz: — Quando voltarmos a Tosu City, vamos ter de trabalhar no seu salto a distância.

É uma piada ruim, mas me faz sorrir e me ajuda a esquecer rapidamente de onde estou. Por que estou aqui. Por um momento, estou segura. Então o momento desaparece. Cambaleando de pé, espio pela ponte, buscando sinais de quem atirava com arco e flecha. — Precisamos sair daqui. Há alguém com um arco e flecha querendo diminuir a concorrência. Ele me atacou enquanto eu procurava por você. Deve ter me seguido até a ponte.

Os olhos de Tomas se estreitam enquanto ele olha além da ponte. Está procurando uma prova de que alguém atirava? Não confia na minha palavra? Se não fosse pelos sonhos do meu pai, a traição de Roman e o aviso de Michal, eu não teria acreditado que outro candidato seguiria o teste dessa maneira. Posso culpar Tomas por duvidar?

— Bem, quem quer que fosse deve estar tentando encontrar um caminho mais seguro para atravessar o rio. É impressionante que você tenha conseguido. Quase fiquei louco quando vi você saltando — ele acerta a sacola em seu ombro e estende a mão. Estou prestes a tocá-la quando percebo que minhas mãos estão sangrando. Tomas repara no corte e diz: — Melhor limparmos isso. A última coisa de que você precisa é de uma infecção. Venha. Vamos sair do Sol e cuidar de você.

Seguimos para Oeste por pouco mais de um quilômetro antes de eu querer parar numa pilha de metal quebrado e rochas à altura da

cintura. Vai oferecer certa cobertura enquanto enfaixo minhas mãos e como alguma coisa. Agora que o medo não aperta mais meu estômago, estou morrendo de fome.

Tomas se senta ao meu lado e diz: — Posso rasgar meu lençol como faixas, se precisar de ataduras.

— Não é necessário — apesar de ficar feliz em ver que eu estava certa. Tomas tirou o lençol de sua cama.

— Tenho um kit de primeiros socorros aqui.

Como não preciso de sangue por todas as minhas coisas, peço que Tomas tire o kit e a garrafinha meio cheia de água. Molho um curativo de algodão e esfrego em meus ferimentos, grata em ver que debaixo do sangue há apenas alguns arranhões. Esfrego uma pomada anti-infecção e alguns curativos depois estou pronta para comer. Guardo o kit de volta na minha sacola, pego uma maçã e ofereço uma a Tomas. É o mínimo que posso fazer para quem salvou minha vida.

Ele sorri. — O kit de primeiros socorros foi um dos seus três itens, certo? — quando eu faço que sim, seu sorriso se abre. — Quase peguei um, mas imaginei que você teria pensado nisso. Eu não queria duplicar nada que você tinha, caso nos juntássemos.

Foi uma escolha arriscada. Uma que poderia não ter valido a pena se não nos encontrássemos, mas nos encontramos. Saber que ele pensava em nós como um time enquanto fazia suas escolhas me deixa inexplicavelmente feliz, considerando as circunstâncias.

Enquanto comemos nossas maçãs e dois rolinhos de canela, Tomas tira sua sacola, comparamos equipamentos. Mostro a ele a água e a química de purificação, que ele também imaginou que eu pegaria, mas ele não cogitou minha última escolha. Ele estava certo que eu pegaria a bússola, já que era um item de que quase todo candidato necessitaria em sua jornada. Então suas sobrancelhas se erguem de surpresa quando eu tiro a arma do bolso da minha sacola e admito que já tive motivo para usá-la.

— Foi você?

A vergonha que eu sentira anteriormente por minhas ações ressurgiu e eu baixe os olhos para não ver a censura que deve haver nos olhos de Tomas. Contudo, ele não me deixa afastar o olhar. Dedos levantam meu queixo para que meu olhar encontre o dele. Então vejo compreensão, cuidado e orgulho.

— Você fez a coisa certa. É preciso coragem para se defender, e estou feliz que você tenha conseguido. Não posso imaginar o que eu faria se algo tivesse acontecido com você — ele me dá um leve sorriso que agita meu estômago. Então, ele diz: — Quer ver meus três itens?

Um kit de ferramentas, que Tomas ficou feliz de ver que também continha fósforos. Um mapa do final do século xx e um com todos os antigos cinquenta estados com mapas detalhados do solo que iríamos

trilhar. Por último, há uma grande faca de aparência bem mortífera que Tomas tira de um estojo de couro. Não me lembro de ter visto aquele tipo de faca (se é que dá para chamar assim) entre as armas que podíamos escolher, mas deve ter estado lá. Duas mãos podem facilmente agarrar o cabo. A lâmina em si tem pelo menos meio metro. Um canto é serrado embaixo. O resto brilha com seu fio mortal.

— Achei que seria útil se precisássemos abrir caminho por arbustos altos — ele guarda a faca de volta e a prende em seu cinto. Como arma, foi uma boa escolha, mesmo que me faça estremecer.

Guardo meus pertences de volta na sacola e então mostro a Tomas o Comunicador de Trânsito do meu irmão e o canivete de caça que trouxe de casa. Saber que devemos estar mais bem abastecidos para sobreviver do que a maioria dos candidatos me faz sentir mais confiante quando seguimos pela cidade desolada para o que quer que haja a Oeste. Tomas acha que devemos continuar nessa direção por um tempinho antes de voltar ao Sul, o que me surpreende.

— Não vamos viajar pela cerca? — pergunto.

— Por quê?

— Para nos encontrar com os outros. Você disse a Zandri e aos outros sobre nos encontrarmos na cerca, certo?

Tomas para de andar. — Eu só disse a você.

— Mas... — estou prestes a perguntar o porquê, então penso sobre o atirador do arco e flecha, Ryme oferecendo os bolinhos de milho, a forma como Roman fez Malachi tropeçar quando chegamos ao refeitório. O truque de Roman. É uma questão de confiança. Tomas confia em mim, e a bondade que eu o vi demonstrar seguidamente desde nossa infância me deixa certa de que posso confiar nele. Ainda assim, não posso evitar perguntar:

— O que acontece se encontrarmos Zandri ou um dos outros pelo caminho? Vamos deixá-los se virar sozinhos? Deixamos que se juntem a nós? Podemos simplesmente deixar para trás as pessoas que chamamos de amigos?

Vejo Tomas brigando com a pergunta quando começamos novamente a seguir para o Oeste.

Após um longo tempo, ele fala. — Dizem que vamos ser avaliados pelas escolhas que fazemos. Acho que esTa vai ser uma delas.

Andamos por vários quilômetros, quase sem falar enquanto o cenário no horizonte se torna mais árido. A história diz que cidade após cidade outrora se espalhavam pelas fronteiras de Chicago. Que centenas de milhares de pessoas viviam e trabalhavam próximas a Chicago e prosperavam pela efervescência da cidade. Há poucas evidências disso agora. Quem quer que tenha destruído a cidade também dizimou as cidadezinhas que a cercavam. Pelo menos as que podemos ver de onde estamos. Sobraram apenas restos de metal,

paredes quebradas, pedaços de vidro e muita terra rachada, decaída — sinais da destruição que o homem pode causar contra seu próximo.

O Sol desaparece do horizonte e a escuridão começa a cair quando vemos uma pequena estrutura que se projeta entre uma área com plantas altas. Um sobrevivente da guerra ou algo construído depois por um dos que escaparam da destruição? O que quer que seja essa estrutura, parece estar intacta. Olhamos um para o outro e nesse olhar concordamos em seguir para a construção. Poderíamos andar um pouco mais, porém sabe-se lá se encontraremos outra estrutura para acampar. A ideia de ficar ao ar livre, sem proteção, com os candidatos do Teste e animais rondando em busca de vítimas não é nada atraente.

Nós dois estamos com calor e suados quando chegamos ao prédio. Os últimos vestígios de luz estão desaparecendo do céu. O prédio é pequeno e quadrado — cerca de dois metros e meio por dois metros e meio — com um chão duro de concreto. Quatro paredes ainda de pé, mas muito do telhado se foi, deixando-nos com uma visão do céu nublado. Fico feliz em ver que não há sinal de chuva. Uma área chamuscada no canto do prédio sugere que alguém — provavelmente um candidato do Teste de um ano anterior — já acendeu uma fogueira ali.

Tomas decide que as paredes dão cobertura suficiente se quisermos acender uma pequena fogueira. Entretanto, ainda que seja reconfortante, nenhum de nós quer correr o risco. Na escuridão da noite, qualquer luz será avistada a quilômetros. Comemos frutas secas e um pouco de pão de jantar. Quando terminamos nossa refeição, a luz já se foi completamente, e apesar de a Lua estar brilhante, só posso ver o contorno da porta do prédio. Nada mais.

Ainda que eu esteja acostumada com as noites escuras da Colônia Cinco Lagos, essa escuridão parece diferente. Ameaçadora. Repleta de monstros que eu costumava acreditar que se escondiam debaixo de minha cama. E há monstros lá fora. Pelo menos um candidato do Teste tem intenção de matar. A mão de Tomas encontra a minha na escuridão, e eu seguro lágrimas de gratidão por não ter de encarar essa escuridão e o medo sozinha.

— Por que não vai dormir, Cia? Eu fico de vigília para me certificar de que nada aconteça — preciso dormir. Meu corpo está trêmulo de exaustão, mas sei que pesadelos estão esperando por mim quando eu fechar meus olhos, então opto por conversar. — Quanto tempo você acha que vai levar para voltar a Tosu City? — usei o Comunicador de Trânsito para rastrear as coordenadas do barraco. Comparei-as com aquelas em que minha caixa de candidata estava localizada. Caminhando o dia todo, viajamos apenas vinte e sete quilômetros. A enormidade da distância entre nós e nosso objetivo é opressora.



— Três ou quatro semanas. Quanto mais longe estivermos da cidade, mais fácil será a viagem. Se encontrarmos algum tipo de transporte, vamos ainda mais depressa. Apenas se lembre de uma coisa. Seu pai conseguiu voltar quando foi testado, Cia. Nós conseguiremos também.

Uso esse pensamento para afastar preocupações sobre a comida e a água e os outros candidatos. Com uma foto do sorriso do meu pai em mente e os dedos de Tomas enlaçados firmemente nos meus, caio no sono.

Acordo num sobressalto e pisco para um céu tingido de roxo e rosa enevoados, incerta de onde estou. Então me lembro. Lentamente, eu olho para onde Tomas está deitado ao meu lado. Sua cabeça está apoiada em sua sacola do Teste. Sua respiração é lenta e constante. Ele deve ter adormecido antes de me despertar para minha vigília. Ele não ouviu o que quer que fosse que me acordou do sono.

O som de galhos estalando faz meu coração acelerar. O vento? Um animal ou algo mais mortífero? Eu aperto a mão de Tomas e coloco um dedo sobre os lábios dele quando seus olhos se abrem lentamente. Seus olhos estão bem abertos quando aponto para a porta e balbucio: — Ouvi algo — outro estalo, algumas folhas farfalham, e minha mão desliza para o bolso lateral da minha sacola em busca da arma. Tomas procura a faca ao seu lado. Esperamos em silêncio. Se um candidato do Teste estiver perto, ele vai ver o prédio. Vai se sentir compelido a olhar dentro por algo que possa ser útil durante o Teste? Eu iria. Meus dedos apertam com mais força a arma enquanto espero um rosto aparecer.

No entanto, não aparece.

Tomas e eu nos sentamos. Os minutos passam e lembro-me do dia anterior, quando estava presa dentro da caixa de candidata com algo à espreita lá fora. Pelo menos desta vez não estou sozinha. Quanto tempo nós esperamos? Parece uma eternidade, apesar de provavelmente serem apenas quinze minutos. Não ouvimos outros sons. Tomas lentamente fica em pé e se move para a porta. Ele quer dar uma olhada. Eu faço que sim e fico lentamente em pé. Se alguém está lá fora, não está esperando por nós dois.

Passo a passo, Tomas cruza a porta. Ele ajusta a pegada em sua faca, respira fundo e caminha para fora. Eu rapidamente o sigo.

Nada.

Nós circulamos o pequeno prédio, procurando sinais de que alguém esteve aqui, mas vejo apenas nossos rastros e aqueles feitos por pequenos animais. Agora que não estou aterrorizada, me vejo sorrindo enquanto estudo as marcas. Raposa e talvez um coelho. Vamos precisar de uma fonte de comida além das frutas e do pão que guardamos nas nossas sacolas. Faço uma anotação para procurar

arames e outros suprimentos para criar armadilhas e seguir Tomas dentro de nossa casinha para reunir nossas coisas. Se vamos até Tosu City, precisamos nos mover.

Comemos bolinhos de canela com passas no café da manhã e eu abro o primeiro cantil de água para ajudar a comida a descer. Com os dois bebendo dos meus suprimentos, a água vai acabar rapidamente. Em especial neste calor. Enquanto ontem eu estava preocupada em me distanciar dessa cidade destruída, hoje estou mais focada em encontrar as ferramentas de que precisamos para sobreviver nas semanas por vir. Precisamos encontrar água que seja descontaminada o suficiente para que minha química de purificação a torne potável, e precisamos encontrar depressa.

Enquanto tomamos o café da manhã, estudamos a página de Illinois no livro de mapas de Tomas. Por mais que a maioria das cidades, vilarejos e estradas tenha sido devorada pela guerra e pelo tempo, torcemos para que pelo menos alguns dos lagos e rios tenham permanecido. Decidimos nos encaminhar em direção a um rio que parece a melhor opção e apertamos as coordenadas no Comunicador de Trânsito. De acordo com o aparelho, o rio fica a vinte e dois quilômetros ao Sudoeste. Com as sacolas nos ombros, começamos a caminhar, usando a bússola como nosso guia.

Por todo lado há uma terra plana, quebradiça. Uma vítima das armas biológicas usadas na cidade e mas cercanias. Tão diferente da parte montanhosa do país em que eu cresci. Conforme andamos, bebericamos a água, tentando repor o líquido que o Sol está extraindo de nós, e conversamos sobre coisas sem importância — nossas brincadeiras favoritas de infância, as músicas que nossas mães cantavam para dormirmos, nossas comidas favoritas. Tomas gosta de cenouras cobertas de mel. Eu adoro framboesas frescas. Falamos sobre celebrar o sucesso do nosso Teste com ambos. Após várias horas de caminhada, encontramos uma alameda de árvores baixinhas para descansar. Quando Tomas larga sua sacola, dou gritos de felicidade. Crescendo perto do tronco das árvores, há dúzias de pequenas flores brancas com pétalas espinhosas subindo ao céu. Trevo. Meu pai diz que é uma das poucas plantas que nunca têm problema de crescer, não importa a condição do solo. Quando eu era pequena, minha mãe frequentemente servia salada de trevo quando as outras comidas eram escassas. Engraçado como algumas coisas nunca mudam.

Tomas e eu desnudamos o solo das plantinhas brancas, as dividimos em duas pilhas e eu me sento na sombra, comendo as flores frescas e os talos brancos com nosso pão e as frutas. Deixamos as raízes, então as flores crescerão novamente — talvez para os candidatos do Teste que venham no próximo ano.

O Sol da tarde é brutal assando o solo abaixo dos nossos pés. O

suor escorre de nossos corpos. A terra que rodopia no ar adere à nossa pele úmida e grudenta. Juntos, esvaziamos o primeiro cantil e abrimos o segundo. Precisamos encontrar uma fonte de água. O aparelho em minhas mãos nos diz que ainda temos três quilômetros até chegar ao que eu espero que seja um rio.

É final da tarde quando chegamos ao nosso destino. Um leito seco de rio. Verificamos o mapa duas vezes para nos certificar de ser a locação correta. Não há dúvida. Algum acontecimento, provavelmente um terremoto, moveu a terra e esvaziou o rio entre o tempo em que o mapa foi criado e agora. E ainda que não seja de surpreender, não posso evitar a onda de decepção que é rapidamente seguida por medo. Deixo o medo de lado e me concentro em resolver o problema. Por que não é esse o objetivo do Teste? Encontrar aqueles que podem resolver o problema mesmo sob grande estresse? Os oficiais do Teste querem que os candidatos tenham sucesso. Haverá água em algum lugar. Só precisamos ser espertos o suficiente, e pacientes para encontrá-la.

Vejo um pequeno morro ao Sudoeste e digo: — Bem, a água do rio tem de ir para algum lugar. Por que não vemos se conseguimos avistá-la de lá?

Tomas guarda o livro de mapas em sua sacola e assente. — Parece bom para mim.

O morro fica mais longe e é mais alto do que parece. O Sol está começando a perder o brilho quando chegamos ao topo. Uma olhada na paisagem abaixo de nós me faz querer chorar. Mais terra marrom-acinzentada rachada. Mais árvores retorcidas com aparência doentia e folhas secas. Mais vazio. Com exceção de um lugar. Eu aperto a vista contra o Sol poente. Sim. Lá, longe à direita, uma área verde. Um verde que só pode ter sido criado por plantas que crescem. E para plantas crescerem, elas precisam de água.

Com um sorriso largo e feliz, Tomas pega minha mão e seguimos num passo apressado em direção ao verde. Ocorre a mim, conforme andamos, que ainda que nossa vista do topo do morro seja útil, também pode ter nos colocado em perigo. Qualquer um nas proximidades, que olhasse para nossa direção, pode ter nos visto.

Menciono minhas preocupações para Tomas, mas não há muito o que possamos fazer agora. Não há lugar para nos abrigar nesta paisagem vazia. Precisamos continuar em frente e torcer pelo melhor.

Quanto mais Tomas e eu nos aproximamos do verde, mais tensão eu sinto. A proximidade do verde e a possível fonte de água do morro em que o vimos começa a parecer coincidência demais. Porque esta parte do país não foi oficialmente revitalizada, há a impressão de que foi deixada intocada pela equipe do governo da Comunidade Unida. Entretanto, não é necessariamente o caso. O doutor Barnes e os

oficiais do Teste querem ver como pensamos, como identificamos e lidamos com os problemas. Faz sentido eles montarem pequenas provas dentro da maior, eles não deixarem os obstáculos com que nos deparamos ao acaso.

Conforme nos aproximamos da área, começo a ter certeza de que esse Oasis é outro tipo de teste. O oval perfeito em que a grama cresce. O brilho de um lago claro, limpo e descontaminado no centro. Duas árvores repletas de folhas, saudáveis de guarda em cada lado. A área toda tem apenas sete metros de largura e o mesmo de comprimento. Não há dúvida. Esse pequeno pedaço do paraíso foi feito pelo homem.

Tomas acelera quando avista a água, mas para, quando nota que não estou mais ao lado dele. — O que foi, Cia?

Explico minhas suspeitas, e sua testa franze com a ideia. Ele olha para o lago com desejo e diz: — Eles sabem que precisamos de água. Faz sentido que eles tenham colocado fontes de água aqui para nos manter vivos. De outra forma, nenhum de nós sobreviveria a esse teste desgraçado. Então, onde estariam?

Tomas tem um bom argumento. Contudo, ele não ouviu quando o doutor Barnes racionalizou sobre a morte de Ryme. Ele não viu Malachi morrer. Se eu não tivesse visto, talvez acreditasse que esse avistamento é um presente dos oficiais. Em vez disso, vejo como uma armadilha.

— Vamos ver ao redor da linha da grama e dar uma olhada só para ter certeza.

Tomas quer discutir. Posso ver em sua mandíbula travada. É o mesmo olhar que ele usava na classe quando um colega ou nossa professora estavam errados. Em vez de discutir com ele, caminho até a grama verde vibrante, cuidadosa para não bagunçá-la com meus pés. Flores crescem perto do canto do lago, preenchendo o ar com sua doce fragrância. As árvores são altas e retas e fornecem abrigo do Sol. É o local perfeito para descansar e nos restaurar da viagem. Neste lugar em que nada é perfeito, é de espantar que eu me recuse a confiar?

— Parece bom para mim — Tomas diz do outro lado do Oásis.

— Só mais alguns minutos. Por favor — eu grito. Viro as costas para ele, torcendo para que isso encerre a discussão. Minha intuição diz para cair fora deste lugar maldito, mas tenho de convencer Tomas. Ele sempre foi tão bom, tão gentil com os outros — especialmente com aqueles que estavam tristes ou perturbados. Não é à toa que ele espere que o governo que nos trouxe aqui seja prestativo também. Com essa sendo a única fonte de água que vimos desde o rio contaminado de ontem, eu não o culpo por ficar tentado. Se ao menos houvesse outra fonte de água por perto. Há outro morro não muito longe. Talvez eu possa ver algo...

— Eu já volto. Fique aí — grito. Sigo para o morro. Minhas pernas estão cansadas, mas me movo rapidamente. Estou no topo do morro em menos de cinco minutos e, apesar de estar sem fôlego, eu rio quando vejo. Não muito longe — talvez uns cem metros mais ou menos — há um pequeno rio. A água não brilha e as plantas ao redor não são abundantes, mas sei pela trilha que esculpe no solo que é natural. Água. Contaminada? Provavelmente, mas tenho meu kit para lidar com isso. Pela primeira vez no dia, sinto um alívio.

Então o mundo explode.

A SURPRESA E A FORÇA da explosão tiram meu equilíbrio. Eu venho ao chão, rolo para baixo e fico de pé, tentando entender o que acabou de acontecer. O zumbido em meus ouvidos. O buraco onde o Oásis costumava ficar. Tomas pertinho na terra dura e rachada, completamente parado.

Engolindo um soluço, eu voo morro abaixo onde Tomas está jogado com as costas no chão, olhos fechados. Temo pelo pior. Que mais uma vez eu vá segurar a mão de alguém de casa enquanto ele se vai desse mundo, me deixando para trás. Então, vejo o movimento de subida e descida de seu peito e suspiro de alívio. Ele está vivo. Apesar de a armadilha ter sido acionada, Tomas não estava no meio quando aconteceu. Do contrário, ele — como as árvores, as flores e a água — teria desaparecido. Só de pensar num mundo sem a presença forte e estável dele já é o suficiente para me deixar de joelhos.

Ainda assim, ele não está consciente, o que não é bom. Eu me sento no chão ao lado dele e gentilmente procuro atrás de sua cabeça por ferimentos que indicariam uma concussão ou algo pior. Estou aliviada em não encontrar nada. Então noto o sangue se espalhando no chão ao lado da cintura dele e um galho de dois centímetros e meio de espessura que penetra em seu corpo.

Seguro as lágrimas. Chorar não vai ajudar Tomas, então tenho de decidir o que fazer. O doutor Flint sempre diz que você não deve mover alguém com um ferimento na cabeça, mas não tenho escolha. Tenho de parar o sangramento que vai ao solo rachado. Cuidadosamente, mudo Tomas de lado. A madeira farpada está enfiada fundo nas costas dele. A explosão e o impacto contra o solo devem ter criado força suficiente para espetá-la. Respirando fundo, pego o galho de árvore e puxo. Os cantos da madeira pegam a pele de Tomas. Ele começa a grunhir e torce o rosto enquanto eu mexo a madeira para frente e para trás para removê-la. O fluxo de sangue aumenta com a madeira deslizando livre do corpo de Tomas. Eu rasgo uma faixa de tecido do lençol da minha cama, pressiono contra o

ferimento e seguro ali com uma das mãos enquanto a outra procura o kit de primeiros socorros. A pomada desinfetante vai vir a calhar. A agulha e a linha também, se eu tiver coragem de usá-las. Começo a rolar Tomas para baixo quando ele geme novamente.

Seus olhos cinza se abrem. — O que aconteceu?

Ouvindo sua voz, vendo-o acordado, me faz sorrir enquanto eu libero o fluxo de lágrimas. — O Oásis explodiu — digo a ele, esfregando lágrimas com o dorso da minha mão suja de terra. — Você foi perfurado por um galho de árvore. Eu o removi, mas o ferimento está sangrando bem feio. Não se preocupe — digo, fingindo mais confiança do que sinto. — Vou dar pontos rapidinho. Só que...

Os olhos dele se estreitam. — Só que o quê?

Sinto minhas bochechas esquentando antes mesmo de dizer. — Você vai ter de tirar as calças para que eu possa fazer isso.

O sorriso que ele abre é safado e bem sexy, mas rapidamente se transforma numa careta enquanto ele luta para abrir a calça e empurrá-la para baixo. Ainda está sangrando, mas não tão forte quanto estava. A perfuração tem pelo menos dois centímetros de diâmetro e julgando pelo sangue no galho pelo menos oito centímetros de profundidade. A área ao redor do ferimento é uma bagunça destrocada de sangue e tecido. Um ferimento desses deve doer pra diabos. E não tenho ideia de como costurar. Em todos esses anos, o doutor Flint fechou vários dos cortes dos meus irmãos, mas não tinham essa aparência. Eram cortes na pele que podiam ser fechados com linha e agulha. Aquele é um buraco aberto.

Ainda assim, preciso tentar algo.

Tiro da sacola vários comprimidos para dor e levanto a cabeça de Tomas para que ele possa engoli-los. Então, limpo o ferimento da melhor maneira que posso com a água. Sem sangue e sujeira, o ferimento parece ainda pior. Eu estava certa. Não há jeito de costurar aquilo para fechar. O que só me deixa com uma ideia. Só de pensar nisso me faz querer gritar, mas eu não tenho escolha. O sangue ainda está fluindo do ferimento. Se não parar logo, Tomas não vai poder viajar. Ele não vai terminar o Teste, nem eu, já que eu nunca poderia deixá-lo sabendo que ele provavelmente morreria lá, ferido e sozinho.

Reunindo pedaços de grama seca e de madeira numa pilha, eu acendo com um dos fósforos de Tomas. Quando o incêndio começa, eu tiro meu canivete do bolso. Além da lâmina e da chave de fenda há uma lixa de unha, uma serra, um anzol e várias outras traquitanas de metal que nunca tiveram uso. Até agora.

Eu seleciono a ferramenta que tem cerca de quatro centímetros, mais ou menos um centímetro de largura e é lisa em cima. Há um troço como um gancho perto do meio, que meu pai disse que usava quando criança para abrir garrafas, mas não temos esse tipo de garrafa

em Cinco Lagos, então só posso imaginar como funciona. Não é o abridor de garrafas que me interessa, mas a superfície lisa, sem fio perto do topo. Agora preciso reunir coragem para seguir o plano. Enquanto a pequena fogueira estala, faço algo que vejo doutor Flint fazer quando o paciente está consciente durante um tratamento particularmente desprazeroso. Eu passo o lençol para que Tomas morda, seguro o abridor de garrafas perto das chamas e espero ele ficar vermelho. Quando fica, peço que Tomas olhe para o outro lado. Antes que eu possa perder a coragem, eu tiro o metal quente da chama e aplico no ferimento.

Tomas grita no lençol e salta de dor. O som de seu sofrimento é abafado e enche meus olhos de lágrimas. Mas preciso continuar trabalhando. Coloco a ferramenta de volta nas chamas com uma das mãos enquanto limpo o sangue do ferimento e seguro as pernas de Tomas com a outra. Quando o metal está novamente quente, eu o coloco contra a pele. Um cheiro de cobre, sulfuroso me faz engasgar. O cheiro de pele queimando.

Lágrimas correm por meu rosto. Meu peito se aperta e eu mal posso respirar. O grito abafado de Tomas atravessa meu coração quando eu aplico o metal novamente no ferimento. Até que finalmente o sangramento para.

Minhas mãos tremem enquanto uso nossa preciosa água para limpar o ferimento. Então espalho pomada na área e faço um curativo, e ajudo Tomas a entrar de novo nas calças. Torço fervorosamente para que o sangramento pare de uma vez porque acho que não posso fazer isso novamente.

Os olhos de Tomas estão vidrados e sua testa coberta de suor quando ele me dá um sorriso fraco. — Quase nem senti — ele mente.

Vou dar um beijo em sua bochecha, mas ele vira a cabeça e o beijo cai no canto da boca. O tempo para quando olhamos um para o outro. Então, bem lentamente, Tomas se inclina para frente e me beija novamente. O beijo é leve como uma pena, mas sinto até meu estômago. Já beijei meninos antes — sou nova para minha turma, mas não sou tão nova assim. Nenhum desses beijos, porém, me fez sentir do jeito que aquele fez. Talvez por causa do medo e da adrenalina com que estou operando ou porque não entendo por que Tomas me beijou. Gratidão? Ou algo mais? Algo que eu sentia vindo desde que dançamos no ano passado e estava assustada demais para acreditar que fosse real. Confusa pelas emoções que não quero analisar, eu me viro e começo a enfiar os suprimentos de volta na minha sacola. — Vai ficar escuro logo. Quando eu estava no topo do morro, vi um córrego. Não é muito longe. Acha que pode andar ou montamos um acampamento aqui? Provavelmente há luz suficiente para eu chegar até o córrego, encher nossos cantis e voltar — sei que estou



divagando, mas não posso me impedir. Ele balança a cabeça e lentamente fica de joelhos. — Se seu amigo com o arco e flecha ouviu a explosão, ele pode vir procurar por nós. Deveríamos colocar certa distância entre nós e esse lugar antes de escurecer.

Com tudo mais o que está acontecendo, eu me esqueci dos outros candidatos do Teste. A explosão vai atrair atenção. Se o atirador do arco e flecha ouviu a explosão, ele pode supor que quem quer que tenha sido pego está morto. A não ser que tenha ouvido Tomas gritando durante meu tratamento. De toda forma, Tomas está certo. Precisamos cair fora.

Ajudo Tomas a ficar em pé e coloco seu braço ao redor dos meus ombros para que eu possa lhe oferecer apoio. Ele é quase uma cabeça mais alto do que eu, mas conseguimos fazer funcionar. Contudo, é lento para subir o morro, e nós dois estamos bem ofegantes quando chegamos ao topo.

Finalmente o medicamento para dor está começando a funcionar e Tomas é capaz de caminhar um pouquinho mais depressa conforme descemos para o outro lado. Na luz cinza, vejo um corte de arbustos na altura do ombro com folhas cinza grossas e me encaminho em direção a eles. O emaranhado é denso, mas depois de quebrar alguns galhos mais baixos, eu me contorço sobre o arbusto mais próximo do córrego e encontro uma pequena área onde podemos acampar. Peço a Tomas seu facão assustador e uso para abrir mais espaço para nós. Então estendo o lençol de Tomas no chão e tiro galhos do caminho para ele passar enquanto entra. Tomas dorme quase antes de eu dizer para ele que vou pegar água. O que vai ser traiçoeiro, pois o Sol está se pondo rapidamente. Pego os três cantis vazios e minha sacola com químicas purificadoras e salto entre as plantas até o leito.

Testar se a água é potável não é difícil, mas requer tempo e luz. Com o último cantil de água quase vazio e o Sol se pondo, fico sem as duas coisas, mas preciso tentar. Se Tomas tiver uma infecção no meio da noite, a última coisa que eu quero é que não tenhamos água.

Os testes para a maioria dos contaminadores são bem básicos. Você enche um copo d'água e joga várias químicas líquidas para reagir com os contaminantes. A pequena amostra de água vai ficar vermelha, ou azul, ou amarela ou verde para indicar um contaminante específico. Às vezes a cor pode ser bem leve. Você tem de ser capaz de identificar mudanças sutis na cor para poder acrescentar a química correta para tornar a água potável. O truque é acrescentar apenas a química necessária para contrabalançar a contaminação. Se você acrescentar qualquer coisa que não pertença, pode acabar envenenando a água. Não vai matá-lo, mas pode deixar você bem doente. Algo que eu gostaria muito de evitar.

Tirando minhas químicas, eu uso um dos contêineres plásticos de

nossa cesta da caixa do Teste e encho com cerca de um centímetro de água. Coloco a primeira química e mexo a água. Se contiver a versão biomodificada de cianeto usada em muitos dos bombardeios do Estágio Quatro, o líquido vai ficar vermelho. Depois de vários minutos mexendo, estou certa de que a água está livre desse contaminante e sigo para o próximo. Passo pelos primeiros três testes sem mudança de cor. No quarto, porém, para uma química criada pela Aliança Oriental que faz o sistema cardiovascular se sobrecarregar, a água fica num tom roxo vibrante inconfundível mesmo nos últimos vestígios de luz do Sol. Eu esvazio a garrafa de testes, encho os três contêineres e acrescento as químicas para desfazer a contaminação. De manhã, vou testar novamente uma tampa cheia d'água para verificar a pureza antes de bebermos. Por enquanto, rastejo de volta pela vegetação baixa com meus contêineres de água, como alguns pedaços de maçã seca e me enrolo ao lado de Tomas no lençol.

Enquanto me esforço para ficar acordada, não posso evitar a exaustão do dia me puxando para o sono.

O som de um pássaro cantando me recebe de manhã. Por um momento, aninhada quentinha no lençol, acho que estou dormindo na frente de uma lareira em casa depois de ser expulsa do meu quarto pelo ronco dos meus irmãos. Então, percebo que há algo se movendo atrás de mim e vejo onde estou. Meus olhos se abrem para encontrar os olhos cinza de Tomas olhando para mim.

— Bom dia — ele diz com um sorriso suave. — Eu não queria acordá-la.

— Eu não deveria ter dormido — e estou irritada comigo mesma por ter dormido. Que bela vigília eu fiz para o atirador do arco e flecha. Se ele tivesse chegado até nós de noite, nós dois estaríamos mortos. Idiota! Só a sorte nos manteve vivos.

Tomas não parece preocupado, mas mantém a voz baixa quando diz: — Estamos muito bem escondidos aqui. Acordei há um tempinho e olhei ao redor. Se nossos colegas candidatos vieram, não vi nenhum sinal deles.

— Não acha isso estranho? — pergunto. — Que não tenhamos visto nenhum outro candidato?

— Acho que não. No mapa que mostraram para nós no Centro de Provas parecia que as linhas da cerca ao redor daqui estavam pelo menos a trinta quilômetros de distância. Isso significa que há espaço para nós todos nos espalharmos. Pelo menos inicialmente — ele busca em sua sacola e tira um livro de mapas e abre a página do Kansas. — Se me lembro corretamente, a linha das cercas ao redor se estreita perto do final — por aqui. — ele aponta a um lugar distante da cidade que outrora se chamava Wichita.

— Creio que os oficiais do Teste querem nos juntar naquele ponto

— para ver como respondemos.

— Outro teste dentro de um teste. Como ontem.

— É, e veja como terminou bem — os olhos de Tomas brilham de raiva, uma emoção que nunca vi nele. Ele normalmente é tão calmo e lógico. No entanto, sua voz é alta e seca quando ele diz. — Eu quase nos explodi ontem porque não consegui acreditar que você estava certa. Que a única coisa esperançosa que havíamos visto desde que começamos este teste era algo feito para nos matar. Fiquei dizendo a mim mesmo que você estava errada e eu estava certo. Quero dizer, por que diabos os oficiais do Teste nos trariam todos aqui apenas para nos matar? Não faz sentido.

Seus punhos estão cerrados, e posso ver a confusão e a raiva em seus olhos enquanto ele exige uma resposta. Contudo, eu não tenho uma. Não de fato. Então, pego a mão suja de terra do Tomas e a seguro porque me sinto tão perdida quanto ele.

Sentamos de mãos dadas por vários minutos antes que Tomas sorrisse para mim, mostrando sua covinha familiar. — Bem, você está errada sobre uma coisa. Eu definitivamente não sou o cara mais esperto da nossa turma, Cia. Apesar de achar que fui bem espertinho em me juntar a você. Que outra menina ia querer consertar meu estrago depois que me explodi?

— Está de brincadeira? — eu me afasto e me ocupo em tirar o saquinho de frutas secas da minha sacola para que ele não veja minhas bochechas corando. — Praticamente qualquer menina solteira em Cinco Lagos teria se oferecido para cuidar de você. Especialmente se você lhe agradecesse com um beijo.

— Cia — me viro e os olhos de Tomas encontram os meus. O humor neles se foi, deixando algo mais cativante no lugar. — Se outra menina tivesse me ajudado, eu não a teria beijado.

As palavras ficam entre nós. No fundo eu sinto algo se mexendo e se encaixando. Então o humor volta quando ele diz. — Vamos. Precisamos começar a caminhar. É um longo caminho até Tosu City.

Antes de partimos, eu testo a água que tratei ontem, grata por ter algo a fazer em vez de ficar obcecada com as palavras do Tomas. Ele estava dizendo que eu era especial para ele ou estava só me lisonjeando? Considerando todas as meninas lá em casa que praticamente se jogavam aos pés dele, acho difícil imaginar que ele pensara em mim dessa maneira.

E, ainda assim, penso de volta naquela dança e nos momentos do ano passado quando o peguei me observando do outro lado da classe. Talvez sempre tenha havido algo entre nós.

O teste da água volta limpo. Tomas e eu aproveitamos para beber bem e até limpar a sujeira da viagem de nossas mãos e nosso rosto antes de encher os contêineres com a água do córrego e tratá-la.

Comemos um café da manhã de torradas, maçãs e um trevo vermelho que encontramos crescendo perto de nosso bosque de arbustos. Então, depois de examinar o ferimento de Tomas e aplicar mais pomada, nós seguimos para o Sudoeste.

O dia está mais frio. Penso que tempestades podem estar vindo, mas a falta de calor extremo torna a viagem mais fácil. Nosso progresso é marcado não apenas pela mudança de nossas coordenadas no Comunicador de Trânsito, mas também pela mudança do cenário. A terra lisa e rachada com apenas pequenas áreas de vida vegetal e árvores com aparência raivosa começa a dar lugar a mais morros, árvores que não são lá tão saudáveis na aparência, mas não tão pretas e retorcidas, e muito mais plantas. Mais de uma vez eu faço Tomas parar e avisto cenouras silvestres, malva e serralha. Vamos precisar de lareira para cozinhar a serralha, o que eu não tenho certeza de que vamos ter tempo, mas eu a pego de toda forma, por precaução. Nosso atual suprimento de comida vai durar só mais dois ou três dias. Precisamos de toda comida que pudermos encontrar.

Também começamos a ver mais sinais de pássaros, como aquele que me acordou cantando pela manhã, e outras caças. Tomas avista rastros de cervo, raposa e coelho junto a pegadas de grandes animais que não sabemos identificar. Precisamos começar a caçar se esperamos ficar fortes o suficiente para chegar ao final do teste. Contudo, por ora caminhamos. Enquanto os quilômetros passam, comentamos sobre os prédios que estamos vendo agora. Não há muitos, mas alguns aqui e ali. Alguns com paredes apenas parcialmente em pé. Outros que parecem mais intactos.

Quando a noite começa a cair, decidimos seguir em direção a um grupo de estruturas de um andar que parece estar em condições decentes. Talvez quem quer que tenha morado naquelas casas tenha deixado para trás algo que possamos usar para viajar mais rápido. Se não, podemos encontrar outras coisas, como arame para fazer armadilhas para os animais; isso vai nos ajudar a sobreviver.

Uma família de animais tomou residência na primeira casa. Há alguns rastros, marcas de garras e cocô deixado para trás que parece fresco o suficiente para nos fazer repensar em entrar. A casa seguinte parece prestes a desabar, mas uma pequena construção de armazenamento atrás parece sólida, então nós aventuramos adentrá-la. Os últimos raios de Sol brilham pela janela sem vidro, o que nos ajuda a ver. A poeira e o cheiro de mofo me fazem espirrar. Há um banco apodrecido num cantinho do pequeno quarto retangular. Do outro lado há o que pode ter sido um trator. A ferrugem e a falta de rodas de um motor tornam difícil dizer com certeza. Eu movo uma grande placa de madeira podre que está apoiada contra o fundo da parede e sorrio. Atrás da madeira há uma antiga charrete. A charrete

de madeira em si está podre e tem um pedaço de madeira faltando na lateral, mas há também duas rodas no fundo, e ambas parecem aproveitáveis. Tomas tira seu kit de ferramentas e me ajuda a tirar as rodas. São pesadas, cobertas com uma camada grossa de teias de aranha e fuligem, mas elas me dão esperança. Se eu puder encontrar mais materiais, posso ser capaz de construir algo para nos ajudar a viajar mais depressa.

Várias outras casas nos rendem uma pequena panela, uma frigideira e algumas castanhas e parafusos que estavam presos a armários podres. Não é muita coisa, porém mais do que tínhamos quando começamos. Acampamos durante a noite, comemos duas das nossas maçãs e o resto do pão e adormecemos na esperança de encontrar mais tesouros amanhã.

No dia seguinte, alguns quilômetros à frente, encontramos um grupo de várias dúzias de prédios — feitos principalmente de tijolos e cimento — que venceram o teste do tempo e das estações. Pela forma como estão situados, só posso supor que outrora eles formaram o centro de uma cidade, bem parecido com a praça de Cinco Lagos. Buscamos casa a casa. Alguns arames vão para nossas sacolas. Um alicate. Não muito mais.

Estamos prestes a entrar no último prédio quando Tomas aponta para o solo próximo. Uma pegada parcial de bota. Meu coração acelera. Outro candidato do Teste? Temos de supor que sim. Meu primeiro instinto é fugir. Correr o mais depressa possível, mas Tomas quer entrar. — Se houver outro candidato por perto, será melhor saber quem é e quais são suas intenções. Não queremos que nos peguem de guarda baixa.

É difícil negar a lógica de Tomas. A ideia de uma pessoa desconhecida à espreita por perto, esperando que baixemos a guarda, me causa arrepio. Engolindo em seco, tiro o revolver da minha sacola e sigo Tomas para dentro e para o caos. Várias pequenas figuras peludas saltam de uma mesa frágil e correm pela sala em direção a um buraco na parede. Com meus nervos à flor da pele, eu não penso. Apenas reajo. Banguê. Banguê. Banguê. Dois dos animais brancos caem antes de o restante escapar em segurança. Então eu volto a mim e percebo que, se há alguém perto, eu acabei de alertar sobre nossa presença. Começo a me desculpar, mas Tomas só ri. — Não se desculpe. Se há alguém por perto, provavelmente está fugindo o mais depressa que pode de quem tem a pistola. E se soubessem que você atira assim eles correriam ainda mais depressa.

Ele me diz para cuidar da porta da frente enquanto verifica o resto do prédio. Após alguns minutos eu o escuto dar um grito alto. Inicialmente eu acho que ele encontrou quem quer que tenha feito as pegadas. Entretanto, escuto felicidade em sua voz quando ele me fala

para se juntar a ele. Ele tem uma surpresa.

E que surpresa. No que deve ter sido uma unidade para guardar veículos há duas bicicletas. Tomas disse que as encontrou debaixo de uma capa de plástico nos fundos. O quarto está escuro. Uma das bicicletas não tem o pneu de trás. O pedal e as correntes da outra já viram dias melhores. Ambas têm bastante ferrugem e terra. Contudo, não posso evitar sorrir de uma orelha a outra. Elas podem ser velhas, danificadas e bambas, mas essas bicicletas são as coisas mais bonitas que já vi.

Tomas e eu carregamos as bicicletas de volta para o prédio da frente, e eu rio quando me lembro dos animais em que atirei. Um sariguê. A pele é mais escura e grossa do que aquelas que temos na Colônia Cinco Lagos, mas o rosto em formato de cone, as fileiras de dentinhos afiados e a calda escamosa sem pele é inconfundível. E sei por experiência que a carne é comestível. Com as bicicletas e a carne fresca, fico incrivelmente feliz quando acampamos perto das árvores no centro dos prédios.

Tomas se oferece para fazer o jantar e procura uma fonte d'água enquanto eu vejo as bicicletas e sua utilidade. Usando uma faixa do lençol, eu limpo a sujeita, ferrugem e graxa. Uma corrente tem um elo quebrado, mas mexendo um pouco sou capaz de tirá-lo e fazer o resto funcionar. Os três pneus que sobram nas bicicletas estão murchos, mas tudo bem. Eu tiro a borracha das rodas da primeira bicicleta e trabalho nas três horas seguintes para realinhar os eixos, prender a corrente e soltar o freio. O selim foi mordido por ratos ou outros roedores, mas depois de preencher alguns buracos com grama seca e costurar uma nova cobertura com lençol, pode-se usar. Quando o Sol começa a descer no horizonte, estou coberta de graxa e terra, mas uma bicicleta é usável. Pode não durar muito, mas estou bem certa de que mesmo sem os pneus de borracha as rodas vão cobrir alguns quilômetros antes de cederem.

Enquanto estou consertando a primeira bicicleta, o problema da segunda e sua falta da roda traseira ocupa o fundo da minha mente. Não há como nós dois andarmos numa bicicleta só, como Daileen e eu às vezes fazíamos em casa. Não pela distância que temos de percorrer. Precisamos de duas. O que significa que tenho de consertar a segunda bicicleta. Acho que encontro uma solução quando Tomas chama dizendo que o jantar está pronto. Eu me esforço ao máximo para tirar a graxa das mãos antes de ir encontrar Tomas em nosso acampamento. Quando chego lá, tenho outra surpresa. Enquanto eu trabalhava nas nossas bicicletas, Tomas também andou ocupado. Ele não apenas montou uma fogueira, mas limpou e assou os dois sariguês, ferveu os legumes e as cenouras com algumas cascas de pinheiro. Talvez a melhor surpresa sejam os moranginhos frescos e doces que ele

encontrou crescendo selvagens na lateral de um dos prédios. A refeição quente alimenta a sensação de esperança que havia sentido o dia todo.

Durante o jantar, conto a Tomas sobre as bicicletas e minha ideia de reparar a segunda usando as rodas dos carrinhos que encontramos ontem. Falamos sobre a melhor maneira de reconstruir a bicicleta e decidimos passar o dia seguinte ali em vez de viajar, o que esperamos que compense no final.

Comemos sariguê frio e morangos de café da manhã e trabalhamos na reconstrução do eixo da segunda bicicleta para acomodar as duas rodas do carrinho de tamanho médio que encontrei. Levamos a maior parte do dia e muita busca por pedaços nos prédios da cidade, mas quando o Sol está se pondo, eu estou andando na segunda bicicleta pela praça. Comemos mais morangos e sariguê, bebemos água que Tomas encontrou num córrego a pouco mais de um quilômetro e prendemos faixas de metal atrás do selim das nossas bicicletas para criar cestas para nossas sacolas enquanto pedalamos. Quando a noite cai, ficamos no chão vendo as estrelas que aparecem no céu. Com o braço de Tomas ao redor dos meus ombros, quase posso imaginar que estamos sentados na praça lá em casa, observando as estrelas com nossas famílias por perto. Eu viro para dizer isso a Tomas quando seus lábios encontram os meus num beijo suave. Meu coração acelera. Posso ver seu rosto no escuro, mas sei que Tomas está me dando uma chance de me afastar. E eu não me afasto. Eu me encosto e sinto a boca de Tomas contra a minha antes de seu beijo se aprofundar. Passo uma das mãos em seu pescoço e seguro firme enquanto um arrepio percorre meu corpo. Apesar de nossa situação tênue, nada nunca foi tão perfeito.

Um grito distante corta a noite. Um grito de mulher. O som nos afasta e nos empurra a agir. Escuto Tomas tirando a faca de seu estojo enquanto busco minha arma. Lado a lado na escuridão, esperamos o grito novamente. Ele não vem. Nem o sono.

NO PRIMEIRO TRAÇO de luz, nós nos levantamos, fazemos as malas, colocamos nas nossas novas bicicletas e pedalamos lentamente para o Sudoeste. De braços dados firmes um no outro na noite passada e nossas armas ao alcance, cochichamos consolos de que quem havia gritado estava bem longe. Que estávamos seguros do que quer que tivesse causado o grito.

Ainda que o ferimento de Tomas pareça melhor, dá para ver que ele está tendo dificuldades em encontrar uma posição confortável na bicicleta. Sem os pneus de borracha para absorver parte da fricção causada por pedras, gravetos e outros detritos, a viagem é bem acidentada. Há também mais árvores, arbustos e casas intactas quanto mais longe ficamos de Chicago. Então decidimos seguir ao Sul, onde o mapa de Tomas alega que costumava haver uma grande rodovia. Mesmo uma estrada em ruínas é mais fácil de percorrer do que o terreno em que estamos andando. A outra razão pela nossa decisão permanece impronunciada. Na noite passada o grito pareceu vir daquela direção. Estamos procurando a menina cujos gritos nos manteve alertas ao longo da noite. Se ela está ferida, temos de ajudar. Eu não poderia viver comigo mesma se pelo menos não tentássemos.

Uma revoada de corvos circulando acima de algo faz minha garganta se apertar. Sem uma palavra, nós viramos e pedalamos por uma área de grama marrom buscando o que quer que tenha atraído os pássaros. Quando o encontramos, não há dúvida sobre ajudar quem gritava ou o que faríamos se ela pedisse para se juntar a nós. O corpo caído no chão não vai pedir mais nada. Eu me lembro da menina marchando na frente de Malachi, saindo da sala de apresentações para fazer a primeira rodada de provas. Um longo cabelo loiro platinado que agora está sujo de terra e sangue. Olhos que outrora foram azuis, agora buracos sangrentos de banquete para os pássaros. E lá, na barriga dela, uma visão que transforma minha náusea e pena num medo gelado.

Uma flecha.



Não há sacola do teste. Ou ela perdeu, o que eu duvido, ou quem atirou a pegou depois de derrubar sua presa. O que significa que ele está por aí, caçando.

— Precisamos sair daqui — Tomas aperta minha mão enquanto eu olho a menina. — A estrada não deve estar muito longe agora.

— Está certo. Devemos ir. O atirador pode estar perto — e ainda assim, eu não me mexo. Não posso deixar a menina para ser bicada pedaço a pedaço. Enquanto ela está longe de obter cuidados, eu não estou. Ela tem uma família. Amigos. Pessoas que a amam em algum lugar — que acham que ela está abrigada em segurança em Tosu City, mostrando suas habilidades em Matemática e Ciências. Essas pessoas podem nunca conhecer o destino dela, mas o amor delas merece respeito. É isso que minha mãe e meu pai me ensinaram. É o costume da Colônia Cinco Lagos.

Tomas encontra uma fenda no solo grande o bastante para o corpo da menina magra. Juntos, afastamos os carnicheiros e a carregamos para o que será seu último local de descanso.

Eu mexo no seu bracelete de identificação até encontrar o local correto de apertar. O fecho se abre e o bracelete com um símbolo — um triângulo com uma pequena roda de oito pontas — cai na minha mão. Então, colocamos o corpo na fenda. Uma hora de luz do dia é perdida enquanto colocamos rochas sobre ela para evitar que os pássaros e outros animais levem o resto de seu corpo.

Eu marco o túmulo com uma grande pedra avermelhada e lamento não saber o nome da menina para ao menos fazer uma despedida. Em vez disso, aperto seu bracelete no meu peito e ofereço minha promessa silenciosa de que não importa a pressão ou o medo que venha com esse Teste, eu não vou deixar de lado as crenças com que fui criada para passar nesse Teste. Nem vou me esquecer do destino daquela menina.

A mandíbula de Tomas se comprime enquanto ele dá uma última olhada no túmulo antes de subirmos em nossas bicicletas. Silenciosamente, viajamos pelo resto do dia em direção à estrada que esperamos encontrar em algum lugar além do horizonte. Paramos apenas para testar e purificar a água, juntar dentes de leão e cenouras silvestres e comer o resto do sariguê e nossas últimas maçãs. Minhas pernas estão trêmulas de exaustão, mas a lembrança da menina morta e de seus olhos vazios me mantém pisando nos pedais sobre rochas e vegetação até a escuridão cair.

No final da manhã do dia seguinte, encontramos a estrada. É um caminho largo de rochas que vai muito além do que podemos ver, o que nos deveria deixar felizes. Em vez disso, a condição da estrada me deixa com medo. Não há buracos. Não há fendas no asfalto. Além de remendos recentes aqui e ali, não vejo sinais de danos. Desta vez

Tomas não me questiona quando desço da bicicleta.

— Acha que é outra armadilha? — pergunto.

— Depois do lago, tudo é possível — ele vira a cabeça para um lado.

— Mas acho que não. Olhe aqui.

Eu forço a vista para a direção em que ele está apontando e vejo. Bem ao longe há uma linha de azul vivo cortando pelo campo. A cerca sul da linha do Teste. Aquela que não devemos cruzar.

— Aposto que eles consertaram esta estrada para instalar a cerca. Tomas busca em sua sacola e tira o livro. — De acordo com o mapa, a estrada segue até o lado Sudoeste do velho estado e conecta-se com outra estrada que leva direto até Tosu City. Os oficiais precisam ter uma maneira fácil de ir e voltar de Tosu City para começar o Teste. Aposto que é esta.

É um bom argumento, mas não é a lógica de Tomas que me influencia. É o mapa em si, que diz que esta estrada segue por várias cidades grandes a caminho de Tosu City. O pesadelo mais vívido de meu pai aconteceu numa cidade onde os prédios ainda estavam de pé. Se os oficiais do Teste vão colocar armadilhas para nós, essas cidades são os locais mais lógicos.

— Vamos jogar algumas pedras na rua — digo. — Se não explodir, seguimos por ela.

Tomas ri e olha ao redor à procura de munição. Seu braço é melhor do que o meu, mas nós dois jogamos uma dúzia de pedras na estrada sem incidentes, e decidimos tentar. Depois de andar sobre gravetos, rochas e raízes, pedalar sobre uma superfície lisa é como o paraíso. Após o horror de enterrar a menina sem nome, estou feliz pelo vento e pelo Sol no rosto. A liberdade de andar depressa. Não importa a quantidade intimidante de quilômetros que ainda temos para cruzar, estou feliz por estar viva.

Depois que o prazer inicial de andar no asfalto passa, percebo que pegar a estrada não apenas aumentou nossa velocidade. Também aumenta nossa visibilidade para quem quer que possa estar observando de arbustos, árvores e prédios abandonados pelo caminho. Espero que o atirador, e qualquer outro que queira remover a concorrência, ainda não tenham encontrado meios rápidos de transporte.

Seguimos por uma longa ponte que cobre um largo rio opaco e eu sugiro que acampemos perto da água para a noite. É mais cedo do que normalmente acampamos, mas estou suja, meu cabelo está coberto de gordura e suor e minhas pernas começam a ter câimbra. A abundância de água significa uma oportunidade de me limpar pela primeira vez em dias. Também é um bom lugar para procurar comida e talvez até montar uma armadilha para caçar.

Tomas fica mais do que feliz em parar, especialmente quando verifica o aparelho de Zeen e vê que nós viajamos quase setenta quilômetros num único dia. Estamos agora a um sétimo do caminho para Tosu City. Ainda que seja longe, as bicicletas e a estrada em que viajamos nos dão uma visão mais otimista desse teste.

O rio, como todas as fontes não tratadas de água, está maculado. Entretanto, uma olhada na água em movimento nos diz que pelo menos algumas espécies de peixe se adaptaram aos contaminantes. Ainda que os contaminantes tornem difícil comer o peixe cru, uma frigideira e fogo vão torná-los comestíveis. Passeio pela margem do rio, reunindo plantas para o jantar, enquanto Tomas prende um anzol de seu kit de ferramentas a uma trança feita com faixas do lençol. Ele vai pescar usando os restos do nosso sariguê como isca. Quando volto com uma panela cheia de cebolas silvestres, agupés e raízes de tifa, Tomas já pegou e limpou três peixes de tamanho médio — dois peixes-gato e um que parece similar com o robalo de boca larga que pegamos perto de casa. Nós fervemos as raízes de tifa e agupé, fritamos as cebolas e o peixe e temos um banquete.

Com o Sol ainda a uma hora de se pôr, eu decido me lavar. Nossos testes determinaram que o contaminante da água é leve e não vai afetar ao contato com a pele, então eu fico com minha roupas íntimas e entro na água fria. A corrente é surpreendentemente forte. Eu não me aventuro para longe da margem enquanto limpo a lama, o pó e o suor do meu corpo e das roupas que usei nos últimos dias. Quando saio, eu me dou alguns minutos para secar antes de colocar minha segunda muda de roupas e pendurar a molhada num galho para secar.

Estou prestes a chamar Tomas para dizer que terminei meu banho quando o vejo parado e quieto posicionado atrás de arbustos no morro que leva à estrada. Seus músculos estão rígidos. Sua mão agarrada à bainha da faca. Ele avistou algo.

Agarrando minha arma, tenho o cuidado de caminhar suavemente — evitando rochas e galhos, e me mantendo na grama que vai suavizar meus passos. Tomas salta quando eu toco seu ombro, mas ele aponta para bem longe na estrada, na direção que já viajamos.

Pessoas. São três. A essa distância é difícil ver se são homens ou mulheres, mas seus pés arrastam no chão, mostrando que eles estão cansados, com fome e possivelmente desidratados. Mesmo com o passo lento, os três vão estar aqui antes de o Sol se pôr.

— Quer pegar as coisas e se afastar mais na estrada ou devemos ficar parados e ver se eles nos notam? — Tomas pergunta.

— O que você acha?

Tomas franze a testa. — Para mim, eles parecem bem cansados. Se eu não soubesse do nosso amigo com o arco e flecha, diria para acenar para eles e ver se a gente pode ajudar. Eles não vão esperar que a

gente viaje com eles, já que estão a pé e a gente está de bicicleta. Ainda assim...

Posso completar seus pensamentos. Há candidatos aí dispostos a atirar. A matar. Para conseguir passar neste teste não importa o custo. Contudo, nós não somos como eles. Como para provar, eu digo: — Por que não pega mais alguns peixes caso eles cheguem até aqui antes de a noite cair? Eles vão estar com fome.

Os olhos de Tomas se estreitam quando ele estuda o trio. Após um momento, ele concorda. Há cinco peixes assando sobre carvão quando os três candidatos saem da ponte para o nosso lado do rio. Os três parecem vagamente familiares. Um magrelo ruivo e sardento. Duas meninas. Uma é alta com pele azeitonada e cabelinho curto. A outra tem um cabelo comprido loiro acinzentado e é bem mais baixa. Os três parecem prestes a cair de exaustão.

— Estão com fome? — pergunto, saindo do esconderijo.

Tomas ainda está atrás dos arbustos com a faca em mãos. Concordamos que o trio pudesse estar mais inclinado a agredir se virem nós dois. Espero que uma pequena menina sozinha os inspire a pensar antes de reagir. Os três não parecem surpresos com minha aparição. Acho que o cheiro da comida cozinhando os alertou da presença de outro ser humano. Seus olhos, porém, brilham de terror quando notam a arma na minha mão.

Eu me sinto mal, mas não a abaixo. Não sou tão ingênua. — Vocês parecem com fome e cansados. Tenho peixe assando e água do rio se quiserem acampar aqui esta noite.

O menino alto de cabelo vermelho fala primeiro. — Por que quer nos ajudar?

Dou a ele a única resposta que tenho. — Fui criada assim.

Se eles acreditam na honestidade das minhas palavras ou apenas estão famintos demais e não podem resistir ao cheirinho do peixe cozinhando, o trio me segue saindo da estrada. Eu os aviso que não estou sozinha quando a menina mais baixa parece aterrorizada com a visão de Tomas e sua faca; os outros não parecem preocupados. Especialmente quando avistam comida e água esperando por eles. Mantêm suas sacolas à mão quando se sentam no solo. A menina alta começa a chorar quando eu digo: — Sirvam-se.

Entre bocadas de peixe, a menina alta diz que seu nome é Tracelyn. Os outros dois são Stacia e Vic. Os três são da Colônia Tulsa. Estavam sentados juntos na sala de apresentações quando o doutor Barnes mostrou o mapa do quarto teste e, como nós, marcaram um ponto de encontro. Para eles, era a linha da cerca diretamente ao Sul da locação. Levaram dois dias para se encontrar e têm viajado perto da estrada desde então, apenas deixando-a para procurar comida e água. A comida foi escassa e eles não quiseram se aventurar longe da

estrada para encontrar mais vegetais. A estrada tem sido a maior fonte de segurança já que eles podem ver pessoas se aproximando e se esconder se necessário.

— Estávamos nos escondendo num prédio abandonado quando vocês passaram — Vic admite, servindo-se de mais peixe. — Achávamos que vocês estavam a vários quilômetros a frente, então nunca me ocorreu procurar rastros de bicicleta na estrada. Eu deveria ter sido mais cuidadosa, mas o cheiro de comida me distraiu. Vocês parecem estar sendo justos, mas nem todo mundo está.

— A gente sabe — os olhos de Tomas encontram os de Vic. Um parece avaliar o outro.

Vic olha para a faca no cinto de Tomas, a arma no meu colo e assente. — Alguém deu uns tiros em mim enquanto eu saía da cidade — ele diz.

— Com uma pistola ou usando arco e flecha? — eu pergunto.

Os olhos de Tracelyn se esbugalham. — Tem alguém atirando nas pessoas com arco e flecha? Não entendo como alguém pode fazer esse tipo de coisa. Quero dizer, o comitê do Teste disse que nos avaliariam pelas escolhas que fazemos. Eles não podem dar uma boa nota para alguém que atira na concorrência. Que tipo de líder seria essa pessoa?

— Um líder forte — comenta Stacia, que até agora estava sentada no chão com as pernas cruzadas, olhos firmes na comida. — O Quarto Estágio da Guerra nunca teria acontecido se o Presidente dos Estados Unidos tivesse atacado a Aliança Oriental. Em vez disso, ele tentou formar uma coalizão mundial, apesar de seus conselheiros dizerem que era inútil. Ele foi um pacifista quando o país precisava ser agressivo.

Tomas balança a cabeça. — Atacar primeiro teria garantido um golpe da Aliança Oriental. Ele conhecia os danos que os três primeiros Estágios da Guerra causaram. Ele teve de tentar impedir o que certamente seria a destruição do mundo.

— Fez muito bem mesmo — Stacia ri. — Não é essa a ideia que o comitê do Teste quis enfatizar quando nos jogou numa das cidades destruídas? Que está procurando candidatos com um instinto assassino?

— Não acredito nisso — digo. — Meu pai passou no Teste, e é um pacifista. Ele acredita em criar, não em destruir.

Stacia dá de ombros. — Bem, talvez ele tenha mentido em sua avaliação e contou ao comitê que apagou alguns candidatos enquanto voltava para a civilização. Quero dizer, como eles vão saber que ele mentiu? Não é como se eles pudessem ver o que estamos fazendo aqui.

Ou podem? Eu me lembro da câmara no flutuador. As câmeras no chalé em que almoçamos. As câmeras nos nossos quartos no Centro de Provas. A rota mais direta para Tosu City de Chicago se estende por

mil quilômetros. Tomas imagina que haja uma extensão de trinta ou quarenta quilômetros de terra entre as cercas. Não há como os oficiais colocarem câmeras suficientes na paisagem para cobrir cada centímetro do solo. Mas e se não precisarem? E se houve outra maneira de acompanhar nossas ações?

A conversa migra do Teste para nossas casas. Tomas, Vic e Tracelyn trocam informações sobre nossas colônias. A Colônia Tulsa tem mais de setenta mil pessoas que vivem na metade sulista do que costumava ser Tulsa, Oklahoma, e o interior que se estende além dos limites da cidade. Há uma refinaria de óleo ainda ativa em Tulsa, em que o pai de Vic trabalha. Os pais de Tracelyn trabalham na usina de energia — a maior usina operacional em todas as colônias. Stacia não parece interessada em dividir informações sobre sua família. Ela só fica no chão e olha para o céu enquanto as estrelas nubladas começam a brilhar. Eu me pergunto no que ela está pensando quando os meninos comparam suas armas.

Ambas as meninas têm facas. Vic tem uma pistola como a minha. Estou feliz que elas tenham sido honestas sobre suas proteções, mas tenho de me perguntar se vou dormir sabendo que candidatos em que não confio totalmente estão armados.

Deixamos o fogo queimando quando buscamos pares para manter vigília enquanto observamos outros dormirem — Vic e Tomas. Eu e Tracelyn. Stacia nem questiona não ter momento de vigília enquanto se enrola numa bola e cai no sono. Dou minha arma a Tomas, já que ele é o primeiro a ficar de vigia. E fecho meus olhos enquanto me pergunto se essas pessoas valem a pouca confiança que demos a elas. Se não valem, duvido que eu viva para ver a manhã.

Contudo, vejo.

Tracelyn e eu somos acordadas após várias horas de um prazeroso sono e juntas vemos o Sol nascendo num novo dia. Em silêncio, fico sabendo que se ela chegar à universidade Tracelyn vai querer ser professora. Ela também está apaixonada por um menino em sua cidade e planejava se casar com ele. Ele não foi escolhido para o Teste, o que significa que é provável que eles nunca mais se vejam.

— Você tem sorte que você e seu namorado foram escolhidos — ela diz com uma sinceridade silenciosa.

— Tomas não é meu namorado — sinto minhas bochechas corando.

— Vocês podiam ter me enganado — ela dá um sorriso largo. — Acho que ele está apaixonado por você.

— Ele só está cuidando de mim. Sabe, como somos da mesma colônia — digo, mas não posso evitar a emoção que sinto com as palavras dela. Bem no fundo, espero que ela esteja certa, porque a cada dia que passa, fico mais certa de que estou me apaixonando por

ele.

Ela muda de assunto e falamos sobre nossas famílias, as provas que fizemos até agora e a distância que vamos ter de viajar para passar nesta. Ela parece tão genuinamente fofa e um pouco confiante demais, o que, vindo de mim, quer dizer algo. Divido nossa experiência com o lago limpo e a grama perfeitinha que acabou explodindo. Independentemente de ela acreditar em mim, sei que tentei ajudá-la a ficar ciente dos perigos aí fora.

O Sol se levanta, assim como nossos colegas. Stacia senta-se longe de nós enquanto tomamos café da manhã. Tomas e eu mal olhamos para trás quando dizemos adeus e seguimos antes que os outros possam nos seguir. Achamos o arbusto onde escondemos nossas bicicletas e as carregamos para a estrada e começamos a pedalar. Conforme os quilômetros passam, não posso evitar pensar nos candidatos que deixamos para trás e me perguntar se eles vão cruzar a linha de chegada. Havia uma determinação silenciosa em Stacia, que me fez pensar que ela vai conseguir, mas algo em seu sorriso feroz e a lógica que ela passa para o comitê do Teste me deixa preocupada com seus colegas.

Conforme nossas bicicletas consomem quilômetros, eu penso novamente em como o comitê do Teste vai nos avaliar quando voltarmos a Tosu City. Por tudo o que vi até agora, não posso acreditar que o doutor Barnes e os outros oficiais ficariam satisfeitos com relatos dos candidatos sobre o que aconteceu durante o teste. O que significa que, de algum modo, estamos sendo monitorados. Se não o tempo todo, então indo e vindo. Tempo suficiente para que eles tomem suas decisões. Quando saímos da estrada e encontramos uma fazenda abandonada para acampar, estou certa de que sei que os oficiais estão nos seguindo. Entretanto, vou ter de esperar para verificar minha teoria até nós termos parado para a noite. Se eu estiver certa, os oficiais saberão se eu desviar da rotina que Tomas e eu montamos desde que começamos nossa jornada.

Há nuvens se acumulando no Oeste, o que indica que uma tempestade está vindo, nem Tomas nem eu temos interesse em dormir debaixo d'água. Um celeiro velho de madeira torto para a esquerda atrai nosso olhar. Apesar das paredes tortas, a estrutura parece sólida.

Nós entramos no celeiro e assustamos um grupo de galinhas selvagens. Quatro tiros depois temos três prontas para ser depenadas e assadas. Seus ninhos trazem quatro ovos marrom-claro que guardamos para o café da manhã. Eu me esforço para agir normalmente enquanto fazemos e comemos o jantar, apesar de Tomas me lançar mais de um olhar questionador enquanto trabalhamos. Finalmente terminamos o jantar. Enquanto guardo os restos na minha sacola, aproveito a oportunidade para tirar algo mais. No minuto que meus dedos se

fecham sobre ele, meu coração acelera de ansiedade quando eu tiro na luz.

O bracelete de identificação que tirei da menina que enterramos. Cada candidato do Teste tem um — dois, na verdade, pois um menorzinho com nosso símbolo é preso às nossas sacolas. Nós todos fomos instruídos a usá-los o tempo todo. Como o fecho é difícil de identificar, estou certa de que a maioria dos candidatos do Teste obedeceu a essa regra. Os braceletes são nossa identificação. Poderiam ser também uma coleira invisível feita para dizer aos oficiais onde estamos e o que estamos fazendo?

O bracelete tem um meio centímetro de espessura e é feito de um metal prateado. O disco afixado no topo contém o desenho do candidato do Teste e atrás...

Ali. No meio da área diretamente atrás do símbolo entalhado do do Teste há três furinhos. Furos minúsculos, na verdade. Tão pequenos que eu nunca os teria notado se não estivesse procurando algo específico. No entanto, eles me contam o que eu preciso saber.

Alguém está escutando.



UMA ONDA DE SATISFAÇÃO me domina, do tipo que eu sempre sinto quando vou bem numa prova. Desta vez o prazer vai embora tão rapidamente quanto veio, substituído pelo gosto ácido e astuto do medo.

Os Avaliadores estavam gravando cada palavra que falamos? Escutaram minha conversa antes de eu chegar em Tosu City ou eles não teriam se importado, já que quase todos os movimentos que eu fiz foram gravados por suas minúsculas câmeras? Não posso evitar rezar para que a segunda coisa seja verdade. Do contrário, eles sabem. Eles sabem sobre meu pai. Seus pesadelos. Os avisos que ele me deu. Ele me disse para não confiar em ninguém, mas eu não lhe dei ouvidos. Decidi que eu sabia o que era melhor para mim. Confiei no Tomas. Conteí a ele tudo e, ao fazer isso, posso ter ameaçado a vida de meu pai. Porque qualquer governo disposto a ficar parado vendo candidatos cometerem suicídio ou tomar veneno por dar uma resposta errada não vai pestanejar em eliminar um cara que eles vejam como ameaça. E a Magistrada Owens. O doutor Flint. Nossa velha professora. Todo mundo que se esforçou para manter os formandos da Colônia Cinco Lagos a salvo do Teste está em risco. Por minha causa.

— Cia, está tudo bem?

Eu viro ao redor e vejo Tomas me encarando. Devo estar bem terrível para garantir a preocupação de seus olhos. Forçando um sorriso largo, eu digo. — É, só estou preocupada com Tracelyn e os outros. Espero que eles encontrem abrigo esta noite. Parece que uma grande tempestade está vindo.

Então eu coloco um dedo nos meus lábios, aponto para o bracelete nas minhas mãos e mostro a ele os buracos quase imperceptíveis no interior. Com dedos instáveis, busco o fecho do meu bracelete, abrindo-o e colocando-o sobre minha sacola. Então pego a mão de Tomas e removo o dele antes de sair pela porta no vento rodopiante.

— Eles estão nos escutando — Tomas diz. — Acho que não deve ser uma surpresa depois de o lago explodir. Escutar uma conversa

particular é pequena comparada a isso.

— Mas há quanto tempo acha que eles estão ouvindo? Só nesta prova ou desde o começo?

Eu o vejo considerar a questão e vejo o momento em que ele se lembra de nossa conversa debaixo da árvore — longe das câmeras. — Talvez eles não estivessem escutando naquela hora. Quero dizer, naquele ponto havia cento e oito de nós. Provavelmente só estavam usando câmeras para observar todos nós de uma vez. Escutar mais de uma centena de microfones diferentes ia requerer muito tempo e muitas pessoas.

Só posso torcer para que ele esteja certo. Não sei se posso viver com a alternativa.

— Cia, sei que isso é difícil, mas você não pode se preocupar com o que talvez esteja acontecendo com o pessoal em casa. — Sua mão passa na minha bochecha. Eu a pego e a seguro como uma linha da vida.

— A única maneira de ajudarmos alguém lá em casa é sobreviver a este teste.

Minha garganta se aperta quando o desespero toma conta. — Se passarmos, vão remover todas as nossas memórias do Teste. Não vamos nos lembrar se precisamos de ajuda.

— Não se descobriremos como eles fazem isso — ele aperta minha mão e limpa as lágrimas fugidias que escorregam pela minha bochecha. — Tenho pensado nisso. E tenho algumas ideias. Agora que sabemos sobre as escutas, podemos nos certificar de que nem sempre eles saibam do que estamos planejando. Você nos deu uma vantagem. Só temos de ser espertos o suficiente para usá-la.

As dúvidas ameaçam me engolir. Somos espertos o suficiente? Podemos superar um sistema estabelecido há décadas? Que controlou a vida de centenas das mentes mais brilhantes desde que o mundo começou a se reconstruir? Quem está atualmente nos controlando?

Endireitando os ombros, eu digo: — Bem, então vamos ter de ser espertos o suficiente. Certo?

— Certo — Tomas sorri. — Com nós dois trabalhando juntos, como podemos dar errado? E sabe de uma coisa? Estou feliz que você tenha descoberto que alguém está ouvindo, por outro motivo.

— Por quê?

— Porque a primeira vez que eu disser que estou apaixonado por você, eu prefiro não dividir o momento com o doutor Barnes e seus amigos.

As palavras e a maneira como os lábios dele tocam os meus fazem meu coração estremecer. Sei que essa é a hora errada de pensar em amor. O estresse do teste — saber que nossa vida está em perigo — significa que não posso confiar nas minhas emoções. No entanto, o

calor nas minhas veias e a força que sinto só de estar perto de Tomas são reais. Então, quando seus lábios deixam os meus, sou capaz de dizer. — Acho que também amo você.

— Acha? — ele ri e me abraça mais forte contra seu peito. — Bem, acho que é bom que temos mais algumas centenas de quilômetros para eu convencer você — ele deixa um beijo no topo da minha cabeça e suspira. — Provavelmente, nós deveríamos voltar e entreter a plateia que nos escuta antes que eles se perguntem se a gente desmaiou por comer galinha demais.

Ele pega minha mão e voltamos pelo celeiro. — Você percebe que vou ter de declarar meu amor novamente na frente da nossa plateia. Do contrário, eles podem começar a questionar por que estou dizendo como você é bonita.

Não posso evitar sorrir quando caminhamos de volta para o prédio e eu prendo os braceletes de volta em nosso pulso. Contudo, agora que eu sei que as pessoas estão escutando, não consigo pensar em nada para dizer. Por sorte, Tomas não parece ter o mesmo problema. — Pensei ter ouvido um barulho lá fora, mas acho que eu estava errado. Ninguém estava lá. Creio que com a tempestade vindo, o vento deve ter jogado alguns pedregulhos.

Por um segundo fico confusa. Então percebo que ele está explicando o silêncio para quem quer que esteja ouvindo. — Bom — digo. — Nós dois vamos precisar descansar depois da noite passada. Não me arrependo de ter convidado os outros para acampar com a gente, mas foi duro dormir com eles lá.

— Eu sei — Tomas se abaixa e bate no ponto ao lado dele, que eu tomo. — Eu também não dormi muito.

— Então como explica seu ronco? — provoco mesmo que Tomas não ronque. Nossa plateia sem dúvida vai achar divertido. Falamos sobre os outros três candidatos por um tempo, então especulamos como nossos amigos devem estar — se eles se juntaram aos outros ou estão viajando sozinhos. O vento uiva e gotas de chuva começam a cair no telhado.

Quando o celeiro está completamente envolvido em sombras, nós nos preparamos para dormir. Voltando ao canto que achamos que era mais bem protegido do tempo, escutamos a chuva caindo do céu. Água escorre de buracos no telhado, mas a área em que escolhemos ficar felizmente está seca.

Tomas coloca seu braço ao meu redor e diz: — Sabe, eu fiquei mesmo acordado a maior parte do tempo durante a noite passada. E não sei se é a hora certa de dizer isso, mas Tracelyn está certa. Estou apaixonado por você.

Escutar pela segunda vez, mesmo que ele esteja dizendo isso para o doutor Barnes, ainda me faz buscar fôlego. Como da última vez,

Tomas me beija, mas desta vez seu beijo é mais longo, mais profundo e revira meu sangue. Quando ele se afasta, leva mais tempo para eu me recuperar. Sorrindo no escuro, eu me aninho perto dele e cochicho. — Acho que também amo você.

Sua risadinha de resposta me persegue no sono.

\* \* \*

Há algo errado.

O braço de Tomas ainda está à minha volta. A respiração é constante e regular. Uma luz pálida, cinza entra no celeiro. A chuva parou.

Abaixo minha cabeça novamente e fecho os olhos, tentando captar alguns minutos a mais de sono. É quando eu escuto.

Ofegante. Alguém está aqui.

Meus olhos se abrem e eu levanto a cabeça e olho ao redor do interior pouco iluminado do celeiro. Nada. Pelo menos nada que eu possa ver. O som ofegante está próximo. Fecho meus olhos para localizar o som. Está vindo de trás de mim.

Com o coração acelerado, deslizo debaixo do braço de Tomas, me sento lentamente e viro minha cabeça para olhar a parede atrás de nós. Não há nada aqui. No entanto, ainda posso ouvir o rápido inspirar e expirar de ar vindo de perto. Há uma longa rachadura no canto da parede de onde a luz do Sol está entrando. Cuidadosa para não perturbar Tomas, eu me sento rapidamente, espio e engulo de volta um grito.

O animal é imenso. De pé nas patas traseiras da minha altura, com pele preta e cinza cobrindo a maior parte de seu corpo. Em lugares aqui e ali, uma pele como um couro rosado pode ser vista. O que captura minha atenção são as garras curvas e os dentes. Várias fileiras deles. Amarelos e afiados numa larga boca protuberante. É um tipo de urso ou lobo? Se é um dos dois, essa versão é diferente de qualquer espécie que já vi. Meu pai me mostrou fotos que ele tirou nas fronteiras das colônias em que trabalhamos. Fotos de animais alterados pelas mesmas químicas e pela radiação que destruiu a terra. Alguns animais desenvolveram membros a mais ou perderam a cauda. Outros perderam a pelagem ou ganharam uma pele quase impenetrável pelas armas. Independentemente da mudança, cada animal alterado ficou violento. Os menores roedores com seus corpos sem pelo e orelhas enormes atacavam qualquer humano, não importava o tamanho. O animal — qualquer que seja — fora do celeiro não é pequeno. É enorme. Se ele atacar, vamos estar num problema grave.

E ele não está sozinho. A grande cabeça preta balança para a

direita e vejo que outro animal mais cinza, mas igualmente assustador, está parado atrás dele. Ele fareja o ar. Ele farejou nosso cheiro? Acho que sim. O que significa que precisamos sair daqui agora.

Estou grata por termos mantido nossas coisas empacotadas porque temos de nos mover rapidamente. Ajoelhando, cuidadosa para não fazer nenhum som, gentilmente sacudo Tomas acordando-o. Seus olhos cinza se abrem. Sua boca sorri quando ele me vê, mas o calor e a felicidade somem de seu rosto quando ele vê o medo no meu. Seus olhos se estreitam enquanto eu me debruço próxima a sua orelha e cochicho. — Há animais mutantes aí fora. Precisamos ir nessa.

Ele assente e fica de pé, com a sacola em mãos, em segundos. Juntos cruzamos ao outro lado do celeiro. Cada raspar de nossos sapatos ou farfalhar da grama seca sob nossos pés faz meu coração saltar. Quando estamos na porta, Tomas cochicha. — Vamos correr com nossas bicicletas até chegarmos à rua. Então vamos pedalar. Ok?

O celeiro fica a cerca de cento e cinquenta metros da rua. Há rochas, árvores e arbustos entre nós e a calçada. Isso sem mencionar a forma como a estrada se eleva. Não tenho ideia de como os lobos de garras se movem ou a rapidez com que podem correr. Talvez eles não nos notem. Ou mesmo se notarem, talvez estejamos longe o suficiente para que eles não nos sigam. Se seguirem — bem, espero que eles sejam pesados como ursos. Isso pode nos dar uma chance. Se eles forem ligeiros...

Agarro minha arma, respiro fundo e digo: — Ok. Vamos nessa.

Meu pé bate na terra dura, minha mão segura forte no guidão enquanto mantenho os olhos focados na estrada. As rodas da bicicleta batem e saltam enquanto rolam pelo terreno áspero, mas eu não olho para trás para ver se fomos notados. Isso só vai me deixar mais lenta. Se os animais e seus dentes ferozes estão à busca, não posso me dar ao luxo de me atrasar.

Contudo, Tomas olha para trás. Posso ver pela forma como ele absorve o ar. A forma como ele se prontifica a ir ainda mais depressa enquanto grita. — Corra, Cia, corra!

Eu corro. Corro o mais depressa que posso. Minha canela e os músculos da coxa queimam enquanto me impulsiono morro acima que leva até a estrada. A nossa esperança de escapar fica pelo menos cinquenta metros ao longe.

Com pernas mais longas e mais força, Tomas fica na minha frente. Ele grita para eu continuar correndo, e eu corro, mas não posso ir tão depressa. Então eu escuto. Ofegante. Galhos partindo. Latidos e gemidos. Estão perto. Perto demais. E cada vez mais. Medo, rápido e feroz, ajuda minhas pernas a se moverem com mais velocidade. Eu subo a ladeira. Por duas vezes quase perco minha bicicleta enquanto meus pés tropeçam nos arbustos, mas consigo continuar a subir. Em

algum ponto atrás de mim os latidos se tornam rosnados. Os sons estão mais perto. Estão se somando, e eu ainda tenho pelo menos cem metros até chegar à estrada. Um pedal da bicicleta se enrosca num arbusto e eu venho ao chão. Levanto o olhar e vejo Tomas no topo do morro. Ele já está sentado na sua bicicleta, preparado para fugir.

— Vamos, Cia, depressa!

Ele não diz, mas sei que os animais estão a momentos atrás de mim. Que não há nada que ele possa fazer para me ajudar a não ser que eu chegue ao topo. Então fico de pé, pego a bicicleta, levanto-a do chão para evitar que continue se enroscando em galhos e na grama e me forço a subir o resto da ladeira. Meus pés atingem o asfalto liso e eu quero chorar de alívio, mas não posso. Do canto do olho eu os vejo. Uma alcateia deles. Seis ou mais. São rápidos. Grandes. Formas pesadas de pele misturada de cinza e preto. A três ou quatro metros de mim. Mandíbulas abertas. Prontos para atacar.

Um salta na frente dos outros. Seus olhos grandes e amarelos estão focados em mim enquanto ele se aproxima da fenda entre nós. Eu miro e atiro. A coisa grunhe com raiva enquanto a arma o atinge em cheio no peito, mas ele não para. A bala não o faz ir mais devagar.

— Não podemos derrubá-los. Suba! Precisamos ir.

A voz de Tomas me faz agir. Jogo minha perna sobre minha bicicleta. Meus pés atingem os pedais e empurram. O som de garras no asfalto e rosnados dos nossos perseguidores fazem minhas pernas pedalarem mais depressa. O metal bambo abaixo de mim protesta enquanto ganho velocidade. Rezo para que meu trabalho mecânico não me decepcione agora. Tomas está certo. Essas criaturas — o que quer que sejam — são fortes demais para nós as matarmos com uma pistola ou uma faca. Se não pudermos fugir delas...

Tomas grita encorajamentos para mim enquanto a estrada se inclina para baixo. Minhas rodas ganham velocidade. Há rosnados atrás de mim, mas soam como se estivessem mais longe. Continuo pedalando. Torço para que os animais desistam da perseguição. Que encontrem uma presa diferente, menos rápida para a refeição matutina.

E é o que acontece.

Os latidos e rosnados ficam mais baixos. Quando não escuto mais o som dos animais no encalço, eu ousa olhar para trás e vejo ao longe que o bando está deixando a estrada, indo para o Norte. Para longe de nós. Ainda assim, continuamos seguindo, caso as criaturas pensem em circular ao redor e chegar até nós pelo outro lado. Esse tipo de pensamento requer um raciocínio razoável e determinação calculada. Mais do que a maioria dos animais é capaz, mas há histórias contadas ao redor de fogueiras de acampamentos para assustar as crianças. Histórias sobre humanos que sobreviveram à radiação e à química,

mas foram terrivelmente modificados. Eu nunca acreditei que essas histórias fossem verdade, mas nunca teria acreditado que a Comunidade Unida era capaz de matar candidatos do Teste como auxílio no processo de seleção. Então, ainda que os animais de quem fugimos não mostrem sinais de características humanas, seguimos mais uns vinte quilômetros até parar e buscar fôlego.

Deixo minha bicicleta no chão e caminho para os braços de Tomas, que me aguarda. Apertando minha cabeça contra seu peito, escuto seu coração acelerado e sei que o meu está batendo igualmente depressa. Estamos vivos. Como atiraram em mim horas depois que a prova começou, eu foquei nos perigos que a competição pudesse trazer ou aqueles que os oficiais do Teste armaram. Eu quase havia me esquecido de minha preocupação com os animais que vagam as planícies danificadas. Apesar de que, agora que penso nisso, eu preciso me perguntar se eles estão aí fora por acidente ou fazem parte do plano. Os Avaliadores ergueram cercas. Se são altas o suficiente para nos manter dentro, não seria racional que elas mantivessem os animais não bem-vindos pelos Avaliadores para fora?

Afastando-me do conforto dos braços de Tomas, eu tiro uma garrafa d'água e engulo o gosto amargo do medo e do cansaço. Passo a garrafa a Tomas e desembrulho a comida que pretendíamos preparar para nosso café da manhã. Milagrosamente, os ovos enrolados cuidadosamente na minha roupa sobreviveram sem quebrar. Tomas sugere que façamos uma fogueira e os cozinheemos já que precisamos mesmo descansar por um tempo. Nossa corrida para a sobrevivência nos deixou exaustos.

Pelo menos é o que penso ao reunirmos gravetos e galhos para a lareira. Quando Tomas se ajoelhava para acender um fósforo, eu noto o sangue saindo por trás de sua calça. A visão me faz congelar, e eu percebo como seu rosto ficou lívido agora que as cores do esforço desapareceram. O fósforo treme em suas mãos enquanto ele acende os gravetos e os coloca na lareira que estala.

Tiro meu kit médico da sacola e mando que Tomas se deite no chão. Ele me abre um sorriso dolorido. — Diga a uma menina que você a ama e ela automaticamente fica toda mandona. Bem, acho que não posso reclamar, já que você está pedindo para eu tirar as calças.

Dou risada, mas um corte no ferimento cauterizado põe um fim na minha diversão. E quando limpo o sangue, posso ver a leve vermelhidão que denuncia a infecção. A infecção não é ruim — ainda não. No entanto, poderia ser se não tomássemos cuidado. Ver a possível infecção me faz decidir mudar a opção de tratamento. Que não será mais fácil.

Faço Tomas tomar vários comprimidos para dor e beber um pouco d'água antes de esterilizar uma agulha, passar a linha e começar a

trabalhar. Tomas estremece quando a agulha entra em sua pele. Ou talvez tenha sido eu que tenha estremecido. Meu coração acelera, meu estômago revira, e eu ranjo os dentes enquanto passo a agulha pelo tecido, puxando bem a linha, e faço novamente. O corte não tem mais do que um centímetro, mas cada ponto é tão pequeno que leva uma vida para completar o trabalho. Tomas não faz nenhum som, mas cada careta em seu rosto faz meu coração doer. O doutor Flint me disse que é difícil para os médicos trabalharem com pessoas que eles amam. Que ele esperava nunca ter de fazer uma cirurgia em Dan ou em nenhum de nós por medo de que o amor interfira em seu aprendizado. Passando a linha para dentro e fora da carne de Tomas, entendo as palavras do doutor Flint. Meus dedos estão escorregadios de vermelho quando eu dou o último ponto e corto o nó.

Estou trêmula e enjoada quando besunto a pomada de anti-infecção no ferimento e coloco outro curativo sobre ele. Tomas está em pior estado. Viajar não é uma possibilidade. Limpo o sangue das mãos e digo a Tomas para dormir enquanto eu preparo a comida. Seus olhos estão fechados antes mesmo de eu tirar a frigdeira.

Decido deixar a comida para depois. Depois de todo esse sangue, a ideia de lidar com comida ou comer não me atrai. Com arma em mãos, eu busco pela área algo para comer com os ovos e consigo umas cebolas silvestres. Também acho uma área com framboesas silvestres maduras.

Deixo Tomas dormir por mais de duas horas — quanto eu ousou. Quando seus olhos se abrem, fico animada em ver que estão brilhantes e claros e cheios de irritação por ele ter sido deixado a dormir o dia todo. Contudo, quando terminamos de comer, é óbvio que não importa quanto ele queira viajar, andar de bicicleta não é uma opção. Tomas está enfraquecido pela perda de sangue e o ferimento está fresco demais. Então caminhamos, empurrando nossas bicicletas ao lado e dando paradas para Tomas descansar. Encontramos um rio, mas a água é venenosa e não pode ser purificada. Pelo menos não com a química na minha sacola. Nosso progresso não é rápido, mas é constante. E no final do dia vemos prédios ao longe. Uma cidade abandonada. E a estrada em que estamos viajando passa por ela.



A VISÃO DE PRÉDIOS me faz estremecer. As ruas entre os prédios podem abrigar qualquer coisa — animais selvagens, outros candidatos, ou pior. Daqui a cidade parece seguir por quilômetros. Com a ameaça do perigo à espreita em cada esquina, eu não estou a fim de entrar em suas profundezas. Tomas e eu temos buscado plantas e tratado água de lagos e córregos que encontramos pelo caminho. Duvido que possamos fazer o mesmo num mundo composto de pedras destruídas e aço.

Com a ameaça da cidade ao longe, eu preparo o jantar e digo: “A cidade seria a locação perfeita para os oficiais acrescentarem algumas provas adicionais. A maior parte dos candidatos provavelmente vai passar pela cidade em vez de ir ao redor porque parece a rota mais rápida. Penso no meu pai e em seu pesadelo. O que quer que tenha acontecido com seus amigos aconteceu numa cidade como a que se abre diante de nós.

Tomas encontra meus olhos e assente. Ele entende o que estou pensando e o que tenho cuidado de não dizer com os Avaliadores ouvindo. — Ou eles podem ter colocado armadilhas nas estradas que levam à cidade para se certificar de que os candidatos tenham de passar por ela. Eles vão querer ver como reagimos quando encontramos outras pessoas. Olhe — ele aponta para o Sul e eu forço a vista com o Sol se pondo. — A cerca do Sul dá bem contra a cidade. Não posso ver a linha Norte, mas aposto que está mais próxima do que pensamos.

Com armas firmes em nossas mãos, deixamos o sono se apoderar de nós e estamos de pé e prontos para viajar de manhã. Uma busca por suprimentos nos faz buscar água conforme a cidade se aproxima. Encontramos um laguinho pequeno e enlameado, coberto com uma substância preta oleosa a cerca de centenas de metros da estrada. Três das químicas de purificação são necessárias para purificar a água, e mesmo assim estou preocupada quanto à sua pureza. Guardando a água, espero encontrarmos outra fonte de água antes de sermos

forçados a beber essa. Se não — bem, vamos ter de arriscar. Embora eu não goste de ser envenenada, gosto menos da ideia de desidratação.

Tomas insiste que ele está bem para pedalar e range os dentes quando toma seu assento. Sua dor evidente me faz reavaliar o plano de contornar a cidade. Se o ferimento de Tomas não melhorar, vamos precisar de um modo melhor de transporte. Uma cidade com todas as suas lojas e prédios abandonados poderia ser o melhor lugar para encontrar um veículo.

A estrada em que estamos viajando se divide. A que vira para a direita e segue pelas margens da cidade está em ruínas. Duvido que nossas bicicletas durem mais de alguns minutos passando pela calçada quebrada. A bifurcação que leva ao centro da cidade é perfeitamente lisa. A indicação óbvia de direção dos nossos Avaliadores faz meu estômago revirar. Entretanto, não há de fato muita escolha. Vamos seguir a estrada e chegar ao outro lado o mais depressa que pudermos.

A estrada se estreita e começamos a passar pelo prédio ocasional. A maioria deles tem apenas dois ou três andares. Nenhum deles está em bom estado. Na verdade, considerando o número de buracos nos telhados e nos muros, estou impressionada que as estruturas ainda estejam de pé. Fizemos questão de ficar no meio da rua, caso os Avaliadores tenham preparado o prédio dilapidado para despencar.

Conforme os prédios ficam mais altos e mais juntos, vemos aqueles que caíram. Em cada ocasião, a destruição dos prédios bloqueia uma rua que sai daquela em que viajamos. Inicialmente acho que estou imaginando, mas quando passamos por cinco prédios diferentes caídos sobre bifurcações na rua, eu sei que estou certa. Os oficiais do Teste estão nos conduzindo numa linha reta, em direção ao que quer que eles tenham planejado.

Eu grito para Tomas e paro no meio da estrada. Ele abaixa seu pé e se vira para mim. — O que há de errado?

Explico sobre os prédios caídos e minha preocupação sobre o que pode haver à frente.

— Quer voltar e contornar a cidade?

Por sua expressão incomodada, eu sei que Tomas não quer. E para ser honesta, não estou certa se eu quero. Contornar pode ser igualmente perigoso. E já gastamos a manhã vindo até aqui. Se voltarmos para o local de onde viemos, teremos gasto um dia inteiro.

— Não. Na verdade, não. Eu só quero que tomemos cuidado.

Ele me dá um beijinho rápido e sorri. — Prometo não jogar pedras em nenhum lago até conversar com você, certo?

Seu sorriso faz meu coração revirar e, apesar das minhas preocupações persistentes, eu me vejo sorrindo de volta. — Vou cobrar isso de você.

Seguimos num ritmo mais lento, vendo os prédios e a calçada na nossa frente em busca de sinais de perigo. Qualquer coisa que possa ser escondida a dez ou doze andares acima — câmeras, armadilhas, qualquer coisa. Depois de pedalar quase por mais cinco quilômetros, chegamos a uma intersecção de ruas. Desta vez não há pilhas de pedra e metal para bloquear nosso caminho, há três caminhos desbloqueados. Um que se estende à nossa frente e dois que se projetam, um de cada lado.

— O que acha? — Tomas coloca seu pé na calçada.

— Acho que agora é uma boa hora de começar a jogar pedras.

Tomas ri, mas então sai da bicicleta, pega uma pedra grande e a arremessa pelo caminho central. Ela acerta o solo e desliza mais três metros pela calçada. Ele faz o mesmo com os outros dois. As rochas acertam o chão e deslizam até parar sem incidentes.

— E agora?

Eu não sei. Olhamos cada caminho, tentando visualizar aonde podem levar. O caminho à frente e o à esquerda estão cercados de prédios, todos similares em estrutura àqueles por que passamos na nossa saída deste ponto. Bem à nossa direita há um prédio que atrai nossa atenção. A estrutura cinza é longa. O centro do prédio é vários andares mais alto do que o resto e é coberto por um grande domo. Se não por um motivo melhor de curiosidade para dar uma olhada mais detalhada, saímos para a noite.

E chegamos a um beco sem saída.

O prédio em cúpula que outrora deve ter sido magnífico agora está despedaçado. Ele e mais dois prédios caídos em cada lado bloqueiam nossa passagem. É parte do Teste imaginar como ir além dessas barreiras ou algo assim? Enquanto eu considero as implicações, Tomas pega uma pedra e a arremessa num conjunto de escadas quebradas.

Nada acontece.

Nós dois sorrimos um para o outro, mas antes de Tomas seguir em frente, eu digo: — Tente outra pedra. Só para ter certeza.

Tomas pega outra pedra e arremessa em direção aos destroços à nossa esquerda. Por um momento há silêncio, então um leve som de tique-taque preenche o ar. Um momento depois, a área do solo onde a rocha pousou explode. Não há como contornar ou ir por cima. Deixar a rua é a resposta errada. Uma resposta pela qual seremos punidos.

Sem uma palavra, seguimos a rua de volta para a bifurcação e escolhemos o caminho que leva direto para a frente. Outro beco sem saída. Nem nos preocupamos em testar esse por armadilhas. Sabemos que elas estão lá.

O caminho da esquerda nos leva além de vários prédios que outrora foram lojas. Uma placa desbotada, mas parcialmente legível anuncia equipamentos. Parte de mim se coça para parar e explorar o

que do estoque ainda pode ser utilizável, mas não faço isso. A rua que já me aterrorizou agora é uma nova fonte de segurança. Ela segue em ziguezague pelos prédios cinza despedaçados e finalmente dá em outra bifurcação. Mais uma vez temos três escolhas. Pegamos a do meio, passamos por mais estruturas destruídas e chegamos a um beco sem saída que dá sinais de explosão recente. Damos meia-volta. E eu percebo o que isso me lembra. Um labirinto. Estamos num labirinto.

Quando eu era criança, meu pai costumava desenhar para mim e para meus irmãos labirintos complicados e pedia que os solucionássemos. Meio como uma competição. Todos recebíamos o mesmo labirinto e o pai esperava até estarmos todos prontos antes de nos dizer para começar. Quando tocávamos a ponta do lápis no papel, não podíamos mais levantá-la. Se déssemos num beco sem saída, estaríamos fora da competição. O pai estava nos ensinando a pensar e planejar antecipadamente. Não correr com uma decisão depressa demais sem considerar qual seria o resultado.

Talvez em algum lugar de sua memória fragmentada ele se lembrasse desta parte do teste. Ou talvez ele só estivesse nos dando um jogo para passar as longas noites de neve. Qualquer que fosse o motivo preciso usar a lição que isso me ensinou e pensar de antemão. Já está ficando tarde. Se não tivermos cuidado, podemos ficar presos neste labirinto mais tempo do que nossa comida e água vão durar. Digo a Tomas que deveríamos fazer um jantar mais cedo. Ele está frustrado e com calor o suficiente para concordar, então nos sentamos no meio da rua e tiramos o frango, já que será o primeiro a estragar neste calor. Enquanto comemos, peço para ver o livro de mapas do Tomas. Juntos nós viramos as páginas. De acordo com o livro, a estrada que queremos para sair da cidade está no lado Sudoeste. Isso significa que devemos escolher caminhos em direção que poderiam acabar nos levando para essa rua. Quanto mais reto e para o Sul os caminhos puderem levar, melhor.

Bem, não é muita informação, mas é mais do que tínhamos quando nos sentamos. Saltamos de volta para nossas bicicletas e começamos a pedalar. Outra bifurcação. Pegamos à esquerda. Mais prédios indistintos. Um beco sem saída. De volta à bifurcação e em frente. Nossas camisas estão encharcadas de suor quando continuamos a procurar pelas estradas certas. Mesmo com a bússola como guia, as idas e vindas estão confundindo meu senso de direção. Ao cair da noite, não temos escolha a não ser acampar. Sem luz, arriscamos sair da estrada e tropeçar numa armadilha. Optamos por acampar na estrada perto de um beco sem saída. As três laterais com armadilhas vão ao menos limitar a direção da qual novos perigos podem chegar.

Comemos o final da nossa galinha e guardamos os vegetais e o resto do saco de frutas secas para o dia seguinte. Ainda vamos ter de

pensar numa maneira de sair deste labirinto antes que a fome se aposse de nós.

No calor do dia, tentamos racionar nossa ingestão de água, mas logo nossos lábios estão rachando em uma combinação de calor e desidratação. Não temos escolha além de abrir as garrafas que podem conter contaminantes. O gosto é um pouco desagradável — mas nem Tomas nem eu detectamos os sabores metálicos ou amargos que significam morte certa. O ponto positivo é que o fermento de Tomas parece melhor quando troco o curativo e aplico mais pomada.

— É porque estou sendo cuidado pela melhor — ele me diz e me dá um beijo. A esperança de o fermento se curar e o calor de seus lábios me fazem cair num sono profundo.

A frustração retorna com o dia. Frequentemente achamos que estamos no caminho certo apenas para encontrar várias voltas que temos de recuar. Mais preocupantes são as vozes que começamos a ouvir ao longe. Algumas soam como se estivessem apenas do outro lado de uma barreira ou um prédio. É impossível dizer, mas uma coisa é certa. Não estamos sozinhos neste labirinto. Há outros ratos correndo atrás da saída aparentemente escondida.

Uma explosão chacoalha os prédios ao nosso lado. Um grito corta o ar. Então outro. Então silêncio. Nós pedalamos mais depressa. Para longe da explosão. Descendo uma rua. Sem saída. Voltamos. Escolhemos outro caminho.

Tentamos fazer piadas quando chegamos às inevitáveis barreiras que nos fazem voltar. Contudo, hora após hora de busca, as piadas vão ficando menos espontâneas. Nossa risada é mais forçada. Até que não sobra nada do que rir. Meu couro cabeludo coça pela sujeira e pelo suor. Meu corpo dói do esforço constante que parece estar nos levando a lugar nenhum. Comemos o resto das nossas frutas secas. Tomas encontra um bolinho velho em sua sacola e dividimos para controlar a fome nos mordendo por dentro. As únicas boas notícias é que não estamos sentindo ainda os efeitos da água levemente contaminada. E mesmo essa notícia parece sombria quando percebemos que a água não vai durar o bastante. Não há uma única nuvem no céu para oferecer esperança de chuva. Minha perna cansada protesta quando escolhemos um caminho que se inclina morro acima. Eu forço meus pés a mover os pedais. Quanto mais inclinados subimos, melhor nossa visão da cidade. Não estamos tão alto, mas, aqui e ali, onde os prédios caíram pela idade, podemos ver além de nossa área da rua. E quando forço a vista ao longe acho que posso ver o longo prédio em cúpula que encontramos quando entramos no labirinto. Está longe, bem longe.

Aponto para Tomas, que me dá o primeiro sorriso genuíno do dia. — Bem, o final não pode estar tão longe, certo? Vamos lá encontrar.

A promessa de liberdade nos rejuvenesce. Quando chegamos ao próximo beco sem saída, Tomas diz: — Bem, é um beco a menos até encontrarmos a saída — e voltamos novamente. Então ouvimos. O som de botas pisando no asfalto. Alguém está correndo por perto. Nós nos movemos mais depressa. Viramos. Pedalamos

Sem saída.

Os pés que correm estão se aproximando. Olho para Tomas. Medo e determinação brilham em seus olhos quando ele assente. Nós dois saímos de nossas bicicletas, deitamos no chão e tiramos nossas armas. A batida de couro em pedra é mais distinguível. Bem na curva, eu ergo minha arma, seguro minha respiração e força minha mão a ficar firme.

Vejo primeiro a sombra — a silhueta de uma pessoa. A silhueta da arma na mão da pessoa. Os músculos do meu braço estão rígidos. Meu dedo posicionado no gatilho quando a sombra se aproxima. Sei que minha arma tem o alcance mais distante. O corredor poderia disparar no minuto em que nos vê, o que significa que eu teria de atirar primeiro. Sem conhecer as intenções da pessoa. Sem saber se ele ou ela nos faria algum mal. Eu incito meu dedo a apertar o gatilho quando a sombra fica maior e uma figura irrompe na esquina. E fracasso. Não posso tirar uma vida. Eu mal registro que a pessoa é homem. Só sei que se Tomas e eu morrermos, a culpa será minha.

Só que antes do tiro eu escuto. — Cia! Tomas? São vocês mesmo? — antes de eu poder entender que não vamos morrer, eu sou levantada por um par de braços sujos num abraço risonho. Sua risada é contagiante e eu me agarro a ele. Meu nariz torce com o cheiro dele — terra e odores corporais misturados a sangue e o que quer que ele tenha encontrado nos últimos dias. Contudo, não me importo. Convenhamos, eu não estou com cheirinho de rosas hoje, e abraçá-lo me dá esperança de que Zandri e Nicolette também possam estar vivas.

— É ótimo que você e Tomas tenham conseguido se encontrar aqui.

Sua sobrelanceira levantada pede para ouvir a história de como Tomas e eu encontramos um ao outro. Então eu me afasto e digo: — Eu tive probleminhas em sair da cidade em que nos deixaram. Tomas chegou a tempo para me salvar de um mergulho no rio, ou pior. — não tem por que contar a Will que Tomas e eu conspiramos para nos encontrar. Seria sublinhar o fato de que não incluímos nossos outros amigos no plano. Confiar já é duro o suficiente neste ambiente. Agora que meu choque passou, noto um curativo no ombro de Will, coberto com sangue seco.

— O que aconteceu com você? Está tudo bem? — pergunto.

Will me passa um sorriso malandro. — Estou bem. Só tive um

desentendimento com um galho de árvore. Nada demais.

— Infecção pode ser demais — digo, procurando algo na minha sacola. — Por que não me deixa dar uma olhada?

Will balança a cabeça. — Está tudo bem. Sério. Vamos gastar melhor o tempo saindo deste labirinto idiota. Precisamos chegar mais perto do final deste troço. Não sei quanto a vocês, mas estou começando a ficar sem comida e água.

Estou prestes a insistir em parar tudo para tratar o ombro de Will, mas Tomas fala. — Will está certo. Precisamos sair daqui. Podemos lidar com o resto quando encontrarmos uma saída. Vamos cair na estrada.

Tomas e eu pegamos nossas bicicletas do chão. Pedalamos ao lado de Will, que fica curioso em saber como as encontramos. Tomas parece satisfeito em deixar que eu fale, então dou a Will um resumo de como encontrei as rodas e as bicicletas e como as consertamos. Will encontrou um *scooter* sem motor numa garagem. Uma das rodas não virava, mas ele conseguiu soltá-la e seguiu pela mesma estrada em que viajamos até este labirinto.

— Toda hora eu chegava a becos sem saída, e fiquei tão frustrado que me esqueci de tomar cuidado. Estava descendo uma ladeira tão depressa que perdi o controle e caí do *scooter*. A próxima coisa de que me lembro é que o *scooter* atingiu a barreira no final da estrada e explodiu aos céus. Acho que terei de procurar outro par de rodas quando sairmos deste lugar. Especialmente se eu quiser continuar com vocês.

Enquanto procuramos a saída, Will nos conta sobre sua viagem, que parece sem grandes acontecimentos, comparada com a nossa. A água que ele bebeu da primeira fonte o deixou meio embrulhado, mas até agora ele conseguiu encontrar suprimentos e comida pelo caminho. Quando ele me mostra um rolo de fio que encontrou, estou pronta a beijá-lo. É fino e flexível e perfeito para montar armadilhas. Se sairmos daqui, podemos ter mais facilidade para pegar comida. Fico tão animada com o fio que ele dá para que eu carregue na minha sacola.

Por mais que eu queira, eu balanço a cabeça. — Você que encontrou. Devia guardá-lo com você.

— Veja como um presente de agradecimento. Se não tivesse me detido para que eu fosse ao médico após a segunda rodada de testes, eu nem estaria aqui. Nenhum dos candidatos que foi voltou — então Will se inclina e cochicha. — Além do mais, não acho que vamos viajar juntos depois de sair desta cidade. Tomas parece bem determinado a ficar com você só pra ele.

Começo a negar, mas Tomas não acrescentou muito à conversa desde que Will chegou. E quando ele acrescenta, há um tom cauteloso

em sua voz que me faz perguntar no que ele está pensando. No momento, Tomas está caminhando na nossa frente. Perto o suficiente para ouvir a conversa, mas longe o suficiente para evitar participar. Eu tenho de me perguntar se Will não está certo. Não sobre me guardar só pra ele. Tomas sabe que esta não é hora ou lugar para draminhas sentimentais. Sobrevivência — passar no Teste — tem de vir primeiro. Entretanto, talvez o fato de Will não ter um método de viagem além dos próprios pés deixe Tomas cauteloso. Juntar-se a Will significa um ritmo muito mais lento do que tivemos até agora. Apesar de eu não saber muito bem quanto Tomas pode pedalar com seu ferimento. Ele está mancando cada vez mais conforme o dia avança. Se sairmos deste labirinto, espero que possamos encontrar um córrego fresco para ele se limpar e ajudar a reduzir o inchaço.

Não há sentido em se preocupar com Will e Tomas agora. Não com outro beco sem saída chegando. Nós voltamos, pegamos outro caminho. Na bifurcação seguinte, há apenas duas opções. Esquerda ou direita. A bússola diz que a estrada que sai da cidade está em algum ponto à nossa direita. Seguimos nessa direção.

Seguimos a direção da bússola e continuamos caminhando. É Tomas quem aponta o tamanho dos prédios pelos quais estamos passando. Estão ficando menores, similares àqueles que passamos quando entramos na cidade. O final do labirinto deve estar próximo. Eu quero desesperadamente saltar na bicicleta e correr pela rua para ver se ele está certo. Em vez disso, caminhamos. Passa-se mais de um quilômetro sem bifurcação, sem uma escolha a fazer. Três quilômetros. Nossos sorrisos ficam mais confiantes. Havia cada vez menos prédios. Finalmente havia apenas terra dura, as plantas que foram capazes de sobreviver nesse cenário e a estrada à vista ao longe.

Quando a cidade fica a vários quilômetros para trás de nós, Will pergunta: — Vocês se importam se eu acampar com vocês esta noite? Não quero segurá-los amanhã, mas seria bom ter companhia por mais um tempinho.

— Claro que pode acampar com a gente esta noite — Tomas concorda antes de mim. Mas noto que ele tem o cuidado de prometer ficar com Will apenas esta noite.

Ainda que eu saiba que pode incomodar Tomas, eu acrescento: — Nossas reservas de comida estão pequenas. Vamos precisar procurar comida e água amanhã, a pé. Talvez encontremos outro veículo no caminho. Daí podemos viajar juntos até o fim.

— Parece bom para mim — Will sorri. — Mas se não encontrarmos um veículo amanhã, não quero que você e Tomas fiquem presos por minha causa. Quanto mais rápido vocês chegarem ao final, melhor. Sabe?

Tomas parece relaxar depois disso. Caminhamos até o Sol estar



baixo no horizonte. A cerca mais ao Sul que marca a fronteira da área de provas é visível da estrada. Além dela, posso ver o brilho de água, limpa e clara. Não posso evitar me perguntar se a vista da água é outro teste feito pelos oficiais para ver se nos lembramos e seguimos as instruções de não deixar a área designada do Teste.

Pegamos um ponto atrás de rochas grandes para acampar. Enquanto Tomas e Will montam uma fogueira, eu saio para procurar comida. O solo aqui é mais duro e mais carente de água do que do outro lado da cidade. Perto da cerca, porém, há sinais de vida vegetal saudável. Do outro lado da cerca, posso ver um lago. Sem dúvida essa é a razão para a saúde das plantas ao meu pé. Apesar da frustração em ser incapaz de alcançar a água, fico feliz de sair com vários punhados de brotos de dente-de-leão, algumas cebolas e alguns trevos brancos. Também faço bom uso do fio do Will. A duzentos metros do nosso acampamento eu monto várias armadilhas, tentando me lembrar de tudo que meus irmãos me ensinaram sobre prender animais. Se tiver sorte, um animal desgarrado ou dois vão cruzar minhas armadilhas. Só posso torcer, porque meu estômago já está ficando oco de fome.

Will está sem água. Tomas e eu dividimos a nossa durante a refeição. Quando a noite cai, há apenas alguns goles no fundo dos nossos cantis. Encontrar uma fonte d'água vai ter de ser nossa primeira tarefa amanhã. Do contrário, não precisamos discutir quem vai viajar com a gente.

Tomas insiste em montar um turno de vigília para a noite. — Com três de nós, podemos cada um ter uma noite decente de sono e ainda ter alguém de guarda. Cia e eu tivemos apuros com alguns animais selvagens recentemente. Eu prefiro não repetir essa experiência se não for necessário.

Deixamos a lareira queimando e Tomas me dá um longo beijo antes de subir nas pedras para nos observar enquanto dormimos. Vou pegar o último turno de vigília.

Will me sacode acordando e rapidamente mergulha num sono quando eu tomo meu lugar nas rochas. O fogo está baixo, mas ainda projeta luz suficiente nos meus amigos para eu ver os músculos de Tomas relaxarem quando Will começa a roncar. Tomas ficou acordado durante o turno de Will? Deve ter ficado. Estou dividida entre a frustração pela falta de confiança de Tomas e culpa por ter confiado tão facilmente. Vendo o desconforto de Tomas, sou forçada a reconsiderar meus planos de que Will viaje conosco.

Pássaros cantando assinalam a chegada da manhã. Prometi a Tomas acordá-lo logo que clareasse, mas decido procurar o café da manhã para dar a Tomas alguns minutinhos preciosos de sono a mais. A visão de um coelho magrelo, mas bem comestível, em uma das minhas armadilhas me faz sorrir.

Eu caminho pela cerca voltando ao acampamento, em busca de outra comida. Um punhado de trevos e algumas cenouras silvestres terminam na minha sacola. Eu gostaria que fosse mais, porém isso vai ter de ser suficiente. Dou as costas para a cerca e começo a caminhar de volta para Tomas e Will quando escuto um graveto estalar. Dando um giro, eu tiro minha arma e aponto, esperando encontrar um animal. Em vez disso, do outro lado da cerca, vejo um homem de cabeça branca. E ele sorri para mim.

ANTES QUE EU possa dizer uma palavra, o homem joga um pequeno saco sobre a cerca e desaparece nos arbustos. Devo olhar no saco e arriscar que algo exploda ou deixo lá e saio andando?

O saco é pequeno e feito de um material marrom áspero. Nada parecido com os tecidos usados para fazer as sacolas do Teste da Comunidade ou qualquer saco que eu tenha visto na sala de suprimentos. Penso no homem que o jogou. Suas roupas estavam desbotadas, mas em bom estado. Sua pele queimada e gasta pelo Sol, mas seus músculos pareciam fortes de uso pesado. Mais parecido com meu pai. Menos com os oficiais do Teste com quem tive contato. Então quem é o homem? Um dos rebeldes que Michal mencionou na casa da Magistrada Owens? A história nos diz que há opiniões divergentes sobre como revitalizar o país depois que o Sétimo Estágio da Guerra terminou. Aqueles que sobreviveram lutaram com a melhor maneira de sobreviver. Reunir todos os sobreviventes sob outro governo centralizado ou permitir liberdade a cada grupo de sobreviventes para escolher o próprio caminho dali para a frente. Aqueles que discordaram da escolha da maioria ficaram por conta própria. Poderia esse homem ser um dos sobreviventes que vivia fora da autoridade da Comunidade Unida? Se sim, por que jogar para mim um saco sobre a cerca marcada como território da Comunidade Unida?

Após vários minutos, a curiosidade me vence, eu pego a sacola, esperando encontrar alguma pista da identidade do homem lá dentro. Em vez disso, há um pedaço de pão, um pequeno pedaço de queijo branco, um saquinho de uvas passas e uma garrafa d'água. Eu abro a tampa da água e cheiro. O cheiro é limpo e puro. Algumas gotas de química confirmam.

Eu observo os itens em minhas mãos. A aparição quase mágica de água quando estamos com tão pouca é uma bênção. O mesmo com os outros suprimentos. Contudo, não há jeito de dividir isso com meus colegas. Não sem provocar perguntas sobre de onde vieram a comida e a água. Se fosse apenas Tomas, eu poderia remover seu bracelete de

identificação. Will não sabe dos mecanismos de audição implantados nos braceletes, e nós não nos conhecemos a tempo suficiente para eu adivinhar como ele vai reagir quando descobrir sobre eles. Ele pode dar uma dica a quem ouve e entregar a única vantagem que temos — isso sem mencionar deixar que os Avaliadores saibam que recebemos ajuda do outro lado da cerca. Não posso evitar me perguntar qual seria a penalidade para esse tipo de ajuda e se outros candidatos do Teste seriam submetidos a essa punição caso eles também encontrem o homem de cabeça branca.

Não tenho certeza do que fazer. Coloco um pouco da água fresca no cantil. Então guardo a garrafa e o saco de comida na minha sacola até poder pensar na melhor maneira de dividi-los com meus amigos. De volta ao nosso acampamento, faço fogo e limpo o coelho enquanto penso no homem de cabeça branca e no saco de comida que ele me deu. Quem é ele? Pelos meus colegas candidatos, eu aprendi que a Colônia Cinco Lagos está muito mais bem estocada de provisões do que muitas outras colônias. Então, por que o homem de cabelos cinza está dividindo sua comida e sua água com uma garota desconhecida? Ele sabe por que estou deste lado da cerca? Ele sabe que há outros aqui nas planícies corrompidas? Ele entende que este é um teste ao qual alguns de nós não vamos sobreviver? Quando estou com o coelho assando e acordo meus colegas, ainda não tenho respostas. Will fica eufórico com a visão da carne cozinhando, dançando de um lado para o outro nas pontas dos pés. Ele me lembra do meu irmão, Hamin, no Natal. Isso me faz perguntar se é essa similaridade que me faz confiar nele.

Ninguém questiona a quantidade de água no cantil enquanto tomamos o café da manhã, fazemos a mala e caminhamos de volta pela estrada. Com a barriga de todos cheia, eu me sinto menos culpada em relação à comida escondida fundo na minha sacola. Entretanto, eu me vejo andando atrás deles, observando a linha da cerca, buscando sinais do homem que me deu a comida.

Após quinze quilômetros, temos ainda de avistar água, apesar de eu encontrar uma árvore com maçãs duras e pequenas. Enchemos nossas sacolas de maçãs e algumas cenouras, que encontro crescendo por perto, então saímos novamente. Após outros sete quilômetros, eu começo a suspeitar que qualquer fonte de água não estará próxima o suficiente da estrada para nós avistarmos. Os Avaliadores não estão pegando leve.

O solo ao redor da estrada é bem compacto, o que me faz dizer: — Acho que um de nós deveria pegar uma bicicleta e procurar água fora da estrada. Quem quer que vá pode cobrir mais território e voltar antes de ser hora de acampar para a noite.

— Eu vou — Will se oferece.

Tomas imediatamente rejeita a oferta. — Sem querer ofender, Will, mas quando você tiver uma das bicicletas, quem pode dizer que você não vai nos largar e acelerar até a reta de chegada?

— Está certo. Eu poderia fazer isso — Will sorri. Seu tom é afável, mas posso ver em seus olhos algo seco, escuro e raivoso. — Eu não faria isso, mas entendo que você não possa confiar na minha palavra, dadas as circunstâncias. Mesmo que sua namorada aqui confie. Também suponho que você não vá confiar que eu fique aqui com ela enquanto você sai à procura.

— Supôs certo — a boca de Tomas curva num sorriso de resposta. Não posso deixar de notar a forma como suas mãos estão apertando a cintura. — Não tem jeito de eu deixar Cia sozinha com ninguém. Nem mesmo com você.

Will para onde está. Seus olhos estão frios. Suas mãos fechadas em punhos. — Então onde isso nos deixa, Tomas?

Antes que Tomas possa responder, eu digo: — Deixa vocês dois idiotas aqui suando suas últimas gotas de água enquanto eu vou em busca de mais. — se as palavras saem mais ásperas do que eu pretendia, eu não me arrependo. Will e Tomas parecem prestes a discutir, e ainda que eu esteja grata de que Tomas queira me manter em segurança, toda essa coisa de machão é desproposita, considerando nossa circunstância. Mesmo com a garrafa d'água escondida, nossas chances de sobrevivência diminuem a cada quilômetro que não encontramos outra fonte de água.

Tirando o cantil agora quase vazio, eu jogo para Tomas e digo. — Vou de bicicleta uns quinze quilômetros à frente, montar umas armadilhas, então saio da estrada buscando água. Deixo uma marcação na lateral da estrada perto das armadilhas, caso vocês cheguem lá primeiro. Tentem agir como adultos que vocês deveriam ser, enquanto eu me ocupo de manter todos nós vivos. Se não podem lidar com isso, vocês dois merecem falhar no Teste e todos nós sabemos qual é a punição.

Jogo minha perna sobre a bicicleta e começo a pedalar. Tomas grita para que eu espere, mas eu não me viro. Os dois vão ter de resolver suas diferenças sozinhos. O fato de que os dois têm armas me preocupa por um breve momento, mas eu deixo a preocupação de lado e continuo pedalando. Minha raiva se esvai quando as rodas me impulsionam mais longe dos meus amigos. Este teste é feito para nos ajudar a aprender sobre a terra de que precisamos restaurar a saúde, mas também dá a nós e aos oficiais do Teste uma forte visão de nosso caráter. Sim, os garotos estavam errados, mas eu exagerei. Ainda que não tenha orgulho disso, acabei de aprender que não apenas eu tenho temperamento forte, mas que eu cairia de cabeça em qualquer perigo que eu pudesse encontrar só para provar que eu estava certa. Talvez

eu precise amadurecer um pouco também.

Quando o Comunicador de Trânsito diz que viajei quinze quilômetros, eu amarro um pedaço de lençol num arbusto perto da lateral da estrada, caminho quinze metros além e monto várias armadilhas. Com a tarefa feita, começo a pedalar sobre a terra, grama e rochas para o Noroeste, em busca de água.

O Sol está quente enquanto pesquiso a paisagem. O ar está quente de umidade. Se tivermos sorte, irá chover. Estou grata pela garrafa secreta d'água quando sigo em ziguezague sobre a terra rachada, ainda irritada o suficiente com os meninos para comer o queijo e parte do pão sem culpa.

Saio da bicicleta e caminho enquanto estudo o solo em busca de rastros de animais. Enquanto eu e meus colegas candidatos do Teste estamos só de passagem, os animais vivem aqui o ano todo nessa terra desolada. Eles devem ter uma fonte de água para sobreviver. Encontro o que parecem ser rastros de guaxinim e os sigo para o Oeste. Após cerca de cinco quilômetros, estou prestes a desistir quando vejo uma pequena vala no terreno de cerca de duzentos metros para o Norte. A grama ao redor da vala parece ligeiramente mais saudável do que o troço marrom e seco por onde andei passando, fazendo minha esperança aumentar conforme eu pedalo para verificar. Fico feliz de fazer isso. A vala que vi é a margem de um córrego raso. Alguns testes, a adição da química certa e meus recipientes de água são preenchidos. Estou cansada, mas triunfante quando volto para minha bicicleta, consulto minha bússola e começo a pedalar de volta pela estrada. Estou tão feliz com meus esforços que não registro o som de algo se movendo atrás de mim. Quando escuto, mal tenho tempo de tirar minha arma do meu bolsinho lateral antes de minha bicicleta ser atingida de lado, me mandando direto para o chão.

Arrastando-me de baixo da bicicleta, vejo um animal saltar e eu rolo para a direita. O que quer que seja essa coisa, atinge o solo com um rosnado. Antes que eu possa piscar, está de pé e lançando outro ataque. Desta vez eu não me movo depressa o suficiente. Grito quando as garras da criatura cortam fundo meu braço esquerdo. O que quer que seja essa coisa, eu não posso fugir dela. Mesmo que eu pudesse voltar para minha bicicleta, é duvidoso que eu seja capaz de me distanciar de algo com essa velocidade.

O animal rosna quando eu rolo para longe de seu alcance, me empurro de pé e corro para colocar distância entre nós. Eu me viro e estendo a arma na minha frente enquanto ele avança em direção a mim.

Quando miro, finalmente dou uma olhada na coisa. Longas pernas cobertas de um emaranhado de pelo esverdeado. Longos braços que se estendem em minha direção com garras de oito centímetros que já sei

que são afiadas como navalhas. Corcunda nas costas. Lábios curvados revelando dentes enegrecidos. Mais pelos vermelhos no torso e nas costas. E os olhos...

Meus dedos apertam fundo no gatilho. Eu mal mantenho o equilíbrio quando a arma dispara. Os olhos do meu agressor se esbugalham. Há raiva e medo quando o ferimento em seu peito desabrocha com sangue brilhante. Meu inimigo mergulha no solo e com sua última respiração solta um grito que soa como um pedido de socorro. Pode ser. Porque agora que eu olhei nos olhos azul-escuro do meu agressor eu vejo. Isso não é um animal. Os olhos são inteligentes demais. Bem como aqueles que eu vejo olhando de volta para mim no espelho. O corpo é retorcido e deformado, mas não há dúvida. Eu acabei de matar um ser humano.

Não há tempo para lidar com a carga de emoções que sinto quando um chamado de resposta soa de algum lugar à minha direita. Perto da água que coletei. O que faz muito sentido. Se eu tivesse de escolher um ponto para tornar meu lar neste deserto, esse seria um local lógico. Meu braço está queimando. O sangue escorre por ele, mas não tenho tempo de cuidar do ferimento. Não com os sons guturais de outros mutantes se aproximando. Correndo para onde minha bicicleta caiu, eu me endireito e subo ao selim quando mais três humanos com garras aparecem sobre o barranco. Meus pés empurram com força para ganhar vantagem, e posso dizer o minuto em que aquele que matei é avistado. Há um grito tão cheio de dor e perda que tenho de piscar as lágrimas. Então o grito é substituído por um rosnado e sei que eles me viram e começaram a perseguição.

São muito mais rápidos do que eu. Qualquer que seja a reação química que alterou seus corpos e torceu seus dedos em garras também lhes deu uma velocidade incrível. Eles correm com o corpo curvado na cintura. Seus braços ficam rentes ao solo. Seus olhos inteligentes demais estão fixos em mim. A visão dos meus três atacantes fechando o espaço entre nós me aterroriza. O suor escorre pelo meu corpo, ardendo o ferimento em meu braço, enquanto forço minhas pernas a pedalar em ladeira acima. Anos brincando com irmãos mais velhos e mais rápidos me ensinou que o topo do morro vai me dar um ponto de vantagem para me defender.

Quanto mais perto eles chegam, mais altos seus rosnados. E algo mais. Algo mais humano — palavras. Não que eu entenda, mas os sons são claros e propositados demais para serem qualquer outra coisa. Os três se comunicam com uma língua e a usam para planejar o ataque enquanto eu planejo o meu.

O calor, a perda de sangue, o esforço de subir o morro íngreme me deixa tonta. O mundo entra e sai de foco conforme meu coração bate alto e duro no meu peito. Eu sei que se eu desacelerar, nem que seja

por um momento, eu vou morrer. Isso me mantém empurrando os pedais sem parar. Eu me levanto do banco para o resto do morro, usando meu corpo todo para impulsionar a bicicleta para cima, para cima. No minuto em que atinjo o topo, eu salto, deixo a bicicleta vir ao chão e giro para mirar.

Por um minuto meus dedos congelam sobre o gatilho quando eu vejo os três subirem o morro na minha direção. Minha garganta se aperta quando os escuto gritarem palavras guturais sem parar. Eu endireito meus ombros e miro no da esquerda. O trio está chegando mais perto. Apenas vinte metros de distância, mas eu ainda não atiro. Não quero matá-los. São humanos. Talvez não a mesma versão de humano que eu sou, mas vimos da mesma raiz. Tudo o que fui ensinada me faz querer encontrar uma maneira de me comunicar com eles, ajudá-los.

Em vez disso, aperto o gatilho.

O da direita agarra sua perna e vem ao chão com um grito. O do meio se vira para olhar o companheiro caído, e eu atiro novamente. Desta vez atinjo o torso e o segundo atacante cai direto no chão. O último solta um grito angustiado e avança morro acima com os dentes à mostra. Eu avisto lágrimas escorrendo por seu rosto quando minha bala entra em seu crânio.

O último está morto. Os outros dois estão feridos o suficiente para permanecerem no chão, mas por quanto tempo eu não sei. Parte de mim quer enterrar o morto, como eu fiz com a candidata do Teste que encontramos, mas não há tempo para isso. Preciso cair fora antes que os outros dois se levantem ou outros tomem seus lugares. Cambaleando, eu monto novamente na bicicleta e pedalo para longe, sem notar as lágrimas que ameaçam me cegar.

Descer o morro é mais fácil, mas tenho consciência do sangue escorrendo do meu ferimento. Não olho para ele, com medo do que posso ver. Apenas continuo pedalando até avistar a estrada. Quando chego a ela, mal posso ficar de pé, quanto mais pedalar. Sentada na superfície dura e quente, eu finalmente pego o kit de primeiros socorros e tiro minha camisa para verificar o dano. Os cinco cortes paralelos no meu antebraço são dentados, mas superficiais, e com pelo menos dezoito centímetros de comprimento. É feio, mas não tão feio quanto eu esperava. Apesar de doer, eu ainda posso mover meu braço. Nenhum dos músculos ou tendões foi cortado, e meu estômago revira de alívio. Alguns arranhões de animais podem infeccionar se não forem devidamente tratados. Ainda que meu agressor fosse humano, tenho o cuidado de limpar cada centímetro do ferimento e aplico um monte de pomada anti-inflamatória. A pomada, ao atingir os ferimentos, provoca uma dor queimante por todo meu braço. Meus olhos lacrimejam. Meu nariz escorre. Não posso limpar nenhum dos



dois porque minha mão boa está trabalhando em prender uma atadura limpa no ferimento. Quando isso é feito, eu luto para entrar na minha outra camisa. O tecido se prende no meu bracelete de identificação e eu me pergunto vagamente se as pessoas que escutam ficaram empolgadas ao ouvir os tiros. Elas acham que matei outro candidato? Isso melhora a opinião deles sobre eu ser uma líder? Eles entenderam que estou ferida? Eles ao menos se importam?

Meu corpo todo não quer nada mais do que ficar sentado, mas eu me levanto lentamente, guardo a sacola do Teste na minha bicicleta e verifico o Comunicador de Trânsito. Viajei mais de setenta quilômetros hoje. Will e Tomas estão em algum lugar na estrada ao Leste. E eles precisam da água que encontrei. Sei que sua sobrevivência depende de eu mover os pedais sem parar. E se eu for totalmente honesta comigo mesma, minhas razões para voltar são muito menos nobres. Estou com medo de ficar sozinha. Com medo de encarar as coisas que podem vir na escuridão. Medo de encarar minha própria consciência depois de tirar uma vida humana.

Entretanto, não tenho escolha. Minhas pernas estão moles quando o Sol se põe. Eu como o resto do pão e parte das uvas, bebo água e verifico o Comunicador de Trânsito novamente, tentando decidir quanto tempo vai levar para chegar a Will e Tomas. Se eles pararam para procurar água ou comida, podem estar a quilômetros de distância. Longe demais para eu alcançá-los antes de o céu ficar negro.

Meus músculos estão pesados enquanto eu examino as laterais da estrada, buscando um lugar para acampar. Algo que seja protetor, mas ainda tenha uma boa visão da estrada caso Tomas e Will continuem andando depois de escurecer. Após outros três quilômetros, vejo um emaranhado de árvores, carvalho ou talvez elmo perto da linha da cerca a uns setenta metros de distância da estrada. Coloco um pedaço do lençol branco num galho e prendo no chão como marcação. Se Tomas e Will virem, eles saberão que estou por perto.

As folhas nas árvores são de um marrom amarelado, mas os troncos e os galhos parecem firmes. Ainda que eu possa dormir mais confortavelmente no chão, eu decido subir na árvore de aparência mais robusta e torcer para encontrar um lugar para acampar entre os galhos. Claro, muito depende de meu braço esquerdo ser forte o suficiente. Guardo minha bicicleta numa grama alta e decido tentar. Quando salto para agarrar um galho baixo, meu braço esquerdo grita de dor. Mordo o lábio para evitar gritar, mas não solto. Em vez disso, ranjo os dentes, me puxo para cima e subo da maneira que meus irmãos me ensinaram.

A árvore que escolhi é grossa com galhos pesados. Encontro um ponto em que vários galhos estão próximos e me empoleiro com minhas costas contra o tronco. Não é a cama mais confortável em que

já tive, mas uma bem certa de que não vou cair se eu conseguir dormir esta noite. A Lua aparece. Sinto falta de minha mãe acariciando meu cabelo ao longo da noite, da maneira que ela fazia sempre que eu estava doente. Pensando em casa, mantenho meus olhos na estrada caso Tomas e Will ainda estejam viajando mas, em algum ponto durante minha vigília, eu caio num sono profundo.

Mãos me buscam. Cortam meu braço. Em vez de gritar palavras ininteligíveis, a pessoa em que eu atiro chama meu nome. Lágrimas escorrem de seus olhos inteligentes enquanto imploram que eu tenha piedade, mas eu não tenho. Atiro e mato seguidamente.

Eu salto de pé, meu rosto molhado de lágrimas. Meu coração desacelera quando percebo que não estou no morro. Não há olhos cheios de dor me acusando com suas expressões moribundas. Estou sozinha. A Lua ainda brilha, mas posso ver pela névoa cinza no céu que a luz do dia não está longe. Forçando a vista em direção à estrada, vejo minha bandeira improvisada ainda de pé no acostamento. Tomas e Will não estão em nenhum lugar por perto.

Meu braço ferido protesta conforme eu me reviro no meu galho, me preparando para descer. Ele grita no minuto em que minhas botas fazem contato com o solo. Engulo várias pílulas a mais. Mais uma vez antes de limpar os cortes. Estes não parecem piores do que ontem, o que me faz sentir um pouco melhor enquanto aplico mais pomada e luto para reenvolver o ferimento. Uma batida no solo atrás de mim faz meu coração parar, e eu salto de pé com a arma firme em minhas mãos. Eu me viro de um lado para o outro, procurando a fonte do ruído. No chão perto da cerca há outro saco marrom, áspero, idêntico ao que recebi ontem. Desta vez eu não hesito antes de abrir. Água. Duas maçãs. Outro pedaço de pão e queijo. E o que parece ser um pedaço de frango assado. Sem bilhete. Sem sinal do meu benfeitor. Só a comida, a água e a esperança que elas fornecem.

O café da manhã consiste de frango e uma maçã. Eu me sinto melhor após a refeição e, depois de enfiar o resto no fundo da minha sacola, desmonto o acampamento. As pílulas para dor tiram a pontada de agonia do ferimento. Meu braço ainda está dolorido, mas a dor é mais contornável. Tirando minha marcação do acostamento, subo na bicicleta e sigo para o Leste em busca de meus amigos.

Eu os encontro a três quilômetros, com aparência cansada, mas vivos. Posso ver o minuto em que Tomas me avista. Mesmo nessa distância, vejo que seu rosto se ilumina. Meu coração se enche de amor quando acelero pela estrada, desço da bicicleta e me jogo em seus braços ansiosos. Sua boca encontra a minha, e por um minuto esqueço que Will está parado ao meu lado. Eu me jogo na sensação de estar viva e apaixonada. Quando me lembro, caminho para Will e dou a ele um beijo na bochecha e passo a eles o cantil cheio d'água.

— Viu, Tomas. Eu disse que ela estava bem e que encontraria água — ele dá vários goles do cantil e me abre um sorriso. — Suas armadilhas também funcionaram como mágica. Dois esquilos e algum tipo de raposa mutante. Que pena que elas não me deram rodas, mas não se pode ter tudo, né?

— Tenho pensado nisso — digo enquanto Tomas nota o curativo saindo por baixo da minha camisa.

— O que houve? — ele gentilmente tira meu braço e puxa a camisa para revelar toda a extensão do curativo. — Você está bem?

— Estou bem — digo. — Por acaso eu não fui a única interessada em usar a fonte d'água — sem entrar muito em detalhes, eu dou a eles um resumo sobre meu ferimento e a fuga do córrego. Tomas faz algumas perguntas, que eu respondo o mais brevemente que posso. Não menciono em nenhum momento que o ataque foi feito por outro tipo de humano. E elimino completamente o trio de humanos que me perseguiu depois de eu ter matado o amigo deles. Fazer isso abriria perguntas que eu não quero responder, especialmente não com os oficiais do Teste ouvindo.

Quando termino, pergunto a eles sobre a viagem. Pelo olhar que Tomas e Will trocam, é claro que algo deu errado. — O quê? Tiveram problemas também? Eu estava preocupada que vocês não teriam água o suficiente para aguentar o dia.

Tomas afasta o olhar quando Will diz: — Nós dois gritamos muito depois que você partiu. Trocamos até uns socos. Então decidimos deixar de lado nossas diferenças e seguir. Na hora do almoço, ficamos sem água. Também encontramos outro candidato do Teste.

— Quem? — pergunto, olhando para a estrada. Meu coração acelera. — Alguém que a gente conhece?

Will balança a cabeça. — Um cara da Colônia Colorado Springs. Não ficou exatamente animado em nos ver, mas não foi lá tão mal — certo, Tomas? Ele dividiu a água.

Tomas apenas dá de ombros.

— Para onde ele foi? — não estou surpresa por Tomas não querer deixar outro candidato do Teste viajar com eles, mas agora há alguém atrás de nós que sabe que estamos aqui. Sem conhecer a pessoa ou avaliar suas intenções, não posso evitar minha ansiedade.

Will dá outro gole de água e franze a testa. — Tentei fazer com que o Tomas aqui concordasse em deixar o moleque se juntar a nós, mas ele não estava disposto a confiar em mais ninguém. Nós o deixamos há cerca de vinte quilômetros para trás. Parecia bem cansado. Acho que ele planejava descansar por um tempo. Não acho que ele vai nos alcançar tão cedo.

A tensão no sorriso de Will. A maneira como Tomas não encontra meus olhos. Ambos dizem o que minha intuição já me disse. Algo está

muito errado. Minhas próximas questões são recebidas com respostas curtas e vagas que me deixam me perguntando quais segredos Tomas e Will estão escondendo.

Passo uma garrafa d'água para Tomas e guardo o cantil vazio que Will me deu na minha sacola. Então saímos pela estrada. Will nos diz que entende se quisermos ir embora, mas sugiro que fiquemos mais um tempinho juntos. Após meu encontro ontem com os habitantes locais, fico feliz pela proteção que tanto Tomas quanto Will fornecem. Mais tarde, vemos um conjunto de prédios ao longe à nossa direita. Possivelmente é o que sobrou de uma cidadezinha.

— Bem, é minha deixa — Will diz com um sorriso rápido. — Se eu puder arrumar algo com rodas, eu me encontro com vocês amanhã de noite. Se não... bem, vejo vocês na linha de chegada, Ok?

Tomas diz a Will para tomar cuidado e monta em sua bicicleta. Seu sorriso não deixa dúvida de seus sentimentos. Tomas está feliz em ver Will ir embora. Will me passa metade de uma carne assada da noite passada, então me dá um abraço de despedida. Enquanto seus braços estão firmes ao meu redor, ele cochicha: — Fique de olho, Cia. Seu namorado não é o carinha bacana que ele finge ser. Tento encontrar vocês mais tarde. Até lá, tome muito cuidado.

Quero perguntar o que ele quer dizer. O que ele viu. O que ele e Tomas fizeram que colocou sombras nos olhos dos dois. No entanto, não posso porque Will está se afastando da rua em direção aos prédios ao longe. Quaisquer que sejam os segredos mantidos, tenho de descobrir sozinha.

Tomas não está no clima de conversar conforme seguimos para o Sudoeste. O ritmo rápido que ele estabelece me diz que está tentando colocar o máximo de distância possível entre nós e Will. Ou talvez esteja tentando colocar o máximo de distância entre o que quer que tenha acontecido quando os dois estavam sozinhos. Preciso me esforçar para acompanhar o Tomas e frequentemente fico para trás. Meu braço está latejando e meu corpo todo grita por descanso, mas não paro até o céu virar de azul-claro para cinza.

Enquanto eu desembrulho a carne assada, Tomas diz: — A Lua está mais clara nas últimas noites. Provavelmente podemos ir um pouco mais longe, se estiver disposta.

— Por quê? Digo, quero terminar este Teste o mais depressa que pudermos, mas você está agindo como se alguém estivesse nos perseguindo — um flash de garras retorcidas entra na minha mente. Eu o afasto e pergunto. — O que aconteceu enquanto eu estava longe?

— Nada — Tomas dá de ombros. — Olha, perdemos muito tempo num labirinto, e quem sabe quais outras coisas os Avaliadores arranjaram para nos desacelerar. Imaginei que deveríamos seguir o mais depressa possível.

O argumento é válido, mas seu tom leve é contradito por sua mandíbula contraída e suas mãos que agarram a toda hora sua cintura. É quando eu vejo. A mancha de marrom no cabo da faca.

Sangue seco.

Meu estômago revira enquanto eu penso no candidato do Teste que eles encontraram. As perguntas que Tomas não responde. O aviso de Will sobre Tomas não ser exatamente o que parece. Afasto o medo que aumenta, dizendo a mim mesma que o conheço há anos. Ele é bondoso e gentil. O sangue é provavelmente dos animais que eles limparam. E mesmo se não for, há outras razões justificáveis para a mancha. Eu deveria saber, depois do que fiz. Vou apenas perguntar a Tomas e deixar a preocupação de lado.

No entanto, não deixo. Como minha carne e meu trevo, bebo um pouco d'água, monto novamente na bicicleta para pedalarmos outros oito quilômetros antes de descansar.

Quando acampamos, Tomas insiste que um de nós fique de guarda. Depois do que eu vi viajando pela planície, não me oponho. Ele fica no primeiro turno, de pé ao lado de uma árvore.

Na luz da Lua, posso vê-lo enxugando lágrimas. Embora meu primeiro instinto seja ir até ele, eu sei que ele acha que estou dormindo — que sua dor é só dele. Meu coração dói por ele não compartilhar a dor e a fonte disso comigo. Apesar de eu não poder me opor. Tenho segredos também. Segredos que me fazem enfrentar o sono. E quando o sono me toma, aqueles segredos me perseguem em meus sonhos.

Tomas me acorda sacudindo-me de um sonho cheio de tiros e facas sangrentas. Ele me dá um beijo e pergunta se estou bem. Não estou, mas sorrio e digo a ele que meu sonho não foi grande coisa. Mais segredos. Já que estou acordada, digo a ele para descansar um pouco enquanto fico de guarda. Eu me sento ao lado da árvore que ele escolheu, mas em vez de vigiar a estrada, meus olhos estão firmes na linha da cerca, enquanto espero para ver se alguém aparece. Ninguém aparece. O dia amanhece. Nós montamos nas nossas bicicletas e começamos a pedalar.

Apesar de Tomas ter aproveitado várias horas de sono, seus olhos estão vermelhos e cansados. Ele afasta minhas tentativas de conversa e, quando fala, é só sobre sua preocupação em relação à falta de comida ou de água. Eu me esforço ao máximo para ficar otimista quando uma ponte é avistada. Além da estrada arqueada há outra cidade. Minha boca fica seca de medo. Outro teste?

A ponte passa sobre a terra por vários quilômetros antes de se estender sobre um largo rio. Lá de cima a água parece mais limpa do que qualquer uma que vimos na área do Teste. Esse rio pode ter sido purificado por uma colônia ao Norte daqui. Infelizmente, a ponte que

pegamos para cruzar o rio mantém a água perigosamente fora de alcance. A única maneira de alcançar a água em segurança é viajar de volta por vários quilômetros até onde a ponte começa. Talvez isso seja parte do teste. Para ver se reconhecemos que pegar a água exige mais esforço do que encontrar outra fonte. Mas até aí, um candidato desesperado pode não se importar. Agradeço por não estarmos desesperados.

Somos recompensados no final da ponte com um laguinho menos brilhante, mas de acordo com meus testes, ainda potável. Ao longe, talvez a três ou quatro quilômetros, está a cidade. Após o último passeio por ruas da cidade, estamos bem cientes de nossos suprimentos diminuídos. Mesmo com meu estoque secreto de comida, não podemos sobreviver além de alguns dias. Por mais que Tomas queira fugir do que quer que venha atrás, ele diz:

— Por que não acampamos aqui para a noite? Podemos nos lavar e talvez pegar uma caça antes de começar na cidade.

Sou rápida em concordar. Deixando Tomas encher e tratar as garrafas d'água, eu sigo para o Sudoeste para montar armadilhas e procurar outros alimentos frescos. Há um pequeno ponto de mata a várias centenas de metros onde eu monto minhas armadilhas e começo minha busca por raízes e vegetais. Estou escavando algumas cenouras quando avisto movimento na área de mato além da cerca do Teste. O homem de cabelos cinza aparece por trás de um arbusto alto. Ele se aproxima da cerca e faz sinal para mim. Sem pensar duas vezes, eu solto minha sacola num toco de árvore e removo meu bracelete de identificação. Coloco no topo da sacola, então caminho os cinquenta metros até a cerca para o que quer que o destino tenha reservado.

NÃO ME PREOCUPO em pegar minha arma. Se essa pessoa me quisesse morta, poderia ter me matado dias atrás. Os cabelos brancos do homem conferem a aparência de velhice, mas seus olhos e a ausência de rugas em seu rosto me dizem que ele é muitos anos mais novo do que eu inicialmente supus. Está usando uma regata cinza, que mostra braços fortes, e calça marrom larga. Em sua mão há um saco bem parecido com aqueles que têm sido jogados sobre a cerca para mim. Tirando o cabelo do rosto, eu digo. — Obrigada pela comida.

O homem sorri. — Não tem de quê — espero que ele continue, mas o silêncio se alonga entre nós.

Enfiando as mãos nos bolsos, eu pergunto. — Quem é você?

— Sou um amigo que quer se assegurar de que você sobreviva a esta jornada. Meu nome não é tão importante.

Talvez não tanto para ele. Sua recusa em dividir comigo me deixa resabiada. — Bem, obrigada novamente pela comida.

Eu me viro para partir e escuto: — Se você esperar, explico por que não posso dizer meu nome e por que quero ajudá-la.

Meus pés param. Eu olho para ele e espero.

— Meu nome não vai significar nada para você, mas vai significar algo para aqueles que avaliam seu desempenho quando este teste for completado. E ainda que eu confie que você não esteja disposta a dar meu nome para os oficiais do Teste, você pode não ter escolha.

— Por quê?

— Eles falaram sobre a entrevista após o quarto teste? — ele espera eu acenar que sim.

— Antes de a entrevista começar, eles vão te dar uma droga para encorajá-la a responder as questões honestamente. Sem segurar nada que você queira manter em segredo.

Ainda que haja coisas que fiz durante este teste sobre as quais prefiro não falar, nada do que vivenciei até agora me causaria dificuldades se eu fosse forçada a falar. Minha habilidade de remover os braceletes pode preocupar os Avaliadores, mas eles não veriam

como um sinal da minha engenhosidade? Mesmo esse homem estranho e seus presentes de comida não são perigosos para mim. O doutor Barnes colocou que não poderíamos deixar a área de provas. Nada nas regras mencionou não aceitar comida jogada por sobre a cerca.

Endireitando meus ombros, eu digo. — Não tenho nada a esconder.

— Tem certeza disso, Cia?

O som do meu nome nos lábios desse homem desconhecido faz meu estômago se apertar. Eu havia suposto que meus encontros com esse homem haviam sido aleatórios. Entretanto, o fato de ele saber quem eu sou sugere algo totalmente diferente. — Como sabe quem eu sou? É um oficial do Teste?

Ele ri. — Longe disso. Sou alguém que acredita que o processo da Prova é errado e quer ajudá-la a sobreviver — não apenas até o final deste teste, mas através dos desafios que a universidade trará.

Até agora meu objetivo havia sido sobreviver ao Teste para chegar em segurança à universidade. A ideia de que a universidade pode estar cheia de mais testes manda um arrepio ao meu coração. Contudo, enquanto dúvidas sobre os perigos em potencial da universidade brotam em meus lábios, sei que esta não é hora de perguntar sobre elas. Vou me preocupar com isso quando chegar a hora.

Em vez disso, pergunto algo igualmente ou mais importante. — Se está contra o Teste, por que nos jogou comida e água? Por que não nos ajuda a escapar?

— Como eu acredito que o estimado doutor Barnes tenha explicado, os candidatos do Teste não podem deixar o terreno de provas. As cercas são bem inofensivas, até um candidato do Teste passa sobre elas — o homem busca no bolso da calça e tira um bracelete prateado de identificação. O símbolo é um triângulo com que parece ser o desenho de um olho humano no centro. Uma lembrança de depois do terceiro teste me cutuca. Tomas aponta os estudantes do grupo. Um garoto com uma mecha de cabelo laranja rebelde e um sorriso doce.

— O garoto escalou a cerca uns cem quilômetros atrás. Estava morto quando chegou ao solo. A única coisa que pudemos fazer foi enterrá-lo da maneira como você e seu amigo enterraram a menina que vocês encontraram.

Meus músculos congelam. — Só um oficial do Teste saberia que Tomas e eu fizemos isso.

— Nem todos os oficiais do Teste concordam com os procedimentos atuais. Um até danificou vários flutuadores na tentativa de tentar evitar que os oficiais chegassem às suas colônias designadas em tempo de pegar candidatos para o Teste. Infelizmente,



a parte que ele danificou não era tão difícil de reparar como a inteligência nos levou a acreditar. Do contrário, você ainda estaria em Cinco Lagos e eu teria essa discussão com outro candidato.

Ele sabe sobre Michal? Foi ele quem contou a esse homem de cabeça branca sobre mim? Algo me diz que perguntar não vai me trazer respostas. Este homem está aqui com um propósito. Eu já estou longe do equipamento de escuta dos oficiais do Teste por muito tempo. Se demorar mais eles podem questionar meu silêncio. É hora de saber qual é o propósito desse homem.

— Por que estamos tendo esta discussão?

Pela primeira vez, ele sorri. — Porque sabemos que sua família tem segredos que você não quer que a Comunidade saiba, Cia — O saco que ele tem segurado voa sobre a cerca. — Dentro deste saco há uma ampola. Contém um líquido que acreditamos que vai contrabalançar a droga da entrevista. Tome na manhã da entrevista se quiser manter você e sua família em segurança.

A ameaça subentendida à minha família me assusta profundamente, mas sentir medo não vai ajudar. Eu o seguro. Olho para o saco na minha mão e de volta para ele. — Como eu sei que esse não é outro teste? — se for, o líquido na ampola provavelmente vai me matar. A punição por uma resposta errada.

— Não sabe — há tristeza em sua voz. — Só tem minha palavra de que não sou parte da Comunidade Unida. — ele dá um passo para trás da cerca. — Esconda a ampola na sua muda de roupa antes de cruzar a linha de chegada. Um dos meus amigos vai se certificar de que você não seja descoberta pelos oficiais do Teste e que fique escondida em segurança nas suas posses antes de a entrevista começar. Boa sorte, Malencia. Espero que nos encontremos novamente.

Sem outra palavra, ele se vira e se afasta. Eu observo até ele desaparecer na grama alta antes de pegar meu bracelete de identificação de volta e minha sacola do Teste. O Sol está começando a se pôr. Preciso voltar ao Tomas, mas aproveito o momento para repassar tudo o que ouvi enquanto esvazio o saco marrom. Sim, há uma pequena ampola não marcada fechada com uma rolha. Cuidadosamente eu tiro a tampa e cheiro. Tem um leve perfume de rosas. Enfio a ampola fundo no bolso da calça e olho para os outros itens. Mais água. Em vez de pão e queijo, encontro um pequeno pote com framboesas, um maço grosso de cenouras e várias frutinhas amareladas, que acho que são peras. As cenouras e as framboesas são plantas passíveis de encontrar nesta área. Eu me pergunto se as peras também. Eu me afasto da cerca, e após uma busca de quinze minutos, encontro não apenas uma árvore de peras, mas também um arbusto grosso carregado de framboesas junto a vários outros pontos em que uma abundância de cenouras selvagens cresce. O saco de comida não

é só para mim. É comida para ser compartilhada. O homem da cerca deve saber que nunca contei a Tomas sobre o pão e o queijo. Ele sabe muita coisa.

Ele deu a entender que também sabe dos segredos da minha família. Estava falando sobre os pesadelos do meu pai? O fato de que Zeen era mais esperto do que todos nós e de que esse conhecimento foi escondido do doutor Barnes e seus oficiais do Teste? Que os líderes de Cinco Lagos conspiraram para manter seus alunos em segurança? Saber que há uma chance de eu ser perguntada sobre essas coisas na minha entrevista me faz cair num suor frio. Ou talvez seja tudo outro teste. Talvez esse homem esteja tentando me assustar para que eu beba o líquido na ampola e fracasse. Este é um problema ao qual vou ter de responder em algum ponto, mas não agora.

Com os braços carregados de suprimentos, caminho de volta para o acampamento e espero a reação de Tomas à abundância. Não fico decepcionada quando ele me ajuda a colocar a comida no chão, então rodopia comigo. As sombras dos últimos dois dias somem e parece que estamos de volta a Cinco Lagos — seguros, felizes e inteiros.

Comemos o resto da carne assada e enchemos nosso estômago de framboesas suculentas e peras. Planejamos coletar mais amanhã antes de seguir para a cidade. Eu verifico a lateral de Tomas, que parece bem melhor, e meu próprio braço, que não parece tão bom e dói pra diabos. Limpo o ferimento no lago, engulo algumas pílulas para dor para afastar as pontadas e passo mais pomada sabendo no fundo que não vai fazer muita diferença. Contudo, tenho de tentar, certo? Tomas me ajuda a refazer o curativo, caçoa de mim pelas manchas de framboesa na minha boca, e as limpa com um beijo. Ele parece tanto como era antigamente e eu me vejo ansiosa para contar a ele meus segredos, mas não posso. Não ainda. Primeiro preciso saber. — O que aconteceu com você e Will depois que parti?

— Will já contou.

— Aconteceu muito mais do que vocês dois mencionaram.

Sinto Tomas endurecendo. — Está me chamando de mentiroso?

— Não — eu o asseguro. — Mas sei que você e Will não estavam exatamente se dando bem quando parti.

Tomas tira o braço do meu ombro, fica de pé e olha ao longe, se esforçando ao máximo para me afastar. Isso me fere. Fico de pé e toco seu ombro. — Olha, sei que é difícil confiar em alguém sob estas circunstâncias, mas confio em Will.

— Não deveria — os olhos de Tomas encontram os meus com uma paixão incendiária. — Seu pai não avisou para não confiar em ninguém?

As palavras de Tomas congelam meu coração. Ele sabe que alguém está ouvindo e que se por sorte eles não estiveram prestando atenção à

nossa conversa antes de chegarmos a Tosu City, não tomar cuidado com nossa conversa agora pode colocar meu pai — minha família toda — em perigo.

Engolindo em seco, eu digo. — Confio em você. E meu pai me avisou que a competição poderia cegar algumas pessoas, mas isso não significa que Will seja um deles.

— Como pode ter certeza? Por que ele faz piadinhas e ficou chateado quando o irmão dele não passou da primeira rodada? E daí? Você não sabe do que ele é capaz. Quando ele encontrou suas armadilhas ele abriu a sacola em busca de sua faca. Na sacola ele também tinha um kit de purificação, de primeiros-socorros, um par de binóculos e um mapa como o meu.

— E?

— O número não bate. Só podemos escolher *três* itens. Três que poderiam ser acrescentados aos nossos itens pessoais. A faca. A arma. Acrescente os outros.

Faço a soma.

— Talvez ele tenha encontrado a faca e o binóculo no caminho.

Os dois tinham logos do Teste gravados. Assim como sua arma. Minha faca. O que significa que ele encontrou pelo menos um candidato do Teste.

A garota que enterramos pisca na minha frente. Eu afasto a imagem. — Talvez um candidato tenha perdido a sacola ou ele tenha visto um dormindo e decidiu pegar suas coisas — não é exatamente uma escolha admirável, mas dá para viver com isso. — Olha, as pessoas fazem coisas estranhas sob pressão. Só porque ele tinha alguns itens a mais não significa que ele feriu qualquer um que tenha aparecido. Vocês dois encontraram um candidato enquanto eu estava longe e nada aconteceu com ele, certo?

— É — Tomas abaixa seu olhar e diz. — Certo.

Quero de todo coração acreditar nele, mas não estou certa se acredito. Tomas, que das minhas lembranças mais antigas sempre foi calmo e racional, está cheio de tensão, raiva e desespero.

Tentando soar positiva, eu acrescento: — Sei que não confia em Will, mas quero que considere que pode haver outra explicação. A Comunidade Unida está buscando uma geração de novos líderes. Até líderes têm de confiar algumas vezes — meu tom, se não minhas palavras, parece acalmar Tomas, e voltamos ao solo para preparar para o sono — o braço de Tomas enrolado em volta de mim, minha cabeça descansando em seu peito. Contudo, há uma pergunta que tenho de fazer antes de fechar os olhos. Um teste pelo qual preciso que Tomas passe.

— Qual era o nome do outro candidato?

Sinto o coração dele se acelerando sob minha bochecha. Seus

músculos tensionam. Após uns momentos, ele sussurra. — Acho que ele não disse. Ou então eu não me lembro.

Está mentindo. Ele teria pedido um nome. Ele teria dito o seu em troca. Hábito. Educação. A maneira de Cinco Lagos. Meu estômago se aperta de decepção, e eu luto contra a vontade de fugir de seus braços.

Não é surpreendente que nós dois apenas fingimos dormir.

As armadilhas têm sucesso. Dois coelhos e um sariguê. Enquanto Tomas limpa e coloca a caça sobre o fogo para assar, eu reúno mais frutas e vegetais para nossa viagem à cidade. Não há beijos de bom-dia ou olhares gentis. Tomas está distante quando arrumamos as coisas do acampamento e começamos a viagem, o que me dá muito tempo para pensar.

O céu está fechado. Meus olhos vagam mais de uma vez para a cerca enquanto busco sinais do meu misterioso benfeitor. Não fico surpresa quando não o vejo. Entretanto, acredito que ele ou alguém que ele conheça está vigiando. Rebeldes? Ele fala em não ser membro da Comunidade Unida. De não concordar com os métodos do Teste. Ainda assim, ele escolheu só oferecer comida e uma ampola de uma droga desconhecida. Além de um amigo que vai manter a droga escondida, não há mais ajuda. Nenhuma oferta de fuga. Se ele e as pessoas como ele puderam sabotar os flutuadores da Comunidade Unida, com certeza podiam encontrar uma maneira de contornar a penalidade por escapar do teste. Claro, de acordo com o homem, minha presença aqui é evidência da falta de habilidade deles de vencer os oficiais do Teste. Ainda assim, mesmo sabendo que as chances estão contra o sucesso, eu acredito que há outros candidatos que estão suficientemente assustados, com fome ou doentes e saltariam numa chance de escapar. Será mesmo? Todos deixamos famílias em casa. Famílias presas às leis da Comunidade Unida. O governo recompensa nossas famílias quando partimos para o Teste. Eu me pergunto se a lei determina o que aconteceria com a família de um candidato do Teste que escolhesse escapar.

Um largo arco de metal ergue-se sobre nós conforme avançamos pela rua principal que segue pela beira externa da cidade. Os prédios são mais altos do que os da cidade pela qual passamos dias atrás, mas parecem em pior estado. A natureza chamuscada de parte da destruição conta uma história. Esta cidade foi bombardeada.

De acordo com o mapa de Tomas, o nome da cidade era St. Louis. Nenhum de nós se lembra se nosso livro de História disse que tipo de bomba foi usada aqui. Algumas bombas destruíam o que havia em seu caminho. Outras destruíam a água e o solo. As piores continham venenos com potenciais que, a não ser que fossem fisicamente neutralizados, não desapareciam com o tempo. É essa última opção que mantém nossas bicicletas apontadas para o Oeste e nossos olhos

presos à estrada que segue ao redor da cidade. Com quantidade suficiente de água e comida, não precisamos nos arriscar para quaisquer testes que esta cidade contenha.

Os próximos dias seguem um padrão de procurar por comida, viajar e acampar. Encontramos vários córregos pequenos que nos ajudam a limpar as manchas da viagem, e ainda que não fiquemos com fome, nossas roupas começam a sobrar em nossos corpos. Enrolo um longo pedaço do lençol no topo da minha calça para evitar que ela caia da minha cintura. Tomas é forçado a fazer o mesmo. Só conversamos sobre as coisas mais superficiais. De tempos em tempos, pego Tomas me encarando como se quisesse dizer algo, mas ele não diz. Nem eu.

Eu salto a cada som, mesmo que não haja mais ataques de animais ou humanos estranhos — apesar de duas vezes avistarmos o que parece outros candidatos do Teste no Norte do horizonte. Pedalamos mais depressa para evitar confronto. O homem do outro lado da cerca não aparece novamente. Apenas dia após dia de viagem. A sombra sob os olhos de Tomas fica mais pesada. Embora ele não deixe de dar risadas, posso ver o peso de tudo. Meus pesadelos ficam piores. Amigos, família e oponentes me encontram em meus sonhos, mas estou aprendendo a engolir os gritos que vêm com o despertar. Eu me pego tocando a ampola de líquido no meu bolso para me acalmar. Mais preocupantes são os cortes no meu braço. Nos primeiros dias, eu digo a mim mesma que estou imaginando a diferença, mas após algumas semanas, não há pensamento positivo que mude o que é inegável. Os cortes pioraram. As feridas crescendo por baixo ficam verdes e escorrem um líquido amarelado. Qualquer que seja a química que alterou os humanos nesta área, agora me afetou. Eu tomo mais pílulas, pego mais água e torço para que possa chegar até o final deste teste sem danos permanentes.

Depois de mais de uma semana pedalando, avistamos outro grande conjunto de prédios no horizonte. Aqui tanto a linha Norte quanto a Sul da cerca são visíveis. Os Avaliadores estão limitando a quantidade de espaço entre esses últimos trezentos quilômetros. Se houver outros candidatos do Teste por perto, estamos quase certos de termos contato com eles. Pegadas e o que parecem ser marcas de pneu na lateral da estrada nos dizem que pelo menos dois, talvez três candidatos passaram por esta área. Enquanto nos movemos rapidamente, eles são mais rápidos. Agora podem estar à espreita nas ruas da cidade.

Esperamos até amanhecer antes de seguir a pista pelas primeiras ruas. A cidade parece degradada, mas os prédios estão num estado razoável. Até virarmos uma esquina e os prédios terminarem. No lugar deles há uma cratera profunda que se estende até onde podemos ver. À beira da cratera há prédios como aquele pelos quais acabamos de

passar. Várias ruas adentro. Tudo o que sobrou de um lugar onde pessoas outrora viveram, trabalharam e prosperaram.

Olhamos para o vazio com nossos dedos agarrados aos guidões. Quilômetros e quilômetros de um vazio chamuscado. Embora a terra atrás de nós esteja degradada, ainda há plantas que se adaptaram. Coisas vivem. Na minha frente não há sinal de vida vegetal. Nada vive aqui. Tento imaginar o que outrora havia neste espaço. Como um líder poderia ordenar um bombardeio que resultasse nisso — o tipo de destruição que não pode ser reparada com a equação química correta ou uma nova espécie de planta. A terra é resistente, mas é difícil imaginar uma época em que este lugar será qualquer outra coisa além de um terrível lembrete do que nós seres humanos podemos fazer.

Com a cratera se estendendo por quilômetros, não temos escolha a não ser pegar uma das ruas que fica ao redor dela. Isso significa passar por um labirinto de ruas repletas de prédios. Escolhemos seguir pela direita, sem nenhum motivo real, caminhando com nossas bicicletas em vez de pedalar. Estou feliz pela decisão de caminhar. Meu braço está doendo mais. O mesmo com o resto do meu corpo. As pílulas para dor seguram o arrepio por horas seguidas, mas ele sempre volta. Talvez caminhar ajude meu corpo a descansar o suficiente para enfrentar a infecção dentro de mim. Após o ziguezague por vários quarteirões, eu pergunto: — Acha que as pessoas que bombardearam esta cidade entendiam realmente o dano que causavam? Acha que eles perceberam que vencer poderia significar matar tudo e todos — até eles mesmos?

Tomas dá de ombros. — E isso importa?

— Talvez — digo. Durante a última semana, pensei muito nessa pergunta. Talvez porque quanto mais chegamos perto do fim do teste, mais perto estamos de nos tornarmos os próximos líderes de nossa geração. Muitos dos colegas candidatos demonstraram sua crença de que o fim justifica os meios. Eu tenho dificuldade de entender isso, mas uma coisa é certa: o passado não pode ser mudado. Meus sonhos noturnos são prova disso. E às vezes, durante noites acordada, eu percebo que a extensão deste Teste não é arbitrária. O terceiro teste os ajudou a saber o que eles precisavam saber sobre nossa habilidade de confiar, montar estratégias e cooperar com os outros. Do nosso comportamento naquele exame, eu não tenho dúvida de que os oficiais do Teste puderam prever quais candidatos usariam as armas fornecidas para sua sobrevivência e quais se voltariam contra seu próximo durante este teste. Ainda que o quarto teste meça muitas das mesmas áreas do seu antecessor, também é feito para avaliar não apenas as escolhas que fazemos, mas também o modo como vivemos com essas escolhas. Aprendemos com nossos erros e usamos a informação para nos levar com sucesso até o fim deste exame ou eles

nos engolirão? Pelas sombras sob seus olhos e seus ombros caídos, sei que Tomas está sendo engolido inteiro. O corpo sem vida de Ryme aparece à minha frente e eu sinto uma pontada de medo. Ryme foi engolida por quaisquer dúvidas que a assolavam. Ainda que eu não esteja certa de que lembrança está assombrando Tomas, tenho certeza, pelo desespero em seus olhos, de que tem essa força. Eu não sei o que ele fez, mas o que quer que tenha sido, ele não merece terminar como uma vítima do Teste.

Respirando fundo, eu explico: — O sentido deste Teste era que víssemos as coisas terríveis que foram feitas e aprendêssemos com esses erros. Certo? — Tomas vira a cabeça para o lado e eu sigo em frente. — Os melhores líderes cometem erros e aprendem com eles. Os melhores líderes nunca cometem esses erros novamente. A única maneira pela qual você pode aprender é se entender os erros cometidos.

Tomas olha para uma rua que termina numa cratera e considera minhas palavras por um longo tempo. Quando olha de volta para mim, vejo que parte da tensão se foi.

— Acho que os líderes sabiam que eles destruiriam os prédios e matariam as pessoas. O resto... — ele suspira. — Não acredito que eles pretendiam destruir completamente o mundo em que queriam viver. Eles tinham de perceber que estavam cometendo um erro. Apenas não sabiam como parar.

Olho ao redor dos prédios e assinto. — Talvez seja a marca de um verdadeiro líder. Admitir um erro cometido e encontrar uma maneira de detê-lo a todo custo.

Viajamos mais da metade do nosso do lado do círculo quando um arrepio percorre minha espinha. Eu busco as pílulas de febre no meu kit médico e me arrepio de novo. Isso não é febre. Isso é algo bem diferente. Quando eu era pequena, meus irmãos me convenciam a fazer coisas que nossa mãe não aprovaria — como pegar pão escondido da padaria ou pegar o melhor lençol dela para usar de fantasia de pirata. Eu sempre sabia quando minha mãe me pegava pelo pequeno arrepio que eu sentia quando seus olhos caíam nas minhas costas.

É o mesmo arrepio que sinto agora. Alguém está nos observando.

Janelas abertas, portas abertas, rachaduras nas paredes que nos cercam. Não vi nada naquelas pelas quais passamos, mas, mesmo assim, tiro a arma da minha sacola. O vento acelera. O céu fica cinza. Há uma tempestade vindo. Talvez seja isso que faça o cabelo na minha nuca se arrepiar.

O vento solta uma mecha de cabelo do nó que eu uso. Tiro o cabelo do meu rosto e é aí que vejo. Um rosto emoldurado numa porta. Grandes olhos inteligentes afundados num rosto enrugado,

assado pelo Sol. Tufos de cabelo e pelos castanho-escuros na cabeça, no pescoço, no braço. Meu sangue revira quando vejo as familiares garras de navalha no final da mão. De vários centímetros de comprimento. Afiadas. Venenosas. O vento uiva. Não. Não apenas o vento. O vento simplesmente mascarou o que eu me recusei a ouvir conforme andamos. O murmúrio baixo de vozes. Sons guturais carregados no vento me dizem que há mais do que apenas esse. Lentamente, eu me viro e estudo as sombras, contando os rostos que vejo. Cinco. Dez. Mais numa janela do segundo andar. Demais para nós sobrevivermos se eles atacarem. Contudo, eles não atacaram ainda. Estão esperando algo. Tomas ainda não notou os rostos. Seus olhos estão fixos na estrada, buscando o perigo à nossa frente — não nas janelas três andares acima. Eu seguro o fôlego quando uma leve chuva começa a cair. Tomas xinga e sugere que subamos nas nossas bicicletas para irmos mais rápido. E eu, porém, não ousa. Até agora os ocupantes dos prédios não fizeram nada além de observar. Talvez caminhar não seja ameaçador. Mas pedalar? Eu estava pedalando quando um deles me atacou. Se pedalar aciona a agressividade deles, eu não vou repetir a ofensa.

— Cia, me ouviu? Acho que deveríamos pedalar.

Dou uma pequena sacudida na cabeça, coloco minha mão em seu braço e cochicho. — Olhe as janelas — ele para de andar. A respiração rápida me diz que ele avistou alguém. Inclinando-se mais perto, eu digo: — Há dúzias deles.

— Eles quase parecem humanos — Tomas toca o cabo de sua faca e eu vejo o observador na janela se mexer.

— São humanos.

— Como pode ter certeza?

A chuva cai mais forte, grudando as roupas aos nossos corpos, tornando mais difícil ver os olhos que seguem cada movimento nosso. Um observador se afasta de seu ponto numa porta. Seus movimentos são rápidos e suaves. Tomas novamente busca a faca, mas eu coloco uma mão em seu braço e balanço a cabeça quando o observador para dez metros atrás de nós. Seus olhos não piscam enquanto ele espera nosso próximo movimento. Meu peito se aperta e é impossível manter o fôlego enquanto caminhamos de maneira agonizantemente lenta, passo a passo de novo.

Um trovão ruge. Os cortes no meu braço queimam. Mais dois observadores juntam-se ao primeiro na rua. Eles seguem lentamente atrás de nós.

A chuva cai ainda mais dura. Trovões rasgam o céu e refletem nos olhos sem piscar dos observadores. Outro fica atrás de nós. Então outro. Logo há uma dúzia. Nunca se movem mais depressa do que nós. Caminham com sua estranha corcunda, mas de modo fluido. Mantêm



distância, pelo menos dez metros atrás, mas estão sempre presentes com suas garras e em número opressores.

É Tomas quem nota primeiro que a distância entre os observadores e nós está ficando maior. Eles não deixam a rua, mas seus passos ficam mais lentos até parar. Dúzias deles ficam nas ruas enquanto seguimos nosso passo. Talvez isso também seja um teste. Talvez os Avaliadores estivessem curiosos para ver se atacaríamos essas pessoas sem provocação — por medo do desconhecido em vez de uma verdadeira ameaça.

Vejo mais um observador na janela de um prédio a sete metros de nós. Um trovão chacoalha as janelas enquanto o observador nos encara com olhos sem piscar. Eu mal noto o disparo de um tiro até o rosto da pessoa estar despedaçado.

BRAÇOS FORTES ME empurram para o chão. Tomas se joga sobre mim, agindo como um escudo humano, enquanto o som de tiros continua. Do asfalto, eu vejo o corpo cego, sangrento do observador atingir o chão. Então, ouço gritos atrás de nós. Não conheço as palavras, mas, entendo. Ofensa. Raiva. A necessidade de vingança. O grupo não está mais a dúzias de metros atrás de nós. Estão vindo à frente. Rapidamente.

Tomas fica de pé e estica sua mão. Eu a seguro quando outro disparo de balas fagulha pela calçada e derruba observadores feridos de joelhos. As balas arrancam membros, torsos, cabeças — criando um derramamento de sangue como eu nunca imaginei. Os humanos mutantes berram quando balas derrubam seus companheiros. Eu vislumbro um cabelo loiro, um corpo alto e musculoso, e a uma metralhadora de metal escuro no topo de um prédio de três andares enquanto Tomas empurra minha bicicleta para mim e grita para eu pedalar. Entretanto, não posso. Conheço o garoto que segura a arma. É Brick.

— Pare de atirar — grito, acenando com os braços tentando atrair a atenção dele.

Gritos de dor vêm das janelas e portas que seguem pelas ruas e se misturam com meus gritos com mais observadores chegando. Dúzias e dúzias deles. E enquanto eu deveria estar assustada por uma possível vingança deles, só posso gritar para Brick parar de atirar e olhar o horror que ele deflagrou. É impossível dizer que o tecido e a pele no chão estavam, momentos antes, de pé na nossa frente. O cheiro de sangue faz meu estômago se revirar. Pelas golfadas que escuto ao meu lado, posso ver que Tomas não está em condições muito melhores.

Abaixada, escuto a água da chuva escorrer pela rua em direção a nós rodopiando com sangue vermelho. Vermelho. O mesmo que o nosso. Humano. Todos humanos. Todos mortos.

Com os trovões e os gritos guturais, levo minutos para perceber que Brick está gritando para nós. — Estou lhe dando cobertura, Cia.

Corra! Rápido. Saia daqui antes que eles ataquem. Vá!

— Pare — grito. Lágrimas travam minha garganta. A repulsa ameaça me engasgar. Todas essas pessoas mortas. Assassinadas por um menino que eu ajudei a sobreviver. — Você está matando gente. Eles não estavam nos ferindo. São apenas humanos.

Brick, porém, não está escutando. Abrindo fogo novamente. Bem abaixo da rua, em pessoas, que apesar da horrenda provocação dele não estão atacando. Tudo o que os vivos querem fazer é cuidar dos mortos. E agora eles também estão entre os caídos.

Tomas agarra meu braço. Eu perco a pegada na minha bicicleta e ela vem ao chão. — Pegue-a. Não podemos ajudá-los, Cia. Temos de ir.

Eu mal mantenho o equilíbrio conforme olho para trás de mim, incitando Brick a parar, mas ele não para. Estrondos dos disparos ecoam pelo ar. Quantos mortos mais? Por minha causa. Porque eu salvei a vida de Brick e ele por sua vez acredita que está salvando a minha.

Mais de uma vez eu paro de pedalar quando a enormidade do massacre que eu testemunhei me oprime. A voz paciente de Tomas é a única coisa que me mantém em frente. Eu só quero me enrolar numa bola e chorar.

E choro.

Nas fronteiras da cidade, Tomas avista um pequeno prédio que parece sólido e insiste que passemos a noite lá. A enxurrada terminou, mas nossas roupas, nosso cabelo e nossos sapatos estão encharcados. Ele encontra madeira o suficiente para construir uma lareira no chão de pedra perto de uma janela e me encoraja a trocar minhas roupas molhadas. Eu atendo seus pedidos, mesmo com minha outra camisa manchada pelo meu primeiro encontro com aquela gente — quando eu também matei.

Meu corpo não está disposto a comer, então aperto minhas pernas firmemente no meu peito e olho para o fogo, tentando imaginar minha família segura e quente na frente da lareira dela. Tomas insiste em tratar meu braço. Ele tira algumas pílulas para dor e me faz tomá-las. Talvez as pílulas façam meu corpo parar de tremer. Trovões ainda ecoam pelas ruas enquanto Tomas me diz quanto ele me ama e me abraça enquanto eu choro até dormir.

Meus sonhos estão cheios de disparos e rios de sangue. Quando eu acordo, eu me lembro de que os sonhos são reais e a náusea me invade. Sei que preciso comer, mas meu estômago revira com a ideia de carne. Eu me forço a comer uma pera e beber um pouco d'água. Nossas botas ainda estão úmidas, mas as calçamos, guardamos o resto de nossos pertences e saímos. O céu é de um tom brilhante de azul. O vento está frio e refrescante. Há até algumas flores desabrochando sob

o Sol claro. Um dia perfeito que zomba do horror da noite anterior.

Por hábito, nós consultamos o mapa, empurramos nossas bicicletas para a estrada e começamos a pedalar. De acordo com o Comunicador de Trânsito, faltam menos de trezentos quilômetros para chegar ao final do teste. Pedalamos duro, tanto para chegar ao final como para nos afastar da morte atrás de nós. Enquanto pedalamos morro acima, podemos ver a cerca ao Norte se aproximando. Talvez menos de dois quilômetros separem as duas fronteiras. Sim. Nossos Avaliadores querem que nos deparemos uns com os outros. Eu me pergunto se os Avaliadores terão de fazer uma escolha quando acabar. Com o que eu vi, será uma surpresa se vinte de nós cruzarem a linha de chegada vivos.

Viajamos durante o dia apenas com mínimas paradas. Meu braço está pior. Estou suando mais conforme pedalamos, e meus dedos da minha esquerda agarram o guidão com menos segurança. Eu, porém, forço minhas pernas a se mover. Quero que nossas rodas sigam cada vez mais depressa ao final. Não encontramos outros candidatos durante o dia, e há pouco mais de duzentos quilômetros para seguir quando paramos. Tomas me abraça forte novamente de noite, me beija de modo gentil e cochicha que se seguirmos esse passo podemos chegar ao final em três dias. Apenas três dias. Eu digo a mim mesma que posso fazer isso e espero estar certa. O céu está cinza quando nós saímos novamente. Minhas pernas estão fracas. Meu braço mais inflamado. Tomo mais pílulas para dor. Uso mais pomada. Sei que ambas são inúteis contra o veneno que se espalha dentro de mim. Eles saberão como tratar os ferimentos quando eu chegar a Tosu City? Tomas diz que sim, mas ele diria qualquer coisa para evitar que eu desista. Engraçado, mas desistir é a última coisa que eu faria. Não depois de tudo o que testemunhamos e as coisas que fomos forçados a fazer. Desistir seria como admitir que nada importou. E precisa importar. Precisa ser lembrado. No entanto, agora que estamos tão perto do fim, eu me preocupo sobre a limpeza de memória que meu pai diz que virá. Conforme pedalamos, eu me lembro de tudo que aprendi sobre o funcionamento do cérebro com nossos professores e com o doutor Flint e quando paramos para o almoço, eu digo a Tomas que estou cansada e que preciso de um cochilo.

Em vez de me deitar, eu tiro meu bracelete e caminho uns cinquenta metros de distância. Após alguns minutos, Tomas faz o mesmo.

— O que foi? Seu braço está pior? Podemos diminuir o ritmo um pouco se precisar de uma pausa.

Eu ignoro a dor que se moveu do braço para meu ombro e para meu torso e digo: — Estamos quase no fim.

Seu rosto se abre num largo sorriso. A covinha familiar me faz

querer chorar. — Eu sei. Mais um dia. Talvez dois e devemos estar lá — ele sente minha testa e franze a dele, o que só conta o que eu já sei. Estou queimando.

— Eles vão cuidar do seu braço assim que chegarmos lá, Cia. Você vai estar novinha em folha num piscar de olhos.

Talvez; mas não vou me preocupar com isso agora. — De acordo com o meu pai, eles também vão mexer na nossa memória, para que não nos lembremos de nada disso.

— Talvez tirar essas lembranças não seja tão traiçoeiro quanto pensávamos. Talvez eles estejam tentando nos ajudar a sobreviver. Você quer mesmo viver se lembrando de Malachi morrendo ou de Brick com a metralhadora?

— Não — digo com sinceridade. Uma vida de pesadelos não é minha ideia de boa coisa. Contudo, reprogramar-me para esquecer o que vivi também não é. Pelo que Malachi morreu... O que Brick fez por mim... — Contudo, preciso me lembrar. Esquecer o que aconteceu não muda nada. Nada pode mudar o passado. Os pesadelos do meu pai provam que o apagamento das memórias não é completo. Agora, em vez de ser assombrado pelo que ele fez e o que ele não fez e viu, ele só pode se perguntar e imaginar. Não é pior?

Tomas chuta o solo na frente dele. Posso vê-lo lutando com minhas palavras e posso entender o motivo. A ideia de esquecer é sedutora. Levantando o olhar, ele diz: — Os pesadelos de seu pai e do doutor Flint me fazem pensar que o apagamento da memória não é feito com cirurgia.

Eu tendo a concordar. O doutor Flint diz que os centros no cérebro de memória de longo e de curto prazo são fáceis de encontrar, mas que cada cérebro é levemente diferente. Tentar alterar uma parte específica do cérebro que apenas afeta três ou quatro lembranças de memória seria traiçoeiro num paciente, quanto mais em centenas que se formaram na universidade.

— Drogas? Um impulso auditivo? Hipnose? — neutralizar todas as opções parece impossível. Especialmente aqui.

— Aposto que são drogas.

Eu também, especialmente depois de falar com o cara do outro lado da cerca. Eu considero contar a Tomas sobre o cara, a ampola que ele me deu e o soro da verdade que os Avaliadores nos dariam. Guardar a informação parece traição. Entretanto, eu não sei como explicar por que não dividi essa informação com Tomas até agora. Eu tinha bons motivos, mas Tomas pode não entender. A última coisa de que preciso agora é de sentimentos feridos ou recriminações. Vou ter de encontrar outro momento para contar a ele.

Em vez de dividir meus segredos, eu pergunto: — Como podemos lutar contra uma droga que não compreendemos ou entendemos?

— Não sei se podemos. Acho que quando voltarmos ao Centro de Provas vamos ter de pensar como eles planejam administrá-la. Talvez alguém da equipe nos conte se perguntarmos da maneira certa. Se eles colocarem a droga na água ou algo assim, vamos ter de fingir beber. Então fingir não se lembrar de nada antes de nossa chegada ao Teste — ele dá um passo em minha direção e passa uma mão na minha bochecha. — Eu vi e fiz coisas aqui que não quero passar o resto da vida revivendo, mas não posso imaginar não me lembrar da primeira vez em que beijej você.

Seus lábios encontram o meu com uma paixão que tira meu fôlego. Talvez seja a febre que me faz estremecer quando ele beija minha bochecha, meu pescoço, meus lábios, mas acho que não. Eu enrolo meus braços com força ao redor do pescoço dele e devolvo seus beijos com os meus — quentes, urgentes, necessitados. Uma ânsia profunda se apodera de mim quando eu luto para me aproximar, apesar de estarmos enrolados tão firmemente, duvido que ar possa passar entre nós. Contudo, não parece o suficiente. E quando Tomas se afasta, nós dois estamos ofegantes e querendo mais.

Isso, porém, terá de esperar. Estamos longe dos nossos microfones há muito tempo. Mais tempo e os Avaliadores se perguntarão sobre nosso silêncio. Tomas coloca um último beijo incrivelmente doce nos meus lábios, pega minha mão e me leva de volta para nosso acampamento.

Quando chegamos, eu finjo acordar, faço perguntas sobre o que aconteceu enquanto eu dormia e escuto com um sorriso enquanto Tomas inventa uma história sobre um esquilo que ele tentou pegar. Não sei se aqueles que estão ouvindo estão impressionados, mas eu estou.

Almoçamos e subimos nas nossas bicicletas, esperando viajar mais cinquenta quilômetros antes de escurecer. Contudo, não estou certa de que vamos chegar tão longe. As pílulas não estão mais controlando a dor que ferve no meu braço. Ou se estão tendo impacto, meu braço está pior do que imaginei. Quinze quilômetros à frente, percebo meu corpo desacelerando. Tomas me encoraja a continuar pedalando, e eu tento. No entanto, meu passo não acelera. É tudo o que posso fazer para ficar equilibrada e continuar em frente.

Em torno de quinze quilômetros à frente, Tomas para e aponta uma forma seguindo pela linha da cerca Norte. Forço a vista, tentando ver os detalhes de quem pode ser. Certamente outro candidato do Teste. Pela forma, acredito que o candidato é homem. Tomas então aponta para trás de nós. Ao longe há outra figura cambaleando pela estrada. Amigo ou inimigo? Continuamos em frente, esperando evitar ter de responder a essa pergunta.

Mais três quilômetros e não posso mais pedalar. Minha cabeça está

girando. Minha garganta está seca. O ferimento no meu braço grita tão alto que é difícil focar em qualquer outra coisa. Digo a Tomas que precisamos parar.

Desfazendo o curativo, eu me preparo para o pior. Os ferimentos estão inchados e quentes ao toque. Quando era criança, eu caí e abri um rasgo grande na minha perna. O doutor Flint estava longe da colônia, então minha mãe fez um curativo e me fez ficar de cama. Vários dias depois, minha perna parecia muito com meu braço agora. Por sorte o doutor Flint voltou e sabia o que fazer. Ele me deu uma pequena dose de algo para a dor, abriu o ferimento e espremeu o pus amarelo e branco do ferimento junto de um pequeno pedaço de metal. O metal contaminado era a fonte do problema.

Estou certa de que os ferimentos no meu braço agora prendem qualquer que seja o veneno que me infectou. E não há doutor Flint. Apenas Tomas, eu e minha necessidade de sobreviver.

Tomas acende uma fogueira. Ele ferve água e pedaços da toalha que eu peguei do Centro de Provas para usar como ataduras, já que eu usei todas as do kit médico. Enquanto isso, eu me sento, tomo várias pílulas a mais para a dor e peço a Tomas a bainha com sua faca. Ele me dá um olhar estranho, mas tira a faca, solta da bainha e passa para mim. Antes de questionar o que estou prestes a fazer, eu mordo o couro, pego o topo do meu braço esquerdo e aperto.

Se eu não estivesse sentada, a dor teria me deixado de joelhos. Do jeito que as coisas são, meu estômago embrulha, meus olhos lacrimejam e meu pulmão busca ar enquanto meus dedos afundam na carne.

Pedaço a pedaço as feridas se livram da pele e o pus escorre — amarelo e verde, misturado com sangue leitoso. Eu engasgo com o fedor de carne deixada tempo demais no Sol. Percebo que o cheiro de carne está vindo do meu braço e começo a chorar. Mas não paro de apertar. O pus escorre pelo meu braço. Tomas pega o curativo que tirei antes, mergulha na água e começa a limpar a infecção que escorre. Entretanto, não importa quanto trabalho rápido, há mais para tomar o lugar.

O mundo entra e sai de foco. Eu me dobro de dor. E ainda aperto. Meus dedos se movem pelo meio dos ferimentos e apertam novamente. Então mais baixo.

Tomas fala comigo, mas sua voz soa a quilômetros de distância. Não posso decifrar suas palavras. O tempo perde significado quando forço a infecção para fora do meu corpo por gotas de amarelo pútrido. Só paro quando o ferimento escorre sangue vermelho. Não amarelo. Não verde ou branco. Nada de infecção — por hora.

Solto meus dedos de seu aperto de torniquete e deixo Tomas limpar os ferimentos abertos com água quente. Ele usa o resto da

pomada e envolve meu braço em panos úmidos esterilizados. Ele me embala de um lado para o outro e diz que tudo ficará bem. Que eu deveria dormir. Ele vai se certificar de eu ficar em segurança.

Meus sonhos estão tomados da mesma combinação de horror e felicidade. Ryme e Malachi me ajudam a enterrar a menina sem olhos. Zeen me perdoa por ter roubado dele e me lembra para ligar para casa com o Comunicador de Trânsito quando eu tiver a chance de fazer isso. Roman sorri quando atravessa a porta e me abandona para um grupo de observadores que me arranham sem parar com suas garras e então explode diante de meus olhos. Os braços do meu pai me embalam por horas da maneira como ele fazia quando eu era pequena. O embalo para. Ele vira sua cabeça para o lado e me diz para levantar. Alguém está aqui.

Meus olhos se abrem.

Posso sentir Tomas respirando no escuro ao meu lado — uma respiração lenta e constante que mostra um sono profundo e restaurador. Tomando cuidado com meu braço, eu me empurro para ficar sentada. Flexiono os dedos da minha mão ferida. Eles se movem com mais facilidade do que ontem. O resto do braço e o ombro não parecem tão inchados. Ou a medicação finalmente fez efeito ou o pior da dor passou. Eu pisco lágrimas de alívio, e pelo canto do olho vejo algo se mover nas sombras. Segurando o fôlego, espero que se mova novamente. Capto um vislumbre de seu tamanho na luz da Lua que se esvai. Grande. Humano. Um dos mutantes habitantes desta área ou um colega candidato do Teste? Pela forma como a sombra se move, acho que é um candidato. Nossa fogueira já se apagou e estamos acampados numa vala atrás de um conjunto de arbustos, o que provavelmente dificulta podermos nos afastar. Entretanto, o dia não está longe de surgir, e o candidato não parece estar com pressa de se mover. Ele segue lentamente pelo solo, a cerca de cinquenta metros, e vem na nossa direção.

Lentamente, estico o braço, tentando encontrar minha sacola. Fico em pânico quando percebo que não está perto. Tomas deve tê-la movido depois que adormeci. E com ela, minha arma.

Forço a vista na escuridão, tentando localizar minha sacola, mas sua cor escura se camufla da minha vista. Sem saber as intenções do nosso novo vizinho, não ousa me mover. Deitada no chão, cutuco Tomas e cochicho em seu ouvido. — Outro candidato está lá fora.

Seus olhos se abrem, alertas e temerosos. Então ele assente para que eu saiba que ele entendeu. Juntos nós seguramos o fôlego e esperamos.

O estalo de gravetos e o farfalhar de folhas nos dizem que nosso colega candidato está mais próximo. Os primeiros raios cinza da manhã buscam a escuridão conforme eu espio por baixo dos arbustos.



Ninguém está lá.

Tomas levanta uma sobrelanceira e balanceia a cabeça. Também não o vê. O outro candidato já deve ter passado por nós e está viajando em direção a Tosu City.

— Acho que estamos seguros — Tomas cochicha. Um galho estala sob ele quando ele se senta na luz pálida. Aquele segundo extra salva minha vida quando eu mergulho para o lado e observo a lâmina afundar nos arbustos atrás de mim. Nosso agressor dá um grito raivoso quando eu olho ao redor em busca da minha sacola do Teste. Tomas tira sua faca e avança quando eu avisto a sacola no chão perto da minha bicicleta, a mais de cinco metros de distância. O som de metal em metal diz que nosso atacante tem outra arma e Tomas e ele agora estão numa batalha.

Tomas grita quando a longa faca do atacante atinge sua lateral. É quando eu vejo o outro candidato. Seu rosto está mais magro e suas bochechas afundadas, mas eu o reconheceria aquele escárnio em qualquer lugar. Roman. E agora ele puxa sua faca para atacar Tomas novamente.

Meus dedos lutam com os fechos da minha sacola enquanto lâmina colide com lâmina. Eu afundo freneticamente entre meus pertences e escuto outro grito. Desta vez é Roman quem sangra, mas ele não segura seu braço ferido nem foge. Soltando um grunhido raivoso, Roman abaixa a cabeça, avança e joga Tomas ao chão. Um grito irrompe de minha garganta quando uma faca quase atinge o pescoço de Tomas. Por um momento, fico paralisada, vendo os dois brigarem num esforço de dominarem um ao outro. E Roman consegue. Ele empurra Tomas ao chão e ergue sua faca quando eu tiro minha arma da sacola e miro. Um tiro é disparado. Sangue se abre na têmpora direita da testa de Roman. O escárnio se vai, substituído por surpresa e então vazio quando a faca cai de sua mão e ele desaba à frente, morto.

Segurando sua lateral, Tomas rasteja de baixo do corpo morto e solta um suspiro de alívio por estar a salvo. Contudo, não estamos a salvo. Tomas não sabe o que eu sei. Eu não mirei em tempo. Não fui a única que disparou a arma.

— ABAIXE-SE — eu grito enquanto olho de um lado para o outro, meu corpo todo zumbindo de tensão e medo. — Eu não atirei. Há mais alguém aí com uma arma.

— Sou eu.

Girando, eu miro e seguro o dedo no gatilho antes que a familiaridade da voz me atinja em cheio. O tom petulante que só poderia pertencer a uma pessoa aqui.

Will.

Eu abaixo a arma e o vejo marchando em direção a nós, girando a pistola no dedo. E ainda que eu saiba que Tomas não quer nem gosta que eu confie em Will, não posso evitar envolver meus braços ao redor dele. — Você não tem ideia de como estou feliz em vê-lo — digo. — Não tenho certeza se eu poderia salvar Tomas. Obrigada.

Apesar de não ter certeza se estou lhe agradecendo por salvar Tomas ou por me poupar da necessidade de tirar a vida de outra pessoa. Provavelmente os dois.

Will se afasta e desliza a arma para seu bolso. — Tenho certeza de que teriam conseguido sem mim. De uma maneira estranha, é bom que esse idiota tenha sido rápido o suficiente em atacar vocês. Eu nunca os teria encontrado sem todo esse barulho. Estou procurando há dias e imaginei que vocês dois já haviam chegado ao final do Teste. — Não tivemos essa sorte — Tomas disse, segurando sua lateral.

— É — Will me dá um sorriso maldoso. — Eu sei que você esperava ter me visto pela última vez. Acho que eu acabei de provar que você pode confiar em mim, afinal.

Por um minuto, Will e Tomas olham um para o outro. Tomas é o primeiro a afastar o olhar quando ele diz. — Acho que sim.

— Bom — Will ri. — Então, por que não deixa a Cia aqui dar uma olhada no corte antes de você sangrar até a morte. Se morrer, eu não serei capaz de me vangloriar por meu heroísmo sobre vocês. Que graça teria?

Com a menção do ferimento de Tomas, eu corro para examinar,

me esforçando ao máximo para ignorar o corpo sem vida de Roman caído no chão. O corte de Tomas é longo, mas superficial e não precisa de pontos. O que é bom, porque depois desses últimos dias eu não sei se meus dedos seriam firmes o suficiente para fazer o trabalho. Will me oferece o uso de seu kit médico, e eu rapidamente limpo, medico e faço um curativo no ferimento.

Quando termino, passo os suprimentos de volta para Will e digo: — Você chegou até nós. Isso deve significar que encontrou rodas, certo?

— Sem rodas — Will me dá um sorriso ainda maior. — Encontrei algo ainda melhor. Quer dar uma olhadinha?

Não muito longe na estrada há um pequeno flutuador de cabine aberta para um passageiro. Meio uma versão voadora de um *scooter*. Meu pai tem três desses no seu laboratório para uso leve em campo. São bons para cobrir distâncias curtas, mas distâncias longas os fazem superaquecer e eles não carregam mais do que oitenta quilos, o que limitam seu uso. Meu pai e dois dos meus irmãos são pesados demais. Eles nem saem do chão. Entretanto, Will e sua compleição esguia são perfeitos para isso.

— Onde o encontrou?

Escuto a desconfiança na voz de Tomas, mas Will não parece notar quando ele explica. — Dois dias depois que deixei vocês deparei com um grande prédio com uma grande porta de metal. Levei um tempo para abrir a porta, mas valeu a pena. Havia quatro dessas belezinhas dentro. Nenhum deles estava funcionando direito, mas eu consegui usar partes dos três para arrumar este. Parece que a Comunidade guardou um monte de veículos e outras coisas na segunda parte deste teste. Vi alguns candidatos do Teste andando nesses. E um dos caras que encontrei conseguiu algumas armas automáticas num chalé pouco antes da última cidade. Acho que a primeira parte do teste era baseada em sobrevivência. A segunda é um teste para verificar a rapidez com que chegamos ao final e quantos concorrentes apagamos durante o percurso.

— Quantos candidatos planeja apagar antes do fim, Will? — Tomas faz a pergunta tão silenciosamente que eu quase a perco, mas Will não. Com uma expressão séria, ele responde. — Os únicos competidores que planejo eliminar são aqueles que oferecem ameaças diretas. Tipo o nosso amiguinho aqui.

Ele aponta em direção ao corpo no chão. — Ou você acha que ele merecia viver?

Will dá a Tomas um sorrisinho presunçoso, quase desafiando-o a sorrir. Era demais querer que o heroísmo de Will colocasse os dois do mesmo lado. Entro no meio dos dois e digo: — Olha, de acordo com o Comunicador de Trânsito, temos cerca de cento e vinte quilômetros

ainda para percorrer. Em vez de um ficar provocando o outro, nosso tempo seria mais bem gasto tomando café da manhã, arrumando as coisas e caindo fora daqui.

— Bom argumento, Cia — Will me dá um sorriso fácil. —Estou disposto a deixar nossas diferenças para trás, se Tomas estiver.

Silenciosamente, Tomas assente e solta um suspiro de alívio. Não sou ingênua o suficiente de pensar que os dois não vão encontrar oportunidades de brigar no meio do caminho, mas espero que eles mantenham um mínimo de civilidade. Enquanto eu preparo o café da manhã, Will revira a sacola de Roman e encontra roupas, duas garrafas d'água, uma bússola, um kit de pesca, várias ferramentas e um arco com um estojo de flechas. Todos marcados como suprimentos de candidatos do Teste. Evidência de que o menino atacou e pelo menos feriu outro candidato. Comemos peras e coelho e dividimos nossos suprimentos em nossas respectivas sacolas. Eu mantenho a faca, o arco e flecha, se não por outra razão, por não querer que meus dois companheiros adversários tenham armas adicionais para usar se suas birras fugirem ao controle.

Então, enquanto Tomas e Will não estão olhando, removo o bracelete de identificação de Roman e coloco-o na sacola junto daquele que pertenceu à menina que Tomas e eu enterramos. Roman não era digno de confiança. Chegou ao Teste disposto a vencer a todo custo. E ainda que eu odeie o que ele fez para atingir seu objetivo, percebo que odeio mais os oficiais do Teste. Roman não merecia ser um futuro líder, mas a morte parece ser uma pena extrema para pagar. Pelo bem ou pelo mal, sua vida deveria ser lembrada. Tomas e eu colocamos nossas sacolas nos cestos das nossas bicicletas, Will se encaminha para o flutuador e três de nós nos encontramos na estrada. Há duas sombras no horizonte atrás de nós. Outros candidatos do Teste? Se Will estiver certo, eles podiam ter veículos que vão nos alcançar em breve. Temos de seguir em frente.

O flutuador movido a energia solar do Will é mais rápido do que nossas bicicletas, mas ele segue o ritmo das nossas pedaladas. Não posso evitar me perguntar o motivo. Sabendo a velocidade do flutuador de cabine aberta do meu pai, estou bem certa de que Will poderia estar na linha de chegada em questão de horas. Ainda que ele possa sentir algum tipo de responsabilidade por eu tê-lo mantido no Teste, ter salvo Tomas esta manhã mais do que pagou a dívida. Apesar de que talvez Will não veja dessa forma, já que, tecnicamente, ele não salvou minha vida. Não sei. Qualquer que seja o motivo, estou grata por ter outro par de olhos observando no horizonte em busca de sinais de perigo. E é bom que ele esteja vigiando porque Will é o primeiro a avistar um brilho na estrada à frente. Um arame de armadilha que nossas rodas poderiam ter acionado.

Saímos das bicicletas e as empurramos para fora da estrada, ao redor das armadilhas, e de volta para a superfície lisa. O flutuador de Will paira sobre a armadilha e continuamos em frente. Pedalamos um pouco mais lentamente conforme observamos sinais de outros perigos. Tomas odeia o atraso. Eu também, mas acrescentar algumas horas à nossa viagem não é nada comparado à alternativa. As plantas e as folhas se tornam mais verdes, as árvores menos retorcidas, a grama e a água mais ricas quando chegamos perto de nosso destino. Marcas da revitalização. Meu braço dói, mas os sinais de nosso objetivo estar tão perto me ajudam a ignorar a dor e a fadiga.

Uma explosão de algum lugar bem atrás de nós sacode as árvores. Tiros e gritos ecoam pela paisagem do Noroeste. Lembretes de que não estamos sozinhos na nossa missão e de que o perigo ainda não passou. Ficamos de guarda durante a noite e levantamos cedo, torcendo para que hoje seja o dia de terminar esse exame. Eu verifico o Comunicador de Trânsito frequentemente para marcar nosso progresso.

Faltam setenta quilômetros.

Cinquenta.

Quarenta.

Bebemos água conforme seguimos, ignorando a fome. Podemos comer depois de passar por essa prova.

Faltam vinte quilômetros, e o Sol começa a descer. O céu é marcado de roxo e rosa. Continuamos seguindo, forçando a vista no Sol que se põe, atentos a qualquer coisa que possa ser uma ameaça.

Quinze quilômetros.

Por sorte, vejo um flash de metal próximo de um tronco grosso de carvalho. Grito para Tomas e Will quando o estouro de tiros parte o ar. Faíscas voam na estrada à nossa frente e eu empurro meu guidão para a direita para evitar entrar na linha delas. A mudança rápida de direção é demais para minha bicicleta consertada. A roda da frente se torce e quebra. Eu caio de costas e busco ar enquanto o ar é tirado de meus pulmões. Meu braço esquerdo grita com o impacto. Tomas berra meu nome quando os tiros começam novamente. Mais altos. Mais próximos. Mais aterrorizantes do que antes porque eu mal posso respirar, quanto mais me mexer.

Entretanto, eu me mexo, porque não quero morrer. Tomas e Will gritam de algum ponto próximo, mas não procuro por eles. Não posso. Rolo sobre meu braço ferido, ignorando a onda de tontura e dor quando busco minha sacola do Teste. Meus dedos encontram a arma. Eu fico de joelhos e busco o atirador do outro lado da rua.

Ali. O cano da arma se projeta de trás da árvore enquanto o atirador se prepara para disparar novamente. Eu miro no braço segurando a arma e aperto o gatilho. Um grito feminino de dor me diz que a mira foi boa. Não posso evitar a onda de vitória que passa por

mim quando a arma e a menina desaparecem atrás da árvore. Mantenho meu braço estendido e meu dedo pronto para puxar o gatilho enquanto observo uma árvore, esperando sinais de nosso atacante.

— Ela está fugindo — Will grita.

Eu pisco — então entendo. Enquanto eu esperava mais tiros, a candidata desapareceu nas árvores e subiu num flutuador similar ao que Will está dirigindo. Ela deve ter colocado lá antes de pegar seu lugar atrás da árvore. Eu aperto o gatilho e atiro seguidamente enquanto o flutuador desaparece no Sol poente. A candidata e o flutuador se foram. A não ser que outro candidato a elimine nos próximos quilômetros, ela vai terminar esta prova e passar para a próxima. Esta menina que parou e se escondeu aqui especificamente esperando uma chance de matar seus concorrentes pode ser uma candidata da universidade — uma futura líder da Comunidade Unida. Luto para segurar um grito e percebo que a única forma de evitar que ela seja uma aluna da universidade é se mais de vinte de nós passarmos neste teste. Só posso torcer para que o comitê do Teste escolha aqueles que não recorreram a táticas de assassinato. Para nós sermos incluídos nesse número, temos de chegar ao fim. O que significa que é melhor que sigamos.

Fico de pé antes de me lembrar da destruição da minha bicicleta. Uma rápida olhada faz meu coração se apertar. O Sol que se põe não esconde os danos. Toda a parte da frente se quebrou. Não tem como consertar.

— Acho que vou ter de caminhar o resto do caminho — digo, tentando não soar tão desencorajada quanto me sinto. De acordo com o Comunicador de Trânsito, só faltam doze quilômetros e meio para viajar, a distância é mínima comparada às distâncias que já viajei.

— Não se preocupe, Cia — Tomas aparece ao meu lado e pega minha mão. — Não vai estar sozinha. Vou caminhar com você.

— Não precisa — digo, mas estou feliz por ele ter se oferecido. A ideia de caminhar sozinha no escuro, sem saber o que há à espreita é aterrorizante. Ele me dá um beijo leve e diz. — Preciso sim — então ele se vira para Will. — Acho que é aqui que nos separamos novamente. Cia e eu não vamos querer segurar você.

Will sorri. — Engraçado, mas eu ia dizer a mesma coisa.

É o sorriso que me alerta para o perigo. Frio. Calculista. Tão diferente de tudo que vi vindo dele antes. Empurro Tomas para o lado quando Will ergue sua arma e atira.

Mas não sou rápida o suficiente. Sinto Tomas esquivando quando a bala entra em seu abdome. Seus olhos estão esbugalhados de surpresa e dor quando ele se dobra e cai de joelhos. Minha arma está apontada quando Will muda sua atenção para mim.

— Que diabos está fazendo, Will?

Ele sorri por trás da arma. — Não é óbvio? Estou me livrando da concorrência. Não perdi meu irmão e vim até aqui para ouvir que não sou bom o suficiente para entrar na universidade. Fiz esta escolha desde o começo, mas você não morria. Por sorte, alguns outros foram mais fáceis de matar antes de eu ficar sem flechas. Tanto Gill quanto eu somos campeões de tiro com arco e flecha. Ele sempre ganha em primeiro, mas eu não dou moleza a ele.

Chicago. O atirador do arco e flecha. O ferimento no ombro de Will. Um tiro onde eu o acertei. As peças se juntam com terrível clareza.

— E você acha que vou apenas deixar você atirar em mim agora? — minha voz é notavelmente firme, considerando a raiva nas minhas veias. Estou com o dedo no gatilho, tentando canalizar na raiva para matar um menino que achei que era meu amigo. — Já provei que não vou cair sem lutar.

O sorriso de Will se alarga. Seus dentes brancos brilham na escuridão. — Você é esperta, Cia, mas não tem instinto assassino. Eu poderia sair andando agora mesmo e você não atiraria em mim.

— Quer apostar? — grito. — Vá em frente e experimente só — minha mão trêmula trai minha bravata. E por um momento estou certa de que Will está certo. Não posso matá-lo. Vou morrer aqui na área do Teste.

— Cia.

É o sussurro do meu nome pelo menino que amo que evita que eu tremo. Tomas ainda está vivo.

Will endireita o ombro e mira. Meu dedo aperta. A arma na minha mão dispara um segundo antes de Will. Minha bala acerta sua lateral direita, mandando-o cambaleando para trás quando ele zumbe no meu ouvido na escuridão. Will grita e começa a correr em direção ao flutuador quando eu atiro de novo. Seu tropeço me diz que eu novamente conectei com meu alvo, e escuto o ruído de sua arma atingindo o solo. Atiro de novo, e de novo quando o flutuador sai do solo e zumbe à frente. Mais dois tiros e ele está fora de alcance, indo para a linha de chegada.

O final da luz cinza está desaparecendo quando eu me ajoelho ao lado de Tomas. A adrenalina que passa por meu corpo todo começa a desaparecer, me deixando fraca, cansada e assustada.

— Ele se foi? — Tomas pergunta.

Fingindo mais confiança do que sinto, digo. — Com sorte ele vai apagar com a perda de sangue e bater seu flutuador antes de chegar ao final. Onde ele acertou você? — uma pergunta sem sentido, já que posso ver que as mãos cheias de sangue de Tomas agarram sua lateral direita. Eu o viro e encontro um ferimento em suas costas. A bala

pegou de raspão.

Uma coisa a menos para me preocupar, eu digo a mim mesma tirando a toalha que peguei do centro de Provas da minha sacola, rasgo em pedaços e seguro contra o ferimento. Com o fluxo de sangue estancado, reviro meu cérebro buscando tudo que aprendi do doutor Flint sobre anatomia humana.

Uma orelha pressionada no peito de Tomas me diz que seu batimento é rápido, mas constante. Sua respiração soa entrecortada, mas não há sons de gargarejo que indicam que seus pulmões estão cheios de sangue. Ambos são bons sinais, mas nenhum dos dois vai importar se não puder levá-lo para Tosu City.

Há outros candidatos viajando para cá. Com as linhas da cerca tão próximas umas das outras, há poucos, se é que há algum, lugares para se esconder que garantam nossa segurança. A única resposta é fazê-lo cruzar a linha o mais depressa possível.

Dobrando várias faixas de lençol, crio acolchoados para absorver o sangue e pressiono nos ferimentos de Tomas. Enquanto ele ajuda a manter no lugar, eu tiro sua outra camisa, enrolo em seu torso e prendo com força. Passando uma garrafa d'água para ele beber, eu digo. — Precisamos levar você a Tosu City. Pode caminhar?

— Posso tentar.

No entanto, fica claro, após alguns passos cambaleantes, que caminhar não é uma opção. Tomas afunda de volta no solo e balança a cabeça. — Não adianta. Não vou conseguir.

— Você só precisa de tempo para descansar — digo, mas sei que não é verdade. O tempo é nosso inimigo. Cada segundo que se esvai significa mais perda de sangue. Mais chances de infecção. Candidatos do Teste se aproximando com armas em punho. Maior chance de morrer. Ele tira minha mão e me puxa mais perto. — Sei que você não quer ouvir isso, mas vai ter de me deixar aqui. Quando eu descansar, posso ser capaz de caminhar o resto do percurso...

— Não vou deixar você — tento puxar minha mão, mas Tomas não me solta.

— Sim, você vai. Você vai terminar este Teste para nós dois. Quero que você vá. Por favor. Antes que outro candidato do Teste chegue.

Lágrimas borbulham perto da superfície, mas as engasgo de volta porque não vou desistir.

— Não posso. É minha culpa. Eu disse para você confiar em Will. Tenho de fazer isso certo — eu o beijo firmemente nos lábios para silenciar qualquer argumento que ele queira dar e passo as últimas três pílulas para dor para que ele possa descansar com mais facilidade enquanto eu penso. Ele fecha seus olhos e eu começo a caminhar. Tomas não pode andar.

Se ele não chegar ao final deste Teste logo, ele não vai chegar de



maneira nenhuma.

Mesmo com uma bicicleta quebrada, as rodas ainda funcionam. Deve haver um modo de usá-las. Tomas não pode pilotar uma bicicleta. Não nessa condição, mas talvez se eu trabalhar direito, ele possa se sentar atrás de mim enquanto meus pés pedalam.

Com a possibilidade de outro candidato do Teste por perto, eu odeio a ideia de acender uma fogueira, mas a noite está fria. Tomas precisa do calor, e se vou transformar nossas bicicletas em algo que possa transportar Tomas, preciso da luz. Tomas está dormindo no chão quando eu busco fósforos em sua sacola. Encontro a caixa no fundo da sacola junto de algum metal. Pela sensação, imagino que seja um bracelete de identificação do Teste. Brevemente me pergunto se Tomas tirou o bracelete da sacola da garota que enterramos. Talvez, como eu, ele quisesse algo tangível para se lembrar dela. Para evitar que meu bracelete se perca, eu o enfio fundo no meu bolso. Então volto minhas atenções ao fogo. Meus irmãos me mostraram como barricar uma fogueira para diminuir a quantidade de fogo que produz. Esforço-me ao máximo em replicar o processo, mas não estou certa quanto à eficiência. Mantendo a arma ao alcance, levo as duas bicicletas perto da luz e vou trabalhar.

Salto a cada estalo de um graveto. Cada uivo do vento me faz procurar a arma. Entretanto, ninguém nos perturba enquanto eu avalio meus suprimentos e procuro uma solução. Um carrinho para Tomas se sentar seria ideal, mas o metal e as ferramentas que tenho à disposição tornam difícil criar um, especialmente se eu quiser chegar depressa. A opção mais provável seria modificar a bicicleta que funciona em algo em que nós dois pudéssemos seguir. E tenho uma ideia.

Meus olhos estão granulosos e minhas mãos cobertas de graxa quando termino. A Lua se moveu, me dizendo que o amanhecer está próximo. O assento da bicicleta foi coberto com a calça extra do Tomas para dar um selim levemente mais largo e confortável para seguir atrás de mim. Para acomodar o peso extra atrás da bicicleta, recuperei as duas rodas traseiras da minha bicicleta e preendi o conjunto levemente para trás e de cada lado da roda traseira. As rodinhas de treino que eu usava quando criança inspiraram meu plano, mas levou horas e muitos arames, parafusos e tarraxas e seis testes para fazer funcionar. Claro que o verdadeiro teste será a viagem até a linha de chegada. Só espero que meu trabalho nos ajude a chegar lá.

A testa de Tomas está fervendo, mas não tão assustadoramente quando eu o levanto de seu sono. Cortei umas peras e o resto da carne para fazê-lo comer enquanto explico no que estive trabalhando. — Você só tem de colocar seus braços na minha cintura e se segurar. Eu

faço o resto.

Não dou a chance de ele protestar enquanto esvazio nossas sacolas de quase todos os itens, menos os essenciais. Quando termino, há uma pilha que inclui uma panela, uma frigideira, arco e flechas, vários cantis vazios d'água, o livro de mapas, os sacos de estopa do homem de cabelos cinza e o kit médico, agora vazio. Eu torço a cara quando coloco o kit de ferramentas de Tomas na pilha, mas tenho meu canivete se precisarmos de ferramentas básicas e sério, se a bicicleta quebrar, não estou certa de que qualquer ferramenta a consertaria. Neste ponto, eu só tenho de esperar o melhor. Colocando minha mão no bolso, eu me lembro da última tarefa e enfio a ampola com sua droga desconhecida no meu par de meias. Não sei o que nos aguarda no final desta estrada. O que quer que seja, eu sei que é melhor ficar preparada.

Com tudo pronto, ajudo Tomas a ir para a bicicleta. Eu não me preocupo em apagar o fogo. Se alguém encontrar nosso acampamento e os suprimentos aqui, então que seja. As duas novas rodas ajudam a manter a bicicleta de pé, enquanto eu manobro Tomas para o assento. Subo na frente dele e o faço enrolar os braços na minha cintura. Como uma precaução extra, eu cortei minha camisa em faixas e fiz a trança como uma corda, que agora eu enrolo em volta de nós. Se cairmos, vamos cair juntos.

Os eixos grunhem quando eu empurro meu pé à frente. O peso extra torna difícil ganhar impulso. Tomas encosta sua cabeça nas minhas costas enquanto enfio meu pé direito à frente. Então o esquerdo. Centímetro a centímetro nós nos movemos. Não estou desencorajada. Só de nos movermos já é uma vitória. Pé direito. Pé esquerdo. Empurro com toda a minha força e começamos a cambalear à frente. Depois de vários empurrões a mais, começamos a avançar. A estrada se inclina para baixo e ganhamos impulso. Não tão rápido quanto viajamos antes, porém mais rápido do que eu ousaria esperar enquanto trabalhava durante a noite.

O Comunicador de Trânsito de Zeen está preso com arame ao guidão.

Faltam dez quilômetros.

Nove.

Oito.

O Sol está alto no céu. Suor pinga da minha testa enquanto empurro à frente. Os braços de Tomas na minha cintura escorregam e eu paro a bicicleta para verificar como ele está. Está tremendo, e quente ao toque. Eu o faço beber metade da nossa última garrafa de água antes de começar a subir de volta. Em algum ponto atrás de nós há tiros. Uso o medo que eles trazem para manter meus pés à frente.

Faltam seis quilômetros.

As linhas da cerca se estreitaram de maneira que há apenas uns dez metros de espaço de cada lado da estrada entre elas. Não há sinal de Will ou de seu flutuador. Sei que o feriu, mas não deve ter sido o suficiente para pará-lo. A não ser que... Ele poderia estar bem o bastante para ficar à espreita perto da linha de chegada, esperando para terminar o que ele começou?

Quatro quilômetros.

Pergunto se Tomas consegue se equilibrar em sua bicicleta sem segurar na minha cintura. Quando ele concorda em tentar, eu solto a corda e fico de pé para aplicar mais força em cada pedalada.

Três quilômetros.

Tomas começa a perder seu equilíbrio, e eu o faço se sentar de volta. Eu prendo a corda novamente e continuo pedalando.

Dois quilômetros.

Vejo roxo e vermelho ao longe. Oficiais do Teste estão esperando por nós. O final. Eles devem estar parados no final. Atrás das pessoas, os prédios de Tosu City cintilam e brilham se erguendo no ar. A cabeça de Tomas bate contra minhas costas. Sinto seu peso puxando a corda, mas não posso parar. Se eu parar, talvez nunca consiga colocá-lo de volta na bicicleta. Duvido que ele possa sobreviver se eu arrastá-lo até o fim.

Com uma das mãos, eu equilibro o corpo inconsciente de Tomas enquanto uso minha outra para pilotar. Meu braço, meus músculos, cada parte minha está em chamas, mas não vou ceder ao medo ou à fadiga. Meus pés continuam se movendo. As pessoas ao longe entram em foco. Vejo sorrisos. Algumas expressões preocupadas. Estão todos de pé atrás de uma linha branca. A linha de chegada. Eu ignoro as pessoas e foco na linha. Desejo que chegue mais perto enquanto empurro meus pés seguidamente. Estamos bem perto quando sinto Tomas deslizar para minha esquerda. Meu braço ferido não tem força para pegá-lo e puxá-lo de pé. Mas estamos amarrados juntos, seu puxão me tira do banco e nós vamos juntos ao chão. Escuto alguns suspiros de espanto. Alguns gritos de preocupação. Vejo o doutor Barnes de pé na frente do grupo, com uma expressão de leve interesse. Ninguém vem para nos ajudar. A linha branca está a menos de quinze metros de distância, e de seu posto atrás dela os oficiais do Teste ficam parados olhando. Sei que estou cansada, assustada e com dor, mas neste momento só posso sentir raiva. É quente, clara e poderosa. Olho para cada rosto e juro fazê-los pagar por Ryme, Malachi e todos os outros. Pela menina cujo nome eu nem conheço, mas cujo corpo enterrei. Pelos observadores que foram fuzilados sem terem provocado. E por Tomas e esses quinze metros terríveis que são tão importantes para os oficiais do Teste que eles poderiam vê-lo morrer depois de tudo a que ele sobreviveu.

Soltando a corda, eu me levanto do chão. Cuidadosamente, eu solto as sacolas da cesta, as coloco sobre meu ombro e com pernas trêmulas caminho até Tomas. Eu me recuso a olhar para nossa plateia enquanto o rolo de costas. Ele geme quando deslizo minhas mãos por baixo dele. O som me diz que ele está vivo. Planejo mantê-lo assim enquanto agarro seus braços e puxo. Eu me inclino pra trás e uso meu peso como alavanca. Centímetro por centímetro, insuportavelmente lento, eu o deslizo, meus olhos fixos no asfalto duro, preto. Tenho de abaixá-lo duas vezes para buscar fôlego. Quando levanto o olhar, vejo outro candidato do Teste aparecendo no horizonte. A visão me incita a seguir.

Então eu vejo. Uma linha sólida, branca como a neve cortando o preto do asfalto. A linha de chegada. Um último puxão e vejo os pés de Tomas na chegada e afundo no chão ao lado dele quando a suave voz do doutor Barnes diz. — Parabéns, Malencia Vale. Você e Tomas Endress passaram no quarto teste.

CENTO E OITO candidatos entraram no Centro de Provas na esperança de frequentar a universidade. Hoje, vinte e oito de nós se sentam na sala de jantar, apesar de os cochichos que ouvimos nos corredores nos dizerem que ainda há chance de mais chegarem.

Oficiais do Teste me dizem que faz nove dias que cruzei a linha branca e passei no terceiro teste. Fiquei inconsciente na maior parte desses dias. Aconteceu que o veneno no meu sangue me colocou num perigo maior do que eu havia percebido. Se eu não tivesse espremido a maior parte do veneno para fora do ferimento, eu estaria morta agora. Do jeito que foi, levou várias horas para determinar se os medicamentos que eles bombearam em mim tirariam o resto do veneno do meu organismo. Uma ferramenta de aceleração de cura ajudou a fechar o ferimento, mas o dano que o veneno causou ao tecido evitou que a ferramenta também removesse as cicatrizes. Ficarei para sempre marcada pelo Teste, como se houvesse dúvida disso.

Tomas se deu melhor com seus ferimentos. Quaisquer avanços médicos que tenham usado o deixaram livre de cicatrizes. Apesar de que, pela forma que ele e Will olham um para o outro, eu me pergunto se mais cicatrizes não são inevitáveis. Estou grata que o protocolo do Teste dita que todas as armas sejam removidas da posse dos candidatos imediatamente após o quarto teste ser completado. Essa regra é a única razão pela qual consigo fechar meus olhos de noite.

Vejo os olhos de Will me seguindo pela sala. Quando me nota observando-o, ele me dá um sorriso e pisca. Está sentado com um grupo de candidatos com os quais eu nunca falei. Um eu conheço. Ele ainda não falou comigo e estou feliz com isso porque não estou certa de que poderia falar sem ver o massacre que Brick deflagrou em meu nome. Eu me pergunto se ele entende que as vidas que tirou eram humanas e se seus rostos sangrentos assombram seus sonhos como fazem com os meus.

Do outro lado da sala está Stacia. O rosto dela é tão ilegível quanto

estava durante a prova. Ela não se senta com seu companheiro de viagem, Vic, ela está sentada sozinha. O ruivo Vic está sentado do outro lado da sala. Tracelyn, a menina que sentia saudade do namorado e queria tanto ser professora não está em lugar visível. Só posso supor que o que aconteceu com ela seja o motivo do olhar assombrado de Vic e do sorrisinho nos lábios de Stacia.

Tomas e eu não falamos com os outros enquanto esperamos que o quarto teste termine e as entrevistas finais comecem. Passamos as refeições juntos e, quando permitido, caminhamos na área lá fora. Durante a conversa sobre nosso lar, Tomas cochicha no meu ouvido que ele pode ter encontrado uma maneira de manter nossas lembranças. Enquanto ele estava no hospital, ouviu seus médicos conversando com um oficial do Teste sobre o medicamento que ele e outros candidatos feridos estavam tomando. O oficial do Teste estava preocupado porque a medicação era conhecida por interferir nos procedimentos do Teste que estavam por vir. Ele insistia que Tomas e os outros fossem rigidamente monitorados para que os remédios estivessem fora de seus organismos quando as seleções finais da universidade fossem feitas.

— Eles acharam que eu estava dormindo. Da outra vez que as enfermeiras trouxeram meu medicamento, eu fingi tomar. Consegui guardar uma das minhas pílulas. Vou tentar pegar mais algumas durante os próximos exames médicos. Algumas enfermeiras se distraem com mais facilidade do que outras. Depende de qual vem.

Não me surpreendo que o sorriso de covinha de Tomas e seus olhos claros distraiam as enfermeiras. Seus beijos certamente são uma distração para mim. Nos dois dias seguintes, Tomas acrescenta mais uma pílula ao seu estoque e mais cinco candidatos cruzam a linha de chegada. Cada vez que um entra, sinto meu coração aliviar — esperando que os últimos candidatos de Cinco Lagos voltem. Mas nunca é o rosto de Zandri na porta. E quando um anúncio vem no jantar, dizendo que as entrevistas começarão amanhã, sei que ela não vai voltar.

Naquela noite, Zandri se une ao elenco dos meus pesadelos. Seus cabelos loiros saem da terra marrom rachada. A boca aberta com surpresa enquanto pássaros bicam pedaços de seus olhos.

Meus olhos se abrem quando sufoco um grito. Leva vários minutos para perceber que estou no Centro de Provas. Não mais nas planícies. Não mais em perigo. Então eu me lembro.

As entrevistas acontecem hoje. O perigo não acabou. É só o começo. Olho para o teto, segurando minha sacola do Teste até amanhecer. Sem um colega de quarto, não preciso dormir com a sacola, mas velhos hábitos são difíceis de superar. Quando a luz entra pela janela, deslizo pelo canto da cama e vou ao banheiro. Tomo uma

ducha e reviro o bolso da calça que usei ontem. Meus dedos se fecham sobre a ampola que contém o líquido que fui instruída a beber antes da minha entrevista. Como prometido, estava entre meus pertences quando fui liberada das instalações médicas.

Sentada no chão, viro a ampola entre meus dedos e penso novamente nas palavras do homem de cabelos cinza.

*Antes de a entrevista começar, eles vão lhe dar uma droga para encorajá-la a responder as perguntas honestamente. Sem segurar nada que você queira manter segredo.*

Na hora eu disse que não tinha nada a esconder, mas estava errada. Enquanto eu pessoalmente posso não estar em perigo pelas minhas respostas, outros podem. Se oficiais do Teste perguntarem sobre meu pai, Zeen ou nossa antiga professora, existe a chance de que minhas respostas possam traí-los ou condená-los.

Se essa ampola oferece a chance de mantê-los em segurança, preciso aproveitar. A não ser, é claro, que eu acredite que o doutor Barnes e seus oficiais do Teste tenham plantado essa droga nas minhas mãos como um dos testes. Consumi-la será punido com doença ou morte? Eu não passaria então. Eles mostraram se importar pouco com a vida dos candidatos do Teste. Não tenho escolha a fazer. Bebo o líquido ou o deixo intocado?

Quando o alto-falante anuncia o café da manhã, ainda não tomei uma decisão, mas preciso tomar, e rapidamente. Logo, eles vão se perguntar por que eu não saí do meu quarto e vão fazer perguntas que não posso me permitir responder. Tenho de decidir no que acredito. Abrindo a ampola, bebo o conteúdo. A segurança da minha família vem em primeiro lugar. Se essa for a resposta errada, logo saberei. Agarrando minha sacola, fico em pé e sigo em direção ao que quer que o dia traga. Por bem ou por mal, o Teste vai terminar hoje.

O café da manhã é um acontecimento turbulento. A maioria dos candidatos senta junto no meio do refeitório, como se provassem que não tem nada a temer das avaliações. Will está no centro do grupo, fazendo piadas. Ele se interrompe para me observar quando passo, pego uma mesa nos fundos e espero por Tomas.

Mordiscando um pedaço de pão, espero sentir os efeitos da droga. Não noto Will, até ouvir uma cadeira raspando no chão do meu lado e o vejo sentando-se. Ele dá uma mordida na maçã e me avalia do outro lado da mesa. — Acho que você gostaria de saber que eu quase morri. O último tiro que você disparou explodiu meu apêndice. Bom que eu não precisava dele para viver. Do contrário, eu não estaria aqui — quando eu não respondo, seu sorriso desaparece. — Ok, sei que provavelmente pode parecer idiota, mas estou feliz que eu não tenha terminado matando você como eu havia planejado.

— Está certo. Parece idiota, sim — e sem poder evitar, eu digo: —

Eu confiei em você.

— É. É seu ponto fraco. Líderes devem inspirar confiança. Não devem realmente acreditar nisso.

— Você confiava em Gill.

A dor acende em seus olhos. Então se vai, substituída por um sorriso malvado. — Meu ponto fraco. Depois de ele partir, eu não pude focar na segunda rodada de testes. Eles apontariam isso na minha entrevista, mas acho que demonstrei na terceira e na quarta rodadas que tenho habilidade para focar meu objetivo.

— Zandri não mencionou você fazendo nada na terceira rodada.

Will ri. — É porque ela foi primeiro. Foi só depois que você saiu e mencionou o truque de Roman com seu grupo que ela começou a juntar as peças. Quando o terceiro teste terminou e nenhum dos outros membros do grupo retornou, Zandri percebeu o que eu havia feito.

Olho para Will enquanto absorvo sua confissão. Will fez a mesma escolha de Roman — trair seus colegas de equipe e eliminar a concorrência. Eu devia ter percebido, mas fiquei tão distraída esperando Brick voltar que não prestei atenção o suficiente nos meus amigos. Se eu tivesse feito isso, Tomas nunca teria levado um tiro. Até aí, sem Will, Tomas e eu poderíamos nunca ter sobrevivido ao encontro com Roman.

— Achei que você fosse um cara bacana, Will.

— Sou um cara bacana— ele ri.

— Caras bacanas não matam.

— Matar foi a parte fácil. Meio como matar um lobo lá em casa. Você só mira e atira e o problema está resolvido.

— Acha que é fácil assim? — o fel sobe quente e com rapidez à minha garganta. — A loira que você matou com o arco e flecha não era um animal. Ela tinha uma família. Amigos. Gente que a amava. Estava tentando sobreviver da melhor maneira que podia. Assim como você.

Esperei que ele fosse se defender de suas ações, me dizer que era tudo necessário. Sua escolha para arrumar um lugar na universidade.

Em vez disso, Will abaixa a cabeça e diz: — O nome dela era Nina. Era da Colônia Pierre. Uma das meninas que chegou ao final foi para a escola com ela.

— Nina — penso no bracelete dela na minha sacola e fico feliz por ter essa informação. Saber o nome dela não a torna menos morta, mas importa para mim. Will assente. — E não. Você está certa. Não é tão fácil assim. O ato de matar é simples. Viver com isso... — ele olha além de mim e suspira. — Bem, talvez seja a verdadeira base desse Teste. Líderes são forçados a matar o tempo todo. Então precisam aprender a viver com as decisões que tomaram. Assim como vou ter



de aprender a viver com as minhas.

— Acha mesmo que era essa a questão do quarto teste? Saber se você pode matar e viver com isso?

Ele dá de ombros. — Acho que vamos descobrir, certo?

Penso nas palavras de Stacia que ecoaram tão proximamente às de Will e então no doutor Barnes, que viu o corpo de Ryme ser retirado enquanto acreditava que foi melhor que ela tenha morrido. E tenho medo de Will estar certo. Que matar e aprender a viver com isso seja a questão.

Uma vez que eu também matei, não tenho de me preocupar com o critério da reunião. Entretanto, não estou mais certa de que quero ser um líder. Não se meu país valoriza assassinato acima de compaixão. Vejo movimentos perto da entrada do refeitório, levanto o olhar e pela primeira vez no dia eu sorrio. Tomas. A mandíbula se comprime quando ele avista Will, mas ele não vem direto até nós. Em vez disso, pega um prato e se serve. Se Will for esperto, ele vai cair fora antes de Tomas chegar.

Will segue meu olhar e grunhe. — Eu devia ter sabido que você encontraria uma maneira de salvá-lo como você me salvou. Só para você saber, não estou feliz de vê-lo vivo. Sem ofensa — ele se inclina para a frente e acrescenta. — Odeio dizer isso, mas ele ainda não merece sua confiança, Cia. Nem seu amor, diabos... — ele olha ao redor da sala antes de seus olhos voltarem a mim. — Nenhum de nós merece.

Antes de Tomas chegar à mesa, Will se levanta, dá outra de suas piscadinhas e sai para se juntar novamente ao grupo.

Tomas coloca seu prato ao lado do meu, mas seus olhos estão focados em Will. — O que ele queria?

Boa pergunta. Não estou certa se posso responder, mas tento. — Me dizer que está feliz que eu esteja viva. Mas não está tão feliz em ver você.

Um sorriso cruza os lábios de Tomas. — Bem, não é uma pena? Porque eu planejo ficar aqui por um longo tempo.

— Estou feliz em ouvir isso.

— Meio que esperei que você estivesse — ele olha ao redor da sala para os outros rindo e pergunta. Está pronta para a entrevista?

Escuto a risada de Will no corredor e me pergunto se ele está certo sobre o que os Avaliadores estão procurando. Afastando a preocupação, eu digo: — É só responder a algumas perguntas. Depois de tudo, qual a dificuldade nisso?

\* \* \*

— Bom dia — o doutor Barnes sorri para nós do palco de palestras.

— Parabéns por passar nos quatro testes! Não posso dizer como estou impressionado com sua inteligência, astúcia e dedicação. Durante o quarto exame vocês tiveram a oportunidade de ver além das fronteiras de nossas colônias revitalizadas e testemunhar em primeira mão os desafios que nossos líderes encaram. Os testes que colocamos diante de vocês foram desafiadores e as consequências pelo fracasso foram pesadas, no entanto, os desafios e as consequências que nossos líderes encaram são ainda maiores. Sabemos o que pedimos de vocês e estamos alegres que um número maior do que esperávamos tenha chegado até aqui.

Penso como nosso grupo é pequeno comparado a quando começamos. Faz-nos perguntar quantos poucos de nós devem ter sobrevivido no passado para o doutor Barnes esperar menos.

— Claro que vocês ainda estão se perguntando sobre a entrevista de hoje. Fico feliz em dizer que as entrevistas serão curtas e relativamente simples. Até agora vocês demonstraram seu intelecto e sua habilidade em criar estratégias. Mostraram habilidade em sobreviver sob condições árduas e resolver problemas quando a situação é adversa. Sabemos que são espertos. Agora queremos conhecê-los mais como pessoas. Vamos fazer perguntas sobre vocês, suas famílias e suas colônias, assim como sobre as decisões que tomaram durante seu tempo aqui no Teste. Por favor, sejam honestos e abertos. Em essência, estamos pedindo que apenas sejam vocês mesmos. Nada do que disserem será errado, a não ser, é claro, que seja mentira. Como membros da Comunidade Unida, pedimos que nossos líderes sejam honestos e francos. Hoje, pedimos a mesma cortesia de vocês.

Não posso evitar me perguntar como eles vão reforçar essa regra e qual punição ocorrerá se não formos completamente honestos.

Contudo, o doutor Barnes saiu daquele ponto para o resto das instruções.

— Cada um de vocês será entrevistado por um quadro de cinco oficiais do Teste. Cada avaliação pode durar até quarenta e cinco minutos. Por favor, não leiam nada no tempo que levamos para questionar vocês. Quando a avaliação tiver acabado, vocês serão acompanhados de volta aos seus aposentos para esperar os resultados. Eu aviso — nossa decisão pode levar muito tempo. Pedimos que sejam pacientes enquanto trabalhamos para selecionar aqueles que sentimos que são os melhores candidatos para a universidade. Alguns de nós são conhecidos por serem teimosos.

Ele nos dá um sorriso caloroso. — Toda a sorte para cada um de vocês. Estou ansioso em trabalhar com muitos de vocês quando frequentarem a universidade no próximo ano. Sei que vamos fazer ótimas coisas juntos.

O doutor Barnes sai do salão e uma mulher grisalha num macacão vermelho sangue toma o palco. — Quando seu nome for chamado, por favor, fique em pé e saia pelo corredor. De lá, um oficial do Teste vai acompanhá-lo para sua sala de avaliação.

— Victor Josslim.

O ruivo Vic fica de pé. Mantém a cabeça abaixada quando ele sai. Não posso evitar notar como ele parece magro e pálido comparado ao garoto que encontrei na primeira semana do quarto teste. Ele mudou. Todos nós mudamos. E quando mais nomes são chamados, seguro firme na mão de Tomas me perguntando se não é esse o motivo pelo qual os Avaliadores retiram nossas lembranças. Para voltar o relógio. Para voltarmos a ser os moleques que vieram aqui de maneira otimista, acreditando que poderiam mudar o mundo.

Sinto Tomas enrijecendo quando seu nome é chamado. Meus lábios roçam sua bochecha, desejando-lhe sorte, e então ele se vai, e eu fico esperando meu nome ser chamado. É quando eu me lembro. Tomas está com as pílulas. As duas. Nossa única chance de mantermos vivas nossas lembranças do Teste, se passarmos pela entrevista. Só posso torcer para que os oficiais permitam que vejamos um ao outro antes de nossas memórias serem alteradas. Se não, espero que Tomas as tome e se lembre por nós dois.

Um a um a sala se esvazia. Eu tento ficar sentadinha, mas não posso evitar me remexer enquanto penso nas perguntas que os Avaliadores vão fazer e me perguntar que tipo de respostas eles estão procurando. O doutor Barnes disse que nenhuma resposta dada será errada, mas sei que não é verdade. Mais catorze candidatos serão eliminados nesta fase. O comitê do Teste tem de estar procurando algo específico. Só queria saber o que é.

— Malencia Vale.

Minhas pernas estão incertas quando fico de pé e caminho para o corredor. Meu coração bate no peito. Repito as palavras do doutor Barnes “seja apenas você mesma” na minha cabeça enquanto sigo um oficial do Teste para uma porta no final do corredor. Ele pede que eu espere um momento e entra pela porta. Dentro há um murmúrio de vozes. Eu mordo o canto do polegar e seguro a vontade de andar de um lado para o outro com a energia nervosa que cresce dentro de mim.

Após vários minutos, a porta se abre e uma voz diz. — Por favor, entre.

*Seja apenas você mesma*, penso quando atravesso a porta. Contudo, em vez de me acalmar, as palavras fazem meu coração bater mais depressa. Porque não estou certa de como fazer isso. Não sou mais a menina que deixou a Colônia Cinco Lagos, que acreditava que a formatura transformou de fato uma criança num adulto. Eu

certamente não era adulta, e agora...

Depois de tudo o que vi e fiz, sou forçada a admitir que não sei exatamente quem eu sou. Entretanto, sei que preciso descobrir depressa porque essa entrevista final requer que eu mostre a eles. E essa prova acabou de começar.

A SALA É PEQUENA e branca. Paredes brancas. Chão branco. Sem janelas. Uma longa mesa preta se estende por uma lateral com cinco oficiais do Teste sentados atrás. Dois de vermelho. Dois de roxo. E o doutor Barnes fazendo sinal para eu vir aos fundos.

— Por favor, entre, Cia. Sente-se.

No meio da sala há uma única cadeira negra de frente para os oficiais do Teste. Ao lado dela há uma pequena mesa preta e um líquido claro.

— Por favor, beba.

Todos os olhos me seguem quando eu cruzo a sala e me sento. O doutor Barnes assente quando eu pego o copo, deixando claro que o pedido educado é uma ordem. Não há escolha a não ser beber o que quer que o copo contenha.

Água. Talvez algo mais. Há um gosto metálico por trás junto de algo levemente amargo. Quase imediatamente noto a tensão saindo de meus músculos. Depois de ficar em guarda por tanto tempo, o relaxamento dos meus músculos parece maravilhoso. Eu me vejo sorrindo e vejo que há mais do que um relaxante muscular na mistura. O que quer que eles tenham me dado causa uma euforia e uma sensação impressionante de bem-estar.

— Soro da verdade — as palavras saem da minha boca no momento em que penso nelas. O doutor Barnes assente. — Até agora, hoje você foi a primeira candidata a perceber isso sem eu contar.

— Ou talvez eles estivessem assustados demais para mencionar que perceberam — novamente as palavras saem antes que eu consiga pensar em controlá-las.

O doutor Barnes ri. — Certamente é uma possibilidade. Por isso damos a você a droga. É feita para ajudar sua mente e seu corpo a relaxarem. Sabemos como esse processo é estressante. Não queremos que a tensão interfira na maneira de conhecer a verdadeira você.

A névoa de euforia clareia, e desta vez eu penso antes de admitir. — Não estou certa de que sei quem é a verdadeira eu.

— É para isso que estamos aqui. Conte-nos sobre sua família, Cia.

Minha família. Respiro fundo e considero cuidadosamente minha resposta. Poder parar e pensar antes de falar me faz acreditar que o líquido na ampola neutralizou o pior do soro da verdade. Agora preciso dar as respostas que eles estão procurando. Devem saber já sobre meus pais e meus irmãos. Então, o que querem ouvir?

Decido ser simples. Listo os membros da minha família. Os outros oficiais do Teste fazem algumas perguntas sobre a Colônia Cinco Lagos e eu as respondo da melhor maneira que posso. Suas perguntas giram principalmente ao redor do meu pai — o que ele me ensinou, o que ele me disse sobre sua experiência no Teste. Admito que ele me disse que se lembrava de muito pouco. — Contudo, ele me alertou que alguns dos outros candidatos seriam muito competitivos.

Eles fazem mais perguntas, e apesar de meus músculos estarem soltos, minha mente está alerta o suficiente para que eu evite respostas que poderiam colocar minha família em perigo. Quando o doutor Barnes menciona ter ouvido que meu irmão mais velho foi responsável por vários projetos para meu pai e pergunta se eu acho que ele deveria ter sido testado para a universidade, não hesito. Minto.

— Meu pai tenta dar a todos os seus funcionários crédito por projetos em que trabalharam, mereçam eles ou não. Amo muito o Zeen, mas seu trabalho é desleixado e não tem o mérito que ele recebeu.

Estou aliviada de ter passado por essa armadilha quando a próxima se abre à minha frente. Desta vez, eles perguntaram sobre meu pai. Ele queria que os filhos seguissem seus passos? Ficou empolgado de eu ter sido escolhida? Mantenho minhas respostas simples e otimistas. Não menciono os sonhos do meu pai nem seu desprazer com minha candidatura. Nada que faça os oficiais de Tosu City pensarem duas vezes sobre as lembranças do meu pai sobre o Teste.

As perguntas seguem para o Teste em si.

Por que eu alertei Brick ao que eu acreditava que era a trapaça de Roman?

Não fazer isso me tornaria uma má companheira de equipe.

Qual foi meu motivo por trás de enterrar uma candidata desconhecida do Teste?

Meus pais me ensinaram a tratar a vida com respeito.

Entrei em contato com gente de fora das barreiras do Teste?

Não.

Como me sinto sobre minha decisão de confiar em Will?

Confiar em Will foi uma má escolha. Escolherei melhor no futuro.

Conforme respondo, fico sempre ciente dos olhos do doutor Barnes me estudando, avaliando cada palavra. Quando ele finalmente fala de

novo, pergunta: — Conte-nos sobre seu relacionamento com Tomas Endress.

A pergunta me surpreende. Eu respondo cuidadosamente. — Nós dois somos amigos íntimos. Ele diz que me ama, mas acho que é porque eu o lembro de casa.

— Certamente você sente mais do que amizade pelo senhor Endress. Por que mais arriscaria sua vida em perder tempo salvando-o?

Mordo meus lábios e tento decidir o que o doutor Barnes quer ouvir. Finalmente, digo: — Minha família me ensinou a ajudar os outros a todo custo. É a forma de agir de Cinco Lagos.

O doutor Barnes se inclina à frente. — Acha que perder tempo para refazer a bicicleta para poder salvar a vida dele foi uma decisão esperta?

— Funcionou — respondo. — Nós dois estamos vivos.

— Sim. Estão — ele sorri. — Mas me preocupa que você possa estar emocionalmente ligada demais ao candidato Endress.

O tom benigno não pode mascarar a ameaça por trás das palavras. Até os oficiais do Teste que acompanham o doutor Barnes se remexem desconfortáveis em seus assentos. O silêncio se alonga entre nós, tornando difícil respirar. Deve ser minha vez de dizer algo, mas nenhuma pergunta foi feita — e sem saber o que ele está perguntando, não posso esperar responder corretamente. Algo me diz que essa resposta será a mais importante de todas. Finalmente, quando o silêncio entre nós se torna insuportável, eu admito: — Não entendi.

— Envolvimentos emocionais podem ser desafiadores neste tipo de situação. Por exemplo, o que acontecerá se você for aceita na universidade e ele não?

Meu coração acelera. — Vou ficar feliz por mim e decepcionada com o comitê do Teste por não reconhecer o potencial de Tomas. Ele é esperto e habilidoso. A Comunidade Unida se beneficiaria de tê-lo frequentando a universidade.

— Deveríamos nos preocupar que sua decepção poderia impactar seu desempenho na universidade?

Como responder a essa pergunta? Minha mente acelera. O que quer que eu diga não apenas impactará minha vida, mas a de Tomas. Dizer que seria indiferente seria uma mentira que eles poderiam facilmente identificar. Afinal, como o doutor Barnes apontou, eu salvei a vida de Tomas arriscando a minha. O soro da verdade que me deram deve tornar impossível mentir. Se eu responder a pergunta com uma mentira óbvia agora eles vão saber que algo deu errado e vão se perguntar o porquê. Resisto à vontade de limpar minhas mãos suadas nas calças e forço minha mente a focar.

Só posso vir com uma resposta. — Todos os líderes têm de viver

com alguma decepção. Se eu tiver de aprender essa lição cedo, não vou gostar, mas vou me esforçar para não decepcioná-los.

Os oficiais do Teste olham um para o outro enquanto eu espero o que quer que o doutor Barnes tenha em mente. Ele rola um lápis de um lado para o outro na mesa à sua frente enquanto me estuda. Permaneço parada e encontro seu olhar. Alguém na sala tosse. Outro pigarreja. Esses são os únicos sons conforme os minutos se esvaem. Finalmente, o doutor Barnes diz: — Acho que temos toda a informação de que precisamos. A não ser que meus colegas tenham algo a perguntar.

Cada cabeça atrás da mesa sacode de um lado para o outro, inundando-me de confusão. O doutor Barnes nos disse que a avaliação poderia levar quarenta e cinco minutos. Duvido que vinte minutos tenham se passado desde que entrei na sala. Nunca perguntaram sobre meu desempenho nos dois primeiros testes e só fizeram um punhado de perguntas sobre o teste número quatro. Esse desinteresse significa que fracasei? Deve ser, porque eles estão empurrando as cadeiras para trás. Quero pedir que esperem. Explicar que pessoas que transmitem confiança apenas para poder trair não deveriam ser líderes. Dizer a eles que ao mesmo tempo em que não sou a mesma menina que sonhava em vir para Tosu City, eu sou alguém que deveria ser selecionado para a universidade. Não porque quero ser parte deste sistema. Acho que não. Não mais, mas quero a chance de viver.

Antes de eu poder falar, o doutor Barnes diz: — Antes de você ir, devo perguntar se tem alguma pergunta para nós.

Esta é minha chance de impressioná-los. Esta é a hora de perguntar algo que vai mostrar a profundidade do meu talento de observação ou demonstrar minha habilidade de pensar por mim mesma. Entretanto, ainda que eu saiba que esta é minha chance de brilhar, a tentação de preencher um vazio importante é grande demais. Talvez tenha sido falar sobre a Colônia Cinco Lagos e nossa comunidade tão próxima ou talvez seja saber que Will procurou descobrir o nome da menina que ele matou. Ainda que as chances sejam pequenas, um dia talvez eu vá para casa. Se as pílulas que Tomas tirou do hospital ajudarem a preservar minha memória, serei capaz de contar à família de Malachi sobre a experiência dele no Teste. Serei capaz de contar a eles como ele morreu. Zandri não merece menos.

Então, em vez de discutir os campos de estudo ou questionar como será minha vida enquanto frequento a universidade, eu pergunto: — O que aconteceu a Zandri Hicks durante o último teste? Como ela morreu?

Um esboço de sorriso toca a boca do doutor Barnes e ele solta uma pequena risada. — E eu aqui que pensei que você tinha descoberto isso. Talvez a resposta venha depois que esta entrevista terminar.



Afinal, você está com o bracelete dela em sua sacola — ele verifica o relógio e suspira. — E com isso nossa entrevista termina. Parabéns por chegar tão longe no processo, Cia. Foi um prazer vê-la trabalhar.

Sou acompanhada para fora da sala antes que eu possa perguntar sobre Zandri e seu bracelete. Minhas pernas ameaçam ceder quando os oficiais me levam pelo corredor. Isso deve ser uma resposta típica para o remédio e para o estresse, porque o oficial do Teste coloca a mão na minha cintura enquanto me conduz de volta aos meus aposentos. Então ele se vai, me deixando sozinha com meu medo de fracassar e as palavras de despedida do doutor Barnes me fazendo companhia.

Zandri.

O doutor Barnes achou que eu já soubesse o que aconteceu a ela. Como eu poderia? Eu nunca a vi nas planícies do Teste. Não há como poder ter terminado com o bracelete de identificação dela. Levantando minha sacola na minha cama, busco as pistas do que já devia saber. Lá estão minhas roupas, o Comunicador de Trânsito, meu canivete. Há um fragmento de lençol branco guardado no canto da sacola. Contudo, são todas as evidências de que o quarto teste já aconteceu. Exceto por três pequenos braceletes de identificação que descansam no bolso lateral.

Meus dedos circulam pelo desenho do primeiro. Um triângulo com uma roda dentada que eu tirei da garota que enterramos. A garota que Will matou com o arco e flecha. Eu agora tenho um nome para ela — Nina. Uma garota da Colônia Pierre que veio aqui para fazer uma prova e foi assassinada pela Comunidade Unida. Will pode ter puxado o gatilho, mas os oficiais do Teste permitiram que isso acontecesse. Com o passar dos anos, quantos outros candidatos mataram para se manter vivos? E quantos mais morreram para ajudar os Avaliadores a julgar seus méritos como candidatos?

Esse pensamento me deixa com raiva. Tanto que leva um tempo para eu me lembrar dos outros dois braceletes na sacola. Um dos quais o doutor Barnes alega que é a resposta para minha pergunta. Coloco o bracelete de Nina de lado e estudo os outros dois. O primeiro traz o símbolo de Roman — um X cercado por um círculo. No bracelete menor há um triângulo com uma flor estilizada. Penso de volta na viagem para Tosu City. Zandri flertava com Tomas enquanto seus dedos tocavam o bracelete. Um bracelete com esse desenho. Um bracelete que eu não me lembro de ter pegado. De onde veio?

Penso nos eventos do quarto teste dia a dia. A passagem pelos destroços do que outrora foi Chicago. O belo Oasis que trazia uma armadilha. O corpo sem visão de Nina. Os animais mutantes que pareciam ursos e nos perseguiram. Encontrar Stacia, Vic e Tracelyn. A cidade com seu prédio com uma cúpula no alto e ruas de labirinto. Will. As balas de Brick destroçando os humanos mutantes. O ataque de

Roman. A menina atirando em nós tão perto do fim. Will atirando em Tomas. Minha tentativa desesperada de alterar a bicicleta para levá-lo de volta a Tosu City. A viagem.

Espere.

Meus dedos soltam da lateral do bracelete de Zandri quando uma lembrança me ocorre. Uma lembrança tão sem importância ao lado da traição de Will ou do ferimento de Tomas esvaziando seu sangue ao solo. Eu precisava de fósforos, então procurei na sacola de Tomas no escuro e encontrei um objeto de metal. Um objeto que eu acreditava ser o outro bracelete de Nina que Tomas deve ter pegado como lembrança, assim como eu fiz.

No entanto, eu estava errada. O bracelete pertencera a Zandri.

Como terminou na sacola de Tomas?

Das três semanas e meia que levou para completar o quarto teste, Tomas e eu ficamos juntos o tempo todo, menos durante um dia e meio. Ele poderia ter pegado o bracelete enquanto eu vagava pelas ruas de Chicago? Se sim, por que ele não me disse? Ele não queria que eu soubesse que Zandri havia falhado no teste tão cedo? Ele temia que eu acreditasse que meu fracasso era inevitável?

Talvez. Tomas poderia ter se preocupado comigo. Ele teria querido me manter focada e segura. Entretanto, não estou segura de que esta seja a resposta. Houve outro momento em que Tomas e eu ficamos separados. E eu sei.

O bracelete.

O sangue seco na faca de Tomas.

O olhar assombrado em seus olhos.

As palavras de Will sobre Tomas não ser quem eu penso que ele é.

O candidato que Will e Tomas encontraram quando eu estava fora. Não era um homem sem nome da Colônia Colorado Springs.

Era Zandri.

As peças se encaixam com uma força que tira o ar dos meus pulmões. Não posso me mexer. Não posso respirar. Só posso agarrar o bracelete que pertenceu à bela garota cujo talento todos de Cinco Lagos admiravam. A garota que flertou com Tomas. A garota que ele deve ter matado.

Não. Meu coração não quer acreditar. Tomas não mataria qualquer um. A não ser que ele não tivesse escolha. Deixo Will e Tomas juntos. Não é mais provável que Will, um assassino comprovado, foi o único a matar Zandri? Talvez tenha havido algum tipo de briga. Talvez...

As possibilidades se misturam. A combinação de drogas no meu organismo está tornando difícil pensar com clareza. Levanto-me e caminho pelo comprimento do quarto, olhando para o bracelete na minha mão, tentando recuperar a verdade por trás dele. Por mais que meu coração queira pensar que Tomas não teve nada a ver com o

assassinato de Zandri, sua falta de disposição em me contar o que aconteceu naquele dia torna difícil que eu acredite no contrário.

Traição e medo, raiva e decepção. As emoções atingem dura e rapidamente, acertando meus joelhos, me mandando para o chão. Contudo, eu me recuso a chorar. A câmera ainda está no teto e eu não vou dar ao doutor Barnes e aos oficiais por trás da tela a satisfação de me ver despencar. E, sério, não são eles os culpados pela morte de Zandri? Eles nos colocam no jogo e nos pedem para sobreviver. O que quer que Tomas tenha feito, estou certa de que ele não fez para garantir um lugar na universidade. Ele deve ter achado que sua vida estava ameaçada. Eu salto com uma batida na porta. Quando abro, recebo uma grande bandeja de comida e ouço que o comitê ainda está decidindo. O oficial do Teste parte, e escuto o som do cadeado entrando no lugar. E espero.

A comida é extravagante. Uma carne grande grelhada por fora, mas rosadinha e suculenta no meio. Há fatias de batata — a versão que Zeen criou — ainda com pele, fritas num dourado marrom. Camarão frio é servido com fatias de limão e uma pequena porção de manteiga derretida. Uma salada de legumes frescos e avelãs é misturada a algo perfumado e doce. Um copo turvo é cheio de algo claro e borbulhante. Há também uma garrafa de água e um bolo.

Esta é uma refeição que pretende comemorar a chegada tão longe no Teste. Nunca me senti com menos vontade de comemorar. A câmera acima de mim me faz cortar a carne. Tenho certeza de que está deliciosa, porém mal posso mastigar e engolir sem engasgar. Dou um gole no líquido borbulhante e imediatamente abaixo o copo. Álcool. A mesma bebida que Zeen trouxe para me animar na noite de formatura. Na época a bebida ficou amarga de decepção. Hoje tem o gosto de casa.

Eu bebo a água e beberico o álcool para manter Zeen próximo. Como pedaços de salada. Ignoro o bolo. A ideia de comemorar enquanto o bracelete de identificação de Zandri está na minha mão é o suficiente para me deixar doente. A passagem do tempo é marcada pelo pôr do sol. Eu observo os últimos rios desaparecerem e me pergunto se a decisão vai ser tomada antes de o Sol se pôr amanhã.

Um oficial pega a bandeja do jantar. Mais uma vez escuto o som alto da fechadura. Sem nada além da Lua para me fazer companhia, os minutos se arrastam. Penso em Zandri e Malachi. Analiso cada momento da minha entrevista, virando cada palavra em busca de alguma pista sobre se passei ou fracassei. Adormeço abraçada à minha sacola do Teste.

A manhã me traz uma nova bandeja. Nenhuma decisão foi tomada. A oficial do Teste me diz para ser paciente antes de me deixar sozinha para caminhar pelo chão.

Bandejas vêm. Bandejas são levadas. Nenhuma notícia.

Revivo meus dias no Teste, buscando pistas para o que poderia ter levado Tomas a tirar a vida de Zandri, e não encontro nada. Sei que Zandri era arrogante e teimosa, mas não posso imaginá-la atacando Will nem Tomas. Ela era amiga de Tomas. Podia até tê-lo amado um pouco. E agora está morta. Torturada por meus pensamentos ao acordar, tento me perder no sono, mas encontro o doutor Barnes e os oficiais do Teste esperando por mim lá também. Um por um eles avaliam o desempenho dos candidatos mortos. Ryme. Nina. Malachi. Boyd. Gill. Annalise. Nicolette. Roman. Zandri.

Há uma pilha de corpos no canto quando os avaliadores se viram para mim. O doutor Barnes balança a cabeça. Ele me diz que eu era muito promissora, mas que pena que confiei nas pessoas erradas. Líderes não podem se permitir esse erro. Ele me diz que fracassei e outro oficial do Teste tira um arco e flecha, mira e dispara. A flecha atravessa meu estômago e eu grito, acordando antes de cair no chão.

Trancada num quarto sem contato humano além do oficial que traz minhas refeições, sinto a tensão me corroendo. Ando de um lado para o outro por horas e me sento por mais horas olhando para a parede, ansiando que uma decisão seja tomada. No entanto, nenhuma decisão vem, e uma pequena parte de mim se pergunta se essa espera também é um teste. O doutor Barnes e seus amigos estão sentados atrás de suas telas, observando para ver como lidamos com isso? Outros candidatos estão andando de um lado para o outro como eu? Meus pesadelos são um golpe contra mim ou um sonho sem interrupções mostra um traço indesejável de indiferença?

Olho para a câmera acima, sem me importar se os oficiais vejam que eu sei que está lá. Ou talvez eu queira que eles saibam. Para ver se estou esperta o suficiente para imaginar o que eles estão observando. Como o sono me escapa, penso sobre os candidatos que morreram e a limpeza de memória que está por vir, se não pudermos evitar, e me pergunto pela primeira vez se os candidatos que fracassaram nas primeiras rodadas do Teste foram eliminados ou se a Comunidade simplesmente apagou qualquer lembrança dessa experiência. Nos últimos cem anos, a população da Comunidade Unida cresceu, mas será que o suficiente para eliminar dúzias de seus cidadãos mais promissores todo ano? E se esses candidatos não são eliminados, para onde eles vão?

Depois que a bandeja da manhã veio e se foi, eu me canso dos olhos que me seguem e dos ouvidos que escutam meus gritos ao despertar. Dando à minha plateia atrás da câmera um pequeno sorriso, examino meu bracelete, encontro o fecho e o vejo cair do meu pulso na cama ao lado daqueles que pertenceram a Zandri e Nina. Removo o segundo bracelete da minha sacola, coloco-o com os outros e então

pego minha sacola e me tranco no banheiro. A ilusão de estar sozinha — realmente sozinha — extrai parte da tensão dos meus ombros. Tomo uma ducha. Me enrolo no chão e tiro um cochilo. Sem nada mais a fazer, passo pelos itens na minha sacola do Teste. Essas são as coisas que trouxe de casa. Coisas que minha mãe costurou. Meu pai tocou. Meus irmãos trabalharam. Coisas que ajudaram a definir quem eu costumava ser. Sem medo de ser julgada pelas câmeras, permito que lágrimas caiam quando toco cada uma e seguro na minha bochecha, tentando recuperar a pessoa que guardou as coisas na sacola. Sinto saudade da esperança que ela sentia. O otimismo. O futuro brilhante na frente dela. Se as pílulas de Tomas não funcionarem, apagar as lembranças do Teste vai trazê-la de volta? Perder minha memória pode de fato apagar a sombra do meu coração?

Talvez, e por um momento eu me permito ansiar por aquela grata ignorância. Sonhos repletos de paz. Um futuro livre de conhecimento demais.

Eu salto ao som de uma voz masculina e me viro para ver de onde vem. Leva um minuto até eu perceber que a voz está falando do aparelho segurado firme em minhas mãos.

— O solo no setor quatro está mostrando sinais de vida sustentável, e os níveis de radiação são quase inexistentes. A nova fórmula parece estar funcionando.

Zeen. Sua voz é forte, saudável e tão maravilhosamente familiar. Dói ouvir o som dela. Devo ter apertado um botão que começou a tocar uma gravação da voz de Zeen. O Comunicador de Trânsito também é um gravador.

— Contar ao pai que há animais doentes no setor sete. Pode ser das novas amoras que cultivamos por lá. Precisamos fazer testes.

Eu me lembro de ouvir esse problema no jantar — talvez uma semana ou duas antes da formatura. Eles discutiram, rindo, e debateram o problema noite adentro, até permitindo que eu acrescentasse alguns palpites meus. Eu me senti tão adulta por ser incluída, tão pronta para absorver o mundo. Como isso parece idiota agora.

Por um tempo estou satisfeita em ouvir a voz de Zeen enquanto ele registra seus pensamentos sobre as áreas fora de Cinco Lagos que meu pai e sua equipe estão trabalhando para revitalizar. Uma palavra irritada me faz rir. Menções ao meu pai ou meus outros irmãos causam lágrimas. E eu me pergunto — como o gravador funciona? Eu sei que o aparelho pode se comunicar com aquele que meu pai tem em seu escritório, mas nunca ouvi meu pai mencionar que funcionava também como gravador. Leva um tempo para eu encontrar o botão. Uma pequena área nos fundos que parece ser uma parte do estojo,

mas foi transformada em algo mais. Algo não feito originalmente para ser parte do mecanismo. Algo criado por Zeen.

A chave de fenda no meu canivete ajuda a revelar o resto de seu trabalho. Não posso deixar de sorrir quando admiro a obra do meu irmão. Uma caixinha preta minúscula foi aninhada aos outros fios e circuitos. Pela maneira como ele conectou os fios, posso ver como ele manipulou o microfone de comunicação para gravar vozes e o fone para agir como um alto-falante de reprodução. Tudo foi feito com precisão, sem rebarbas. Se eu não tivesse apertado tão forte e acionado por engano o botão de reprodução nos fundos, nunca teria reconhecido que o mecanismo de gravação estava ali.

Uma batida me espanta. Cuidadosamente, deslizo os itens para minha sacola do Teste, saio para o quarto escuro e abro a porta. A mulher do outro lado está segurando uma bandeja e tem uma expressão preocupada. — Está tudo bem aqui? — ela pergunta.

Acho que meu desaparecimento no banheiro não passou despercebido.

— Estou bem — eu asseguro, mas pela comoção vinda do corredor, temo que algo mais não esteja. Um dos candidatos terminou sua tensão da mesma maneira que Ryme? Apesar de não dever me importar, eu me preocupo com Tomas. Não posso evitar. Não importa quanto o Teste o tenha mudado, ele sempre será o garoto de casa que era bondoso com todos. Quero que ele viva.

A oficial do Teste me passa uma bandeja do almoço, me diz que nenhuma decisão foi tomada ainda e tranca a porta. Pela primeira vez, eu não me importo com a solidão. Como o frango mergulhado num delicado molho de tomate e vegetais frescos antes de me fechar novamente no banheiro.

Por um tempo eu me conforto com a voz do meu irmão enquanto ele lista as tarefas do dia a dia que precisam ser tratadas. Contudo, a realidade de que outro candidato pode ter morrido me faz andar de um lado para o outro. Talvez eu deva ver como um candidato a menos no meu caminho para o objetivo final, mas não posso. Para mim é mais uma mente promissora cujo destino logo será esquecido. Como outros que serão esquecidos. A não ser que alguém se lembre. Se os oficiais do Teste da Comunidade Unida fizerem como querem, ninguém se lembrará. Pelo menos, ninguém que se importe.

Olho para o aparelho nas minhas mãos e tenho uma ideia. Levo alguns minutos para descobrir que séries de botões iniciam o mecanismo de gravação. Quando eu consigo, começo a falar. Numa voz baixa e frequentemente inconstante eu me lembro de Malachi. Seu sorriso. Seu comportamento tímido. Sua voz doce para cantar e sua morte. Ryme. Os bolos de milho. Sua atitude petulante. Encontrá-la pendurada do teto no nosso quarto. O primeiro dos assassinatos do

Teste. Conto sobre acordar na minha caixa. Caminhar pelas ruas destruídas de Chicago. A flecha apontada para mim. Meu terror. Como a arma disparava em minhas mãos.

Descubro que o aparelho de gravação tem um limite. Preciso escolher o que contar. Agonizo sobre quais lembranças preservar. Parte meu coração quando tenho de voltar atrás e apagar uma história para preservar outra diferente. Todas merecem ser lembradas, mas só algumas podem. Mais de uma vez minhas lágrimas me forçam a parar a gravação. Meu coração se aperta. Meus pulmões queimam e minha garganta está irritada quando a gravação fica cheia. No entanto, as lembranças estão lá. Tanto quanto a máquina permite. Para alguém aprender e se lembrar. Vão mandar o aparelho de volta para meus pais se minha candidatura não for bem-sucedida? Duvido. Entretanto, talvez eu possa pedir a Michal para levar para eles se eu tiver de ir.

Com meu canivete, marco um pequeno sinal atrás do aparelho antes de enfiá-lo na minha sacola. Então coloco minhas roupas e outros pertences sobre ele e limpo as evidências dos meus esforços do rosto. Quando a oficial do Teste traz o jantar, ela pergunta novamente sobre meu estado. Eu lhe asseguro de que estou bem e pego a bandeja. Antes de entregar a bandeja, ela diz: — A decisão foi tomada. A próxima turma da universidade será anunciada após o café da manhã.

Passando ou não, isso vai terminar amanhã.

PELA PRIMEIRA VEZ em semanas, não há pesadelos para me acordar. Apenas sonhos de casa e uma sensação de paz e alívio de que isso vai terminar logo. A batida na porta me acorda. Uma nova bandeja com um pedido de que eu me vista e me apronte em uma hora. Alguém vai vir me buscar.

Pego a refeição. Morangos frescos. Um pão grande, quente, adoçado com uvas passas e avelãs. Um suco de laranja perfumado. Bolinhos com cobertura grossa de canela. Tento aproveitar tudo, mas uma tensão nervosa começa a deixar de lado meu novo bem-estar e só consigo dar algumas mordidas.

Aperto o fecho do bracelete de identificação no meu pulso. Coloco o segundo de volta na minha sacola. Penso no meu pai e como ele deve ter se sentido se preparando para seu veredito. E espero, me perguntando se vou ver Tomas antes de os oficiais retirarem nossas lembranças. Ele vai ser capaz de me passar uma das pílulas? Vai ver minhas novas suspeitas em meus olhos?

Quando vem a batida, estou pronta. Sacola sobre o ombro. Sigo a mulher de cabelos escuros pelo corredor. A pequena refeição que consumi rola no meu estômago quando entro no elevador e sigo em silêncio para o segundo andar. A expressão da minha acompanhante fica neutra. Sem sorriso. Sem olhar de alerta. Nada para entregar o destino que foi determinado para mim.

A porta no final do corredor claramente iluminado está aberta e minha oficial do Teste me diz para entrar. Estão esperando.

Enfio as mãos nos bolsos para evitar que tremam e caminho para dentro de uma sala grande com minha acompanhante atrás de mim. Há pelo menos uma dúzia de oficiais do Teste sentados atrás de uma grande mesa. O doutor Barnes senta-se no centro. Um pequeno envelope branco está na mesa na frente dele. Sua expressão é ilegível quando eu caminho para uma cadeira solitária colocada no centro da mesa.

Quando me sento, o doutor Barnes me dá um sorriso caloroso. —



Desculpe-nos por você ter tido de esperar tanto pela nossa decisão, mas queríamos fazer direito. — lentamente, ele tira o envelope, caminha ao redor da mesa e para à minha frente. Meu coração acelera quando ele diz: — Tenho certeza de que está ansiosa para receber os resultados do Teste, então não vou adiar mais.

Ele levanta a aba e tira uma folha branca. Olha para mim por um momento como se avaliasse o julgamento antes de passá-lo para mim. Meus dedos remexem no papel. Faço várias tentativas antes de conseguir ler a única palavra impressa em tinta preta grossa no centro.

**Aprovada.**

Consegui.

Um sorriso cruza meu rosto e meu coração para. Escuto murmúrios de felicitação dos oficiais na sala. O doutor Barnes me diz que está orgulhoso e me dá um aperto de mão. Então algo pica meu pescoço e o mundo escurece.

\* \* \*

Eu fracassei.

Meus dedos traçam as cinco linhas entalhadas no meu braço esquerdo, conforme as estudo no espelho nos meus aposentos de aluna da universidade. Três cômodos — quarto, sala, banheiro. Foram reservados para mim na primeira fase dos meus estudos. Mostra que passei no Teste. A conquista mais importante da minha vida, e não me lembro de nada.

Devo ter tentado evitar a perda de memória. Ainda assim fracassei. Só me lembro da viagem para Tosu City no flutuador preto. Um menino esfarrapado de olhos perversos dando rasteira em Malachi. Minha colega de quarto e seus bolos de milho. Então nada até o momento quando me encontro numa sala sentada entre o que só posso supor que sejam outros candidatos do Teste. Meus olhos passam pela sala, buscando rostos familiares, enquanto um homem barbudo de cabelos grisalhos num macacão roxo sobe num palco iluminado. Ele nos dá a todos um sorriso alegre e diz:

— Parabéns! Fico feliz em dizer que vocês são os vinte candidatos escolhidos para frequentar a universidade no próximo ano.

Surpresa. Prazer. Confusão. Então compreensão. O Teste terminou. Eu passei. O doutor Barnes nos diz que seremos levados do centro de Provas para nossos novos aposentos assim que a apresentação terminar. Haverá uma comemoração depois, então poderemos nos conhecer. Entretanto, eu já conheço um. Meu coração salta de prazer quando um par de olhos cinza encontra os meus. E quando ele abre os braços para mim, eu voou neles — feliz por um rosto familiar estar lá. Eu não vou embarcar nessa aventura sozinha. Tomas está comigo.

Isso faz quase três semanas. Tomas e eu passamos parte de cada dia juntos, conhecendo a cidade e um pouco mais um do outro. Só de pensar em vê-lo hoje novamente me causa um nó no estômago.

Uma batida na porta me faz saltar. Eu desdobro as mangas, escondendo as cinco cicatrizes dentadas e atendo a porta.

— Ei, não está pronta? — os olhos escuros de Stacia se estreitam quando ela vê minha túnica branca e a calça marrom. — Não pode ir para uma festa assim. O que as pessoas vão pensar?

— A festa é só daqui a uma hora — eu rio. — Não se preocupe. Estarei devidamente vestida.

— Melhor que esteja — ela franze a testa antes de sair, mas vejo um sorriso à espreita sob sua expressão séria. A expressão de Stacia manteve a maioria dos outros candidatos longe, incluindo Tomas. Contudo, por algum motivo, eu decidi falar com ela e parecemos estar nos entendendo. Não posso evitar pensar que devemos ter nos encontrado durante o período de seis semanas do Teste. Talvez nossa amizade tenha começado lá e só estejamos continuando agora.

Fechando a porta, decido que Stacia está certa. Eu provavelmente deveria me aprontar para a festa. Afinal, é para mim.

Entre encontrar os instrutores da universidade, fazer passeios pelas instalações e se mudar para nossos novos apartamentos, nenhum de nós teve tempo de comprar novas roupas. Recebemos alguns itens que sobraram de outros alunos da universidade, e o doutor Barnes disse que poderemos comprar novas vestimentas durante as próximas semanas. Então eu me visto como sempre, de calça, mas troco para uma camisa azul emprestada que cobre minhas cicatrizes. Deixo meu cabelo solto porque Tomas mencionou que gosta assim. Como os únicos alunos de Cinco Lagos que passaram, nós dois somos naturalmente apegados um ao outro. Entretanto, não há nada mais do que a conversa sobre nossa casa. Algo mais caloroso, rico e mais empolgante do que amizade. Talvez seja tolo da minha parte pensar que nossos sentimentos podem ter sido amor, mas podem ser. E agora que o Teste terminou, não há nada para evitar que Tomas e eu possamos descobrir isso.

Quando Stacia bate novamente, eu prendo no pulso o bracelete de identificação entalhado com uma única estrela, o símbolo de uma aluna do primeiro ano da universidade, e estou pronta para ir. As conversas nos encontram conforme saímos, e quando voltamos para o canto, não posso evitar sorrir. Vejo um cartaz que me deseja Feliz Aniversário, um grande bolo cheio de velas e pessoas sorrindo. Tomas. O doutor Barnes. Toda a nossa classe da universidade e alguns oficiais do Teste estão aqui para comemorar meu aniversário. Alguém nos avista. Todos viram, e juntos começam a cantar. Não sei se todas as colônias cantam essa música para marcar a comemoração do

nascimento de alguém ou se Tomas os ensinou, mas o som evoca lembranças de casa. Não consigo evitar o choro.

Quando a música termina, um dedo gentil esfrega a lágrima que cai pela minha bochecha.

— Ei, essa devia ser uma ocasião feliz. Talvez a música não tenha sido uma boa ideia, afinal.

— Não — sorrio para Tomas. — Foi perfeito. Mesmo.

— Sério?

Ele toca seus lábios nos meus, e eu sorrio. — Sério.

— Ei — uma voz provocativa chama. — Outros caras querem dar um beijo na aniversariante também.

Tomas fecha a cara quando Will vem, coloca um beijo na minha bochecha e os braços nos meus ombros. O longo cabelo de Will está puxado para trás em sua nuca e seus olhos piscam com humor, o que é bom de ver. Assim que o doutor Barnes terminou de nos parabenizar por termos sido aceitos, Will levantou a mão e perguntou sobre seu irmão, Gill, que veio ao Teste com ele. Quando o doutor Barnes explicou que apenas Will havia sido aceito e, como todos os candidatos malsucedidos, seu irmão havia sido mandado para uma nova colônia, Will ficou louco. Foram necessários quatro oficiais do Teste para removê-lo da sala de palestras e vários dias até o considerarem calmo o suficiente para ir para seus aposentos da universidade. Alguns dos alunos cochicharam que os oficiais estavam planejando chamar de volta um dos candidatos malsucedidos para substituí-lo. Will, porém, voltou, e fico feliz.

Ele me dá um segundo beijo na bochecha e quando Tomas protesta ele ri. — Seu namorado aqui está com ciúme porque nós dois estamos marcados para fazer a orientação da cidade juntos. Pessoalmente, eu acho que você é boa demais para qualquer um de nós, Cia. Mas do que eu sei?

As palavras de Will parecem familiares. Eu me encontro, não pela primeira vez, virando minha cabeça para o lado, tentando me lembrar de algo que paira fora do meu alcance.

Tomas diz a Will que ele não precisa ter de ciúme. Outros candidatos se juntam a nós. Um menino silencioso chamado Brick me passa flores. Então a conversa migra para nossa futura orientação. Antes de as aulas começarem, todos os alunos passam quatro semanas se encontrando com oficiais de Tosu City e representantes de cada colônia. Também vamos viajar pela cidade, para aprender sobre o lugar que chamaremos de lar nos próximos anos. Os alunos são divididos em pares para seus encontros e *tours*. Will ser meu parceiro não cai bem para Tomas. Não porque ele acha que haja algo romântico entre nós. Tomas se dá bem com a maioria dos alunos da nossa classe, mas Will parece incomodá-lo. Espero que os dois

resolvam suas diferenças nas semanas e nos meses à frente.

Alguém tira um rádio solar e a dança começa. Até o doutor Barnes entra no movimento e gira e rodopia com uma oficial do Teste que é apresentada como sua esposa, antes de eles partirem.

Quando o Sol ameaça se pôr, meus pés estão doendo da dança e eu já comi demais do bolo de aniversário. Estou pensando em voltar para meu quarto quando vejo um rosto familiar encostado numa árvore. Digo a Tomas que vou voltar em alguns minutos e caminho até o pátio onde o oficial Michal Gallen, de Tosu City, está de pé.

— Feliz aniversário.

— Esteve aqui o tempo todo? — pergunto.

Ele balança a cabeça. — Achei que seria melhor se eu esperasse até que alguns dos outros convidados tivessem ido para casa. Do contrário, eu não teria tempo de conversar. Parabéns por passar no Teste. Não que eu esteja surpreso. Você é esperta. É forte. Eu sabia que você conseguiria.

O sentimento de *déjà vu* me atinge novamente. Entretanto, quando tento agarrar as lembranças, elas se espalham como vento.

— O que foi?

Eu balanço a cabeça. — Nada. Apenas, eu podia jurar que ouvi você dizendo essas palavras antes. Engraçado, né?

Ele sorri, mas não nega. Em vez disso, ele diz. — Eu lhe trouxe algo — tira um pacote das costas e passa para mim. Quando começo a desembulhar, ele balança a cabeça. — É melhor esperar até estar sozinha ou nós dois vamos ter problemas. A política da universidade diz que alunos devem ter contato mínimo com suas famílias, mas não vi mal em trazer isso.

Minha família. Eu viro o presente nas minhas mãos, com surpresa. — Como? Minha família entrou em contato com você?

— Tive de cuidar de algo na Colônia Madison, semana passada. Ouvi que seu pai ia encontrar algumas pessoas lá também, e decidi falar com ele. Ele pediu que eu trouxesse seu presente de família para você.

As palavras são gentis. Um cara legal fazendo uma coisa legal para uma menina longe de casa. Entretanto, há poucos minutos ele não negou que há coisas que ele disse para mim das quais não me lembro mais. Sinto o presente em minhas mãos e sei que há mais sendo dito do que parece. Por um momento nossos olhos se encontram. Busco em seu rosto por respostas enquanto alguém grita meu nome. Eu me viro para ver Tomas e outros acenando para que eu volte

— Um minutinho só — grito. Contudo, quando me volto, Michal já se foi.

Alguns dos outros alunos provocam por um oficial de Tosu ter me trazido um presente. Explico que ele foi nosso acompanhante para o

Teste, mas isso só faz as meninas darem mais risadinhas.

Até Tomas ergue uma sobrancelha, mas dou a ele um olhar que diz “explico tudo mais tarde” e mantenho a origem do presente em segredo. Michal quebrou as regras para trazer este presente para mim. Não quero que ele tenha problemas por seu esforço.

O céu escurece e a festa se dissipa. Tomas me leva até meu quarto, me dá um beijo terno e algo ainda melhor — seu amor. Quando lhe digo que talvez eu o ame de volta, o tempo parece parar enquanto Tomas olha no fundo dos meus olhos para ver se estou dizendo a verdade. Após um último beijo e a promessa de me ver de manhã, Tomas parte. E finalmente fico sozinha com meu presente. Um presente de casa. Ainda que eu tenha me esquecido da passagem dos dias que levou ao meu aniversário, minha família não se esqueceu.

Abro a caixa e encontro dois cartões e um buquê de rosas secas num pequeno vaso de ferro fundido. Flores que meu pai e meus irmãos cultivaram no vaso que minha mãe diz que lhe foi passado por sua mãe. Não poderia pedir um presente melhor.

Colocando as flores na mesa ao lado da cama, leio os cartões. Um de Daileen, me dizendo quanto ela sente minha falta, mas prometendo me ver aqui no próximo ano. Então um da minha família. Três dos meus irmãos escreveram uma frase me dizendo que sentem saudade ou desejando feliz aniversário. A inscrição de Zeen diz que ele tem orgulho das minhas conquistas e sente muito por seu comportamento na noite em que parti. Ele também quer seu Comunicador de Trânsito de volta.

Rindo, eu tiro o aparelho da minha sacola de candidata e o viro na minha mão. Sem dúvida meu pai já arrumou um novo para Zeen. Mas, é claro, vou mandar de volta. Só vou provocar o Zeen um pouco. Afinal, irmãs mais novas são para isso.

Jogo o aparelho de volta na minha sacola e embaixo da minha cama. Enquanto sigo para o armário para pegar minhas roupas, escuto um som de estalo.

Droga. Devo ter ligado o Comunicador de Trânsito quando empurrei a sacola. Com certeza, consegui ligar o rádio de duas vias que está muito longe do alcance para se comunicar com o que meu pai tem em seu escritório. Sei disso porque já tentei. Quem sabe, talvez depois de um ano ou dois na universidade eu imagine uma maneira de aumentar o sinal para que possa falar com minha família sempre que eu quiser.

Quando estou prestes a guardar o aparelho novamente, algo atrai minha visão. Um risco nas costas do aparelho. Algo que não me lembro de ter visto quando o tirei de casa. O risco só tem um centímetro de comprimento, mas sua forma pontuda me lembra de algo. O raio no meu bracelete de identificação. Conforme meu dedo

corre sobre o risco, sinto o metal cedendo de leve. Um botão? Com certeza. Está bem disfarçado, mas definitivamente há um botão escondido atrás do aparelho. Não é à toa que Zeen quer isso de volta, penso. Porque ele transformou em outra coisa. Devo ter descoberto isso durante o Teste e marcado como um lembrete.

Sorrindo, eu me jogo na cama, aperto o botão e espero algo inacreditável acontecer. Porque com Zeen é sempre algo inacreditável. E é mesmo.

Eu pisco enquanto o pequeno quarto se enche com os sons de uma voz que soa como a minha, e escuto a voz falando palavras em que não quero acreditar.